OBRAS
DE
FRANCISCO RODRIGUES
LOBO.

TOMO IV.

OBRAS
POLITICAS, E PASTORIZ
DE
FRANCISCO RODRIGUES LOBO.

Nesta prezente ediçaõ correctas, e escrupulozamente emendadas.

TOMO IV.

O Desenganado.

LISBOA
NA OFFIC. DE MIGUEL RODRIGUES
1774.
Com licensa da Real Mèza Censoria.

Em quanto está o avaro em seu thezouro
Cevando os olhos, dando ao pensamento
Materia a vam cubiça de mais ouro.

Primavera, Floresta 4.

O DESENGANADO.

LIVRO TERCEIRO

DAS OBRAS PASTORIZ.

DISCURSO PRIMEIRO.

NO RIGOR da tormenta perigoza, que apartou aos dous amigos, Lereno, e Oriano, cada hum desconfiado de salvar a vida, que as ondas furiozas combatiaõ; seguio a nossa historia ao Pastor Peregrino, que de entre tantos males foi a alcançar o bem, de que até as esperanças tinha perdidas. E pois o acompanhámos até á primeira porta, que lhe abrio a ventura, naõ he razaõ que no maior perigo della deixemos desamparado á Oriano, que luctando com os levantados mares, e quazi vencido delles o alento, e a força dos braços com que remava, com os olhos no Ceo se despedia da vida; e com humidos suspiros, que entre as aguas do mar, e as dos seus olhos se afogavaõ, lembrava á sua desconhecida Nizarda o ultimo transe, a que seus disfavores o chegáraõ: e já quando os naturaes remos junto com a esperança desfaleciaõ, chegou junto a elle hum formozo navio, que, tomadas as vélas ao pairo, o vinha buscando; e lançando-lhe os marinheiros hum cabo, a que se elle pegou com tanto acôrdo, como era mizeravel o estado, em que se via, o recolheraõ dentro tam mortal, e traspassado, que bem

pareceu, aos que o sobirão, que sedo o tornáriaõ ao mar, donde o tiravaõ. O senhor da embarcaçaõ, que tinha igualmente de nobreza, e brandura (dotes, que sempre a natureza deu acompanhados) compadecido do mal afortunado mancebo, nem lhe ouzava a fitar os olhos, pelas muitas lagrimas, que logo os occupavaõ, vendo o desestrado fim de tam verdes annos. Depois de algum espaço, em que nenhuma confiança se podia ter de sua vida, começou elle sentidamente a suspirar, abrindo os olhos, extendendo os braços, e perguntando em que lugar estava. Alegráraõ-se os marinheiros do acordo, que cobrára o que com tam grande magoa julgáraõ por morto; e recolhendo-o a hum apozento tratavaõ com piedozo cuidado de o alentar, e tornarem á vida; e posto que havia em todos estes dezejo della, o mostrava maior, que os outros, hum mancebo passageiro que se naõ apartava de o ajudar, e remediar em seus accidentes, ou movido de sua generoza inclinaçaõ, ou afeiçoado ao parecer do Oriano; que com mudança das cores, que nelle fizéra o mal passado, ainda mostrava bem ser pessoa digna de obrigar a vontade de muitas. Acabado o dia, já pelo discurso da noite cobrou de todo o juizo: e achando junto de si o que tam amorozamente o consolava, com voz enternecida, a que dava a fraqueza maior brandura, voltando-lhe os olhos, que ainda com a falta das forças, e a communicaçaõ das ondas lançavaõ lagrimas, lhe disse: Piedozo amigo, que, compadecido de meu mal, quizeste estar prezente aos trabalhos delle; ainda que o desacordo dos que passei me tiravaõ a fala,

sem-

ſempre com a obrigada viſta de meus olhos te achei diante; dize-me quem es, e que lugar he eſte, onde eſtou mettido? pois naõ vejo delle o mar que me afogava, nem o Ceo a quem me ſoccorria. Certo (reſpondeu o mancebo) que me cuſtou tanto o teu perigo, que ſó com o goſto, que terei de te ver livre delle, me podes pagar o ſentimento que padeci. O lugar, em que eſtás, he de hum navio, que te recolheu; porque o ſenhor delle, magoado de te ver perecer em tam triſte naufragio, mandou que ſe arriſcaſſe a viagem, e ſe aparelhaſſe o navio para te ſoccorrer. O que de mim perguntas, ſou hum paſſageiro de terra eſtranha, que haverá tres dias que entrei neſta embarcaçaõ; e á minha conta (ſegundo imagino) teve nelles tam rigorozos combates da tormenta: para o mais de minha hiſtoria tempo largo nos fica, que he alta a noite, e teus males mais pedem repouzo, que applicaçaõ, mórmente quando os que havias de ouvir da minha vida ſaõ baſtantes para laſtimar as alheias. A eſtas palavras reſpondeu Oriano o melhor que pôde, obrigando-ſe, como ellas mereciaõ, com outras de cortezia, e amor: e querendo obedecer ao conſelho do eſtrangeiro, inclinou a cabeça: em quanto á viſta, e ſom das aguas, que o navio hia rompendo, elle cantou o ſeguinte.

Males rendidos já ao ſoffrimento,
Que aſſim acometteis de novo a vida,
Como ſe eu receara alguma morte,
Bem ſabeis que acho em vós contentamento,
Porque vos levo a todos de vencida,
E naõ eſpero, nem receio a ſorte;

E porque estou tam forte
Contra vossa dureza,
Tomastes por vingança, e por empreza,
Em sujeitos estranhos empregados,
Desvelar meus cuidados;
Que o mal, que me sustenta,
Executado em outrem, me atormenta.
Naõ sei se he isto alguma nova inveja
De ver que outrem se iguala com meus danos;
Ou se he só compaixaõ, que me assegura
O que passei: porém, qualquer que seja,
Muito devo a meus proprios desenganos.
Pois se me naõ atreve já a ventura,
Se de novo procura
Por tam custozo meio
Darme tormento no tormento alheio,
Vencerei seu engano, e meu perigo,
Em que como inimigo,
Meu proprio mal buscando,
A mi serei cruel, e a todos brando.
O que de alguma dôr atormentado
Sentio penas mortaes, tomando outra hora,
Livre daquella pena que lhe esquece,
A ver enfermo algum della avexado
Constrange o coraçaõ, lamenta, e chora,
Porque em si reprezente o que padece;
O mesmo me acontece
Nos males da fortuna,
Dôr, mais que as outras todas, importuna;
Mas ainda em outro modo differente,
Que com meu mal prezente
A propria razaõ deixo,
E o alheio mal sinto, e me queixo.
Cessou o vento, as ondas amansáraõ,
Dourou o Sol as aguas do Oceâno,

Que

Que a tormenta cruel escurecia;
Até os mudos peixes se alegrárão,
Que no fundo do mar, temendo o dano,
Cada hum na lapa escura se escondia;
E o que já perecia
No liquido elemento,
Com o novo Sol cobrou o doce alento;
Tudo se melhorou numa mudança,
E só minha esperança,
Minha sorte, e queixume
Fez perder á mudança o seu costume.

Qual nos males me vi, nos bens me vejo;
Nada me altera, humilha, nem melhora;
Meu mal está no centro, que buscava;
Naõ uzo do temor, nem do dezejo,
Qual hontem pareci me sinto agora;
Sómente a dôr alheia me obrigava:
A tormenta mais brava,
A bonança mais leda,
Hum só bem póde ter que me conceda,
Que he em tudo apurar a paciencia
Para esta rezistencia,
Vendo que em perseguirme
He ventura mudavel, e eu mais firme.

Se, por ter padecido poucos annos,
Tudo o que em hum sujeito se permitte,
Por semrazoens de amor, e da ventura,
Querem que vaõ crescendo sempre os danos;
E em certo modo sejaõ sem limite,
No alheio mal, e propria desventura;
He em mim tam segura,
E provada a firmeza,
Que em seu favor mo daõ a nova empreza.
Busque Juno perigos ao Thebano,
Que o façaõ soberano,

Que

Que outra nova madrasta
Me faz famozo em quanto me contrasta.
Descançai já, cuidados rigorozos;
Darei repouzo aos olhos, e descanço;
Aos continuos suspiros deste peito
Vigiaõ os planetas luminozos;
E pois eu das estrellas nada alcanço,
Naõ quero estar de velas satisfeito:
Neste lugar estreito,
Das ondas combatido,
Deixai que goze hum pouco meu sentido
Desta sombra da morte escura, e triste,
Porque tambem consiste
A vida do tormento
Em ir dando lugar ao sentimento.

Parte destes versos foi ouvindo Oriano, em quanto o somno com o trabalho de seus passados males lhe naõ suspendeu de todo os sentidos; e já quando elles lhe faltáraõ para os escutar, outrem, de quem nenhum delles se temia, os estava ouvindo; que como a voz do passageiro era suave, e com seus accentos formava ecco para o alto do navio, despertou nelle de outros cuidados a quem pelos entreter perdia o repouzo. No fim da cantiga ouvio Oriano hum suspiro muito enternecido, de huma voz delgada, e feminina, que com sua brandura fez calar por hum pouco as ondas, e até o navio, como que se esquecera da viagem, se deteve; e atraz delle disse o seguinte.

Quem tam bem seus males conta,
Naõ nos perca da memoria;
Que mais se teraõ por gloria,
Do que serviraõ de afronta.

O estrangeiro, a quem pareceu desacostumado

mado favor da sorte aquella ventura, sahindo a hum bórdo do navio á vista da Lua, por onde ella prateando as aguas com sua claridade o descobria, revolveu com os olhos tudo, e ouvio que em o alto dos apozentos falavaõ mulheres, entre as quaes huma, que melhor se divizava, assim pelo traje, de que luziaõ com a claridade aljofares, e ouro, como pelo respeito com que as outras se apartavaõ della, conheceu que devia ser a senhora das que alli havia: e se affirmou que o era, ouvindo a pratica, que entre ellas passava, mais por razaõ de serem ouvidas do passageiro, que com cautela de esconderem o segredo do que diziaõ. Por certo, minha senhora (dizia huma dellas) que estou receoza de outra nova tormenta, ouvindo esta Serêa, que nos cantou; porque, segundo a voz he suave, e cheia de sentimento, naõ póde ser de outrem. Póde ser (disse a outra) que tambem em o meio do mar haja Cisnes, como nas correntes do rio Meandro; ou que o seja aquelle mal logrado, que os marinheiros metteraõ no navio, que fará as exequias de sua morte ao despedir da vida. Melhor o faça o Ceo da sua (tornou a senhora) que me moveu a tantas lagrimas o estado em que o vi, que, pelo que já a sua vida me custou, lha posso dezéjar; quanto mais que o modo, em que elle vinha, naõ dá esperanças de que cantará tam sedo: por mais certo teria que cantasse algum contente, pois só dos males alheios sente pena, e os seus trata de maneira que ouvidos a elle aliviaõ, e a outrem namoraõ. Assim digo eu (continuou a primeira) que naõ deve sentir nenhum mal

quem

quem os fala tam bem; mormente quem está desoccupado de sentimentos o que recebe tanta pena dos que outrem padece, aquillo ou nasce de hum homem costumar por traje queixumes, ou querer falar discreto á conta delles. Hora (respondeu a segunda) naõ sejamos todas contra elle, que cantou muito bem, e naõ deve de sentir menos do que canta; se he compassivo de males alheios, deve ser namorado; que nunca o cruel costuma a ser amorozo; e se he discreto, tambem o naõ póde ser sem que tenha affeiçaõ. Naõ estais vós muito fóra de lha offerecer (disse a senhora) mas eu o consinto; naõ vos deixo livre o lugar, porque me parece melhor depois que sabe ouvirvos, e calarse. Póde ser, senhora (respondeu a primeira) que o que elle faz por necessidade vos pareça virtude; que deixe de falar por naõ saber responder; ou porque naõ merece ouvir em seu favor estas palavras. E deixemos á experiencia a verdade de sua cautella; que, pois o escrever he o mais seguro toque do entendimento, e esta via lhe ficava livre de receios, por ella dará signal de si; e basta este que lhe dou para perder o temor, e a disculpa. A isto disse a senhora com grande rizo: Mais parece esse termo de affeiçoada, que de curioza: porém a experiencia acreditará a minha opiniaõ; e o seu merecimento do galante, se o podera ser em lugar tam estreito. Porém se elle agora calla por naõ ser ouvido, e em nós esta liberdade, com que falamos, he tam taxada, que a perderemos com qualquer suspeita da materia della; que caminho lhe ensinareis? Em pouca conta o tendes (respondeu a segunda) se ainda

da naõ fiais delle coiza tam ordinaria ; o intereſſe o obrigue a acertar ; que naõ quero que me deva o que a elle lhe convém. Nem eſpere ouvir mais, até naõ dizer quem he, e para onde navegava. Neſta pratica hiaõ embaraçadas as do navio ; e o paſſageiro confuzo ſem ſaber o que faria para reſponder ; porque, quando lhe dera lugar na embarcaçaõ o ſenhor della, ſoube que toda a gente, que alli navegava, era ſua, e nem lhe eſtavaõ bem atrevimentos, nem metter em cuidado a quem uzára com elle de cortezia. Entam lhe veio ao penſamento que a meſma via, por onde alcançára aquelle bom começo, era a melhor : como vio que ſe caláraõ, com o meſmo ſom, com que as aguas de antes o ajudavaõ, cantou o ſeguinte.

Enganos da fantazia,
Penſamentos amorozos,
Que em ſer de noite naſcidos
Dais a entender que ſois ſonhos :
Que vindes buſcar em mim
Neſte imperfeito repouzo,
Aonde me achais acordado,
Para me matar de acôrdo ?
Morrerei do que naõ vejo,
Por viver do que vos ouço ;
Que em meu amor, e em meu dano
Buſca amor eſtranho modo.
Se elle nos olhos cria,
Como delle dizem todos,
Porque me rouba os ſentidos,
Sem fazer cazo dos olhos ?
Como tem tanto poder
Bens, que em mim podem tam pouco,

Que

Que antes, que nasça o dezejo,
Já pelos effeitos morro?
Como posso estar tam perto
Do que estava tam remoto;
Se no meio do perigo
Me dizem que tenho o porto?
Apparecei-me de dia,
Bens; mostrai-me o rosto vosso,
E farei rosto á ventura,
Que sempre me deu de rosto.
Póde ser que á vista delle
Torne a conhecer de novo
Glorias, que a perder de vista
Se alongárão de meu gosto.
Que agora, a dizer quem sou,
Já vós me fizestes outro;
Que os males de andar comigo
Cessão tratando comvosco.
Não sou Cisne, nem Serêa,
Posto que cantando chóro;
Que na morte, e na tormenta
Nem me alegro, nem me assombro.
Sou qual me torna o cuidado,
Em que agora me transformo;
Que na hora, e no lugar
Favorece o deos do somno.
Novas de minha ventura
Não sei dar mais, que as que conto;
Porque não nas tive della,
Senão se foi neste posto.

Melhor pareceu ás que ouviaõ a cantiga, que a primeira, com que se affeiçoáraõ; porque convinha mais a seu propozito que ao sentimento, e queixume de males alheios; deraõ-lhe os louvores, que podiaõ; mas a esses, e á sua pra-

pratica deu fim hum reboliço leve com que se recolherão : o mesmo fez o passageiro com tenção de se entregar ao somno, que já triunfava de Oriano de modo, que em nenhuma destas coizas teve parte, sendo assaz interessadas em os favores do hospede, que como aquelle, que entrava em novos cuidados, deu mil voltas ao pensamento, achando menos sahidas a seu dezejo, que enleios á sua determinação: porém como sempre he certa a victoria contra estes receios, se deliberou em escrever áquella que não vira, parecendo-lhe, se o não fazia, que faltava á opinião que delle publicara (que este he o caminho, por onde muitas vezes se empenhão vontades desobrigadas a cuidados, que póem a vida em cativeiro; e o primeiro signal de estar perdido he querer ganhar terra com amor quem o receia) o passageiro em si determinado, receando que ao outro dia lhe faltasse tempo, e segredo para escrever, ou tambem porque já a tardança lhe era mais penoza que a eleição, escreveu na maneira seguinte.

,, Empregárão-se tanto meus males em me ,, offender, que não espero delles que me sejão terceiros para algum bem : desconfiado ,, de todos vivo, e padeço ; e mais por fugir ,, de ingrato, que por parecer atrevido, vos ,, escrevo. Porém, se a noite, que tudo esconde, me quer mostrar a ventura, que nunca ,, tive, offerecido, e obediente estou a suas ,, mudanças. Se me não responderdes, cuidarei que sonhava com ellas ; e se em mim ,, ha alguma coiza de vosso gosto, serei venturozo. ,,

Lendo

Lendo huma, e muitas vezes o que escrevera, riscando razoens, que, depois de enjeitadas, tornava a escolher, adormeceu antes de dar por declarado seu pensamento; que mal se contenta a vontade das obras do entendimento, quando ella segue ao amor, e elle á razaõ, conhecida inimiga de seus desatinos.

Discurso Segundo.

Nasceu o Sol ao outro dia mui formozo; acabáraõ-se as nuvens; encerráraõ-se os ventos; alegráraõ-se os navegantes; acordou Oriano: mas ainda o companheiro se affeiçoava ao repouso, como quem vigiára a noite passada; e com o descuido do somno tinha junto de si a carta que escrevera. Oriano a começou a ler; e vendo nas primeiras regras o que continha, o despertou dizendo: Como dormes, amigo, tam pezadamente? Que he isto, que nem vês a bonança do tempo, que todos festejaõ, nem guardas estes segredos, que só da noite parece que querias confiar? que posto que em minha fé naõ corraõ perigo, o lugar, por ser de muitos, he pouco seguro. Ai amigo (disse elle alçando a cabeça, e acodindo á carta que alli tinha) quaõ certo he hum descuido nas maiores cautellas! e ainda que o meu cahio em tam bom lugar, como he o teu segredo, te houvera de communicar por confiança o que se manifestou por desattento. Sabe que esta noite, depois que adormeceste, me nasceraõ da minha cantiga novos cuidados; e, tendo-o mui grande de os esconder até de mim proprio, tos vim a descobrir sem meu

con-

consentimento: póde ser que seja isto ventura (que já noutros comêços me pareceu) e que, para a alcançar por teu conselho, tos declarasse a furto da vontade; e assim te direi o que passa neste navio. Naõ quizera eu (lhe disse Oriano) começar a saber a tuas coizas de tam perto; que ainda nem me disseste o teu nome, a tua vida, nem a tua navegaçaõ. Essa historia (tornou elle) he larga; e a nova occaziaõ naõ dá lugar ao que eu lhe devia de sentimento; e além disto, mais quero de ti animo, e conselho para o bem prezente, que magoa, e compaixaõ dos males passados. Quero de ti o que he mais teu gosto (respondeu Oriano) e o terei muito grande de ver bom successo aos principios que te tem alvoroçado: porém naõ te fies delles; que com os melhores, que tinha que dar a fortuna, vim aó mais rigorozo estado, que ha em seus disfavores: e tenho por melhor sorte começar o bem pelos males, que entrar de subito em algum contentamento; porque entaõ he a perda delle mais custoza. Porém conta-me agora o que quizeres. A tudo te responderei como devo (disse o outro) mas acodindo ao meu cazo, por hum, que me aconteceu fóra da esperança, me conveio auzentar do lugar em que estava; e mettendo-me em huma pequena barca com huns pescadores, que hiaõ a seu costumado exercicio, naveguei até hum porto, em o qual foraõ fazer escala com suas pescarias: estava nelle de verga dalto este navio, que eu logo soube que era de hum nobre estrangeiro, que com sua familia, e caza navegava a certa ilha, de que era senhor; e achando licença em sua brandura,

dura, e cortezia para entrar por passageiro, me apercebi para o ser com muita presteza. Fizemos viagem; e no primeiro dia, que foi de bonança, naõ tive eu mais della, que os costumados accidentes de quem estranha a navegaçaõ: os que se seguiraõ foraõ tam tempestuozos, e mortaes, que eu, que dantes perdera o sentido na bonança, o tive para tambem acodir aos trabalhos da tormenta: durou esta o que tu bem sabes á custa do que nella padeceste; e até o tempo, em que entraste nesta embarcaçaõ tam falto de vida, naõ tive outro dezejo mais que de se salvar a tua. Concederaõ-me as estrellas este bem: e depois que te vi sem perigo, e com repouzo, comecei a cantar de meus males; que effeito he dos tristes, posto que o acto pareça obra de contentes. Ou despertasse o meu canto a quem dormia, ou me ouvisse quem vigiava, ouvi falar bem da minha cantiga; e mulheres, que a louvavaõ a ella, me favoreciaõ a mim. Já sabes como o animo dos homens, que se criáraõ bem, naõ tem outro maior, que serem louvados das damas, e terem em sua opiniaõ lugar de merecimentos. Eu como naõ nasci rusticamente, agazalhei no coraçaõ o que os ouvidos recebiaõ; e, como agradecido á sua brandura, lhes hia pagando com minha liberdade: perguntáraõ-me, sem falarem comigo, muitas coizas, a que eu dezejava, e naõ sabia responder como convinha: dei signal de o fazer em huma carta, e comecei a me declarar em huma cantiga. Neste estado me deixáraõ ellas, recolhendo-se a repouzar. Fiquei eu só em companhia deste novo cuidado; escrevi estas re-

gras;

gras; e em quanto me descontentava dellas, e as approvava, adormeci. Dize-me agora o que te parecem; e de mim o que farei. Leu Oriano o papel muito de vagar, e disse ao companheiro: Em verdade que está a carta muito bem escrita, porém me parece mais triste, que amoróza; e mais discreta, que affeiçoada; e se pela experiencia eu tenho voto na materia, ainda me alargára mais, e me doera menos; porque damas naõ se querem namoradas com cuidados alheios; e estimaõ mais que á sua vista se percaõ todas as lembranças, que haver no coraçaõ, que cativaõ, algumas que o inquietem. Mas a maior duvida, que eu tenho, he de como se ha de dar esta carta, e com que ardil chegará á maõ de quem tu queres que a veja. Hora te digo (respondeu elle) que naõ cuidei nisso; nem agora o quero considerar, mas aproveitar-me de tua reprehensaõ, que me parece acertada; e assim te peço que melhores a carta da maneira que tu a escreveras em tal occaziaõ. Oriano tomando a pena, que ainda estava perto delle, escreveo o seguinte.

,, Acodio a meus queixumes a ventura;
,, pois á conta delles a tive tam boa, que vos
,, pareceu bem alguma coiza minha. De todas
,, serei contente, se, assim como déstes lugar
,, a esta confiança, o tiver diante de vós o
,, meu dezejo. E posto que a sombra da noi-
,, te me podia fazer julgar por engano hum
,, bem tam pouco esperado; o poder de vossa
,, formozura me anticipou o dia para conhe-
,, cer que com á luz de vossos olhos a déstes
,, á estrella que me faltava. Já que só com vos

,, ouvir

,, ouvir conheci que vos devia a liberdade,
,, servi-vos della, e mandaime que a offereça
,, em vossa prezença em dia claro, em que
,, me obrigue de novo essa belleza, que só
,, com o pensamento vejo, e com todos os
,, sentidos reconheço. ,,

Pareceu bem ao amigo a carta; gabou-a muito, e logo se dispunha para escrevella como aquelle, a quem o dezejo inquietava; mas Oriano lhe disse: Se a ti te contentou esta carta, a mim me parece agora muito melhor a que de antes escreveste, e eu reprehendi; a verdade he que nas coizas de amor o que muito sente falta com palavras ao que lhe convém: e o que está livre mal póde acertar nos cuidados alheios. Naõ te guies por mim, e escreve o que primeiro tinhas notado. Nem eu errei na eleiçaõ (tornou elle) nem tu te enganaste na emenda; mas parece-me que tratas de cortezia onde a eu naõ quizera. Mas como mandarei esta carta? Naõ sei de certo, disse Oriano: o lugar, onde estamos, he hum navio; e a gente, que nelle vai, ou saõ marinheiros, ou criados do senhor delle: o nosso apozento está aqui mui desviado; tu nem sabes o nome, a quem has de escrever; nem conheces de quem poderias fazer mais confiança. Que has de perguntar? ou a quem? O dezejo (respondeu elle) em nada acha difficuldade; mas a razaõ depois as descobre todas; cuidava eu que, pondo estas palavras em alguma cifra encoberta, ou em alguma letra, que naõ apparecesse (seguindo os secretos, que se inventáraõ para escrever pensamentos escondidos) podia facilmente aventurar huma carta, confiado no

que

que hontem ouvi. Naõ te aconselho tal (tornou Oriano) antes me parece que sabes pouco do mal, de que te queixas. Cifras mudadas, ou letras encobertas em papel cerrado, mais suspeita fazem a quem as acha, que razoens declaradas; e assim tem maior perigo para quem as manda. Huma carta namorada he ouzadia; mas hum segredo disfarçado dá a entender mais obras que palavras, mórmente onde argue traiçaõ. Tinha eu por melhor caminho que escrevesses claramente; e que, sem çerrar a carta, embrulhasses nella alguma coiza de preço, ou de curiozidade; e pedir a hum marinheiro, ou familiar dessa senhora, que a ella, ou a suas criadas a inculque com titulo de que a vende hum passageiro necessitado; e assim serás melhor entendido, e mais aceito. Extremado me parece o ardil (disse elle.) mas que farei, se comigo naõ trago coiza que pela valia, ou pela obra lhe possa offerecer? Já quando te dei o conselho (disse Oriano) cuidava no remedio. E desfazendo hum peito, em que trazia escondidas algumas de preço, tirou huma figura de Cupido feita de diamantes, engastados com tam maravilhozo artificio, que só para o perfilo da figura se mostrava o ouro; e em huma tarja, em que se sustentava, diziaõ humas letras o que se segue.

Mais que-as pedras, e a figura,
Por preço, e por natureza,
Tem Nizarda de dureza,
E ainda mais de formozura.

Offereceu esta peça ao passageiro, que, ainda que já em algum tempo estivera na maõ de sua senhora, a quem elle a mandára, tor-

nou á sua por hum leve desdem, que entre elles houve naquella dourada idade de seus amores. O outro ficou contente, mas pejado, porque nem queria aceitar tanto no estado em que estava, nem sabia bem o animo de quem lha offerecia. E assim disse: Amigo, o bem, que queres fazer, he muito grande, porém nem eu o devo querer, nem tu obrigarme a tanto; porque, além de esta joia ser de muita valia, deve ser penhor de pessoa a quem tu amas, como a tençaõ, e a letra significa. Oriano, cujo generozo coraçaõ naõ só facilitava o preço, mas o modo, lhe disse: Naõ te dê cuidado nenhuma dessas coizas; porque nem a joia val tanto, nem me vai nella nada; porque a comprei mui barata de hum Peregrino, que perdeu a vida no lugar, onde a deixou: faze o teu recado; que no bom successo delle, me pagarei do pouco que da minha parte aventuro. Deu-lhe o passageiro as graças: e feita a carta, envolveu nella o Cupido, encommendando a elle, e á ventura sua esperança: e buscando hum criado, que mais vezes communicava, lhe pedio que soubesse daquella senhora, que alli vinha, se queria comprar aquella peça, porque o largo discurso, e trabalhos de seu caminho o obrigavaõ a querer vendella, pedindo-lhe encarecidamente que a naõ mostrasse a outrem. O criado, sem cuidar em mais que no contentamento, que sua senhora teria de ver coiza tam bem acabada, se offereceu com alegre rosto, dizendo que, em vendo a filha de seu senhor apartada delle, e de sua mãi, lha mostraria. Com isto o despedio, e se tornou para Oriano muito alvoroçado, contando o

que

que o criado lhe dissera, gabando novamente a perfeiçaõ da figura, e a luz daquellas pedras que eraõ as primeiras, que lançava no edificio de seus amores. E porque Oriano o via desassocegado, e o queria divertir, lhe pedio que, pois estavaõ sós, lhe dissesse entam o seu nome, e a sua historia. Ao que elle obedeceu alegremente começando na maneira seguinte.

De illustres progenitores
Nasci com grande esperança
Num celebrado lugar,
Que a sorte me deu por patria.
He meu nome Leontino,
Que, já de minha prozápia
Trazido por descendencia,
Me convinha por herança.
Criei-me rico, e suberbo,
Mimozo da sorte vária,
Sem saber nada de amor,
Pois naõ tinha amor a nada.
Como izento de seus foros
A liberdade gozava,
Sem policia, e sem gosto;
Que isto falta onde amor falta.
Naõ sabia ser galante,
Ser discreto, servir damas,
Ser liberal, ser briozo,
Gastar ouro, vestir galas.
O meu trato era do monte,
As feras me contentavaõ;
Que só em tirarlhes a vida
Tinha vida, e tinha graça.
Era rustico na corte,
Era estranhado na praça;
As feras sós me temiaõ,

E os meus ministros me amavaõ.
Quando me lembrava menos
De amor, que a tantos aggrava,
Vim a ter experiencia
Das settas da sua aljava.
Vi na caça huma pastora,
Que tambem andava á caça,
Tam formoza, que fazia
Inveja grande a Diana.
Era seu rosto de neve
Entre rozas misturada;
Eraõ seus cabellos de ouro;
E seus olhos de esmeraldas.
Eraõ de perlas seus dentes,
Como em rubi engastadas;
Cujo engaste se escondia
Em dous vivos de escarlata.
Tudo matava de amores;
Que inda as feras, que matava,
Namoradas de seus olhos
Se detinhaõ na montanha.
Fiquei na vista vencido;
Deixando as primeiras armas,
Tratei das armas de amor,
Que saõ obras, e palavras.
Gabei sua formozura,
Sua gentileza, e graça,
E contei minha fortuna,
Como se fosse obrigalla.
Offereci-lhe o dezejo,
Dei-lhe a liberdade da alma,
Mas perdi como atrevido
De seus favores a paga;
Que, de pouco exprimentado,
Cuidei que nisto acertava,

Sem

Sendo o mais, que a Amor obriga,
Dar tudo, e naõ perdir nada.
Foi seu caminho, e deixou-me;
Mas eu, seguindo as pizadas
De quem me levava a vida,
Revolvo logo a montanha.
Fez-me o dezejo importuno,
Porque naõ soffre tardança;
Sendo assim que quanto obriga,
Tanto quem foge se enfada.
Fogio-me a bella pastora,
Cujo nome, e cuja caza
Soube logo no outro dia,
Antes que o rompesse a Alva.
Rompi com isto o segredo,
Em que tinha as esperanças;
Que o Amor sem soffrimento
He fogo, que naõ tem brazas.
Segui meu desasocego,
Que servio de envergonhalla;
Pois o pejo de ser vista,
Inda a quem ama, acovarda.
Eraõ já meus pensamentos
Taõ claros, que alguns tomavaõ
Delles materia de rizo,
E ella de desconfianças.
Porém, como o ser querida
Nunca offende, e nunca cança,
Aborrecia os extremos,
E naõ enjeitava a cauza.
E inda que meu nascimento,
Meu sangue, minha prozápia,
Minha riqueza, e valia
A tinhaõ como empenhada;
Quando me dava hum favor,

Era

Que imagino que te enfadas:
Num lugar, que me deteve
Enfermo algumas semanas,
Hum nobre pai de familias
Me deu livremente a caza.
Tinha huma filha donzella,
Galante, linda, engraçada,
Tam facil para hum engano,
Quaõ leve numa mudança.
Vio de perto occaziaõ,
Deu-me as que naõ procurava,
Para obrigarme na vista,
E enganarme nas palavras.
Tive alguma rezistencia,
Entrei comigo em batalha,
Venci-me, e desenganeia,
Inda que entam a enganava.
Pareceu-me por extremo;
E quando mais afrontada
Do desprezo, mais formoza,
Comsigo me importunava.
Ai que pena que sentia,
Ai que fogo me abrazava,
Quando, com minha aspereza
Fingida, a tinha mais branda.
Emfim rendeu-me, obrigou-me,
Matou-me, roubou-me a alma,
E com traiçaõ de inimigo
Quiz que pagasse a pouzada.
Mas permittio minha estrella
Que antes desta injusta paga,
Mudando o seu pensamento,
Castigou minha esperança.
Levada de outra affeiçaõ,
Quando a minha declarada,

Deu

Deu lugar a seus dezejos,
Perdeu quantos me mostrárai
Amou a hum seu natural;
Porque a natural mudança
De seu ligeiro appetite
A nada respeito guarda.
Quiz eu mover competencias,
E elle quiz logo acaballas;
Que ciumes de tam perto
Saõ muito pezada carga.
Deu-se entam por offendida;
E, com apparencias falsas
De meu grande atrevimento,
Publicou que a procurava.
Prendeu-me o pai vingativo,
Padeci calando a cauza,
Té que, rompendo a prizaõ,
Tomei por couto huma barca.
Entre humildes pescadores
Naveguei, como contava,
Até entrar neste navio:
Sahindo daquella escala,
Cobrei tua companhia,
Traz de tormenta tam larga;
E, pelo que agora vejo,
Conheço que era bonança.

Acabada a historia de Leontino, que Oriano ouvio muito attento, vendo quaõ mal elle procedera nos seus primeiros amores, e quaõ fóra da razaõ quiz castigar sem tempo seu desatino, e atalhar sem interesse proprio a ventura alheia, disse: Certamente, companheiro, deixando o discurso de teus primeiros cuidados (que naõ era muito haverse nelles mal quem com tam pouca experiencia os começava) que me

me pareceu a occaziaõ, que tiveste, muito de sentir, porém incapaz de tam desatinados extremos; e menos a segunda para te auzentares de tua patria, e amigos: e creio que mais foi effeito da raiva, e desconfiança de naõ alcançares o que emprendeste, que do amor que tinhas. E assim foi lance de pouco costumado a querer: porque as coizas, que saõ de vontade alheia, e naõ de poder proprio, naõ devem afrontar a quem as naõ acaba; nem he falta de merecimento a ruim eleiçaõ de quem os naõ entende, mórmente sendo tuas qualidades tam desiguaes á essa pastora, cuja belleza a naõ izentaria no rustico trato de sua criaçaõ. Bem disculpados ficavaõ teus extremos com sua formozura, e teu mau successo com seu ingrato proceder. Na ultima aventura, com que aqui vieste, te naõ dou tanta culpa: porque he tam grande a força do dezejo, ajudado do consentimento de huma mulher, junto com occaziaõ desimpedida, que naõ ha respeito, nem primor, que lhe rezista. E posto que estavas tam obrigado á lealdade de hospede, póde muito contra todo o bom termo, e cortezia este tyranno, a que chamamos Amor. A estas razoens queria responder Leontino com outras, que tinha; porém cortou-lhes a pratica hum marinheiro, que para elles se veio a falar com Oriano (que era hum dos que o tiráraõ de entre as ondas). Leontino ficou com o tempo livre para cuidar no recado que mandára, e contar os passos, e as palavras ao que o levava; que quando as esperanças saõ de mais perto, daõ maior cuidado; e quando mentem, fazem dar

a

a quéda mais perigoza a quem dellas, e de seu engano se sustenta.

DISCURSO TERCEIRO.

O Messageiro, que levava o recado de Leontino, com o alvoroço de contentar a quem servia, espreitou a occaziaõ que dezejava; e como a senhora naõ estava esquecida do que o estrangeiro podia fazer por acodir á obrigaçaõ, em que as suas o puzeraõ, nem de huma parte houve difficuldade, nem de outra demaziada diligencia para o que pertendiaõ. Disse o recado, mostrou-lhe o papel, entendeu ella o ardil da carta: mas foi tam grande o sobresalto, que teve em vendo a joia, que ficou esmorecida sem poder dissimular o que sentia: porém, tornando sobre si, deu outra fingida cauza a seu accidente; mas nem tirava os olhos da peça que conhecera, nem deixava de os pôr no papel, cuja letra, e palavras desconhecia. O criado tambem mudou a côr, segundo os movimentos, que via no seu rosto, até que se assegurou quando ella lhe disse estas palavras: He tanto de meu gosto esta figura, que a naõ deixarei de haver por nenhum preço, nem de te ficar devendo a ti outro maior, por seres o que a trouxeste a meu poder, donde naõ quizera que ella sahisse nem para a maõ de seu domno: procura de saber com cuidado a estima em que a tem, e donde a houve; que he coiza que mais me importa: e peço-te que seja isto com tanto segredo, que outrem o naõ entenda neste navio, e te dou minha palavra que nem percas a diligencia, nem a boa vontade,

tade. O messageiro se despedio tam contente, como de primeiro ficou embaraçado: e se foi a Leontino, que apartando-se do amigo, e do marinheiro, o veio receber; e com o recado, que trazia, o encheu de esperança, e de alvoroço; e sem chamar a Oriano deu a reposta, por naõ dar alguma suspeita a qualquer dos dous. E assim mandou dizer que na vontade daquella senhora punha o preço da sua joia, pois a valia, e estimaçaõ, que tinha, consistia no gosto, que tivesse de se servir della; porém que a paga, qualquer que fosse, havia de se receber depois de sahirem do navio; porque para as jornadas de terra lhe era necessaria a mercê, que por ella lhe fizesse. E que tambem a naõ estimasse menos pela tençaõ que tinha, porque fora de hum Peregrino, que perdera a vida no lugar, onde a deixára (o que elle dizia pelo que Oriano lhe tinha contado, facilitando-lhe a offerta, que elle recuzava). O criado se foi, e elle tornou á companhia, onde fez mil lanços para deitar della o marinheiro, que os naõ quiz entender, nem apartarse, dando a Leontino os mais rigorozos tratos, que recebe hum amante desasocegado. Emfim, já quando o naõ esperava, se despedio. Ficáraõ os dous amigos; faláraõ grande espaço da noite, Leontino no seu emprego, repetindo mil vezes o recado que mandára, as palavras, que dissera, o que o messageiro lhe contou, obrigando-se com novos offerecimentos a Oriano: mas elle, respondendo ao primeiro, lhe disse: Parece-me que o bom termo, que uzaste no preço da joia, foi huma prova de tua cortezia, e nascimento; porém em grave damno de

tua

tua pertençaõ; porque cerraste os portos á occaziaõ que podias ter para procurar reposta, e escrever segunda carta fingindo no preço desavença, e na necessidade a diligencia; porque, como de todas conhece o fundamento essa senhora, a quem dezejas contentar, mais serviriaõ de credito que as primeiras; pois cada vez que pediras a joia, e a tornaras a mandar, podia ir em hum papel differente. Disto ficou Leontino mui alcançado, e quazi perdeu a côr. Porém Oriano, que entendeu o seu sobresalto, lhe disse que tivesse escrito algum papel para sua tençaõ, que elle daria tal traça, que cobrasse o que perdera no desattento. Com isto teve elle animo para responder, e se aproveitar do tempo da noite: e á vista do amigo, em quanto se elle encostou para repouzar hum pouco, escreveu o seguinte.

Amor, mais natural que affigurado,
Já da vossa ventura estou queixozo;
Porque estareis contente, e namorado
De hum lugar, aonde estais tam poderozo:
Vós agora me dais pena, e cuidado
Por vos dar bem tam grande, e taõ ditozo;
Que, de inveja de ver o que estais vendo,
De dar o que eu naõ gozo, me arrependo.

Se, Amor, por serdes meu, foreis querido,
Naõ quizera mór gloria da ventura,
Valera o que he real, como o fingido,
E o original, como a figura;
O amor fica em mim; vós sois Cupido;
Vós mudavel, e vaõ; e o meu de dura:
Mas só pelo lugar, que agora invejo,
Comvosco o mesmo amor trocar dezejo.

Pe-

Pequeno sois amor nessa apparencia,
Grande o que eu trago nalma de contino;
Vós retratado estais por excellencia,
E retratado o meu por desatino
Se com o nome de amor tendes clemencia
Diante aquelle objecto peregrino,
Lembrai-lhe o meu amor estranho, e raro,
Que, além de ser maior, custou mais caro.

Se dos claros diamantes a fineza
Em vós minha fé pura reprezenta,
Muito mais nobre a fez a natureza,
Com menos ouro, e arte se sustenta;
Por amor, por valia, e por grandeza,
Muito no meu de preço se accrescenta;
Só temo, caro amor, outro perigo,
Que outrem vos preza, e fica amor comigo?

Tive do meu desconfiança
Pelo muito, que em mim desmerecia;
E assim nunca cheguei com esperança
Aonde me levantava a fantazia:
Já fez este temor termo, e mudança,
Porque o que menos val tem tal valia;
Do vosso este só bem terei por fruito;
Que, se naõ for em mim, que amor val muito.

Vós, ó bella senhora, a quem conhece
O mesmo amor por vencedora sua,
Farei que ao que nesta alma vive, e cresce,
O preço do menor se restitua;
Que como alegria illustra, e resplandece
Com a luz, que he do Sol, a branca Lua;
Assim merece amor neste meu peito
Pelo que nelle faz o vosso objeito.

Taõ contente ficou Leontino do que escrevera, quaõ alheia estava de todo o contentamento a para quem escrevia; porque com a re-

reposta, que o messageiro lhe deu, que o Peregrino perdera a vida no lugar onde deixara aquella joia, lhe cresceu tanta tristeza, que nem as lagrimas cessáraõ mais de seus olhos, nem ella os poz dalli adiante naquella figura de Cupido, que com o nome de amor, e a tenra idade, em que estava figurado, lhe reprezentava os doces, e alegres pensamentos de sua meninice. E querendo huma das criadas consolar sua pena perguntando a cauza daquelle novo accidente, a atalhou com estas palavras: Naõ esperdices razoens em aliviar meu damno, porque daria má conta de minha verdade, e sangue, se com todos os extremos de tristeza naõ recebesse a nova que esta muda figura me tem dado: naõ quero mais, em quanto viver, conhecer alegria, lembrando-me que com minha ingratidaõ tirei a vida áquelle que mais me amava. Como senhora? (disse a criada) que coiza ha neste navio, que vos podesse dar occaziaõ de tam subito descontentamento? que novidade he esta tam estranha? a noite passada rieis com tanto gosto, e agora chorais com tánta dôr? de que parte vos veio este cuidado? deve ser alguma pezada melancolia, que vos assombra; por isso alegraivos, senhora; tirai o sentido dessa lembrança, e naõ digais desatinos quando vos pede a idade, e vos promette a ventura muitas alegrias. Ai (tornou ella) quaõ certa coiza he que os bens depois de perdidos se conhecem, e avaliaõ na sua verdadeira estimaçaõ! quaõ de pressa desenganou a ventura meu pensamento, e mostrou o castigo de minha ignorancia, e suberba! E pois tu naõ pódes entender a cauza de meu damno, nem

eu

eu he justo que a publique, deixame derramar as lagrimas, que devo a quem com ellas naõ posso pagar a minha culpa. A estas, e outras lastimozas palavras, que a senhora dizia com muito sentimento, dava a criada algumas sentidas razoens para a consolar; mas a humas, e outras atalhou a companheira, que cheia de enleio, e espanto veio para ellas, pedindo á senhora de ambas, que sahisse daquelle apozento, e que ouviria cantar a hum passageiro, cuja voz a tinha embaraçada, porque nem era a que a noite dantes tinhaõ ouvido, nem lhe fazia menor vantajem no sentimento, e fala, que na cantiga. Ella, que estava mettida na pena de seus males, se escuzou, quanto pôde, de querer ouvir os alheios; mas obedeceu ás importunaçoens das que sempre a seu gosto obedeciaõ; e, sahindo a lugar conveniente, ouviraõ que o passageiro cantava esta glossa.

E de minha triste sorte
Já naõ tenho outra guarida
Mais, que andar detendo a vida
Nas esperanças da morte.

Quem vive contra o querer,
Depois de perdido o gosto,
Como poderá viver,
Senaõ com o dezejo posto
Na lembrança de morrer?
Com o querer indifferente,
Posto na vida, e na morte,
Me canço continuamente
De qualquer sorte contente,
E de minha triste sorte.
De viver tanto me peza,
Quanto bem me fora o fim;

Pa

Porém, se morro, he fraqueza;
E sinto-o mais, porque assim
Terá fim minha tristeza.
Nestes males me descança
Huma esperança perdida,
De ver que inda poupo vida,
Pois, fóra desta esperança,
Já naõ tenho outra guarida.
Males, naõ vos detenhais
Em quanto a vida me dura;
Vede bem que, se tardais,
Me achareis na sepultura,
Donde ha muito me levais.
Nesta, aonde o Ceo me poz,
De entre as ondas escolhida,
Estareis comigo sós;
Que eu naõ faço para vós
Mais, que andar detendo a vida.
E com ser a minha estrella
A mór inimiga minha,
Para vós dezejo tella,
Porque naõ perca sem ella
O amor, com que vos tinha.
Mude-se o tempo, e a sorte,
Tam costumada a mudanças,
Porque eu naõ sigo o seu norte,
E puz minhas esperanças
Nas esperanças da morte.

Era este, que cantava, o queixozo Oriano, que a rogos de Leontino, depois de dar fim ao que escrevera, o convidou a que cantasse culpando a tristeza, que em seus contentamentos mostrava: elle dando signaes da sua, e razaõ das obrigaçoens em que ella o punha, cantou o que ouvistes. A criada, que em outro

tempo costumava ouvir aquella mesma voz, quando com mais confiança seu dono a soltava, sem entender o que seria, lhe faziaõ naõ pequeno aballo no coraçaõ: o da senhora padecia a cada accento daquella cantiga mil sobresaltos, sem atinar a cauza; e ajudou de novo este sentimento as suas primeiras lagrimas.

Assim tinhaõ amor, e a fortuna em tam enleados pensamentos dous amantes, que com tanta facilidade podera tornar contentes: porém assim costumaõ estes dous tyrannos a esconder os bens, e a sustentar os cuidados. Leontino, quando o companheiro acabou de cantar, lhe disse: Certamente, amigo, que eu naõ soube o que te pedia: e assim he razaõ que de ti tenha inveja, e de mim desconfiança. Quem te ouvio, só a ti dezejara de ver; e te confesso que, segundo estou atrevido nas obras com que me favoreceste, te houvera de pedir huma coiza, que naõ ajudará pouco á minha pertençaõ, mas he o despejo tam grande, que me naõ atrevo ao commetter. Pouco fias da minha vontade (respondeu Oriano) pois te pejas de me declarar a tua: sabe que o mais, que posso fazer por ti neste lugar, he o menos que dezejo: e que me naõ pódes pagar com maior ingratidaõ, que com esconderes de mim o em que te posso servir em tuas pertençoens. Agora vejo (disse Leontino) que mais culpa tem hum prodigo em dar liberdade a hum atrevido, que elle proprio em suas ouzadias. Déste-me a vida com o teu conselho, o remedio com tua joia, o credito com a tua carta: quizera-te pedir que me désses tambem a honra com a tua voz; porque se ella pareceu tam

bem,

bem, como a mim, a quem eu só dezejo de parecer bem, naõ tenho por coiza difficultoza vencer, sem outras armas, esta conquista. Se isso naõ he novo modo de me gabar (disse Oriano) a mim me parece condiçaõ natural de hum amante sôfrego, que tudo acha pouco para contentar a sua dama, e sempre o seu, posto que melhor, lhe parece o menos. Tu me tens muita vantajem; e com este conhecimento farei tudo por ti, e isso mais facilmente, dando-te a voz que já me naõ serve mais que para queixumes. Mas dize-me a maneira, em que te posso servir com ella. Fingindo (respondeu elle) que eu cantei o que tu agora acabaste. Bom meio he esse para te desacreditar (replicou Oriano) porque a minha cantiga he muito fóra do teu propozito; porém se a esse queres que de novo cante, eu o farei: com tudo encaminha tu o mais como quizeres, e verás como te obedeço. Leontino se quiz lançar aos seus pés de agradecido, e com hum estreito abraço em lugar de palavras lhe respondeu; e elle tornou a cantar desta maneira.

Bens, como vos crerei, se estou sonhando?
E amor me mostra em sonhos a verdade,
Que, se vos dou agora a liberdade,
Ella fica cativa, e vós zombando.
A morte a mais correr vinha eu buscando,
E elle offereceu enganos á vontade;
E sem ver quem a move, ou persuade,
Vos vai seguindo a vós, vai-me entregando.
Naõ pareceis, mas pareceis enganos;
Naõ me desesperais, mas nada espero;
Naõ me atemorizais, mas eu receio.

Ou sejais bens de amor, ou sejais danos,
Por bens, vos amo, busco, estimo, e quero;
E pelo mesmo nome vos naõ creio.

Oriano, que, sem saber o que dezejava, pertendia acreditar à Leontino, se esmerou na cantiga; ella acabada, elle mais obrigado, esperou a ver se ouvia alguma palavra das que costumavaõ ser o galardaõ, e a reposta de seus pensamentos. E como vio que tudo estàva mudo, que era já passada a noite, e as estrellas hiaõ dando signal de quaõ perto estava o dia, se recolheraõ ao seu apozento, onde o pequeno espaço, que ficava, naõ deixou Leontino de impedir o repouzo a Oriano, hora com agradecimentos do que lhe devia, hora com perguntas do cuidado que tratava; que tam natural he o generozo trazer nos olhos, e na lingua a lembrança de quem o póde obrigar, como no amante falar sempre na belleza de quem o soube vencer.

DISCURSO QUARTO.

EM quanto isto passavaõ no navio os que servindo a seus cuidados vigiavaõ a noite; o piloto, que da tormenta, que tivera, dezejava repouzo, e reparar a navegaçaõ do damno recebido, vinha com o tento em huma ilha, que estava naquelle rumo; a qual por huma ponta, que tinha á parte do Levante, confinava com a de Federico, para onde navegavaõ; que, por ter o porto mui encontrado, se naõ podia tomar tam facilmente: e na madrugada daquella mesma noite, em a qual os dous passageiros com seu canto, as criadas com sua porfia, e a senhora com suas lembranças batalhá-

talhárao, houveraõ os marinheiros vista da dezejada terra, que com grande alvoroço, e alegria festejáraõ: despertáraõ todos os navegantes; levantáraõ-se entre os mais Leontino, e Oriano; e quando os raios do Sol começavaõ a ferir com sua claridade as aguas cristalinas, lançáraõ ferro, e sahiraõ todos da coberta por ver a praia. Oriano, que, depois que salvára a vida de entre as ondas, naõ levantára os olhos a coiza que o detivesse, virando-os para o Ceo, e descendo com elles pela popa do navio, vio subitamente a sua amada, e formoza Nizarda que naquelle mesmo ponto com hum grande sobresalto o conhecera: ella ficou com hum grande temor, e igual espanto, que misturado com huma subita alegria a fez perder o sentido, e dar hum desacordado ai. Elle, faltando-lhe o animo, e a confiança, cahio aos pés de Leontino: e sendo estes dous accidentes tam manifestos, naõ houve alli quem para elles attentasse, por quaõ alheios todos estavaõ do estranho acontecimento, e embebidos na festa da sua chegada. Nizarda vio a Oriano, a quem tanto quizera, a quem chorára por morto havia tam pequeno espaço; considerava a vida, que vira tam perdida entre os mares, ser a que tanto lhe merecia, punha diante dos olhos a Oriano, considerava-o só conhecido de seu pai Federico, odiado, e arriscado em seu poder, e o suspeitar-se della algum engano; e sobre tudo tinha prezente, que aquelle mizeravel estado, em que se vira, lhe nascera de se ver dessfavorecido de seus amores. Oriano, sem lhe lembrarem os inconvenientes, que podia haver contra sua vida, tratava de assegurar o cora-

çaõ

çaõ se era aquella a sua Nizarda: tornava huma, e muitas vezes a sahir ao lugar donde a descobrira; nem dos olhos se fiava, porque tambem as lagrimas de contentamento, que os cobriraõ, lhe faziaõ duvidoza a luz para conhecella; até que de todo se assegurou, conhecendo juntamente aquella criada, que era a que, ouvindo a sua voz, se pertubára, porque só aquella tinha em seu serviço quando com menos bens da ventura, e maior gloria de Oriano corriaõ seus pensamentos. Passados porém estes primeiros receios, que costuma a desbaratar sempre o dezejo, cada hum dos amantes se encheu de hum novo contentamento; e fez elle taes effeitos no rosto, e olhos de Oriano, que, se Leontino tivera os seus desoccupados, naõ recebera daquella novidade pequenas suspeitas. Mas elle, que igualmente buscava occaziaõ de ver a sua senhora, que, sem ser delle vista, o tinha vencido, estava tam suspenso, e contente em sua formozura, que só em considerar as perfeiçoens della, e o bem de sua sorte, se despendia, tomando á sua conta por favores os sobresaltos, e movimentos, que Nizarda passava á de Oriano; que isto costuma fazer a alegria no que dezeja; como tambem o descontentamento no receozo lhe faz cuidar que tudo, o que succede, he em seu damno. E porque com grande festa, e reboliço, lançando no mar o batel, começáraõ por entre algumas embarcaçoens, que no porto estavaõ, a sahir á terra; Nizarda se recolheu para com seu pai fazer o mesmo. Leontino com o alvoroço, e dezejo de a ver de mais perto, se lançou primeiro no batel, e remetteu a hum

dos

dos remos, para com o exercicio delles tomar o *lugar*, que lhe convinha; e sem dizer este intento ao amigo, nem se lembrar da sua companhia, o deixou; que o interesse proprio em coizas de amor a nenhumas obrigaçoens guarda respeito. Oriano, posto que ficára sem elle, tam pouco o achou menos; que naõ davaõ os seus olhos fé, senaõ dos que lhe faltáraõ com ella por se empregarem nos bens da ventura. E posto que o seu amorozo dezejo entam o persuadia que rompesse por todo o temor, e sahisse a ver a terra, que havia de pizar sua senhora, considerava toda via que, sendo conhecido, seria mal agazalhado, e perderia de todo a esperança, que aquella manhã lhe nascera. Determinou emfim ficar-se alli com alguns dos marinheiros, para que entre elles, e com o seu traje se desconhecesse, e á sombra dos mal fundados amores de Leontino podesse ver a Nizarda, imaginando que se faria seu criado naquella jornada: o que fiava do amigo que aceitaria para auctorizar suas coizas, pois se naõ envergonhava de se valer nellas das partes, que a natureza fizera alheias; e assim mediria seus ciumes, ou confianças pelo termo, com que elle tratasse do estrangeiro. E tornando a Leontino, teve no batel o que pertendeu; vio a Nizarda com liberdade, e foi conhecido das criadas, que nelle puzeraõ os olhos, e lhe deraõ a entender que eraõ as que o tinhaõ ouvido a primeira noite, em que elle entrou no seu novo pensamento. Sahiraõ todos em terra na Ilha, que era cheia de graciozos arvoredos, claros ribeiros, e cristalinas fontes, onde a muzica das aves, o correr das àguas,

e o mover das ramas convidavaõ os contentes á legria, e os tristes á saudade. Alli se espalháraõ os navegantes, aliviando-se dos trabalhos da rigoroza tormenta, que os perseguira, gozando das saborozas frutas, claras aguas, amenas sombras, e deleitozo sitio. Nizarda buscou com os olhos a Oriano; vio a Leontino só, e pareceu-lhe que tudo o mais se lhe afigurára em sonhos; chamou a criada, que com igual diligencia revolvia com a vista os arvoredos, e deu-lhe tanto cuidado o desapparecer-lhe, que pedio ao criado, que lhe levara a joia de Leontino, que soubesse delle onde ficára o companheiro; pondo-se a perigo de qualquer suspeita, que de alli nascesse; que quando amor aperta muito com o soffrimento, póem a perigo o segredo de que se sustenta. Leontino, que com a pergunta, que o messageiro lhe fez, cahio no seu descuido, sem saber dar outra razaõ, disse que ficára no navio. Disto entendeu Nizarda (vendo que naõ havia outra occaziaõ, que o detivesse) que recèava ser conhecido, e menos aceito naquelle mizeravel estado, do que o fora no de sua prosperidade, e bonança; e por lhe mostrar que o seu generozo coraçaõ tinha em pouco os bens da ventura, e que mais o amava perseguido, do que o cubiçára poderozo, buscando occaziaõ na liberdade daquelle sitio para o seu segredo com a sua fiel criada, e discreta conselheira, lhe escreveu a carta que se segue.

Arriscado passageiro,
Da fortuna maltratado,
Taõ humilde neste estado,
Quaõ soberbo no primeiro;

Huma

Huma dama, que alguma hora
Nem chamar-se tua ouzava,
Que então fez amor escrava,
E agora o tempo senhora;
Te roga bens, e alegria
Nesse estado descontente,
E te dezeja igualmente
O que para si queria.
Mal cuidava eu da ventura
Que em tam perigozo aperto
Te tornasse a ter tam perto
Da vista, e da sepultura.
Mal cuidei que em tal perigo
Viesse a mostrar amor
Nos meus olhos tanta dôr,
Nos teus erros tal castigo.
Ah fementido Oriano,
Cruel, ingrato, e queixozo,
Quando deixado amorozo,
Quando amado deshumano!
Tempo he já de te mostrar;
Que se a sorte te desterra
Donde me negaste a terra;
Que ta offereço no mar;
Tempo he que vejas, ingrato,
O fim daquelle amor vão,
Que em mim só era affeição,
Como em ti cautella, e trato.
Por appetite me amaste,
Por ventura me tiveste,
Por belleza me escolheste,
Por pobreza me deixaste.
Eras grande, e principal,
Tinhas quanto a sorte têm,
Mal era querer-te bem

Quem

Quem te igualava tam mal.
Pouco importava o ser nobre
Aonde era desconhecida;
Que he tanto mais desvalida
A bonra, quanto he mais pobre.
Deu volta o tempo ligeiro,
Tornou-me a minha esperança,
E com subita mudança
Fiquei qual nasci primeiro.
Fui grande, tive poder;
E nesta nova ventura
Cresceu minha formozura,
E renasceu teu querer.
Vi-me entam desenganada
Deste amor falso, e fingido;
Naõ te quiz por fementido,
Posto que muito obrigada.
Agora, que o meu dezejo,
Junto com o teu desengano,
A mim podem fazer dano,
E em ti naõ cauzar despejo,
A ti pobre, e desterrado,
Sem riqueza, e sem lugar,
E de entre as ondas do mar,
Como escuma, levantado;
Quando querida, e senhora,
Quando de ti nada espero,
Entam te busco, e te quero,
E te quero mais agora.
Se por teu mando, e poder
Cuidavas que me perdi,
Agora te quero a ti
Quando naõ tens que perder.
Vem ver neste desengano
O que em outros te mostrei;

Se,

Se, sendo rico, te amei,
Amava só a Oriano
Com vontade tam leal,
Tam verdadeira, e tam pura,
Que era accidente a ventura,
E tu sempre o principal.
Que respondes? aonde estás?
Com que temor te detens?
Que, ainda que a matarme vens,
Dezejo que te naõ vás.
Sabe, pois a sorte ordena,
Dessa tormenta tam crua,
A pagarme a culpa tua
Nos olhos de minha pena.
Todos em terra saltáraõ;
Por culpado naõ te escondas,
Pois te encobriraõ as ondas,
Ellas mesmas te mostráraõ.
Naõ temas nenhum perigo
Na terra, que agora he minha;
Que o mesmo amor, que te tinha,
Esse só trago comigo.
Se receias a vontade
De outrem, que já magoaste,
Onde a vida assim salvaste,
Tens mais certa a liberdade.
Ah Oriano, Oriano,
Quanto te fora melhor
O que te rogava amor,
Que o que te aconselhou o dano.
Poderás desembarcar
Nesta praia a teu prazer,
Sem cuidados de temer,
E em estado de mandar.
Fora teu tudo o que viras,

E tudo o que te acobarda;
E fora tua Nizarda,
Se por Nizarda suspiras.
Naõ temeras a bonança
De meus bens, nem te cançára,
Nem a mim me atormentára
Entre elles esta lembrança.
Que, inda que he vingança justa,
De teu desconhecimento,
Se te custa sentimento,
Muitas lagrimas me custa.
Dellas verás os signais
Sobre estas letras, que escrevo;
E porque sei que as naõ devo,
As devo de chorar mais.
Vem a pagarte, inimigo,
De joia, que outrem vendeu;
Que ha de ser o preço teu
Como antes era o castigo.
Vem, Oriano, que he tarde;
Trata de dissimular;
E dos perigos do mar,
E de amor o Ceo te guarde.

Para Nizarda encobrir a diligencia, que fazia por saber de Oriano, a encõmendou com esta carta áquella sua antiga criada, que o conhecera, a quem disse estas palavras: Amiga, tu que foste testimunha dos meus primeiros cuidados, e sabes a quanto elles me chegáraõ a fama, e a vida; e conheces bem o que devo ao amor, e excessos de Oriano, naõ deves estranhar este que faço; antes me deves dar todo o favor, e conselho, que espero de tua fidelidade, e das antigas obrigaçoens em que te poz minha affeiçaõ: naõ te lembrando neste lu-

lugar que agora o tinha para tomar livremente vingança da pena que me deu com suas ingratidoens, e o pouco cazo que fez do que me queria á conta da estima, e opiniaõ dos que o aconselhavaõ. Este passageiro, que com elle vinha, naõ sei onde o deixou, tenho delle má suspeita, mórmente quando me lembra que a joia, que vendia, era tam conhecida por alheia, e elle queria dissimular o preço della. O Amor he huma batalha de receios, e nenhum ha que me naõ reprezente mil perigos a Oriano: dezejo saber o estado em que ficou depois que me conheceu, porque no seu sobresalto, quando me pôz os olhos, conheci quaõ alheio estava de esperar successo tam differente, e desigual. E pois a ventura por tam estranho, e custozo meio o tornou a trazer á minha prezença, póde ser que seja para em alguma parte satisfazer o que a seus primeiros cuidados devo. Esta carta, que te dou, lhe tenho escrita; quizera que de tua maõ fosse ter á sua secretamente, salvando com teu entendimento o perigo de minha fama: essa ponho em teu poder; e naõ esperes que te diga o que me convém, porque já naõ saberei acertar mais que este dezejo. Ainda que obedecer, senhora, a vosso gosto (respondeu a criada) he coiza tam devida, e tam forçoza, farei agora mui pouco em vir no que me mandais: porque estou por parte de Oriano tam obrigada, que dezejava tomar a mesma ouzadia sem vosso consentimento; porque me lembra, o muito que vos quiz, e a pouca culpa que teve na força, que seus parentes lhe faziaõ para vos deixar; e vejo agora que naõ deixava de vos querer por bens

da fortuna, quem a todos esses desprezou como lhe faltastes, até chegar ao mizeravel estado em que o vistes. E pois deixais a meu cargo o favorecello sem offender a vossa opiniaõ, perdei o cuidado deste segredo, e de tudo o que tocar a vosso serviço. A senhora lhe lançou os braços: ella se despedio, e buscou o criado, que levára a reposta de Leontino, com que falou estas palavras: Naõ te pareça descuido: Lardanio (que este era o seu nome) o que atégora teve a senhora Nizarda em satisfazer àquelle passageiro a sua joia, e a ti a diligencia, e gosto com que lha procuraste; porque como elle dilatou para este tempo o preço della, e o teu está seguro na sua maõ, e no meu cuidado, agora lhe pareceu occaziaõ de me dar este de saber por tua via o que o estrangeiro quer: mas primeiro, que tudo, me importa a mim, sem que a senhora Nizarda o entenda, saber a verdade de huma suspeita em que ambas estamos da joia ser roubada: e debaixo do segredo, que eu de ti confio, e o cazo requere, sabe que o papel, em que me déste envolta aquella figura de Cupido, trazia em breves regras muitos signaes, que testimunhavaõ contra quem a vendia, e mostravaõ ser dono della o que ficou no navio; de que o companheiro dá tam ruim conta: e para minha senhora ficar desasombrada, e eu contente, te peço que tornes ao navio, onde o deixou; e dando-lhe o mesmo papel, que he este que aqui te dou cerrado, sem lhe dizer outra coiza, tenhas tento no effeito, que nelle faz a novidade do que ler: e assim pódes com discreta dissimulaçaõ conhecer do seu sentimento,

ou

ou alvoroço, se a joia lhe foi roubada, ou se he delle conhecida. Posto que Lardanio ficou confuzo, naõ duvidou fazer o que lhe encommendavaõ; e assim prometteu com maior segurança: e desviando-se de Leontino, que o naõ deixava, entrou no batel, e passou ao navio, onde logo achou a Oriano bem descuidado do bem que se lhe offerecia. Deu-lhe a carta, que elle abrio com grande desatino, sem cuidar no que seria; e conhecendo a letra de Nizarda foraõ tantas as lagrimas de alegria, que sobre ella chorou, que lhe impediaõ poder ler o que dizia. O messageiro magoado de suas lagrimas, julgando a occaziaõ segundo sua innocencia, o consolou, dizendo que se naõ affligisse; que certa tinha a sua joia, ou o preço della; com outras razoens, do que Oriano entendeu que naõ era sabedor do recado que trazia; e nessa conformidade o foi confirmando no seu engano. Disse-lhe que importava responder a quem lhe dera aquelle papel, com a verdade do que suspeitava: e apartando-se delle em quanto os marinheiros o detiveraõ, respondeu esta carta.

Senhora, em cuja lembrança
Hoje está minha alegria,
Como, quando o Ceo queria,
Estava minha esperança;
Este passageiro triste,
Cuja vida desprezada,
Até da morte enjeitada,
Sahir dentre as ondas viste;
Te envia, roga, e deseja
Bem, felicidade, e vida,
Sem que essa seja offendida

De

De fortuna, nem de inveja.
Se he verdade isto, que leio?
Se em sombra se me affigura;
Darei credito á ventura,
Ou darei fé ao receio?
Ai letras se me enganais,
Se he isto o meu desatino;
Se leio no que imagino,
Se no que vós soletrais?
Se sois as mesmas que vejo,
Como a memoria vos guarda,
Se vos escreveu Nizarda,
Se vos pinta o meu dezejo?
Ai Nizarda rigoroza,
Da-me licença, e perdaõ;
Porque estranha o coraçaõ
Mudança tam perigoza.
Deixa duvidar primeiro
Este bem na fantazia;
Que morrerei de alegria,
Se o tiver por verdadeiro.
E entre certeza, e temor
Ouve-me, bella inimiga,
O que me manda que diga
Por parte de ambos Amor.
Eu sou aquelle Oriano,
Cheio de tanta humildade,
Que, de darte a liberdade,
Vive soberbo, e usano:
Que em ti tive o meu thezouro
Na tenra idade ligeira,
Que, por ditoza, e primeira,
Foi a minha idade de ouro.
Só a gloria de querer-te
Tive entam por gloria minha,

E a maior pena, que tinha,
Era o poder offenderte;
Em meu nome te offenderaõ
Os que a vida me tiráraõ,
E bem se vê que a trocáraõ
Pela que os males me deraõ.
Tive bens para meu mal,
Que a falsa sorte me deu;
Fizeraõ-me esses mais teu,
Mas naõ já mais principal.
A meu dezejo, e querer
Foste sempre qual agora;
Tam formoza, e tam senhora
Como agora o has de ser.
Custou-me a tua partida
Deixar bens, mando, e lugar,
E vir de longe a arriscar,
Como viste, a propria vida.
Engrandeceu-te a ventura,
Melhorou-se a tua estrella,
Posto que, para eu perdella,
Deixando-me em noite escura.
Foi gloria, que amor me deu,
Entre o mal que eu ordenava,
Naõ pelo que eu cubiçava,
Senaõ porque era bem teu.
Imaginaste, cruel,
Que este amor tam poderozo
Renasceu por cubiçozo
Quando viveu por fiel.
Vieste a formar-me culpa
Do que eu triste imaginava;
Que para quem me culpava
Era fingida disculpa.
Este sou, e aqui me tens;

Vingada a teu gosto estás,
Pois me chamas aonde vás,
Sem te lembrar donde vens.
Vens donde a terra, que deixas,
Era mais tua, e mais minha;
Que em lugar dos bens, que tinha,
Tem só lagrimas, e queixas.
Por uzar de teus poderes,
E mostrarme mais perdido,
Quando pobre, e perseguido,
Entam dizes que me queres.
Bem mostra nisto a razaõ
A minha infelicidade:
Naõ me amaste por vontade,
Queres-me por compaixaõ.
Ah Nizarda, naõ me offendas
Com palavras lizonjeiras,
Que naõ quero que me querias,
Nem quero que te arrependas.
Aborrece-me, inimiga,
Sem fortuna, e sem lugar;
Que essa naõ me ha de tirar
Que a té pelo mar te siga.
Naõ venças na cortezia
Amor, que tanto offendeste;
Se grande naõ me quizeste
Com terras, mando, e valia;
Hoje pobre, desterrado,
Odiado, perigozo,
De hum contrario receozo,
E dessa vista obrigado;
Hoje quando nada espero
Mais, que morte, e desengano,
Pois naõ sou mais que Oriano,
Para ser teu, naõ te quero.

Amo-

Amores tam desiguaes
Naõ saõ para hum perseguido;
Se fora mais do que hei sido,
Entam te quizera mais.
Por tam pobre me conheço,
Qual tu queres que eu me faça,
Pois do que outrem deu de graça,
Tratas de entregarme a preço.
Nizarda, a mim naõ me toca
A valia deste amor;
Que eu o tive por penhor,
E outrem to dava por troca.
Deixa que goze no mar
O lugar, donde te olhei;
E o mar accrescentarei
Com aguas, e com amar.
Mas que digo? que me esfórça?
Se esta razaõ tanto custa,
Que, inda que sei que he mui justa,
Parece que vai por força.
Como he possivel me aparte
Do que a alma tanto dezeja?
Se me mandas que te veja,
Como deixarei de olharte?
Conheço que he desatino;
Vou, senhora, e hei de ver-te;
Mas naõ vou para querer-te,
Porque sou qual imagino.
Vou para considerar
O que perco naõ te vendo;
E antes de ir já me arrependo
Pelo que me ha de custar.
Que, inda que alegre, e contente
A hora de ver-te seja,
Qual será quando te veja

D ii *Com*

Com o desengano prezente?
De noite hirei com cautela,
Que o seu segredo me afoite;
Mas que fiará da noite
O que nunca teve estrella?
Faço-o por obedecerte,
Contra o cuidado que tinha;
Tu, que foste estrella minha,
Me has de dar luz para ver-te.
Já te canço: a Deos, Nizarda;
Guarde-te o Ceo, bella imiga;
E quaõ sedo me castiga,
Mostre os bens, com que te tarda.

Cerrou Oriano esta carta com os olhos cheios de lagrimas; que, ainda que as procurava dissimular com cautella, não as podia encobrir com sentimento: entregou-a ao messageiro, fazendo-lhe muitas offertas de seu dezejo: encomendando-lhe que, se houvesse lugar de reposta, lha procurasse: elle o prometteu assim; e se tornou no batel, onde viera innocente daquelle engano, e compadecido de quem lho fazia, porque reprezentava em Oriano a tristeza os merecimentos, que lhe tirava a ventura; que nunca essa he tam poderoza, e tam cruel, que negue a valia ás partes naturaes, ainda quando rouba o preço dellas.

DISCURSO QUINTO.

DOs navios, que em aquelle rigorozo dia de tormenta fizeraõ naufragio, veio ter áquella enseada desguarrado, e perseguido dos mares hum galeaõ, que no porto estava antes que o de Federico lançasse ferro: e porque o se-

ſenhor delle era hum famozo coſſario, que com huma Armada, que capitaneava, corria o mar, e com o deſtroço, e perda dos ſeus eſtava desbaratado, o navio aberto, as enxarceas perdidas, alguma gente ferida, e enferma da rotura dos maſtros, e ſerviço da mareaçaõ; com o fingimento de mercador, e a humildade de neceſſitado, abatendo ao rigor do tempo a ſuberba de ſuas coſtumadas infolencias, ſe encobrio vendo que Federico entrava acompanhado; e na ilha (poſto que naõ foſſe ſua) era já poderozo. Eſte como aſtuto, e ardilozo, depois que vio a gente em terra, e que ficavaõ poucos marinheiros no navio; e eſſe, que eſtava bem aparelhado para fazer viagem; como o ſeu ficára de ſorte, que naõ podia navegar ſem primeiro o repararem com mais tardança da que conſentia o ſeu receio, com a diſſimulaçaõ neceſſaria, na hora da noite mais quieta, entrou com os ſeus no navio, quando dos que nelle eſtavaõ triunfava o ſomno: e fazendo-ſe ſenhor delle ſem contradicçaõ, ou reziſtencia alguma, levando logo ferro, e dando vélas ao vento, que favoreceu ſua ouzadia, amanheceu muitas leguas ao mar com ſua empreza. Com a viſta do Sol ſe deſcobrio juntamente na ilha o roubo, e ſe conheceu a embarcaçaõ, que alli ficara, pelos ſignaes que de ſeu dono tinha. Federico ſentio muito mais o atrevimento, que o damno, porque já eſtava em terra, onde lhe naõ faria grande falta o que lhe levavaõ, e porque tambem o bom das roupas, e joias, que trazia, tirára em terra. Nizarda quando ſoube o cazo acodio com o ſentimento aonde amor lhe tinha poſto o ſentido,

do, e começou a cuidar no que aconteceria á Oriano, reprezentando-lhe o receio o maior mal, e promettendo-lhe a esperança o menor damno. A este tempo naõ tinha ella a reposta, que Lardanio lhe trazia, porque á criada faltára tempo em que lha désse; e neste, em que todos estavaõ com o pensamento, e os olhos no pirata atrevido, houve lugar de a ella ler, e ficou vendo o que dizia tam sem animo, que se naõ pôde valer mais que das lagrimas, e suspiros, queixando-se tristemente da ventura, e da ingratidaõ de Oriano, attribuindo a essa o seu mau successo; que, posto que os extremos, e termos generozos de seu querer por huma parte a satisfaziaõ, o certo he que no tempo das desgraças tudo parecem culpas. Ella com estes cuidados, a criada com o de a consolar, e prometter boa sahida a seus enleios, Leontino desvelado por se mostrar a Nizarda descontente do mau successo do companheiro, menos pelo mal, que padecia em poder do cossario, que porque lhe havia de faltar para a communicaçaõ, e favor de seus pensamentos estavaõ na ilha: mas Oriano com os poucos marinheiros, que no mar ficáraõ prezos, e entregues a quem lhe levava o corpo sem alma, com o tempo accommodado ao roubo navegáraõ todo aquelle dia, que Oriano gastou em continuas lagrimas, o outro mandou o cossario vir diante si todos os prezos; e no rosto de Oriano conheceu que era homem de differente vida, e qualidade: e perguntando-lhe quem era, e o que fazia a taes horas naquella embarcaçaõ; estava elle tam pouco para lhe responder, que o fizeraõ por elle os marinheiros,

con-

contando-lhe a desventura do seu passado naufragio, e que, por vergonha de quaõ despido o deitára o mar naquelle navio, naõ ouzava a a sahir delle, como suas lagrimas testimunhavaõ: e com ellas acreditava o nobre mancebo o que elles diziaõ, sem tirar os olhos do chaõ, e o pensamento de sua má fortuna. O pirata, que, com ser deshumano para seus roubos, naõ era cruel para os vencidos, se compadeceu delle, e o começou a consolar dizendo que lhe daria sedo porto, e liberdade com todo o mais favor que delle quizesse. E dalli em diante o tratou com muita differença, e lhe offereceu dos despojos, que alli se acháraõ. Oriano com mostras, e palavras agradecidas lhe respondeu; porém de tal sorte o atormentava a memoria de Nizarda, que perdia o juizo para fallar, e a vontade para pedir nenhuma coiza: mas vendo entre outras hum caixilho bem lavrado de pau negro com humas molduras, e cortina do mesmo pau (como que o coraçaõ lhe adivinhasse o que seria) lançou maõ delle. O cossario lhe mandou dar juntamente hum vestido dos que alli se acháraõ. Abrindo Oriano o caixilho, vio que era hum retrato da sua bella Nizarda, tam parecido ao seu rosto, que só a falla, e movimento lhe faltava reprezentar vivamente as perfeiçoens do original. E bastou a repentina vista desta figura para o cativo amante aliviar muito de sua desesperaçaõ. Passou todo aquelle dia com os companheiros, que da humanidade de quem os cativara estavaõ vencidos de novo: e vindo a noite, em que á vista da Lua, e sem impedimento pôde contemplar o rosto de sua querida senhora, come-

começando primeiro a lhe falar com muitas lagrimas, pondo-o diante dos olhos, lhe começou a dizer desta maneira.

Imagem piedoza,
Com subtil maõ ao vivo retratada,
Da coiza mais formoza,
E de mim mais amada,
Por quem penando vivo
Só, desterrado, náufrago, e cativo:
Ouvi-me hum pouco attenta;
Que, inda que sejais côr, sombra, e pintura,
No que me reprezenta
Esta bella figura
Vejo Nizarda, e vejo
Que escuta, e que responde a meu dezejo.
Aqui muda, e pintada,
Em poder de hum contrario deshumano,
Ficais mais humilhada,
A' vista de Oriano,
Que em cativeiro estreito
Vedes tam mudo, mizero, e sujeito.
Aqui o damno iguala
O que desordenou vossa grandeza,
Pois estamos á fala,
Eu, e vossa belleza,
Sem ter a differença,
Que negou os respeitos, e a licença.
Hora dizei-me, imiga,
Em que vos offendi, que me deixastes?
Ou consenti que diga
Que, quando me negastes,
Era de arrependida,
E naõ de minhas culpas offendida.
O meu querer tam puro
Em que desmereceu vossa vontade?
Meu amor tam seguro, Mi-

Minha fidelidade,
Em que desmerecia,
Se em vós obrára amor o que dizia?
Que he daquella promessa?
Aquella confiança, aquella gloria?
Que tudo logo cessa,
E falta da memoria,
Se a sorte cresce, ou falta;
Sendo a sorte d'amor muito mais alta.
Parece que mudais,
Nizarda minha, a côr neste retrato
Mostrando que culpais
O vosso termo ingrato;
E o amor me affigura
Lagrimas nesses olhos, e brandura.
Ah não, bella senhora;
Deixaime a mim a pena, e sentimento,
E não choreis agora
Por verme em tal tormento;
Que mais me atormentára,
Se a minha pena alguma vos custára.
Ai perdido Oriano,
Sou de meus proprios olhos enganado,
Delles recebo o damno,
Donde tive o cuidado;
Elles fazem chorando
Que em vós esteja esta agua retratando.
Elles mudão a côr
A quem não sente o mal de meu desgosto;
A essa fingida dôr
Causão no bello rosto,
Que agora chamar posso
Retrato meu na dôr, na graça vosso.
Se assim me parecerão,
Lagrimas dos meus olhos derramadas,

Que

Que as penas suspenderaõ
Quando desesperadas,
He porque das que choro
Nos vossos proprios olhos me namoro.
A Deos, Nizarda minha;
Que se escurece o Céo, e a luz me falta,
Que para vervos tinha;
A Lua vai mui alta,
Descem as nuvens tristes
Para o fundo do mar, aonde me vistes.

Por mui secretos que Oriano fazia estes queixumes, e saudades, naõ pôde escapar os ouvidos, que vigiavaõ; e posto que naõ entendessem bem o que dizia, fizeraõ a saber ao cossario de suas queixas: elle, que lhe tinha affeiçaõ daquella primeira vista, o mandou logo chamar offerecendo-lhe de novo sua amizade desta maneira = Parece-me tam bem a tua modestia de vencido, a paciencia de prezo, e a humildade de escravo, que até os queixumes, que te naõ ouvi, me magoáraõ: e assim mais te dezejo ter neste navio por amigo, e companheiro, que de te dar a liberdade, que dezejas. Se o termo desta minha vida te contenta, e os interesses della (que naõ saõ pequenos) te fazem cubiça, fica aqui comigo por soldado, sem sahires em terra como perdido; vestirás armas, gozarás victorias, terás parte nas prezas, e despojos, e lugar honrado nas occazioens. O officio, que eu, e os meus exercitamos, posto que seja infamado pelos fracos, e mizeraveis, que sem valor, e rezistencia se lhe rendem, de si he nobre, e valorozo pela parte do animo, e esforço, que exercita, e da do juizo pelos estrategemas, e cautellas, que

uza,

ıza, que saõ as partes principaes no homem. Pelejamos valorozamente, vencemos o tempo com a diligencia, os homens com o ardil, engano, e forças; e sustentamos a opiniaõ, e as vidas á custa dos que com meios mais humildes aventuraõ as suas pelo commercio do mar. Deste officio começáraõ os Reis, e grandes do mundo a dilatar seus Imperios, e senhorios, com rapinas, e roubos, como pelo exemplo de suas historias se conhece; Nino, Rei do Egypto, foi o primeiro, que começou a roubar livremente, tomando reinos, cidades, riquezas, e despojos de seus vizinhos; e delle teve principio esta arte, que com illustrissimos professores se ennobreceu. *Arsaces* primeiro foi Principe de ladroens, que Rei dos Parthos. Dionyzio, tyranno de Sicilia, foi conhecido cossario, e roubador no mundo: e fora infinito trabalho o de te querer contar os muitos Reis, *Principes*, e Monarcas, que nelle houve, que seguiraõ esta minha profissaõ, e os que nesta nossa idade prezente de roubos, prezas, e rapinas sustentaõ, illustraõ seus senhorios, e dando outra côr, e titulo á sua cubiça, se disculpaõ; sendo nelles o officio nobre, e em nós os particulares menos injusto, pois aos grandes obriga só a cubiça, vaidade, e ambiçaõ; e a nós a força, e necessidade. As aves mais levantadas, como a aguia Real, o Nebri generozo, o Açor carniceiro de perpetua rapina, roubando nesses ares se sustentaõ, e saõ por poder, e força conhecidas. As féras mais poderozas roubando, e fazendo preza nos animos sujeitos, saõ por sua excellencia temidas, e estimadas na terra, como o leaõ, o usso, o tygre,

gre, e outras muitas. Os peixes maiores, e mais ligeiros, como o delfim, a fóca, e a balêa, vivem da preza, e roubo que fazem em os menores: assim que, para se conhecer a excellencia, e poder das forças humanas, introduzio esta arte a natureza propria. E no que toca ao juizo, em que se mostra elle mais, que nas traças, ardis, e cautellas de hum roubador? Por isso os Lacedemonios tam prudentes ensinavaõ os mancebos da sua Republica a roubar, e a exercitarem-se neste generozo officio para sahirem valentes, astutos, e ardilozos, e nas occazioens de guerra saberem uzar de ligeireza, e engano, offender, e reparar dos inimigos. Os Egypcios por esta razaõ permittiaõ os furtos publicamente; e como arte universal, e nobre se exercitava entre elles. Pois com muito maior razaõ deviaõ estes de honrar, e engrandecer aos pyratas, e cossarios, que corremos o mar, que com desigual vantajem fazemos a arte de roubar mais valeroza, e prudente; naõ só fazendo preza em fustas, pessoas, vidas, e fazendas, mas vencendo com a diligencia, e trabalho o levantar dos mares, o encapellar das ondas, o bramir dos ventos, o enrolar das nuvens, a reversa das aguas, o tocar nos penedos, o romper nas arêas, o quebrar dos mastos, o poder dos lémes, o abrir dos navios, e tempestade no mar, o perigo nos portos, o odio dos offendidos, a desesperaçaõ dos roubados; engrandecendo com o soffrimento esta profissaõ digna de maior gloria, e fama, que todas as mais. Por isso te naõ pareça que he falta, ou menoscabo de teu valar (se es, como pareces, bem nascido) andar

dar nesta companhia, e receber nella algum fruto de minha vontade. = Attento esteve Oriano ao que o pirata dizia: e espantado de como disculpava, e engrandecia o sacrilego vicio, de que se sustentava, julgando entre si que de os males parecerem bem a quem os uza nasce haver tantos no mundo, dezejou de lhe responder: porém naõ era a occaziaõ de disputar, antes em modo de agradecimento lhe respondeu: Certo, senhor, que, me tem tam obrigado a affeiçaõ, que me mostras, e a benignidade com que me tratas, sendo teu prezo, que já agora naõ dezejo muito a liberdade, que esperava; e te digo que este officio, que engrandeces, se naõ he nobre na opiniaõ dos homens, na minha está acreditado, porque tu o exercitas sendo tam generozo, e tam humano. Naõ te enganem (tornou elle) os queixumes dos fracos, para o teres em outra conta; porque o lavrador vitupera ao lobo, porque lhe naõ póde tirar das unhas o que elle lhe roubou de seu rebanho; e gaba ao galgo, que lhe matou a lebre na semeada; sendo assim que cada hum venceu a sua ralé. Quem recebe o damno se queixa delle; e infama ao contrario, de quem o naõ póde evitar, e rezistir. Nestas razoens o deteve o cossario, até que as horas do repouzo da madrugada o apartáraõ. Correraõ de alli a diante pelo mar sem se lhes offerecer em muitos dias occaziaõ de alguma preza; até que, para se refazerem de aguas, e mantimentos, tomáraõ hum rio pouco continuado, em cuja entrada ancoráraõ, e se detiveraõ alguns dias; e nesses mandou o pirata pela terra dentro a tomar gados com huma

ma companhia a hum mancebo companheiro seu, chamado Diamiro, encommendando a Oriano que, hindo com os mais, começasse a exercitar sua pessoa: elle sahindo em terra com as armas, que lhe pareciaõ mal naquelle officio, foi com os da sua companhia atè humas cabanas de pastores, que no alto de hum outeiro appareciaõ; e vendo que os moradores dellas hiaõ ao longe fogindo, e as deixavaõ dezertas, e dentro havia taõ pouco em que fazer preza, que se espalhàraõ os soldados pelos valles a buscar os rebanhos; Oriano, considerando entaõ quaõ differente officio fazia do que elle em algum tempo dezejàra quando o Peregrino Lereno lhe contou a vida, e liberdades de pastor; determinou desapparecer de entre aquelles seus companheiros; e teve lugar para o que dezejava com a occupaçaõ, que os outros tinhaõ: metteu-se pelos matos dentro; e, por naõ ser tido por cossario, pendurou em hum tronco as armas, que delle trazia, e foi-se alongando com tanta pressa delles, e da estrada, por onde o podiaõ seguir, caminhando toda a noite, que, quando veio a madrugada, estava assaz longe donde partira, mas tam quebrantado, e sem forças, como pediaõ os trabalhos, que passàra. Os companheiros, que tarde o achàraõ menos, fizeraõ pouca diligencia pelo buscar, porque só as de seu officio lhe davaõ cuidado; nem foraõ pela sua falta mal recebidos no navio, pela preza, que para elle levàraõ: e ao mesmo tempo, em que Oriano parou em huma montanha, ainda com receio dos que deixava, levantàraõ elles ferro com igual temor dos que tinhaõ offendido; que

tanto

tanto obriga ao prezo innocente o dezejo da liberdade, que procura, quanto ao culpado livre o receio do castigo, que merece.

Discurso Sexto.

No enleio daquella montanha sem caminho, na desesperaçaõ do que perdera sem confiança de poder cobrallo, e quazi perdido o alento com a força do mal prezente, esteve Oriano hum grande espaço sem se mover das pizadas em que ficára; tam infiado na côr como se perdera a vida; tam sem sentido, que até os suspiros na garganta lhe emudeciaõ; e faltando-lhe a luz aos olhos de cançado do que caminhára, e o sangue desamparando o coraçaõ, cahio desacordado sobre humas espessas murtas, que de compaixaõ de sua pena, sacodidas do golpe, que nellas deu, o cobriraõ de flores. Alli passou neste accidente a maior parte do dia: e, já quando elle se acabava, atravessáraõ pelo mesmo lugar dous caminhantes, a que naõ cauzou pequeno sobresalto darem subitamente com aquelle corpo, que, a juizo de quem o via, estava sem alma; mas a este tempo se revolveu com hum grande suspiro; e sem abrir os olhos disse estas palavras: Ai custozos bens, e de pouca dura! acabai de me tirar a vida, que os males naõ poderaõ; que menor crueldade uzou comigo sua dureza, que vossa mudança. Ai Nizarda, Nizarda, que quando desesperado do bem, que naõ mereci, vos tornei a ver, e quando mais contente da gloria, que podia gozar em vossos olhos, juntamente me achei sem elles, e neste estado. E dan-

dando atraz destas palavras outra volta sobre os ramos, tornou ao primeiro desacordo: aos dous vieraõ as lagrimas aos olhos; porque sempre os males nascidos de amor achaõ os coraçoens mais compassivos. Hum, que era mancebo, se sentou junto a elle; e, tomando-o pelos braços, fazia diligencias pelo despertar: o outro, que era já de madura idade, se foi a hum ribeiro, que perto dalli passava, e trouxe nas maõs agua, que lhe deitou no rosto, com que elle estremecido abrio os olhos, e elles o tomáraõ nos braços, animando-o que se esforçasse contra o mal que o derribara. E como a necessidade he mais animoza, que a razaõ, obrigado de ambos se levantou como podia, e lhes pedio que o levassem comsigo; o que ambos fizeraõ com boa vontade. E, caminhando muito de vagar, chegáraõ com a noite escura a huma ribeira, junto da qual havia entre mui altos arvoredos algumas cazas mais humildes; e, buscando nellas gazalhado, viraõ que estavaõ despejadas de gente; e sómente acháraõ a hum velho pastor, que os levou a huma cabana, que tinha no mais alto do lugar; onde os recolheu. E querendo elles saber o porque a aldea estava assim deserta, lhes contou o velho que foraõ a huns desposorios, que perto dalli houvera aquelle dia, todos os moradores; mas que haviaõ de tornar na mesma noite, ainda que tardassem; que tambem elle esperava a sua familia, que era na festa; mostrando dezejo de com a prezença dos que lhe faltavaõ agazalhar melhor os hospedes, que lhe vieraõ. Os dous, que entenderaõ isto, lhe diziaõ que esse seria o seu gosto,

com

com tal condição, que primeiro dessem gazalhado a Oriano pelo estado em que vinha; que bem reprezentava o seu rosto a necessidade, que os outros membros tinhaõ de algum repouzo. O dono da caza acodio a isto com boa vontadè: e porque elle a naõ tinha de outra coiza mais, que de descanço, se encostou logo em huma cama, que lhe mostráraõ, que para outrem estava ordenada. Os tres ficáraõ contando historias em conversaçaõ, e foraõ entrando pela noite, até que, já parte della consumida, ouviraõ ao longe grande festa, e soar de instrumentos de alegria. E logo o pastor, que se chamava Geriano, disse para os hospedes: Alegremo-nos com a boa vinda dessa companhia, que bem mal vos agazalhava a sua tardança: começa a vir a gente do lugar; folgarei que a minha seja a primeira, para que ouçamos a outra de perto da meza. E logo ouviraõ hum magote, que ao som de pandeiros, e sanfonha vinha cantando desta maneira:

Digamos da festa bem,
Pois seus bens nos communica:
Mas que noiva, que lá fica!
E que inveja, que cá vem!

Bem alheio sem inveja
He pequeno, e naõ sabido,
Porque, em sendo conhecido,
Se murmura, e se dezeja:
Naõ vem da festa ninguem,
Se esta raiva naõ lhe pica,
Ah que noiva, que lá fica!
E que inveja, que cá vem?
He galante, he gracioza,

Discreta, e de boa estreia,
E além de tudo he alheia;
Que isto a faz ser mais formosa:
Entre outras partes que tem,
Deste queixume está rica:
Ah que noiva, que lá fica!
E que inveja, que cá vem!

He nosso mal tam subejo,
Que o bem, que nunca entendemos,
Se em outros braços o vemos,
Entaõ nos move o dezejo:
Naõ sei que engano isto tem,
Que mais a vontade applica,
Mas que noiva, que lá fica!
E que inveja, que cà vem!

Destas invejas de agora
Se paga o noivo a sabor;
Que entaõ lhe fora peor,
Se o bem de invejar naõ fora:
Tanto he de mór gosto o bem,
Quanto a inveja o publica:
Mas que noiva, que lá fica!
E que inveja, que cá vem!

Cantavaõ isto com tanto contentamento, que até ás estrellas parece que alegravaõ; só Oriano com suspiros os ajudava, porque affinava a sua tristeza com aquellas estranhas alegrias. Porém naõ perdeu nesta occaziaõ o tento de seus ais Arcelio, que era hum dos caminhantes o de menos idade; e chegando-se a elle, lhe perguntou que havia. Ai (tornou elle) que meus males naõ me deixáraõ razoens que dar nem de sua dureza, nem do minha mofina; e ainda para estorvar alheios contentamentos me querem fazer malquisto, e ingrato a quem com

com tam boa vontade nos agazalhou. Peço-te, amigo, que me deixes chorar como costumo, e te alegres com os mais, que festejaõ seus prazeres, e alegrias. Estou eu tam longe dellas (disse Arcelio) que por isso me cheguei mais perto de ti; que meus pensamentos antes acodem ao som de suspiros, que ao destes instrumentos, que costumaõ alegrar aos contentes. E pois naõ he tempo de te perguntar o que tens, nem de te dizer o que sinto, por razaõ da companhia; consola-te, e toma esforço para que tornemos a falar em tua tristeza, e em meus males. A este tempo tinhaõ já passado os da cantiga: e os dous velhos chamáraõ a Arcelio, e faláraõ nella, dizendo o dono da caza que lhe parecia bem a letra; porque cazamentos a mais certa coiza, que tinhaõ, eraõ descontos de caza, e invejas de fóra. Nenhum bem ha (disse o outro) que naõ tenha seu desconto, ou desengano; e menor inconveniente me parece soffrer invejas alheias, que trabalhos proprios: porém o mal, que outrem sente do bem, que eu possuo, naõ me faz tanto damno como o que padeço. Assim he (disse o outro) que a cauza mais he para invejar coiza boa, e assim he o fruto amargozo. Deixemos esta pratica (tornou elle) que parece que vem descendo a mais da gente pelo lugar abaixo: e escutando ouviraõ que vinhaõ com muita festa cantando ao som de muitos instrumentos pastoriz as seguintes endechas.

Ditozo, e contente
Fica o despozado,
Porque inda o cuidado
He do bem prezente.

Passado o de gosto,
Quaõ sedo aborrece!
Bem, que naõ falece,
Vira-se-lhe o rosto.

O contentamento,
Que obriga a vontade,
Na difficuldade
Tem merecimento.
Só se chama bem
O que se pertende:
Se naõ se defende,
Quantas faltas tem!
O que se alcançou
Já naõ me festeja;
Que o bem se dezeja,
Porque naõ chegou.
Muito ha que julgar,
Muito que sentir
Entre possuir,
E entre dezejar.

Ha graõ differença
Entre este só meio,
Querer com receio,
Gozar com licença.
O nosso appetite
Pende da esperança;
Gosto, que se alcança,
Tem o seu limite.
Este estado grave,
A muitos saborozo,
Tratado he penozo,
Provado he suave.
Goze o noivo embora
Suas alegrias,
Que tem muitos dias
Para esta só hora.

Com esta segunda cantiga proseguiraõ os pastores a pratica da primeira, dando muitas falhas, e descontos á felicidade daquelle novo estado, que póde ser que dezejava cada hum dos que contra elle arguia. Porém atalhou a muitas razoens, que de ambas as partes se ateavaõ, a vinda dos filhos de Geriano, que eraõ dous mancebos muito louçaõs, e prazenteiros, e tres moças tam bem parecidas, como galantes, vestidas todas tres de huma côr, e com muito pouca differença nas feiçoens do rosto; posto que a do meio o tinha mais formozo, e a menor mais trigueiro, e esperto. Entráraõ com grande alvoroço; e paráraõ com maior sobresalto, vendo na caza gente estranha, dando primeiro com os olhos em Arcelio, que na gentileza obrigava a affeiçaõ, e no gosto, e representaçaõ a respeito, e cortezia; ellas entam fizeraõ a sua, e querendo passar a outro

apo-

apozento da cabana, o pai as deteve, e lhes disse: Pois vindes da festa, containos della, e naõ estranheis aos hospedes; que gentileza tendes para vos naõ faltar confiança, e elles merecimento para a vossa ficar bem empregada. A isto respondeu a de mais idade, tomando huma côr que lhe naõ estava mal sobre as da natureza: Quem poderá dizer tanto em tam breve tempo? Vimos a noiva formoza, e bem vestida, o noivo louçaõ, os amigos contentes, os competidores invejozos; mas huns, e outros alegres. Houve cantar bem, bailar de terreiro, louvar cada hum tam bom dia; e naõ faltou quem dezejasse aquelle por seu. O Sol apartou o ajuntamento, a noite despedio aos convidados: tornáraõ-se os das aldeas, e cazaes. Deos deixe lograr aos noivos a sua boa sorte, e da nossa naõ se esqueça; e a esta honrada companhia dê boas noites. Dizendo isto a pastora com muita graça fez huma mezura, e se recolheu; e as duas com o mesmo termo a seguiraõ deixando aos hospedes cativos de sua galantaria, e proceder. Feita a cêa, e o mais que era necessario para os dous se agazalharem, comeraõ, e foraõ a repouzar. E na madrugada acordou Oriano mui cheio de sobresalto, e de tristeza, como quem despertando tornara aos perigos, com que adormecera, julgando por grande culpa que elle, tendo tanto que sentir, désse lugar a qualquer genero de repouzo a seus olhos; como que sô para chorar seus males lhos dera a natureza. Levantou-se quietamente, abrio a porta da cabana, sahio ao pé de hum castanheiro, a cuja sombra estava; e de-

depois de imaginar em sua desgraça, começou a cantar seus males desta maneira:

Que he isto pensamento?
Em que estais occupado?
Como vos esqueceu meu sentimento,
Para que descuidado
Em que este espaço breve
Negue a meu bem o que meu mal lhe deve?

Que he das lagrimas tristes?
Os suspiros penozos,
Em que vós em meu damno consentistes?
Como tam ociozos
A meus olhos tivestes,
Neste repouzo injusto, que lhes déstes?

Ah trazei-me á memoria
Aquelle bem perdido,
Em que perdido via minha gloria;
Que naõ póde o sentido,
Que se vio perto della,
Naõ chorar sempre a magoa de perdella.

Mar de perigo cheio,
Que na tormenta esquiva
Enjeitastes o corpo, que aqui veio,
Para que mais naõ viva,
Destas lagrimas quero
Fazer hum mar, em que afogarme espero.

Perigozo accidente,
Em cujos braços morto
Estive hum tempo, triste, e descontente,
Naõ fora melhor porto
Que esta vida o tivera
Aonde a cauza os effeitos conheeera?

Vira Nizarda minha,
Sobre as ondas lançado
Aquelle corpo vaõ, cuja alma tinha;

E

E alli desenganado,
Sem conhecella a vira,
Aonde della, e de mim se despedira.
Cossario generozo,
Para meu mal humano,
Se foste sempre a todos rigorozo
Nas ondas do Oceâno,
Porque, quando me achaste
Já tam sem vida, a vida me deixaste?
Pois todos conjurados
Com o meu fado esquivo
Me tirastes a morte de indinados,
Pois inda agora vivo,
Eu só nesta espessura
Morrendo hei de livrarme da ventura.

Os suaves accentos, e sentidos suspiros de Oriano acordárað a Arcelio na madrugada; que, sem saber quem cantava, esteve ouvindo alguma coiza das magoas, que dizia; e compadecido da cauza, que obrigava a taes extremos, começou a despertar mil ais, e a chamar mansamente a Oriano, cuidando que junto de si o tinha; e, vendo que naõ respondia, por lhe naõ romper o somno se calava de quando em quando. Porém elle, depois que acabou a cantiga, esteve hum grande espaço mudo com os olhos na terra imaginando; e começou a dizer entre si: Que espero daqui, onde os outros vivem? Que coiza me detém entre estes pastores? Se a sua companhia me póde offerecer consolaçaõ, de que me serve? E se a destes dous companheiros me póde ensinar caminho, para que o quero, pois perdi o principal, onde esteve acertar a ventura? Quero-me ir, e deixallos? faço descortezia: mas que

mon-

monta? cuidaõ que eſtou ſem juizo? pouco erraõ: que hei de perder que ſinta, tendo perdido tudo o que podia ſentir? Eſte nobre eſtrangeiro, que com tam boa vontade ſe compadece de meu mal, que dirá de minha ingratidaõ? Se ama, perdorá facilmente os deſatinos de hum deſeſperado: e ſe naõ tem amor, para que quero eu credito com peſſoa, que naõ ſabe delle, e de ſeus poderes? Quanto mais que a morte, que eu eſpero para remedio, aqui ma naõ querem dar, ſegundo a boa vontade que me tem. Que he iſto, meu cuidado! tantas contas ſobre bens tam perdidos! A Deos, opiniaõ; que, porque ereis coiza minha, vos naõ quero. E dizendo iſto abrio manſamente a porta da cabana para tomar hum bordaõ, em que deſcançara o caminho do outro dia: mas foi ſentido de Arcelio, que atinando que podia ſer elle o que cantára; ſe levantou; e hindo atraz delle vio a Oriano que ſe hia alongando para fóra da aldea; mas com brados, e palavras o deteve, até chegar a elle; e o fez tornar para a ſua pouzada, temendo que ſua deſeſperaçaõ o levaſſe a perder a vida. Elle ſem dizer alguma palavra, nem dar diſculpa a ſeu erro, com as lagrimas nos olhos ſe veio com elle. Arcelio ſe acabou de veſtir, e tomando-o pela maõ o levou outra vez ao pé do caſtanheiro, que eſtava fóra; e lhe começou a dizer deſta maneira = Tem-me magoado de tal ſorte os extremos de teu ſentimento, que ſem ſaber da cauza mais que iſto, que em ti obra, te ajudo a ſentir eſſa dôr quanto he poſſivel: porém que em galardaõ deſta amizade fujas de mim, que razaõ o conſente? ſe a

triſte-

tristeza te aconselha que naõ queiras companhia, sabe que a minha he de hum triste tam mal afortunado, quanto tu o pódes ser em tua desgraça. Conta-me o discurso della, choremos ambos; fartaremos de lagrimas aos coraçoens, dartehei o meu para te animar nesse tormento, e aceitarei o teu para o ajudar a sentir o que padeces: dize-me que queres, para onde foges, e a quem buscas: lembra-te de ti, e de quaõ pouco remedio tem a dôr que se naõ communica: fala, suspira, queixate, dize mal da sorte, naõ accrescentes o damno com emmudecer, pois o pódes aliviar com falar comigo, em quem acharás segredo, affeiçaõ, verdade, e pouca ventura. = *Ai amigo* (disse elle com hum grande suspiro) perdoa-me; que bem sei o que te devo, e o mal que faço; porém naõ estou em estado de obedecer á razaõ: deu-me a fortuna grande golpe, estou ainda sem tino, e a ferida fresca; quizera morrer della, e naõ posso, porque me naõ deixaõ perder a vida meus males, que a querem ter para me atormentarem sem fim neste cuidado: quizera-te dizer os principios delle, e o transe em que me poz; mas nem eu estou com juizo para o fazer, nem o tempo, e o lugar saõ desoccupados, que já a gente da aldea se levanta, e ouço na nossa pouzada rumor: deve ser que o senhor della, como ouvio os gallos, acordou a acodir ao seu exercicio como bom pastor: porém te affirmo que poderaõ muito comigo tuas palavras, pois te respondo, e me detenho; o Ceo por mim te pague esta boa obra, e te descance; pois es queixozo, quero-me ir daqui comtigo: porém naõ dezejára mais companhia. Eu (lhe disse Ar-

celio)

celio) tambem vinha sem ella: o Pastor, que comigo viste daqui se ha de tornar, naõ tenhas delle pena: e obedece ao tempo, e á razaõ; como entendido naõ acabarás a vida como desesperado. Nesta pratica gastáraõ os dous estrangeiros a madrugada, até que a vinda do dia, o canto das aves, e levantar dos pastores, os estorváraõ della com muito pezar de ambos; que as boas horas de hum triste saõ as que gasta em falar de seus males.

Discurso Setimo.

Levantou-se o hospede, despertou sua familia; e o Pastor que viera em companhia de Oriano, deu por todos as graças do gazalhado, e cortezia: e tomando o çurraõ, e cajado mostrou que queria caminhar; mas o velho o deteve, dizendo-lhe que se naõ apressasse tanto; que aquelle dia era de guarda, e que havia festa na aldea; e que hum de seus companheiros vinha ao parecer debilitado; que bem seria que alli descançasse até outra manhã. Naõ era para enjeitar (respondeu elle) esse bom dezejo; mas o negocio, a que vou me naõ dá lugar a tam larga tardança: os companheiros, que atéqui trazia, podem lograr esse bem, porque eu vou traz de outro, que vai mui desviado do seu caminho. Com isto se despedio de todos; o que Arcelio, e Oriano naõ estimáraõ pouco, e ainda que tambem dezejavaõ caminhar aquelle dia, por naõ serem ingratos ao bom rosto do hospede, e aos rogos dos seus filhos que lho pediraõ muito, se detiveraõ; que hum animo nobre mais se obri-

ga

ça da cortezia alheia, que da vontade propria. Passárao a manhá com alegres vistas, porque a Igreja da aldea estava fóra della, hiao as Serranas, e pastoras enfeitadas, os pastores louçaós, e rizonhos, tudo erao mezuras, voltar de olhos, falar com tençoens, rir com graça, desdenhar com arte, em todos se enxergava alegria; que tambem os tristes de propozito, a cazo se alegraó. Todos os da aldea punhaó os olhos nos dous estrangeiros, a alguns pareciaó bem, e a muitos cauzavaó inveja; porque além de que contenta mais o que de novo apparece, que o que se costuma a ver em muitos dias; os dous tinhaó tantas partes, que sem esta razaó a faziaó por si para serem louvados. Comeraó com o velho, e seus filhos: e ainda estavaó á meza quando já soavaó pela ribeira frautas, tamboris, e outros instrumentos alegres, que aos mancebos alvoroçáraó, e ao velho fizeraó que désse as graças mais de pressa; foraó todos para aquella parte, e logo apôs elles as filhas do velho, que eraó as mais vistas do lugar; e achàraó os moradores delle á sombra dos arvoredos, e á vista da ribeira, que de suberba, e contente, vendo-se tam bem acompanhada mostrava o rio com mais agradavel movimento, encrespando as aguas de prata sobre os lavados penedos. Cheio pois todo o valle de guardadores, e pastoras, que para huma, e outra parte faziaó alegres terreiros: os mais se vinhaó chegando para onde Arcelio, e Oriano se assentáraó (que naquelle tempo se mostráraó esquecidos de sua tristeza, por agazalharem com a boa sombra de seus rostos, aos que com tam bons coraçoens os recebiaó.)

Estan-

Estando todos assim juntos, se poz em meio delles hum Zagal vestido de azul claro com o çurraõ de hum manchado cordeiro, e hum bastaõ de torcido azambujeiro; elle bem proporcionado do corpo, do rosto naõ muito branco, a que ainda escassamente ameaçavaõ as primicias da barba: e em chegando disse que desafiava a cantar a todos os da companhia, e offerecia em premio à quem o vencesse hum retrato que tinha de huma mui linda pastora daquella aldea, com tal condiçaõ, que senaõ havia de ver o premio sem se acabar a contenda, e se alcançar o vencimento. Começáraõ a falar todos huns com os outros vendo-o tam atrevido: e as pastoras deitavaõ juizos sobre cujo seria o retrato. E em quanto durava em todos este enleio, lhe respondeu hum pegureiro chamado Neoro (que lhe hia na competencia alguma coiza) Como he certo que naõ queres muito ao dono desse retrato, pois es tam afoito em o perder, tu o poens em preço a quem cantar melhor, e o fazes tam mal, que mais deves de pagar a quem te ouvir, que a quem te vencer. Hora (respondeu o do azul, cujo nome era Lorino) boa sorte fiz, que entre tantos pastores, a quem desafiava, me sahio hum ninguem em quem naõ cabia falar sempre o que naõ sabe, he a maior certeza, e para mim foi agora a maior mofina. Boa está a tua confiança (tornou Neoro) mas se o retrato naõ he melhor, que ella, ainda te enjeitarei a porfia; naõ sei se por tal o tens escondido: mas o que eu cuido he que se esconde de envergonhado de estar em teu poder: e se he assim, eu a despenarei muito depressa.

pressa. Por isso comecemos a cantar, que naõ acerte a enrouquecer de falar comtigo. E pois estes dous passageiros aqui se acháraõ, elles sejaõ os juizes da differença. A estas palavras respondeu o primeiro tocando a sanfonha; e disse.

Lorino. *Retrato, que ainda assim desconhecido,*
E encoberto venceis todo o dezejo,
Como serei de hum rustico vencido
Eu, que vos trago na alma, onde vos vejo?
Porque elle pague a culpa de atrevido,
De nescio, de enganado, e de subejo,
Fazei que ambos vençamos neste posto,
Eu com a voz cantando, e vós com o rosto.

Neoro. *Retrato (se o vós sois de huma pastora,*
Que está nessa maõ vil mal empregada)
Razaõ de me ajudar tendes agora,
Porque do seu poder sejais tirada;
Que essa voz, que vos canta, e vos namora,
Ouvilla só podeis preza, e pintada;
Que, a ter alma, razaõ, vida, e sentidos,
Nem lhe dareis favores, nem ouvidos.

Lorino. *Se eu descobrir o rosto peregrino,*
Que trago (e com razaõ) dissimulado,
Logo se ha de render este mofino
A meu canto, e querer, e a meu cuidado:
Mas porque maior seja o desatino,
Depois de estar aqui desenganado,
Resguardo este retrato, lindo, e bello,
Que, vencido por mim, morra de vêllo.

Neoro. *Este enganado, e mizero vaqueiro,*
Que, para vos perder, vos traz á praça,
Naõ he no seu cantar tam ventureiro,
Nem do favor, que tem da vossa graça;
Nem espera igualarme no terreiro,

Aon-

Aonde vos trouxe dos outros por negaça;
Mas vem manifestar que naõ merece
Essa pintura, só que o favorece.
Lorino. *Nunca a meu gado a herva lhe aprovei-*
E lhe empeçaõ as aguas deste rio, (*te,*
Na sezaõ de queijar falte-lhe o leite,
E naõ nos aquente o Sol no tempo frio,
O meu Touro marel vaccas enjeite,
E mosque sem parar no secco estio,
Se a este rustico já naõ dá quebranto,
Como inveja, de ouvir este meu canto.
Neoro. *Algum raio ameasse à minha vida,*
E de morrinha o gado me pereça;
Naõ me aproveite o somno, nem comida,
E de raiva o rafeiro me adoeça;
A planta, que eu puzer verde, e crescida,
Nem medre, nem dê fruto, nem floreça,
Se quero outra victoria deste tosco
Mais, que tirar-lhe o bem de estar comvosco.
Lorino. *Já esmoreceu o rustico cantando;*
Falta-lhe a voz, e alento; desatina,
E a sanfonha tambem de quando em quando,
De se ver na maõ fraca, desafina.
A meu suave accento, e verso brando
Tudo se rende, já tudo se inclina:
Confessa, pegureiro, a minha gloria;
Que pouco alcanço eu só nesta victoria.
Neoro. *Já dessa rouca voz desentoada*
Se estaõ rindo os pastores, e pastoras:
Nem tu sabes tanger, nem cantas nada;
Antes parece estando que já choras.
Deixa, deixa a pastora, que pintada
Te naõ póde soffrer já tantas horas;
E mais honra te fora, e mais barato
Dar sem affronta, e muzica o retrato.

De-

Depois de huma, e outra cantiga que naõ cauzou pouco rizo, e alegria nos ouvintes, esperavaõ os dous com igual confiança o que os estrangeiros julgariaõ; mas Arcelio, que com differentes cuidados occupava o pensamento, tinha mais os olhos nos movimentos de Oriano, que os ouvidos na disputa dos rusticos pegureiros: mas para remediar com elles o seu desattento lhe disse: Primeiro que julgue a duvida do vosso canto, me haveis de tirar de outra em que está a victoria delle, e he que, sem se declarar o vencedor, se descubra o retrato, que juntamente servirá de terceiro para julgar, e de premio a quem o merecer. Certamente (respondeu Lorino) que mais he o retrato para tirar a muitos de seu juizo, que para o dar por nenhum de nós. E ainda que elle á vista de tam formozas pastoras poderá correr perigo, eu sei que naõ ficará menor o seu preço na estima de todas, que na em que eu o tenho em minha affeiçaõ. Dizendo isto tirou do seio hum cendal vermelho, em que estava envolto, e descobrio a mais disforme, e fêa similhança de huma mulher moça, que se podia pintar: porque os olhos, de muito fundos, lhe naõ appareciaõ; os dentes de muito sahidos da boca se naõ agazalhavaõ nella; as orelhas grandes, a boca grande, e delgada, e os beiços brancos, o nariz comprido apertado no meio, e grosso nos extremos, os cabellos grossos, crespos, e negros, e sobre estas partes, o traje alegre, o capirote louçaõ, o toucado galante, e por sima huma letra que dizia:

Esta he minha affeiçaõ:
E, inda que em tal parte a tinha,
Me pareceu como minha.

Foi

Foi tam grande a festa, e rizo dos pastores, e corriaõ com tanto alvoroço huns, e outros a ver o retrato, que se naõ ouviaõ; e todo o valle com os gritos se atroava: porém, depois de hum pequeno espaço, em que Lorino se rio do que ordenára, e Neoro se envergonhou do que queria ganhar, sentados todos ao longo do rio, disseraõ os juizes que em louvor das partes, e formozura daquelle retrato cantassem os namorados, que alli havia, alguns louvores. Todos aceitáraõ a empreza; e Lorino se mostrou a todos agradecido, e logo em louvor dos olhos começou Serralio:

Olhos enganadores,
A cuja similhança Amor tem feito
Settas, e passadores,
Que, para entrar hum peito,
Furiozos, e atrevidos
Dentro no rosto estais como embebidos.
Nada póde escaparvos
Neste posto, onde estais tam importante,
Porque, sem inclinarvos,
Por detraz, e diante
Vedes com porta falsa,
Que mais vos engrandece, e vos realça.
Tam mettidos por dentro
Estais nessa figura, que imagino
Que, por estar no centro
Desse sujeito indino,
Vos daõ todos a palma,
Que vós sós deveis ser os olhos d'alma.
Tam pouco conversais
Com o lugar, que vos tem, que me atrevera
A dizer que morais

Em

Em outra nova esfera;
Porque no vosso posto
Naõ diraõ que sois olhos desse rosto.
A todos dais suspeita
Que, por estar tam longe á vossa vista,
Amor de vós espreita
Para fazer conquista
Nos coraçoens, que rende,
E que de vós cativa, rouba, e prende.
Como de escura cova
Sabe sempre a roubar deste apozento,
Aonde fazendo prova
O mór entendimento
Se humilha, abate, e cega;
Porque de muito fundos vos naõ chega.
Providencia subeja
Mostrou amor em que vos auzentasse,
Tam remotos da inveja,
Porque vos naõ tirasse;
Que assaz fizera agora,
Se vos tirára hum pouco para fóra.
Se cauzaõ mil cuidados
Olhos rasgados, verdes, e pombinhos,
Vós tambem sois rasgados,
Mas por outros caminhos,
Aonde, de muito escura,
Se naõ alcança a vossa rasgadura.
Sois olhos tam altivos,
Que naõ podeis estar postos no chaõ,
Por brandos, ou esquivos;
E por essa razaõ
O amor vos esconde,
Que enterreis coraçoens sem ver adonde.
Sois olhos como estrellas,
Porém tam remontadas, que parece

Que naõ dará fé dellas
O que as outras conhece;
Que, por muito subidas,
Sois na cauda do Cancro divididas.

Naõ pareceraõ a todos pouco engraçados os louvores de Serralio, e com muita festa os gabavaõ huns aos outros, e tambem os dous estrangeiros faziaõ o mesmo; de que elle se mostrou mui confiado. E logo Erino tocando huma frauta primeiro em louvor da boca cantou o seguinte.

He justa razaõ que gabe,
Boca, a vossa perfeiçaõ;
Que amor, querer, e affeiçaõ,
E louvor tudo em vós cabe:
Quem conhecer-vos naõ sabe,
Naõ teme tam grande empreza:
Que vos fez a natureza
Para ser do mundo espanto,
Pois nelle naõ cabe tanto,
Como na vossa grandeza.

Os extremos, que mostrais
Quando esses beiços abris,
Lizos, delgados, sutis,
Brancos como dous cristaes,
Em nada saõ naturaes;
Que até esses dentes bellos,
Por roubarem aos cabellos
A côr castanha, e dourada,
A tem com elles trocada,
E saõ pardos, e amarellos.

E se os outros escondidos
Sómente o rizo os declara,
Vós, boca, de pouco avara,
Os tendes desimpedidos,

Por-

Porque todos os sentidos
Os tenhaõ sempre prezentes,
E os olhos, inda que auzentes
Em tam remoto lugar,
Possaõ, sem se debruçar,
Ver a belleza dos dentes.
Amor, que as almas condena,
Por melhor as conquistar,
Para ensinar-se a tirar,
Que sejais seu branco ordena;
Naõ errará por pequena,
Coiza tam grande, e subida;
Mas a minha alma duvida
Que amor fará mui má troca,
Se á medida dessa boca
Houver de dar a ferida.
Avizo, graça, e saber,
Amor, cuidado, e dezejo
Quando for grande, e subejo,
Em vós naõ se ha de esconder;
Thezouro naõ podeis ser,
Mas sois mina descoberta,
Porque he coiza muito certa
Que, a serem os dentes douro,
Ereis má para thezouro,
Que elles vos tem sempre aberta.

Naõ ficou Erino menos contente do que cantára, do que Serralio estava satisfeito, porque com o mesmo rizo, e contentamento celebráraõ as suas decimas: e ainda naõ cessava a borborinha da gente quando Parcelio cantou em louvor dos cabellos estas oitavas.

Negros cabellos, cuja vista escura
He prizaõ dos sentidos enganados,
Fazer de vós grilhoens o amor procura;

Por isso vos tem grossos, e empeçados:
Materia quiz buscar aspera, e dura
Mais, que o ferro cruel aos condenados,
Para encerrar amantes, e prendellos,
Se por vontade naõ, pelos cabellos.

Se os cabellos dourados transparentes
Deraõ materia branda a mil louvores;
A vós se devem dar mui differentes,
Pois servís mais a amor, e a seus rigores:
Se faz dos louros cardos excellentes
Ao seu arco de vós faz passadores,
Que, como ao Porco espin numa vingança,
Qualquer de vós he setta, dardo, e lança.

Fez cabellos amor para alegria,
Delgados de ouro fino dezejado;
E como sempre em lagrimas se cria,
E he só de tristeza o seu morgado,
Vos tem para a maior malancolia,
Negro, triste, grosseiro, e empeçado:
Naõ sois delgados, brandos, e amarellos;
Porque sois orelhado dos cabellos.

Vós, rosto, em cuja vista desconfio,
Por ser entre taes raios lindo, e bello,
Bem podeis ter seguro como em fio
O coraçaõ, que atardes num cabello:
Fogir de vós ninguem, he desvario;
Que como com hum cordel podeis prendello,
E desde a tésta á boca a quem vos vê
Dareis tratos de corda, e de polê.

Se alguem se vir por vós desesperado,
De hum só cabello vosso se suspenda;
Ver-se-ha em seus dezejos castigado
Com justiça, vingança, e com emenda
Quem cabello chamar crespo enlaçado,
Pelo vosso cabello só se entenda,

Por-

Porque he o laço ſeu tam firme, e forte,
Que ſe póde chamar laço de morte.
Creſpos ſaõ como os tójos da montanha,
Aſperos como ouriços eſpinhozos;
Que ſejaõ matadores naõ ſe eſtranha,
Pois os eſcolhe amor por poderozos:
E eſte parecer tenro, que acompanha
Os ſeus effeitos duros rigorozos,
Moſtra, que he cada hum tam rijo, e groſſo,
Que terá prezo amor pelo peſcoço.

Acabada a cantiga, que pareceu como as demais, eſperando todos quem havia de proſeguir os louvores do retrato, veio deſcendo huma dança de Serranos pelo valle abaixo, que levou os olhos de todos; e fazendo-lhes roda, e terreiro ao longo da ribeira, eſtorváraõ a muzica, e entertiveraõ os prezentes com huma luta o que ficava do dia. E com a vinda da noite ſe recolheraõ, ſem os competidores tratarem do premio que mereceraõ: cada hum foi falando no que melhor lhe parecera da feſta; que o bem dellas he a eſperança que daõ antes de chegarem, e a lembrança que deixaõ depois que ſe acabaõ.

Discurso Oitavo.

DEſpedidos Arcelio, e Oriano da alegre companhia dos paſtores daquella ribeira, a madrugada ſeguinte dando ao hoſpede as graças, e a ſeus filhos, offerecendo as vontades, ſeguiraõ ſeu caminho: e depois de andarem hum grande eſpaço ambos triſtes, e com os olhos baixos, a hum meſmo tempo, como que cada hum delles deſpertára de profundo ſono,

vi-

virando-se os rostos, e levantando os olhos começaraõ a falar, e disse primeiro Arcelio desta maneira: He coiza tam impropria para hum triste a alegria, que, em quanto estivemos naquelle lugar cheio de contentes, me parecia que andava fóra do meu centro: agora tornei em mim, e estou satisfeito de te ver, considerando no teu rosto o teu pensamento: naõ te julguei pelos accidentes com que te vi, que muitas vezes saõ extremos de pouca dura, e de menos verdade; mas contemplo o teu modo tam só, o teu suspirar tam amiudo, as tuas lagrimas tam descuidadas, o teu estremecer tam sem tempo, a tua vista, que, por naõ achar deleite, e variedade nos arvoredos, anda pregada no chaõ, e nelle os olhos infiados, que mais parece que buscaõ sepultura, que descanço nas boninas, e flores differentes, que esmaltaõ esta ribeira. Já que estamos fóra da aldea, e livres de pastores, e companhia, e tu mais esforçado para dar razaõ de teu damno, conta-me os principios delle, e de tua vida; que, se na minha houver remedio para teu mal, o tens muito certo. Generozo Arcelio (respondeu elle, que já da cabana aonde pouzáraõ se sabiaõ os nomes) se te quizer dar conta de meu tormento, naõ chegarei ao cabo com a historia, pelo muito que tenho que sentir em cada parte della: tambem conheço que seria alivio de minha pena manifestálla a tam verdadeiro amigo, que de hum mal, que naõ tem remedio, achára em tua nobreza, e brandura consolaçaõ: porem como costuma o que senaõ atreveu a beber a rigoroza medicina, que de hum trago se quer desapressar do amargo que

va-

vagarozamente lhe fôra martyrizando o gosto; assim te direi de hum apressado salto minha desventura. E encostando-se a hum tronco, que na borda do caminho estava, começou.

Nasci nobre, rico, favorecido da sorte, e natureza, mimozo de amor, e querido de huma formoza ingrata, que agora he cauza de minha morte: a minha pouca idade, e o engano, e força de parentes, que me regiaõ, tirárão a gloria de ser seu, cuidando que a minha boa ventura estava em fogir das alheias. Ella os desenganou a elles tomando em mim a vingança; deixei de servir a quem me amava, porém naõ já de querer; mas ella, em lhe dando lugar o meu descuido, tratou de me esquecer com maior razaõ da que eu tive de me apartar de tam doce cuidado; perdi meu bem, porque a bonança dos que lhe deu a fortuna, castigou minha fantazia: seguindo o que antes deixára, na maior desesperaçaõ achei o que perdera onde no maior contentamento me derribou de todo o desengano; roubaraõ-me de meu bem, e eu fiquei sem vida. E dizendo isto, como se se perdera, se deixava vir a terra esmorecido, se naõ encontrára logo os braços de Arcelio, onde despertou ao som destas palavras, que elle lhe dizia: Perdoa-me o mal, que te fez o meu dezejo, que, ainda que bem nascido, foi mal considerado: nem estás ainda para dar razaõ de teu mal, nem para eu te entender o que delle me contas; que, pelo abbreviar, o escureceste. Descança, e seguiremos nosso caminho; e sabe que o que levas em teus cuidados he mui arriscado para a vida. Naõ trato de te aconselhar agora; porque está

fra-

fraca a tua paciencia para remedios asperos, como saõ os da razaõ nos males nascidos de amor. Naõ te espantes (tornou Oriano) de me ver tantas vezes derribado de meu desgosto, que, como cahi de mui alto, cada hora, que renovo na lembrança o lugar que tinha, tórno a perder o lume dos olhos, e a ficar vencido aos pés da fortuna. Nestas palavras se detiveraõ hum pouco, até que tomando alento tornáraõ a caminhar por hum carreiro, que os levou ao longo da ribeira: e indo entre huns saúzes, e amieiros muito bastos, que ficavaõ da parte do rio, ouviraõ tumulto, e vozes differentes de gente, que vinha andando para elles: detiveraõ-se por ver o que era, e viraõ quatro ou cinco pastores já de idade, que traziaõ entre si preza a huma pastora moça, e muito bem assombrada; e apoz estes vinha huma velha, e hum zagal, que lhe traziaõ o çurraõ, cajado, e capirote, e com as lagrimas nos olhos a vinhaõ seguindo: a velha mostrava ser mãi delles ambos, como na verdade o era. Chegando huns aos outros, os dous companheiros os saudáraõ, e disse Arcelio: Peçovos, pastores, por cortezia que me digais o porque levais preza essa pastora, e taõ mal tratada, que naõ sei se será tam grande a sua culpa, como he a vossa crueldade. Ao que respondeu hum dos que a traziaõ: Sabei que esta pastora he muito parenta de todos os que a levamos; e porque endoudeceu por amores, e fala á conta da sua teima mil desatinos; e tememos que faça algum, com que perca a vida, a levamos atada desta maneira até a pôr em lugar, onde curem della. Com a sua doudice

dice (tornou Oriano) estais vós todos bem enganados ; que só hum sizudo sabe perderse por amores ; que se com elles se perdera o juizo , se escuzára grande parte do sentimento. Aconselho-vos eu que a deixeis ir livremente ; porque nem contra amor bastaõ forças , nem ha outra prizaõ mais forte que a sua : o remedio era o contrario do que vós lhe applicais ; que nunca se accende mais o amor , que quando o querem atalhar. Boa he essa razaõ (respondeu o pastor) mas se tu ouvisses as doudices , que ella diz , e os maus pezares , que quer fazer de si , e de todos , naõ foras ensinarnos esse caminho : porém se o teu naõ he desviado , vai em nossa companhia , e ouvirás. Entam se offereceraõ ambos para os acompanhar ; e ficando-se hum pouco mais atraz disse Arcelio : Certamente , companheiro , que vamos entre estes pastores arriscados , porque se elles atam a quem por amor endoudece , que faraõ , se nos conhecerem ? ou que faremos nós para dissimular nossos desatinos ? Nunca cuidei (tornou Oriano) que endoudecer por amor era culpa , pena sim , e que em mim se executou já com todo o rigor. Destas naõ me espanto , porque estranhaõ , e castigaõ os effeitos da cauza , que nunca conheceraõ : porém vejo esta douda mui sizuda , que naõ fala : cheguemos perto a ella , e perguntemos-lhe alguma coiza do que sente : e hindo adiante perguntáraõ a hum que teima era a daquella sua douda , com que lidava mais. A maior contina que tem (disse elle) he andar cantando , e quando o naõ póde fazer , diz trovas , e versos namorados , contra hum pastor , que traz hum grande tempo

de cuidados a desenganou. Emfim (disse Arcelio a Oriano) que na opiniaõ destes a muzica he doudice, e fazer versos namorados; rusticos ha que, o naõ parecem, e tem o mesmo parecer destes Serranos, e saõ doudos por saber fazer isto mesmo que condenaõ: o que me parece mais certo, he que saõ bastante cauza para endoudecer desenganos: signaes vou achando de meu mal, mas estou a elle mais affeiçoado, que ao remedio que estes Serranos lhe buscaõ. A pastora a este tempo voltou para elles o rosto, e disse: Venhais embora, que até esta me levavaõ sem companhia; favorecei-me contra estes nescios, que cuidaõ que he doença endoudecer por amor, sendo nelle o entendimento o mór perigo de todos. Parece que nos conheceu (disse Oriano) e ella proseguio dizendo com hum suspiro:

Quem de amor naõ endoudece
Mui pouco sente de amor;
Que o que sabe amar melhor,
Menos sizudo parece.

Ouvindo-a Arcelio disse para os pastores: Certamente, amigos, que podeis com mais razaõ estimar esta pastora por discreta, que tratalla mal por desasizada, porque fala tam bem, que naõ merece ser julgada tam mal. Ao que a douda respondeu:

Essa razaõ natural
Nas leis de amor naõ convém;
Que falar no mal tam bem,
He naõ sentir bem seu mal.

Folgára de saber (disse Arcelio) se vos queixais de alguem fóra destes enganados pastores, que vos levaõ preza. E ella disse:

Quei-

Queixo-me de minha estrella
Pela cauza que me deu:
Darme hum sizo só de meu
Para se perder por ella.

Se da ventura naõ tendes mais que esse queixume (perguntou Oriano) de amor quaes saõ os que fazeis? E ella respondeu:

Naõ tenho de amor queixume,
Nem da sorte o quero ter;
Que elle uzou de seu poder,
E a sorte de seu costume.

Se da ventura naõ tendes mais que esse queixume (perguntou Oriano) de amor quaes saõ os que fazeis? E ella respondeu:

Naõ deveis estar mui saõ
Do mal, que me desatina;
Que eu sou douda por mofina,
Naõ sou douda por razaõ.

A estas palavras se atalhou cada hum dos dous amigos; e olhando hum para o outro, contentes de tam boas repostas, e magoados de tam mau tratamento, disseraõ aos Serranos: Mal empregada he qualquer pena em pastora tam bem entendida: e pois a naõ podeis livrar do seu desatino, naõ lhe deis o tormento de a trazer em prizaõ. E a douda lhes disse:

Se quereis rogar por mim,
Em vaõ vos cançais, pastores;
Que a culpa tem meus amores,
Naõ já quem os trata assim.

Pois naõ temos prezente quem vos offendeu (lhe disse Oriano) para lhe dizermos quanto errou, e como empregou tam mal a sua esquivança, e desengano; eu daqui o praguejo, e julgo por agreste, e indigno de vossa affei-

çaõ;

ção; que, por estar tam mal empregada, vos estava bem nella huma mudança. Ao que ella tornou:

He tyranno, e desigual
Este, a quem eu quero bem;
Mas com quantos males tem
Lhe naõ venha nenhum mal.

A este tempo chegáraõ os Serranos com ella a huma subida, onde lhe pareceu bem deixarem-na que descançasse; e sentando-se todos ao rodor de huma pequena fonte, que ao pé da ladeira estava, beberaõ da agua; e a pastora encostando-se a hum penedo começou a cantar, e os Serranos a lhe tapar a boca, até que a rogo de Arcelio a deixáraõ, e proseguio na maneira seguinte.

Serranos, pegureiros, e pastores,
Que livres de affeiçaõ, e de cuidado,
Tam pouco conheceis do mal de amores.
Em quanto na ventura desse estado
Vos naõ compadeceis com peito humano
De hum mal, só por mal meu, taõ mal julgado.
Ouvime agora delle o desengano,
Que já, por experiencia conhecida,
Sei delle muito, e tudo por meu damno.
Naõ quiz amor por tal tirarme a vida;
Que, ainda que he o mal sem piedade,
A morte, que elle dá, sempre he fingida.
Rouba o juizo, e rouba a liberdade;
E fica-lhe devendo, o que padece,
Dar males tam conformes á vontade.
Ditozo o que de amores endoudece;
Que he a pena menor, que a menor gloria,
Que a seus favorecidos acontece.
E inda que o triste fim da minha historia

Vos

Vos move a tam estranho sentimento ,
Perca eu o sizo , e fique-me a memoria.
Que a lembrança de hum só contentamento
Basta para vencer a furia grave ,
E dar gosto , e sabor ao mór tormento.
E como o mal de amor he tam suave ,
Saõ suas queixas hymnos , versos , canto ,
Porque elle só das Muzas tem a chave.
Se tormento me dais com rigor tanto ,
Porque amo , porque falo , e porque sinto ,
De vós naõ sei queixarme , nem me espanto.
Se neste cego , e doce labyrintho
Nem as razoens acérto concertadas ,
E em meu proprio mal venho , e consinto.
He porque me perdi ; e inda as pizadas ,
Por onde entrei , ficáraõ na lembrança
Com gosto , e sentimento debuxadas.
Nem de querer sahir tenho esperança ;
Porque em todos os males , que padeço ,
Imaginar na cauza me descança.
A pena , que me dais , naõ na mereço ;
Mas nem sei estranhalla , nem a enjeito ,
Nem os principios della desconheço.
Fique Amor de meus males satisfeito ,
Que eu o sou da doudice , e desatino ,
E dos que á conta della me tem feito.
Mas ai ingrato , em quem sempre imagino ;
Que só com hum desengano rigorozo
Pagaste hum firme amor , grande , e contino !
De ti me queixo , falso , e mentirozo ,
Perjuro , enganador , leve , inconstante ,
Vil , barbaro , cruel , fero , enganoso.
Leva esta vida já , ingrato amante ,
Pois levaste com o sizo o melhor della ;
E de te ver fogir ninguem se espante.

Pois

Pois te naõ tenho a ti, naõ quero tella;
Que eu ta dou por meu gosto livremente,
E com dezejo estranho de perdella.
Naõ temas que por minha te atormente;
Que, inda de teu favor desenganada,
Fio que em só teus olhos se sustente.
Douda me tens por ti desesperada,
E douda por chegar ao mór extremo
De huma fé tam leal, tam mal pagada.
Foge de mim, cruel, á véla, e remo;
Mas leva esses despojos que me deixas,
De que, por serem teus, tanto me temo,
Como tu de meus ais, de minhas queixas.

Ainda os Serranos a naõ deixavaõ acabar estes queixumes com a pressa com que a queriaõ levar, e Oriano estava tam enternecido delles, que com Arcelio se determinou em a livrarem daquella prizaõ. Mas considerando os inconvenientes, que podia haver contra seu intento, a foraõ acompanhando até o seu lugar, aonde a mãi, e irmaõ a recolheraõ em caza; os Serranos se ficáraõ nas suas, e os dous amigos seguiraõ seu caminho mais espantados dos concertados amores, e desatinos que a pastora dizia, que do mau termo que os seus com ella uzavaõ; porque onde amor naõ he conhecido, naõ he estimado; e quando os seus effeitos saõ tam estranhos, naõ podem parecer naturaes a quem os naõ entende.

Discurso Nono.

FIcou a pastora entre os parentes, que bem mal o pareciaõ. Arcelio, e Oriano deixáraõ a aldea, e seguiraõ seu caminho, hum com

com o sentido em quaõ alongado estava da Ilha de Nizarda, aonde lhe fazia muitas invejas Leontino: o outro, a quem naõ faltavaõ pensamentos, hia nelle embebido. Caminháraõ até huma fonte, que descia da altura de huns penedos cobertos de hera, e fazia hum fundo seio, debaixo de dous copados carvalhos, que a cobriaõ com gracioza latada de videiras, que por riba os igualava, e faziaõ huma grande sombra sobre a verdura. Sentáraõ-se ambos alli, com tanta necessidade de repouzo, que sem chegarem junto da agua se recolheraõ debaixo dos primeiros ramos, e começáraõ ambos a falar, cada hum no que sentia, e Arcelio disse para o companheiro: Naõ ouzo a te perguntar de teu successo, e como tam desamparado de forças vieste ter áquella montanha aonde te achei, porque vi o muito, que te custou querer começalla: se agora te naõ dá tanta pena, receberia eu contentamento de te ouvir, para que com a confiança, que de mim fizeres, eu a tenha em te contar a minha vida, que a naõ tenho mais que quando me queixo de meus damnos, e esses naõ fio atégora senaõ dos montes, e valles, que me naõ sabem consolar, nem responder. Ainda que os males (tornou Oriano) igualmente atormentaõ, menos duros saõ os que communicando-se recebem alivio, posto que os defenda o segredo, que os que se calaõ. Porém aos meus nenhum remedio val, que contados crescem, consolados se affinaõ, e calados mataõ. Agora (respondeu Arcelio) me cresceu o dezejo de saber a condiçaõ de teus cuidados, porque parece que falas dos que eu sinto, ou doutros mui parecidos a elles; por-

que

que a memoria me tira a vida , e o desengano a esperança , de sorte que em qualquer destes damnos , o queixar naõ he alivio , e o emmudecer dá dobrado tormento. Eu (disse Oriano) como já me ouviste , tive bens de amor , e da ventura ; ella mos roubou , elle mos tornava a restituir , se ella naõ fôra ; e quando o tempo me desenganou , me ficou a vida para castigo. E eu (disse Arcelio) soube dezejar bens , e pertendellos ; deraõ-me esperanças , gozei favores , tive ciumes , offendi com suspeitas , acabei desenganado. Hora (disse Oriano) differentes saõ os nossos cuidados na occaziaõ : porém no fim a hum igual extremo nos vaõ chegando. E para que saibas o estado dos meus , e o em que vim ter áquella montanha , te direi a minha historia. Entaõ lhe contou dos principios de sua mocidade , os amores de Nizarda , a sua despedida , o seu desterro ; o que lhe aconteceu no mar , como se salvou , e veio no navio de Federico ; a amizade , e amores de Leontino , o como o deixàra na occaziaõ de desembarcar : a carta que tivera , como os cossarios o cativáraõ , o como se apartou delles naquella sahida , e caminhára toda a noite , e tam falto de forças , e alento , parára onde elle , e o pastor o acháraõ esmorecido. Arcelio com grande espanto , e compaixaõ o esteve ouvindo , e sem lhe responder tornára a recordar na imaginaçaõ tam varios cazos , e encontrados successos , tam differentes do que nos principios lhe promettia a ventura. Com as mudanças della começou a consolar a Oriano : e depois que nisto gastáraõ o espaço , que bastava para descançarem , viraõ que se vinha

nha chegando para a fonte hum vaqueiro, com huma vaca diante, e dous novilhos de huma mesma côr, e vinha elle tangendo huma frauta, e cantando com hum rustico modo estas endechas.

Niza, os teus amores
Estaõ tam mudados;
Que diz toda a aldea
Que lhes deu quebranto.
Tinhaõ mil extremos;
Eraõ mui gabados;
De muito pequenos
Lhes deu mal de olhado.
Olhou-te Lucindo,
O dos olhos brancos,
Que saõ peçonhentos
Como caõ danado.
Naõ lhe déste figas,
Deraõ-te cuidados,
A todos suspeitas,
E a muitos aggravos.
Por isso os da serra
Este dia santo,
Quando foi a luta,
Por elle cantáraõ:
Vaqueiro olhibranco,
Naõ olhais pastora
Sem lhe fazer damno.
Elle se tornou
Sobre isto falando
Comigo no monte,
Vindo o valle abaixo.
Mas no mesmo dia,
Ao tirar do gado,
Sentadas na relva

Estavaõ cantando
Tareja, e Gileta
Ao som dos cajados
Huma letra nova,
Que aprendi passando.
E, inda que lhes peze,
Já a dizem no pasto
Té os pegureiros,
Que nunca cantáraõ.
Quẽ co brãco dos teus
Se mistura, (olhos,
Espere negra ventura.
Já se isto cuidava,
Niza, quando ogano
Trocaste a novilha
Pelo seu almalho.
Que ella era dourada,
Com os cornos virados;
E elle boquinegro,
Malhado de branco.
Logo em mau agouro
O tomou Gonsalo,
Que ao lançar da corda
Vinha elle do mato.
Todos os vaqueiros
Disseraõ no prado:
Niza fez a troca,
Lucindo o engano.
Levantáraõ logo
Aquelloutro canto,

Que ao som do rabil
Cantaõ os Serranos.
Já me falta confiança,
Serrana, em vossa promessa;
Que quem por troca começa
Certa está numa mudança.

Vendo o vaqueiro aos dous caminhantes parou como espantado, suspendeu a frauta, e a cantiga: elles o chamáraõ, e o fizeraõ assentar áquella sombra, deixando a vacca, e novilhos que pastando na relva verde se detinhaõ. E perguntando-lhe entre outras coizas onde era o lugar? em quanto elle respondeu com razoens cheias de simplicidade, e graça, Arcelio lhe tinha na maõ outro instrumento de cordas, que trazia. O vaqueiro lhe disse que, pois lançára maõ delle, cantasse ao seu som alguma letra. Oriano tomando por fundamento a petiçaõ justa do vaqueiro, obrigou ao amigo que cantasse: e elle, por lhes satisfazer os dezejos, disse o seguinte.

Ciume ingrato, esquiva rezidencia,
Que toma amor com mór desconfiança;
Que desterrais os gostos da lembrança,
E negais para os males rezistencia.
Extremo, em que se perde a paciencia,
E aonde naõ cabe engano da esperança,
Tormenta a mais cruel na mór bonança,
Mal muito maior mal, que o mal de auzencia;
Pois a tam triste estado me chegastes,
Para que vos mostrais tam rigorozo
Em sustentar amor, vida, e cuidado?
De matar-me acabai, pois começastes;
Que, pois com o bem, que tinha, era queixozo,
Ficarei com meu mal desenganado.

Cantava Arcelio com igual melodia, e sentimen-

timento; e como era natural da sua pena o que dizia, os accentos parece que falavaõ, e assim contentou por extremo a Oriano: e entendendo da cantiga, que o ciume devia ser o maior mal, que o atormentava, lhe disse: Peza-me, companheiro, de conhecer pelo queixume de teus males que tiveste a culpa delles; porque o ciume, e desconfiança mostras que destruiraõ tuas alegrias; e como saõ culpas proprias, e naõ já semrazoens de amor, e da ventura, deves sentir mais o damno, que tu mesmo te fizeste, que qualquer outro, que elles te podiaõ cauzar. Ai, amigo (respondeu elle) que o ciume he natural condiçaõ de amor, e naõ peccado, ou erro de quem ama; do damno, que elles me ordenáraõ, tem a culpa a ventura; e eu padeci a pena dada por maõ de huma cruel, que, sabendo que era nascido do muito que lhe queria, mo deu em culpa para galardoar com desengano a meus pensamentos. Sempre me pareceu (disse Oriano) que o ciume nascia de amor; porém recebe elle tam mal, que nunca hum ao outro se tratáraõ bem; deve ser filho enjeitado seu, pois que todos os amantes se queixaõ delle. Eu lhe ouvi chamar tantos nomes, que naõ soube atinar em qual lhe estaria melhor; porque nenhum delles era o seu; e todos juntos naõ declaravaõ por partes os males que elle só tem, o damno que faz a quem o sente, e a quem o soffre. Hora (perguntou Arcelio) que razaõ ha para que, sendo o ciume nascido do muito que hum homem quer, perca com elle merecimento com sua dama? e, sendo o que ellas mais estimaõ, darem cuidados, desvelarem amantes, e trazerem-

rem-

rem-nos em continua guerra, e em hum soli-
cito desasocego de seus amores, como por hum
ciume lhe tiraõ o merecimento, e esperanças
de que vivia? O que a mim me parece (tor-
nou Oriano) he que em quanto o ciume he
cuidado, e receio de perder a coiza amada,
de a desagradar, de ella o esquecer, de o dei-
xar por elle naõ merecer o bem que alcança,
he termo, que obriga, conserva, & solicita
amor: porém quando o ciume he para descon-
fiança, e opiniaõ de a ter por mudavel, leve,
perjura, e ingrata; e serve mais de espreitar,
e vigiar suas offensas, que do amor leal, sin-
gelo, e verdadeiro; he afronta, que sente mui-
to qualquer dama de preço. E, falando mais ao
claro, o ciume he conforme a natureza de
quem o tem; e os effeitos, que faz, saõ se-
gundo a de quem o soffre: se hum amante he
ciozo sem soffrimento, e em sua suspeita deses-
perado, faz amor insoffrivel, e desterra a affei-
çaõ de qualquer animo altivo, e generozo:
porque o ciume he huma estreita prizaõ da li-
berdade de huma mulher, em que a guarda,
e vigia a desconfiança: saõ tratos rigorozos,
em que sente maior tormento o que os dá, que
o culpado, que os soffre: e posto que te pare-
ce que he natural condiçaõ de amor, naõ ha
quem soffra amor com tal condiçaõ; que as
suas delle saõ querer, e recear; mas a descon-
fiança de hum pezado amante converte a su-
beja affeiçaõ em offensa, affronta, e a escolha
da vontade, naõ ha de obrigar a erros de
entendimento. Bem parece (respondeu Arce-
liò) que tens desta paixaõ pouca experiencia;
que naõ soffre o amor tantas consideraçoens,

e

e miudezas. Ciume he, como eu disse, e tu confessas, condiçaõ natural de amor; e as suas naõ pendem de natureza alheia, senaõ da força do sentimento de quem ama; que quanto he mais, padece maior desconfiança, e tem menos paciencia no que suspeita. He ciume hum fogo que, ateado em qualquer occaziaõ, levanta ardente chamma; e tam espesso fumo, que abraza, e cega a quem está perto delle. E naõ só arde o secco, mas no verde he mais perigozo. As razoens, que me déste, boas eraõ para se ouvirem no tribunal da Razaõ; mas no de Amor está o ciume julgado por furiozo, e assim se trataõ seus excéssos como desatinos; e taes saõ elles como a cauza, de que nascem. Naõ te quero atalhar (disse Oriano) que dizem que ao furiozo se ha de dar o campo; e do teu mal confessas que o he. Só me parece que dous generos de ciumes se naõ compadecem; o primeiro mostrar-se hum ciozo do que ainda naõ alcançou; o outro ter ciume do bem que outro possue; porque hum he impedir o bem, que póde alcançar com pôr leis dante maõ a quem ainda naõ está obrigada a soffrellas: o derradeiro he obrigar a novos preceitos a quem está sujeita aos alheios; e no que outrem goza com liberdade, querer hum amante constituir novo senhorio. Se nesses dous buscas razaõ contra mim (respondeu Arcelio) julgando por alguns signaes meu engano, sedo saberás a verdade; porém o ciume naõ sómente he do que se possue, mas tambem do que se dezeja; e quanto menor segurança se tenha no que ainda naõ se alcançou, tanto maior he o ciume que disso se recebe. E para que em

mim

lhor condiçaõ em naõ ter falado, porque corria alli maior perigo o seu segredo, que ficava mais perto; e Oriano nem queria chegar ás suas aguas com receio: e dalli foraõ caminhando todos com maior pressa, parecendo-lhes que estavaõ perto dos ouvidos da Ninfa; que tanto custa ao acautelado, e secreto o receio com que guarda, e esconde o segredo, como a hum palreiro, e impaciente a força com que o dissimula.

DISCURSO DECIMO.

ENtendeu o vaqueiro dos dous amigos que dezejavaõ de passar a noite naquelle lugar, e que tinhaõ pejo de procurar nelle gazalhado: e como era homem singelo, alegre, e de boa condiçaõ, pedio-lhes que fossem com elle; e offereceu-lhes com boa vontade a pobreza que tinha: agradeceraõ ambos, e aceitáraõ o seu dezejo; levou-os até hum cazal em que morava, abrio-lhes a porta, deu-lhes posse da caza com o rosto rizonho, e pedio que lhes dissessem os seus nomes em penhor do que delles fiava, e licença para acodir ao seu gado, e agazalhar a vacca, e novilhos que trazia. Ficáraõ os hospedes gabando o seu bom modo, e invejando a liberdade, e singeleza da sua vida; e dizia Oriano que daquella tivera sempre dezejo depois que de todo lhe tirára a ventura as esperanças da que primeiro enjeitára; e pedio a Arcelio que fosse adiante com a historia, que ao pé da fonte lhe queria contar, pois estavaõ sós sem lhe impedir o lugar, ou a companhia o segredo de seus amores. Arcelio, ainda que

se

se lhe reprezentàvaõ mil perigos nelle, lembrando-lhe que até as aguas mudas descobriaõ os de amor, naõ lhe pareceu que havia disculpa em se encobrir de Oriano, a quem começou a dizer desta maneira = Sempre se dilata por vontade o damno, que se ha de relatar com sentimento, posto que os sentidos por força o hajaõ de padecer. Dezejo de te contar meus males; sei que em razaõ estou obrigado aos fiar de ti, e conheço o interesse que hei de tirar de alivio, e consolaçaõ, ouvindo o teu conselho: porém a lembrança me he tam custoza, que me faz tornar mil vezes atraz com o que começo. Sabe, amigo Oriano, que eu nasci nas maõs da ventura, e me criei com tantos favores seus, como se por filho de suas obras me conhecera, até que com ellas mais ufano, e arrogante me fez enjeitado de suas mudanças, quando tive occazioens de ser venturozo: faltou-me na tenra idade o conhecimento dos bens (que sempre a sorte, e a natureza se encontráraõ) e quando os conheci, já era inimiga a sorte, que antes me podia servir para terceiro. Hum dia, que eu pela occaziaõ tive por venturozo, e que pelo costume, e veneraçaõ das gentes era de maior sentimento, guiado de minha estrella, que entam despertou, quando todas as do Ceo se escureceraõ, e o Sol faltou com sua luz ás creaturas, vi, para me perder, a mais formoza dama, que segundo meus olhos, creou para espanto da terra a natureza; naõ te direi os extremos, e perfeiçoens que tem, porque ficarei devendo muito á sua formozura, e lhe farei conhecida offensa se a fiar de meus limitados encarecimen-

tos.

tos. Porém, como as coizas grandes saõ pelos effeitos conhecidas, só meus males podem testimunhar a grandeza de sua perfeiçaõ. Ella me obrigou de tal maneira os dezejos, e a liberdade, que a naõ tive mais para ser senhor do meu proprio pensamento. Foi crescendo o amor, despertando cada hora mais o meu cuidado; só me desvelava em buscar, e fingir occazioens para ver, e poder falar á formoza Celia; que este era o seu nome. Succedeu que pela occaziaõ de hum mal alheio, a que ella estava prezente, tive tempo, e lugar de a ver de mais perto; e me vi ante seus olhos em tal estado, que, perdendo o respeito á razaõ, estive em commetter hum desatino, com que dera signaes de minha doudice, e de seus poderes: e ainda que me valeu o entendimento, se conhecera facilmente a minha determinaçaõ, se naõ levára os olhos de todos os que estavaõ prezentes a vista de huma ferida mais sanguinolenta, e menos perigoza, que a que eu tinha no coraçaõ: sahi deste segundo encontro impaciente, abrazou-me o Sol de mais perto. E como o animo me naõ consentia descanço, buscava, e revolvia tudo para que ella soubesse de minhas palavras o que já tinha entendido dos meus olhos; e com traças cheias de subtileza, e de cautella, ainda que com temerarios atrevimentos, lhe dei a conhecer minha affeiçaõ, a qual ella mostrou que naõ desprezava: deu-me favores em sua vista, e longes em minha esperança; tomava os meus recados, satisfazia com palavras a meus queixumes, estimava meus extremos, naõ despedia de seu serviço meus dezejos. Este foi o mais ditozo estado,

do, que tive em meus amores. Passárão no discurso delles, tempos, que entam tive por inimigos, e agora conheço que erão venturozos; neste atalhou meus bens hum mal nascido ciume, de que agora me queixo; huma injusta desconfiança, que me mata; hum engano inimigo, que me chegou aos mais rigorozos desenganos. E assim te affirmo, Oriano, que só eu, pelo que me custárão ciumes, poderei devidamente declarar seus effeitos; que como hum homem, que, descuidando-se de si, enleou a vista, e turbou o juizo, que tropeça, e cahe no caminho chão; que se lhe representão de huma coiza muita, que na claridade se lhes mostrão sombras, na terra estrellas, e no Ceo arvoredos; assim costuma elle a deixar quem experimenta sua furia: e sendo em mim igual o ciume, e o amor que tinha, se não via a Celia, acabava; e aonde a via, os ares se me affiguravão pessoas, que olhavão; a sombra, que na terra fazia, era outrem que a acompanhava; as meninas, que nos seus olhos via, se me representavão imágens, que do coração lhe vinhão a apparecer nas janellas delle. Dezejava escurecer ao Sol, que com seus raios a tocava; e entam me parecião verdadeiras as fabulas, que de seus amores se escreverão. Tinha odio ao que lhe levava meus proprios recados, com inveja de saber que havia de vella de mais perto. Nesta continua pena hia vivendo, sem ella entender que a padecia, posto que do meu grande amor soubesse a certeza. Hum aziago dia, ou, para melhor dizer, mal afortunada noite, contemplando eu aquelles apozentos em que vivia quem me matava, transportado na ima-

imaginaçaõ do que meu bem a taes horas faria, por meu mal me pintou o ciume huma sombra enganoza, que nos olhos trazia, e huma voz que affigurava a de Celia nos meus ouvidos: tornei-me furiozo do que cuidava, arremetti ás fantasticas sombras, e com as paredes; e naõ ficar meu desatino conhecido devo ás mesmas sombras da noite, que o esconderaõ. E como naõ fiquei capaz de ter em segredo minha desconfiança, escrevia-a Celia o que sonhara, formando da minha suspeita a sua culpa. Ella mais offendida de meu erro, que obrigada do amor donde nascia, esqueceu a pequena affeiçaõ, que dantes me tinha; cerrando as portas a meu costumado atrevimento, desenganou de todo minha profia. Eu desesperado, e já do mal, que fingi, mais duvidozo, que era outro novo ciume, que contra mim formava, vendo de meu amor demaziado o cruel castigo, e delle, e de meu mal o desengano, deixei a propria caza, auzentei-me do povoado, por naõ dar a conhecer a muitos minha desgraça. Ha alguns dias, que ando por estes montes; e a primeira companhia, que nelles tive, foi a daquelle pastor, com que me viste na montanha, que de nós se apartou no lugar onde repouzamos: porque, deixando os criados, que me acompanhavaõ, só comigo queria passar meus males, nos quaes tenho agora por alivio, e consolaçaõ verdadeira a tua amizade: e estimara poder lograr mui largo tempo tal companhia; mas he elle tam inimigo meu, que te ha de levar traz teu dezejo, e deixar-me desenganado com meu tormento. =

Naõ tinha Arcelio bem acabado de contar

o

o que ouvistes; quando chegou o vaqueiro, que com grande alvoroço, e alegria vinha acompanhado doutros seus amigos para festejar os hospedes, que deixara em caza. Entrou diante, saudou-nos com boas noites, e disse: Já quiçais estareis queixozos de minha tardança; porém ma haveis de perdoar com tam boa vontade, como eu a tenho de vos dar prazer: e porque vi sem elle a este mancebo, que na fonte cantou a sua historia, busquei estes meus companheiros que vos fizessem o seraõ alegre. Nisto entráraõ traz elle tres mancebos, rusticamente vestidos, e hum Serrano de mais idade, com rabeca, frauta, sanfonha, e castanhetas; e com palavras mais verdadeiras, e singelas, que concertadas, e polidas, lhes fizeraõ cortezia, e se lhes offereceraõ. Sentados na estreita caza, hum deu ao vaqueiro hum pequeno tarro de cortiça cheio de natas, o outro dous queijos frescos entre muitas boninas, e os dous algumas frutas, e flores da montanha. Arcelio, e Oriano lhes deraõ agradecimento de suas boas vontades, e se mostráraõ com elles tam alegres, como todos vinhaõ: alli temperados os instrumentos, cantou hum delles primeiro esta cantiga.

Disse Ignez que me queria
No tempo, que me enganava;
E eu queria, ella zombava.

Deu-me mostras, e signaes
Que me amava de verdade;
Cativou minha vontade
Para assim querer-lhe mais.
Cuidei que eraõ naturais
Os extremos, que mostrava,
E eu queria, ella zombava.

Era

Era eu de mim tam contente;
Que a mim mesmo tinha inveja;
Que o que muito se dezeja,
Logo se vê facilmente:
E ella era tam differente,
Que em tudo, o que me tratava;
Eu queria, ella zombava.
Foi-me assim zomba zombando
Vencendo por graça, e rizo,
Sem nunca me amar de sizo:
O sizo me foi tirando;
Fiquei doudo, como quando
Pelo amor, que me mostrava;
E eu queria, ella zombava.
Diziaõ-me os guardadores:
Olha bora por ti, Joane;
Deixa Ignez, e naõ te engane,
Que ella tem outros amores.
Cuidava que eraõ melhores
Os que comigo tratava,
E eu queria, ella zombava.

A esta letra deraõ os vaqueiros grande rizada, por ser entre elles a occaziaõ mui conhecida, e levantando-se a bailar fizeraõ algumas mudanças com muita graça. Arcelio, como de sizo sentia todas aquellas similhanças de seu desengano. E logo o segundo dos Serranos cantou ao mesmo modo o seguinte.

Desenganou-me Constança
Depois de querer-lhe hum anno;
Ai, que veio o desengano
Atraz de longa esperança.

De hum dia para outro dia
Mil enganos me tratou
Quem cada hora me enganou,

Em

Em nenhuma me mentia,
Acabou-se a confiança,
Depois de querer-lhe hum anno;
Oxalá que o desengano
Viera antes da esperança.
Quem vai fingindo querer,
Sem por obras se obrigar,
Já sei que naõ quer amar,
Porém que naõ quer perder.
O mesmo uzava Constança
Em quanto durou meu danno;
Porém veio o desengano
Quando se foi a esperança.
He muito leve affeiçaõ
A que se vai dilatando;
O querer de quando em quando
He amor de occaziaõ:
Bem se vio nesta mudança
Que era amor de puro engano,
Onde nada faz mór danno,
Do que faz huma esperança.
Por singelo, e confiado,
Pintaõ despido, e menino
A Amor; elle outro he ladino,
E de enganos enfeitado:
Cuidei eu que era Constança
Como as zagalas de ogano;
Mas mostrou-me o desengano
Qual era a sua esperança.

Acabada a cantiga, que naõ menos contentou que a primeira, se tornáraõ a levantar fazendo muitas differenças, e bailes rusticos, e galantes, com as cortezias, e mezuras ao seu modo, de que os dous amigos estavaõ alegres, e

e espantados, e como se tornáraõ a assentar, cantou o terceiro.

Cuidei que Anna tinha amor
Ao coraçaõ, que lhe dei;
Mas com ambos me enganei.

Cheio de pura affeiçaõ
A deixei no seu querer;
Ella deitou-o á perder,
Em lugar de galardaõ,
Julgava eu pela razaõ
O que em seus olhos achei,
Mas com ambos me enganei.

De acenos, e de meneos,
Que os olhos soem mostrar,
Nunca mais me hei de fiar,
Nem dos meus, nem dos alheios:
Via os seus de graça cheios;
Pelos meus a alma lhes dei,
E com ambos me enganei.

Minha dona me contava,
Quando eu era no louvor,
Com amor se paga amor;
E eu quiçais que assim cuidava;
Cuidei que Anna me pagava
O querer, que lhe mostrei;
E com ambos me enganei.

A fóra outras, que naõ falo,
A Luzia, e Magdalena
Deixei no lugar por ella;
Que hei vergonha de contallo;
Enjeitou-me por Gonsalo,
De quem nunca me velei,
E com ambos me enganei.

Depois que o terceiro acabou esta cantiga, esperáraõ Arcelio, e Oriano que aquelle, que ficá-

ficàra, fizeſſe o meſmo que os de mais: porém elle ao ſom dos inſtrumentos, que os tres tangiaõ, bailou hum vilaõ tam eſtremadamente, que naõ ſó movia a contentamento, mas a eſpanto a todos, por elle ſer de mais idade que os outros, e ter tam eſtremada ligeireza. Sentados pois, diſſe o dono da caza para os hoſpedes: Se da minha vontade, e deſtes ſignaes della naõ fordes ſatisfeitos, eu naõ tenho para o que vós mereceis outro cabedal, ſenaõ eſte que vedes. Eſtes meus amigos, por vos darem prazer, e a mim fazerem graça, vos vieraõ a vizitar: e ſabei que por todos eſtes montes ſaõ gabados de cantar, bailar, e tanger; que nem nas feſtas de Maio, nem nos ſeroens de Dezembro daõ vantajem a nenhum guardador: ſe aqui quizerdes paſſar até o dia Santo, entam os vereis louçaõs, e vos moſtrarei as Serranas mais gabadas da aldea. Ao que Oriano reſpondeu: Por certo, amigo, que eſtamos tam obrigados do teu dezejo, que o naõ podemos pagar em nenhum eſtado, quanto mais neſte, em que a fortuna traz a cada hum de nós tam queixozo de ſuas obras: porém a todo o tempo que em alguma te pudermos ſer de goſto, e de intereſſe, te naõ faltaremos, nem a eſtes amigos; dos quaes te affirmo que podem fazer inveja na aldea, e na cidade a todos os que ſe tem por meſtres da ſua arte: e fará pouco quem naõ deixar muito por os ver, e ouvir; que, ſe o noſſo caminho, e o cuidado, que nos leva, ſoffrera tardança, naõ nos apartaramos tam ſedo da tua companhia. E bem (diſſe o vaqueiro de mais idade) para tam pouco tempo haviamos de conhecer tam boa

gente? Logremo-nos hora da occaziaõ: e mal grado á fortuna, que naõ tem ella tanto poder sobre os contentes, como lhe querem dar os queixozos. Estás enganado (respondeu Arcelio) que maior senhorio he o seu em destruir contentamentos, que em levantar, e engrandecer abatidos. Attenta o que te digo (replicou o Serrano) e saberás que te enganas. O que vive contente da sua sorte, em nada o perturba, nem senhorea o tempo, nem a fortuna; que nem os que vivem apegados com a terra, tem para onde cahir senaõ sobre si: pelo que tem mais que invejar a nossa pobreza quieta, que a riqueza perigoza dos da cidade; que esses deraõ o nome, e o poder a esta inimiga, em que empeçaõ logo os mal contentes; fortuna, dizia o sengo, naõ he nada. Quem errou o que havia de acertar, ou deixou de fazer o com que podera alcançar o que pertendia, diz que teve má fortuna, por naõ dizer que foi nescio, ou descuidado: e assim entendeu o outro, que disse que a diligencia he mãi da boa ventura; porque tudo o mais he imaginaçaõ, e fingimento. Espantados ficáraõ os dous amigos de ouvir ao vaqueiro, e de verem que, onde a fortuna tem menos poder, alli he melhor conhecida. E pelo obrigar a ir por diante, lhe perguntou Oriano: Donde nasce logo, amigo, que o desconcerto, e variedade dos successos humanos se attribue á fortuna; e huns a tem por madrasta, e inimiga de seus gostos, outros por madrinha, e padroeira de seus atrevimentos? Antiga coiza he (disse elle) nos homens (que já no primeiro de todos começou) buscarem outro dono a suas culpas por se mostrarem sem

ellas ; e aſſim ſaõ os que ſe chamaõ mal afortunados, que o que elles erráraõ na eſcolha ; tardáraõ na diligencia, perderaõ no ſoffrimento, e naõ regiſtráraõ com a razaõ, iſſo lançaõ ás coſtas da fortuna. Nós os que vivemos mais obedientes á natureza ; e mais izentos da vaidade, e cubiça, temos mais livre eſte conhecimento ; naõ nos cega o engano, que fez com que os homens chamaſſem cega á fortuna ; nem eſtamos pendurados das mudanças, de que os ſeus vaſſallos a fizeraõ ſenhora ; ſe naõ do favor do Ceo, do louvor da terra, da criaçaõ do gado, e do noſſo trabalho ; como naõ temos outra coiza que perder, nunca perdemos muito : os das cidades de viço ſe queixaõ ; e quando a abundancia os empobrece, ſe deſcontentaõ. Aſſim ſaõ as noſſas ſeáras, que a muita fertilidade as faz accamar ; os ramos muito carregados com o pezo do fruto quebraõ : e em tudo nos enſina a natureza que naõ ha fortuna, mas que a demaziada bonança he perigoza : iſto quiçais que o verieis em vós por experiencia ; que, como nas peſſoas, e modo ſe parece, ſereis mimozos, grandes, e validos, aconteceu-vos algum damno, com que vindes triſtes, e andais derramados pelos noſſos montes, que tambem ſervem de acoutar aos perſeguidos, como de conſervar aos contentes : naõ vos agaſteis, tomai prazer, á manhá vos viremos a buſcar para fazermos feſta ao paſcer, e feſtear do gado : e porque agora he tarde, e vós dezejareis repouzo, Deos vos mantenha. Falou o vaqueiro tam bem, que deu em que cuidar aos dous companheiros, que com muito boas razoens o gabáraõ, e lhe

agradecerão o seu dezejo. Elles ficarão menos tristes, os quatro se forão contentes, e affeiçoados ao seu modo, e o dono da caza o estava por extremo: porque entre gente sem engano mais obriga o agradecimento de boas obras conhecidas, que outra qualquer paga que seja o fruto da vontade.

O DE-

O DESENGANADO.

PARTE SEGUNDA.

Discurso Primeiro.

OS TRABALHOS passados obrigavaõ a Oriano a dezejar repouzo: a companhia prezente fazia com que Arcelio se naõ apressasse: o vaqueiro pedia: os amigos convidavaõ: pareciaLhes ingratidaõ desprezar tantos rogos a troco de anticipar hum dia sua partida: porém falando ambos, depois, que como ouvistes, os quatro se foraõ, e o hospede se recolheu, disse Arcelio: Amigos, pois com tam differentes cuidados estamos em igual desengano, ajudemo-nos contra a ventura de nossa diligencia, seguindo as razoens daquelle vaqueiro, que nellas o naõ parecia. Eu tenho perto destes montes a minha terra, em a qual sou valído, grande, e respeitado; para o alivio de meus males naõ posso ter melhor companheiro, nem tu como estrangeiro, e desterrado podes escolher melhor amigo, e que arrisque mais facilmente a vida, e a sorte, para te fazer alcançar o que dezejas. Vai comigo, descançarás em minha caza alguns dias; vestirás o traje que te convém, e com mais informaçoens do que pertendes, terás caminho para aquella Ilha, onde está tua ventura em poder alheio. Andando de hum em outro monte, nem para teu inten-

intento ; nem para tua vida acharás remedio, como eu no meu mal naõ achei desforço. E já que, por naõ termos em pouco a vontade limpa dos rusticos vaqueiros, ficamos com elles este dia, razaõ he que te mereça a minha, muito mais pura, e obrigada, o que elles alcançáraõ. Bem sei (respondeu Oriano) que como grande, e generozo me queres obrigar com obras, e vencer em cortezia, pois me pedes em teu favor a honra com que me obrigas. Eu hirei aonde quizeres, naõ para te amar como amigo, mas para te servir como escravo; e quizera que em lugar desse me levaras, porque nem eu posso representar neste estado outra figura, nem me estará melhor. Naõ se póde disfarçar a tua nobreza (respondeu Arcelio) com nenhuma fortuna, nem encobrir-se o teu merecimento, e a minha vontade em nenhum tempo, e occaziaõ. Faze-me este gosto, que terei nelle a vida. Já te disse (tornou elle) que te estou tam sujeito, que me naõ deves rogar como a amigo, pois me pódes mandar como senhor. Repouza agora, e naõ te desvelem lembranças, que te daõ pena, já que eu dispenso com as que sinto na tua companhia. Arcelio disse que assim o faria: e entregando-se ambos ao sono passáraõ o que ficava da noite. Com a nova manhã, em que a suave muzica dos passarinhos os despertou, sahiraõ ao prado, que com o esmalte das bellas flores, e o engaste das cristalinas gotas que entre as hervas cahiaõ, e a dourada luz que o Sol com seus raios sobre ella espalhava, nos olhos descontentes gozava nova alegria. Alli vieraõ os vaqueiros da noite passada, e outros mui-

muitos pastores, em cuja conversaçaõ com grande contentamento passáraõ o dia, e o outro que alli se detiveraõ por gosto do hospede, a quem na despedida deixáraõ saudades, com alguns dons de menos valia, que o dezejo com que lhos offereceraõ, levando da sua vida justas invejas, e da sua vontade devidas obrigaçoens. Guiou Arcelio para onde na partida deixára seus criados, e achou que derramados pela montanha o tinhaõ buscado aquelles dias, como a perdido; alegráraõ-se com a sua vinda, e elle encomendou a todos o respeito, e bom tratamento de Oriano. Foraõ para a cidade, onde vivia; e na propria caza, como em lugar onde nasceraõ, tomáraõ nova força os pensamentos, que o atormentavaõ; porque via de perto os lugares que Celia pizava, e o em que a tinha visto para seus cuidados mais amoroza. Passava com Oriano, contava-lhe miudamente seus successos passados; emfim se determinou a escrever de novo a sua senhora, communicando ao amigo a carta que se segue.

A ti, formoza inimiga,
Cuja belleza, e rigor
Me cativa por amor,
E por cruel me castiga,
Arcelio a quem tanto obriga
Seu bemnascido cuidado,
Ainda que desenganado
De alcançar o que procura,
Té roga tanta ventura,
Quanta o Ceo lhe tem tirado.
Bem sei que te canço em vaõ,
E me canço no que escrevo,
Pois nem na affeiçaõ me atrevo,

Nem

Nem me atrevo na razaõ:
Desabafa o coraçaõ,
Porque já naõ póde mais,
Que em damnos tam desiguais
A mesma ventura ordena,
Por lingua he minha pena
A que dá della os signais.
Sei que naõ me ha de valer
Queixume tam repetido;
Mas quem vive tam perdido,
Pouco aventura a perder.
Celia, como póde ser
Que, me queiras tanto mal,
Que aonde amor nada me val,
Naõ podesse a natureza,
Abrandar tua dureza,
Ao menos por natural?
Se de amar com tanto excésso,
Celia, cheguei a offenderte,
Porque extremos de quererte
Merecem tam mau sucesso?
Se errei, meus erros confesso;
Peço perdaõ deste engano:
E he teu peito tam tyranno,
Que inda estás mal satisfeita
De que huma injusta suspeita
Me mate com hum desengano?
Tive ciume, e receio,
Perdi juizo, e razaõ;
Se amor foi a occaziaõ,
Naõ foi peccado tam feio:
Naõ te parecera alheio,
Se tiveras na lembrança,
Celia, que tomas vingança,
De effeitos de amor fiel,

Com

Com vontade mais cruel,
Que a minha desconfiança.
Cuidava que te offendia,
Se sem ti meu mal sentisse:
Porque nada te encobrisse,
Té contava o que sentia.
Ai de mim quem cuidaria
Tam estranho desconcerto,
Que, por conhecer de perto,
O de que tam longe estava,
No mesmo que imaginava,
Me perdi como em dezerto!
Vi, e ouvi para faltarme,
Voz, vista, e conhecimento;
E o fio do entendimento
Me faltou para livrarme:
Quiz sahir, fui a enredarme,
Perdi dos olhos o lume,
E no mal, que me consume,
Acabei; e agora sinto
Que era aquelle labyrintho
Propria caza do ciume.
Nelle me deixaste, ingrata,
Penando meu desvario,
Dando em lugar de outro hum fio
Ao cutello, que me mata:
E se a morte me dilata
Nesta desesperaçaõ,
He porque cuida a razaõ
Que hei de ver inda alguma hora
Nesses teus olhos, senhora,
De meus males galardaõ.
Pois que a sorte mo desvia,
Já, senhora, me contento
Que tenhas de meu tormento

Satis-

Satisfaçaõ, e alegria:
Pagarei minha ouzadia
Com interesses de gloria;
Porque, tendo na memoria
Que por teu gosto padeço,
No mal, que tam mal mereço,
Acharei honra, e victoria.

Neste coraçaõ cativo
Executa teu rigor,
Que ha de viver este amor,
Inda que eu morrendo vivo.
Por mais que o teu termo esquivo
De toda a gloria me aparte,
Naõ posso deixar de amarte;
E se, por naõ perseguirte,
Deixar Celia, de pedirte,
Naõ deixarei de adorarte.

Naõ te peço que em presença
Me escutes como a culpado,
Que sei que, por condenado,
Se me negará licença.
Peço que dês a sentença
Da tua letra em meu danno;
Porque creia hum desengano,
Que a vida me ha de custar,
Para que o possa acabar,
Mais queixozo, e mais ufano.

Este papel te apresenta
Quem dos seus sente a vingança;
E verás minha esperança
Com quaõ pouco se contenta:
Tua condiçaõ izenta
Me fez no pedir cobarde:
Peço humilde, e peço tarde,
Receozo, e tartamudo;

E inda que me negues tudo,
Celia, em tudo o Ceo te guarde.

Approvou muito Oriano o termo, e humildade da carta, dizendo a Arcelio que só por aquelle modo convenceria a ingratidaõ, e crueldade de Celia: e para lhe persuadir isto com vivas razoens, disse: Em dous extremos fica huma mulher a quem seu amante declarou suspeitas, que a desacreditaõ; ou em estado de se envergonhar com elle, e naõ ouzar a apparecer em sua presença, tendo sempre diante dos olhos a culpa (que suspeitada offende tanto, como verdadeira) ou em o ter em tal conta, que com a pouca, que delle faz, se lhe dê menos do que della imagina: porém o primeiro pensamento he mais das que com honrozo pejo se prendem, que das que com livre determinaçaõ se deliberaõ. Assim que o remedio mais seguro, e para huma dama mais conveniente he mostrarse o amante arrependido da sua suspeita, desmentir seu engano, negar credito a seus olhos, fé a seus ouvidos, e destruir os testimunhos do ciume. Pelo que me parece que acertas em mandar essa carta. Della, e de todos os mais remedios (respondeu elle) estou desenganado: porém de quantos erros fiz por minha vontade, pouco farei em commetter este pelo teu entendimento; e se parecer porfia a quem me faz esta força tentar tantas vezes a ventura, que naõ tenho, já me naõ póde dar maior castigo, que o que padeço. Descança nesse cuidado (respondeu Oriano) que ainda á que está mais determinada em sua crueldade naõ descontenta huma cortez, e amoroza importunaçaõ. E naõ te entregues

gues tanto ao desengano, porque ás vezes desampara nos maiores perigos. Com estas razões cerrou Arcelio a carta, e depois por huma criada de confiança de sua senhora, que ainda o ouvio, lha envíou, ficando-lhe o coraçaõ cheio de sobresaltos, e os olhos de lagrimas. Passou o dia em pensamentos, e tristezas, a noite em sombras, e suspiros: e como Oriano dezejava tanto de os atalhar por algum meio, e o principal era difficultozo, por aliviar parte alguma do seu sentimento (como aquelle que sabia que falar muitas vezes no mal he gosto a quem o sente) lhe cantou ao seu propozito este Soneto.

Quanto ha que sigo, e vejo desenganos,
E me torno a enganar desenganado?
Quanto ha, que com queixumes canço, e brado,
E sigo outros queixumes, e outros danos?
Esperança perdida ha tantos annos,
Como cresce de novo em meu cuidado?
Ai desenganos vaõs! tenho alcançado
Que vós ereis atégora os meus enganos.
A dôr obriga a muito quando offende
A huma alma, que em nada se assegura,
E o que sempre approvou, vencida enjeita:
Quem naõ sabe este mal, quaõ mal entende!
Que em quanto houver mudanças na ventura,
Ninguem de desenganos se aproveita.

Naõ pareceu a Arcelio o Soneto natural a seu propozito, ainda que o teve por discreto; antes gabou a suavidade do canto, que o sentido, e sentença delle, dizendo: Boa sorte he a de quem faz troca tanto em seu favor: porém a mim os thezouros se me tornaõ em carvaõ, e naõ se me convertem em ouro os desenganos:

ganos: e para que saibas a conta em que os tenho, e a pouca que faço de me valer contra elles, posto que he mais temeridade, que confiança cantar depois de te haver ouvido, o hei de fazer: e tocando huma lyra sua, a que Oriano primeiro cantara, disse o seguinte.

Amigo rigorozo,
Que aconselha verdades lastimando,
Remedio perigozo,
Que juntamente cura, e vai matando,
Justo sendo tyranno,
Es para huma alma esquivo desengano.

Es claro como o dia,
E firme como a rocha mais segura;
Não tem força, ou valia
Contra teu rosto os muitos da ventura;
E a quem claro te offereces,
Mais escuro, que a noite, lhe pareces.

Nobre por natureza,
Mas sem brandura, e sem comedimento;
Amigo de firmeza,
E inimigo mortal do soffrimento;
Companheiro pezado,
Que não sabe dar gosto, e dá cuidado.

Roubador encoberto,
Que para guia a todos se offerece;
Matador por concerto,
Que engana com o traje, que aborrece;
Espia de inimigo,
Que, já depois do mal, mostra o perigo.

Es diamante fino,
Resplandecente, forte, limpo, e puro,
De valor peregrino,
Estimado por nobre, claro, e duro;

Por

Porém numa comida
Es veneno pezado contra a vida.
Juiz severo, e grave,
Que com justo rigor a parte offende;
Desconhecida chave,
Que abre os enleios vaõs que amor defende;
Termo, marco, e baliza,
Por onde o bem dos males se diviza.
Ah desengano esquivo,
Parca, que as vidas cortas levemente;
Se atraz de ver-te vivo
Neste estado tam triste, e descontente,
He porque dure a pena,
Que faz prolixa a vida mais pequena.
Comtigo nada espero,
Nem de novo receio, nem procuro;
Meus proprios males quero;
Comtigo contra a sorte me asseguro,
E vivirá comigo,
O que de meus bens he mór inimigo.

Em melhor conta (disse Oriano acabada a lyra de Arcelio) tinha o desengano: e posto que as verdades, que delle cantas com tanto avizo, e melodia, tenho eu conhecidas, e experimentadas por taes, toda via o tinha por amigo leal, que atalha muitos, e maiores damnos dos que faz; e como filho, que he da verdade, ainda que a muitos parece feio, he nobre, generozo, e sem traiçoens, perigos, e falsidades. O engano tem dentes alvos, e mordedura venenoza: como serpente contenta para magoar, e alegra para entristecer. Além disto, he de mais estima o que com maior difficuldade se alcança. Porque, tendo os ricos tudo de seu, sómente lhes falta o desengano. Vai del-

lé

lo à mentira o que de amigo a lizongeira. Naõ tò gabo por bens que elle me fizesse, mas porque me livrou de esperar maiores males: e assim te affirmo que me peza de quanto me divertem delle pensamentos, que se aproveitaõ da cinza de esperanças mortas. Naõ me póde parecer bem (tornou o amigo) o que he tam custozo, e inimigo da vida, e do repouzo. Além de que o crùel, rigorozo, e indomavel, nem que seja nobre, claro, e verdadeiro, póde ser aprazivel; e se tu o experimentáras tam desesperado como eu o estou, naõ lhe achàras nenhuma gentileza: porque a ti, posto que te offenda a fortuna, pela parte de amor naõ estàs desfavorecido. Naõ digas tanto mal (disse Oriano) de quem ainda de todo te naõ desesperou; pois me consólas a mim, estando muito mais longe do remedio de meus damnos. Nesta pratica, e em estes versos se passou a noite: e recolhendo-se cada hum a seu apozento, entrou Oriano em imaginar em seus cuidados; que, pois com os alheios gastava o dia, naõ era muito que de noite os proprios seus lhe tirassem o sono. Considerava no que faria: se era acertado deixarse esquecer algum tempo na companhia de Arcelio, ou se intentaria tornar á Ilha de Federico; ou se, conforme a primeira determinaçaõ, mudando o traje, e exercicio pelo de pastor, mudaria o nome. Por huma parte, e outra fazia entre si mil argumentos, que todos recebia, e contrariava, até que na duvidoza eleiçaõ do pensamento adormeceu; que muitas vezes o sono com seu descuido aparta as brigas da imaginaçaõ, pondo

do em paz os mal havidos cuidados, que costumaõ destruir o repouzo dos humanos.

Discurso Segundo.

A Policia, o traje, e a conversaçaõ da cidade estavaõ muito bem a Oriano, porque ainda na sua contraria fortuna o defendia na vista a natureza: nos favores, e amizade de Arcelio parecia outro; e elle cada hora os havia por melhor empregados em tal sujeito. Porém, como de nenhum bem se contenta quem noutros de maior conta traz empregados os dezéjos, de nada se achava satisfeito. O amigo dezejava de o contentar; elle de se lhe naõ mostrar descontente; e assim cada hum se fingía alegre: passavaõ as horas em passatempos alegres, que hum buscava, o outro consentia, e ambos estranhavaõ: de noite falavaõ sempre em seus cuidados, e determinaçoens; e Arcelio esperava o desengano da carta, que escrevera com pouca confiança do que pertendia: Oriano fazia pelo divertir do sentimento da tardança. Porém a reposta, que teve, a ambos atalhou; a hum a porfia, ao outro o solicito cuidado com que vigiava. Porque nem Celia deu nenhum lugar á sua disculpa, nem mostrou querer dar ouvidos a suas palavras, nem consentimento a seus cuidados. Elle com esta rezoluçaõ tam esquiva, e cruel começou a desanimar no que pertendia; e adoeceu de huma pezada enfermidade, que lhe poz a vida em duvidozo estado. O amigo buscava mil caminhos para o tirar de seu damno; porém eraõ desviados da vontade da sua ingrata senhora,

que,

que, sabendo seu perigo, naõ deixou de seguir o rigor de sua semrazaõ. Porém, como a nenhum remedio obedece hum amante desesperado, Arcelio empeiorava.

Dizia-lhe Oriano que a dureza de sua senhora era fingimento: que, pois lhe tivera amor, o naõ devia ter perdido: que em vingança de suas falsas suspeitas se mostrava rigoroza; mas que arrependida obedeceria mui sedo á razaõ. Que, pois aceitára a sua carta, ainda o estimava, posto que lhe naõ respondesse. Correraõ com isto os dias, e os recados; cresciaõ os disfavores contra Arcelio; e os conselhos de Oriano desfaleciaõ; até que por derradeiro lhe persuadio hum fingimento, e era que pozesse em outra parte o intento, como que já vivia descuidado daquella affeiçaõ, por ver se a Celia disso pezava, e fazia diligencias por saber alguma coiza de seus amores. E posto que isto he o que dizia Oriano, tambem tinha em pensamento que poderia ser que Arcelio com algum novo cuidado se obrigasse, descuidando-se do primeiro; que mil vezes se começaõ zombando os que mais de propozito mataõ. O amigo, como doente desconfiado, que naõ duvida provar todos os remedios, que promettem alivio a sua enfermidade, consentio neste facilmente, porque tambem naõ era dos mais agros de intentar nella, respondeu a Oriano: Amigo, bem vejo quanto a tua vontade, e diligencia me favorece contra a fortuna, dezejando darme a vida contra a ingratidaõ de quem com a morte paga o amor, que lhe eu sempre tive. E pois as diligencias passadas montáraõ tam pouco, naõ

me parece mal esta derradeira: e para que vá com algum fundamento, que favoreça a minha dissimulaçaõ, te quero mostrar o retrato de huma dama, a quem eu amava, e de quem a minha affeiçaõ nunca teve desprezos, antes que Celia me fizesse perder a lembrança de todos os outros cuidados, roubando-me a vontade da alma, e a liberdade dos sentidos. E tornando eu agora a continuar com seus amores, póde ser que Celia (que alguma coiza delles suspeitava) se certifique mais de minha mudança, e uze menos de sua crueldade. E dizendo isto tirou do secreto de hum seu escritorio, que junto de si tinha, hum pequeno retrato em huma lamina de metal, que na volta tinha huns versos em letras de ouro: e occupando-se primeiro Oriano na vista, e feições do rosto, lhe pareceu estremadamente; e o gabou ao hospede, que, como lhe fora em outro tempo affeiçoado, naõ negou a razaõ, que tinha de louvar sua gentileza; que nunca onde houve fogo de amor, faltaõ faiscas de quando em quando, que descubraõ as reliquias delle. Detiveraõ-se com a vista do retrato. Entam lhe mostrou Arcelio os versos, que na volta estavaõ escritos, que foraõ feitos depois dos novos pensamentos de Celia, e diziaõ desta maneira.

Desta prizaõ sahi, aonde a vontade
Me teve de seus males satisfeito:
Hum cego me giou, cuja amizade
Já mais para a razaõ guardou respeito:
Poz em mãos de outrem minha liberdade,
Que em poder maior me tem sujeito;

E em fé do novo amor, que na alma vive,
Desprezo agora estes grilhoens que tive.

Pois como (disse o amigo) e tu querias offender estes amores, sem que nos prezentes achasses desconfiança? Naõ dá amor o seu descanço tam barato. Naõ passa de todo pelo castigo de huma mudança: tem agora tam bom animo, como tiveste o pensamento; que, se te conhecer a ventura pusillanime, quiçá que fuja de ti. Desterra estas melancolias, que te tem enfermo; cobra coraçaõ, começa a resuscitar os teus amores esquecidos; e ainda que te tenhas por desesperado, naõ no queiras parecer a quem amas. Arcelio com estas razoens ficou mais leve, e tomou forças com que se levantou, e foi melhorando das côres, que trazia: e determinado a escrever a cauza dos cuidados, que deixára, com o parecer do amigo escreveu a carta seguinte.

„ Se ainda vos obriga a lembrança que
„ deveis a meus cuidados, naõ estranhareis esta
„ letra, nem estimareis em pouco a minha von-
„ tade; que nunca se mudou, por mais que
„ o receio, e desconfiança encobrissem seus
„ effeitos. Torno-me a restituir a vosso servi-
„ ço; porque sou vosso: se nelle me dais lu-
„ gar, e o tem nesses olhos o amor, que al-
„ gum tempo me mostráraõ, ficarei tam con-
„ tente, quaõ queixozo estava de perder a ven-
„ tura, que nelles tinha. „

E porque a carta naõ fosse com estas poucas razoens desacompanhada, lhes pareceu mandarem com ella os versos, que se seguem.

Trouxe Amor, senhora,
Remontado hum graõ tempo da esperança,

E do cuidado, que me dava a vida:
E inda que cada hora
Me occupava a querer vossa lembrança,
Vendo que a minha já tinheis perdida,
De humilde, e encolhida,
As azas abatia
A minha differente fantazia,
Até que de sobejo
Venceu nesta batalha o meu dezejo.
Torno com novo alento
A sobir esta rocha altiva, e dura,
Que o meu descuido fez ser mais fragoza:
E se consentimento
Me der contra o temor vossa brandura,
(Que tambem o ser branda he ser formoza,)
Será mais cuidadoza
A minha diligencia:
Farei de erros passados penitencia,
Que em similhante culpa
Mais serve penitencia, que disculpa.
O servo fugitivo,
Se com a mentiroza liberdade
Andou de seu senhor hum tempo auzente,
Tornando a vir cativo,
Inda que acha rigor, acha a vontade,
Que o recebe, e castiga em continente;
E para que exprimente
A sujeiçaõ pezada,
Lhe lança a dura braga carregada,
E poem novo ferrete,
Com cuja differença se aquiete.
Escravo me offereço,
Qual, senhora, sahi do poder vosso;
E torno á sujeiçaõ que arreceava:
Por vosso me conheço,

E

E de vosso querer fogir naõ posso;
Nem a minha affeiçaõ de vossa escrava:
E se mais livre estava
Para fogir ligeiro,
Accrescentai-me agora o cativeiro;
Ferros podeis trazerme,
Que naõ possa eu fogir, nem vós perderme.
Para mais conhecido,
Ponde em meu rosto o vosso nome escrito,
Que he do retrato, que no peito trago:
E se, como perdido,
Em vossos disfavores sou precito,
E nem comigo mesmo por mim pago,
Por naõ ver mór estrago
Em minha liberdade,
Abrandai o rigor, mudai vontade;
E aceitai esta minha,
Que outro senhor naõ tem, que o q́ antes tinha.

Grande remedio he contra os males desviar delles o sentido, e occupallos em cuidados differentes: e posto que o que muito se sente, naõ dá lugar, nem liberdade ao pensamento para se entregar a outra coiza, com tudo, como a natureza apperece novidades, sempre em algum breve espaço lhe dá ouvidos. Arcelio ainda que só a seu propozito differia, e com puro fingimento se mostrava a outrem obrigado, todavia o tempo, que gastou em escrever, e cuidar no que daria por disculpa, e em compor os versos que lestes, esse forrou de sua pena, e com esse alivio já parecia outro, ajudando-se da conversaçaõ de Oriano, que era o fundamento, sobre que erguia aquelles castellos, e maquinas apparentes. A dama, a

quem

quem escrevia, como lhe já tivera amor, e ainda por seus merecimentos o estimava, posto que aggravada de suas mudanças, naõ desesperou da satisfaçaõ: mas, como era discreta, naõ se deu por vencida, antes se quiz mostrar desobrigada: e assim fingio que aceitava, e lia a carta contra seu gosto, mais levada de cortezia, que de affeiçaõ: e escondendo todos os signaes da sua, respondeu á carta de Arcelio desta maneira.

,, Desesperastes de vosso descuido a tem-
,, po que já me desvelavaõ outros cuidados:
,, naõ vos aconselho que torneis a seguir os
,, de que fogistes; que quem enjeitou favores,
,, que podia possuir sem competencia, naõ he
,, razaõ que, com ter inveja a outrem, os
,, pertenda de novo. Da vontade, e affeiçaõ,
,, que vos tive, estou paga, porque era mi-
,, nha; e pareceu-me que a empregava tam
,, bem, quaõ mal me desenganou vossa mu-
,, dança. Continuai no serviço, que escolhes-
,, tes, sem tornar ao que deixastes; que mais
,, me convém ser querida de quem me sabe
,, estimar, que tornar a querer-vos. Com os
,, versos me alegrei muito por ver mentiras
,, tam bem concertadas: a trôco vos mando
,, este desengano. E o Ceo vos guarde delles
,, nos amores, em que vos melhorastes. ,,

Enleado ficou Arcelio com a reposta, porque a esperava achar melhor naquella empreza, como de vontade, que já tinha obrigada de mais tempo, e de quem, depois de sua mudança, ainda mostrava faiscas de amor (que estas daõ muitas vezes huma enganoza confiança com que se perde o que por ellas se guia.

E

E porque naõ suspeitava que algum novo amor lhe tirasse o lugar, começou naquelles primeiros dias a espreitar o tempo, occazioens, e messageiros, de que elle quando amava se valia. Com isto se descuidou algumas vezes das esquivanças, e crueldade de Celia. Oriano continuava com o bom acerto, que dera, vendo que naõ sómente o amigo se divertia do em que sempre imaginava, mas que com a experiencia da vontade de sua senhora fazia outra, que podia servir de exemplo a sua esperança. Disse-lhe que continuasse com a segunda carta, por naõ dar a entender que escrevera a primeira sem fundamento, e para se certificar se estava a outros amores affeiçoada. Elle, que tambem hia já mais empenhado na suspeita, e naõ queria perder a primeira victoria (porque as do desprezo custaõ mais ao soffrimento de quem já foi escolhido) posto que a sua pertensaõ verdadeira era de Celia, fez o que o amigo lhe dizia. Tornou a lhe escrever pelo mesmo caminho, e teve reposta menos esquiva, ainda que mais cheia de queixumes, que de amores: tornáraõ-se a renovar estes com muitos enganos: porque Artelio na maior força delles vigiava os signaes, mudanças, e movimentos de quem lhe doia; que, como alli tinha o intento, e o dezejo, serviaõ-lhe estes enredos de alivio, e naõ já de cuidados. Com tudo passava melhor os dias, e naõ se viaõ no seu rosto as côres, que o descontentamento até entam nelle retratava. Oriano, posto que como bom amigo o servia, a tempos o ameaçavaõ por descuidado seus pensamentos; naõ lhe parecia estado de viver o que entam tinha; para hospe-

de

de era importuno; para igual desamparado; para criado escuzo, e mimozo: e, sobre todos os mais inconvenientes, naõ se podia mostrar contente, nem se devia manifestar por queixozo; que he hum grande cativeiro de quem sente, e grande a obrigaçaõ de quem o deve. Arcelio algumas vezes prezumia o seu dezejo; mas, pelo que tinha de o possuir, dissimulava. Assim foraõ passando muitos dias sem nenhum dos amigos ouzar a dizer o que por signaes conhecidos declarava; que o receio de descontentar cauza pejo em hum animo generozo, para antes encontrar a propria vontade, que a devida cortezia. Continuava com tudo Arcelio na sua pertençaõ; e cada hora se lhe hiaõ mostrando mais descobertos os desenganos. O que Oriano sentia em extremo, e pezava-lhe de ver que já o amigo mais tibiamente continuava com os amores, que tomara para escudo contra o rigor dos golpes da formoza Celia. Huma noite, em que cada hum delles apartado, e triste fazia queixumes á ventura, ouvio primeiro Arcelio os do amigo, que, fazendo que por aquelle espaço calasse os seus, escutou que dizia desta maneira.

Quam caro custa hum mal dissimulado!
E quanto val a fé de hum peito auzente!
Quam presto passa o bem, que naõ se sente!
E quanto doe depois que he já passado!
Tudo tenho da sorte exprimentado
No que dizer amor me naõ consente,
Num só bem que perdi, no mal prezente,
Na fé que guardei sempre a meu cuidado.
Cuidados tam custozos, se algum dia,
Teraõ diante os fados força, e preço,

Para

Para alcançar hum ſó contentamento?
Ah falſa opiniaõ da fantazia,
Que, por muito que cuſte o meu tormento,
Inda a gloria de tello naõ mereço.

Acabado eſte ſoneto, ſoltou traz elle muitos ſuſpiros miſturados com eſtas razoens, que Arcelio eſcutava: Já era tempo, enganozo deſcanço, que deixaſſe eſte lugar aonde vos tenho; pois nem para conhecimento de minha fortuna, nem para remedio della me ſervís. E ſe, por naõ offender o goſto de hum generozo amigo, a quem tanto devo, diſſimulo a força com que aqui padeço; mais obrigado me tem amor a ſeguir meu deſtino, que a natureza aos bons procedimentos da urbanidade; mórmente quando o meu dezejo naõ póde obrar o que em ſeus cuidados procuro. E atraz deſtas palavras com outro ſuſpiro ſe calou. Arcelio, que o ouvio; poſto que pudera diſſimular (como até aquella hora) o que o amigo naõ lhe manifeſtava, ſe determinou, ainda que com muito pezar, conſentir em ſua partida; porque a boa amizade naõ conſente que o amigo por ſeu intereſſe proprio eſqueça os damnos, que o outro recebe por obedecer a ſeu goſto.

DISCURSO TERCEIRO.

DEſvelou-ſe Arcelio todo o reſto daquella noite cuidando no que ouvira a Oriano; e como o entendeu que dezejava deixar aquella vida, poſto que eſtimaſſe muito a ſua companhia, reſpeitando o que podem amorozos cuidados, julgando-o pela força com que os

ſeus

seus obrigavaõ, apartando-o ao outro dia no seu apozento, lhe começou a dizer desta maneira.

Amigo Oriano, entendo o descontentamento, que trazes, de estar nesta terra; e que menos por tua vontade, que por obedecer á minha, te detiveste nella tantos dias. E porque me parece desatino aconselhar á ninguem a eleiçaõ que ha de fazer da vida, te naõ quero cançar com dizer o que sinto: porém estimarai saber o que pertendes, e o em que te posso dar mostras de meu dezejo: dize-me para onde queres ir, escolhe de mim, como de verdadeiro amigo, o que quizeres. Tenho-te tam conhecido por esse (respondeu Oriano) e estou tam penhorado de tuas obras, e do termo que comigo uzas, que me deixava aqui esquecer para acabar esta vida em teu serviço; porém como cada hora me obrigas mais, e ella val menos, e o meu cuidado cresce, naõ te quero obrigar ao trabalho, que he soffrer a hum descontente. O que me perguntas da escolha de meu caminho, eu te confesso que me naõ sei determinar; porque das coizas, que se naõ remedeaõ com arrependimento, se deve considerar mui de espaço; principalmente quando de dous caminhos, que hei de tomar, hum he perigozo, o outro estranho, e desigual para os pensamentos com que nasci. E para te fallar mais claramente, se tórno a buscar ventura onde a deixei, vejo que Nizarda está em poder, e terras de seu pai; elle poderozo, e meu contrario; eu desterrado, desfavorecido, e sem confiança; e a que podia ter no amor, que em outros annos merecia, tem por encontro a

mi-

minha pouca fortuna, e a sua muita valia, e grandeza: por outra parte, se já me dou por vencido do desengano, me he forçado tomar outra vida, onde com o exercicio della igualo os pensamentos. No discurso de minha peregrinaçaõ (como te já contei) tive algumas jornadas por companheiro a hum pastor das ribeiras do Lis, chamado Lereno, queixozo tambem da sorte, e de cuidados, que com os meus tinhaõ muita similhança; e de praticas, e contos, que ambos tivemos, me naõ esqueceu mais o que me contou do descanço, interesses, e felicidade da vida dos pastores: e, por serem verdades as que me dizia, ou por quaõ bem elle as sabia encarecer, me deixou naõ sómente affeiçoado, mas rezoluto a seguir aquella vida, esquecendo a em que me criei. Apartou-me deste intento, e da sua companhia aquella tormenta, que se seguio á nova vista de Nizarda, sem eu saber mais se elle entre as ondas acabou, ou salvou a vida. Agora, que sem nenhum remedio de esperança me vejo tam longe de minha patria, queria ir a saber do mesmo pastor; e, se naquellas ribeiras habita, viver com elle, deixar com o traje (se for possivel) a fantazia: porque, ainda que a vida privada dos montes he remedio de desenganados, muitos varoens doutos, e homens valorozos a escolheraõ por melhor que a da cidade: porque alli vive hum homem mais seu, e menos importunado; procede conforme a obrigaçaõ de sua vida, e naõ já a inclinaçaõ de seu appetite; serve mais á razaõ, que á opiniaõ; contenta-se com os frutos que seu trabalho lhe rende, sem se aproveitar do que com

a cubiça grangea, e ás vezes rouba; vê a manhã mais sedo, goza o dia mais alegre, passa a tarde vagaroza, a noite quieta, piza a terra mais enxuta, bebe a agua mais limpa, tem o ar mais livre, e a vista dos campos mais contente: e quando estas, e outras commodidades mo naõ parecessem, me bastava tomar tam humilde estado para couto seguro de meus males. Disputar sobre o gosto de cada hum (lhe tornou Arcelio) he coiza vã: porém, deixando o que tu já conheces de minha vontade, o dezejo, e o amor com que te trato, o pouco pejo, e muito interesse que recebo de tua companhia, te lembro que tratas de começar a vida alheia, exercicio mais robusto, e cuidados mais duros, que os com que nasceste; e que te póde ser custoza a mudança. Ainda que os longes dessa vida ta façaõ parecer aprazivel, naõ os creias; que as coizas, que naõ saõ vistas de perto, muitas vezes enganaõ. Parecer-te-ha nas calmas de Agosto hum valle cheio de amenos arvoredos, e frescas sombras; correrás todas as arvores, e penedos sem achares lugar, onde os raios do Sol te naõ firaõ em descoberto. Verás em hum verde prado a miuda relva cheia de flores, que na tarde te convida a saborozo assento; e de perto acharás quebradas, covas, piçárras, e penedos desiguaes, que te neguem lugar accommodado a qualquer repouzo. Hirás sobindo a fragoza serra cheia de asperezas: e divizarás o caminho, que aò longe apparece plano, e descoberto; e entrando nelle o acharás mais difficultozo, e intractavel: emfim que só contra a experiencia naõ val engano. Vai muito de cortezaõ a pastor, de senhor

nhor a criado, de mimozo a soffredor. A dureza dos montes, o serviço do gado, o trato das arvores, o que tem de rigor lhe tira poder fazer mimos ao appetite: aconselha-te com a tua natureza, e costume; naõ faças eleiçaõ por conta da ventura, que te persegue. Bem sei (respondeu Oriano) que o melhor conselho de todos he pedillo, e fogir cada hum de seu proprio parecer: porém isso se entende onde ha escolhas; que em mim he força, e necessidade abaterme á fortuna, por ver se na mudança do traje, e do exercicio me desconhece. Quando Arcelio vio que estava tam rezoluto naquella determinaçaõ, naõ lhe quiz ser pezado com razoens: mandou fazer prestes com muita largueza tudo o que cumpria para sua partida, e seu caminho, assim do traje em que entendeu que queria ir, como de algumas peças, que testimunhassem para com elle a sua vontade. Oriano passou a noite continuando com o mesmo pensamento: e, como que com o novo intento se despedia já de seus cuidados, cantou em lugar de exequias este romance.

Já agora descançareis,
Cuidados, de atormentarme;
Que he bem que as vossas profias
Com desenganos se acabem.
Já se perdeu a esperança,
Que eu sustentava debalde;
Porque em quanto me servia,
Só servia de enganarme.
Já naõ ha que pertender;
Que estaõ pregoadas pazes
Entre a razaõ, e o dezejo,
Entre as sombras, e a verdade.

Che-

Chegàraõ meus pensamentos,
Posto que chegàraõ tarde;
A ter receio á ventura,
E ter respeito a meus males.
Vai-se-me acabando a vida
Entre contrarios tam grandes:
A Deos, cuidados que sinto,
Que logo a poz vós se parte.
Que inda que defender Amor
A meu mal que naõ me mate,
O que de enganos vivia
Ha de morrer de verdades.
Minha amoroza lembrança,
Minha doce saudade,
Inda que me deixe tudo,
Naõ me deixeis, naõ vos vades.
Neste transe derradeiro,
Pois vos quiz tanto, abraçai-me;
Que de quantas glorias tiver,
Vós sómente me ficastes.
Sobre a minha sepultura,
Aonde he justo que descançe
O corpo tam perseguido
De huma alma firme, e constante.
Escrevei de letra escura
Sobre a pedra dura, e grave
Estas razoens, que aqui deixo,
Quando nella me deixardes.

„ Aqui jaz quem, por ter bens da ventura,
„ Perdeu o maior bem que dezejava;
„ E, tendo já nas ondas sepultura,
„ Achou perdido a gloria que buscava.
„ A bonança lhe foi esquiva, e dura,
„ Branda a tormenta, sendo dura, e brava:

„ E

„ E em emenda do mal, que em vida teve,
„ Lhe seja agora terra branda, e leve.

Amanheceu o outro dia, que em favor da sua partida sahio mais formozo. Quiz despedisse de Arcelio, e naõ podia; que os coraçoens muito obrigados faltaõ com palavras. O amigo, que nos olhos entendia o seu, porque com encobertas lagrimas o asseguravaõ do que seu dono merecia, lhe disse = Caro amigo Oriano, pois minha sorte he tanto contra mim, que naõ sómente me negou os bens, mas ainda este só remedio de meus males me naõ consente, vai a seguir a tua estrella: póde ser que fóra da minha companhia aches nella brandura, porque he possivel que, por fogir de mim a ventura, naõ ouzará chegar aonde me podia dar contentamento. Em qualquer tempo, e occaziaõ que me quizéres, lembra-te do lugar em que me deixas; e acharás huma vontade mui verdadeira a teu serviço; e nos merecimentos della podes dar valia ao pouco que faço. Perdoa-me o tempo que te detive pelo interesse de meus cuidados, pois em damnos delles nem este limitado descanço te pareceu que o era. = Ao que elle respondeu: Naõ estou tam pouco penhorado de tuas obras, que estas palavras me ponhaõ em nova obrigaçaõ. Se os fados, que me desapossáraõ do bem que tinha, derem alguma hora lugar a meus dezejos, conhecerás que empregaste nelles bem tam grandes favores: e pois delles naõ posso dar outra paga nesta minha fortuna, o Ceo ta dê tam boa como dezejas. Com estas palavras, e com mui estreitos abraços se despedíraõ, dando Arcelio entre outras coizas a Oriano hum

annel

annel de preço, em que dous grilhoens de ouro aferrolhavaõ hum lustrozo diamante, e pela banda de dentro do circulo diziaõ humas letras por partes o seguinte.

Esta prizaõ da amizade
Obriga de longe, e perto.

E Oriano, que ainda trazia alguns despojos das joias com que partira, lhe deu outro de naõ menos valor, feito de rubins, que o rodeavaõ, encadeados com muita sutileza; e no engaste hum rubi á maneira de coraçaõ, em que hia prender a cadêa; e por dentro humas letras miudas, que diziaõ:

Prezo por minha vontade.

Oriano seguio o caminho, que escolhera: Arcelio ficou só; começou de novo a estranhar sua vida, o cuidado que dissimulava, e o que fingia; sómente a sua ingrata Celia lhe lembrava; tudo o mais, que occupava a seus olhos, e divertia o seu pensamento, lhe aborrecia: passando os dias descontente, as noites cuidadozo, suspirava pelos enganos em que antes vivia. Deixava muitas vezes a cidade, buscava os montes para mais livremente sustentar o segredo de seus ciumes: e porque tambem esses lhe pareciaõ pouco seguros, no remanso das claras aguas os escrevia, porque nem ellas com palreiras linguas, e suave murmurío os descobrissem, nem elle de algum peito humano confiasse: e ainda o que de seus males communicava ás arvores sem sentido, era em mudas razoens, que nem a verdade de seus pensamentos declaravaõ, como foi este soneto, que em o tronco de huma faia deixou escrito.

Tudo me offende quanto me contenta;
Que entendendo da sorte o que procura,
Nada, do que o dezejo me affigura,
Na esperança se logra, e se sustenta.
A gloria dos sentidos me atormenta;
Da-me pena, e pezar qualquer ventura;
Tudo contra mim se arma, e se conjura;
Tudo em meu damno as forças accrescenta.
Pois o bem, como o mal, tudo he perigo,
A elles, coraçaõ, como animozo;
Que já temos vencida nisto a sorte:
Que transe póde haver tam perigozo,
Que eu naõ vença comvosco, e vós comigo;
Se nem espero bem, nem temo a morte?

Celia, que ou pouco conhecida do amor que lhe devia, ou incerta das penas, que por sua cauza passava, naõ deu nunca ouvidos a seus suspiros, parecia accrescentar cada hora mais em sua dureza, na pouca compaixaõ que tinha de seu damno (que a maior crueldade, que ha em huma dama, he naõ ouvir razões, e queixumes, que a podem mover a brandura, e sentimento) e com a sua esquivança póem em desesperaçaõ a quem serve: tem peior partido o que mais ama, pois naõ póde arrancar da alma raizes de affeiçaõ, que com disfavores se naõ perde. Arcelio, certo de seus desenganos, mas pouco conforme com o rigor delles, para lhe dar a entender que em suas maõs acabava a esperança, e queria deixar a vida; sem já desta experiencia tirar algum fruto, fez muitas para que lhe chegasse á maõ hum papel encoberto, em que hia escrita a carta seguinte.

„ Naõ para que a meu mal espere reme-

„ dio, nem de vossa dureza alguma mudança
„ contra meus desenganos, vos dou, senho-
„ ra, a conta do estado a que elles me che-
„ gáraõ, e do triste remate de minha affeiçaõ,
„ para que dobreis o gosto de me atormentar,
„ e eu tenha algum de por vossa vontade per-
„ der a vida: esta me vaõ acabando por mo-
„ mentos vossas semrazoens, e minha culpa,
„ pois a penitencia, e arrependimento della naõ
„ mereceú perdaõ em vosso rigor. Obedecen-
„ do-vos, em qualquer estado me entrego ao
„ castigo da ventura, que he algoz, que com
„ poderes vossos me ha de dar a morte; lem-
„ brai-vos que sois a cauza della. Em pago do
„ maior amor, que era possivel, ordene o
„ Ceo tenhais no prezente melhor acerto, e
„ naõ vos dê a conhecer o tempo minha fir-
„ meza á conta de hum novo desengano, que
„ vos magoe. „

E parecendo-lhe que com isto o desobrigava a razaõ de maiores extremos, accrescentando ao sentimento nova firmeza, e naõ aspirando ao galardaõ de tam custozos serviços, vivia naquelle lugar desenganado, esperando perder a memoria do bem de que já tinha perdidas as esperanças; que mais offende a lembrança de contentamentos que passáraõ, que o rigor da sorte quando com males prezentes atormenta.

Discurso Quarto.

Deixava Oriano atraz os edificios da cidade, e ficavaõ-lhe diante dos olhos os montes solitarios sem a companhia de Arcelio, e sem

sem a esperança de Nizarda. Com a vista de quando em quando se arrependia; porém com o amor se naõ determinava. Foi caminhando muitos dias, agazalhando-se sempre entre pastores, fogindo das cidades, onde pelo concurso dos caminhantes podia ser conhecido. Tomava o caminho conforme ao intento que levava. Posto que estranhasse algumas vezes a mudança, muitas mais se contentava della por se naõ envergonhar com os que no estado de venturozo o conheceraõ.

Hum dia a horas de vesperas, descendo por hum valle abaixo, cheio de apraziveis sombras, e gracioza verdura, vio ao pé de huns castanheiros, de seu espinhozo fruto carregados, que sobre huma malha de miuda relva estavaõ sentados, e comendo dous caminhantes, que passando ao longo delles saudou. Puzeraõ ambos nelle os olhos, e pareceu-lhes tam bem, que o convidáraõ a que se assentasse, e comesse com elles; e tiveraõ nisso tanta porfia, que Oriano lhes houve de obedecer, e mostrar-se alegre ao seu offerecimento. Comeraõ os dous com tanta alegria, e prazer, que bem pareceraõ homens contentes: e acabada a meza, deraõ a Deos graças, e ao hospede disculpas, que elle pagou com agradecimentos, preço certo de quem naõ tem lugar de maior satisfaçaõ. Perguntáraõ-lhe para onde caminhava: e elle lhes disse que hia para as ribeiras do Lis, e Lena, rios que se mettem no mar Occéano nos extremos da Luzitania. Ao que hum delles respondeu: Amigo, tu vás desencaminhado, e has de voltar muito atraz para atravessar huma serra, onde fica a estrada que

naõ he mui povoada de lugares. O caminho, que até aqui te trouxe, vai parar a hum valle sem sahida, onde, se naõ tens alguma coiza que te importe, naõ acharás gazalhado. Antes póde ser (disse o outro companheiro) que isso he o que elle vem buscar, porque parece estrangeiro, e muitos vem sómente a ver as maravilhas deste valle. Entam lhes pedio Oriano que lhe dissessem que valle era aquelle: e o primeiro começou: Neste valle que agora nos fica encoberto entre as duas serras, que parece que se vem a ajuntar na altura das nuvens pelo deixar escondido nas entranhas dos montes, está hum edificio mui antigo, e mui sumptuozo, que, segundo dizem os naturaes da terra, foi feito por encantamento; e' bem que seja fundado em lugar tam baixo, tem grande fortaleza de muralha, torres, baluartes, e castellos inexpugnaveis, apparelhados para rezistir, e defender a entrada ao maior poder do mundo: chamaõ-lhe os moradores destes lugares vizinhos (posto que nenhum o está muito deste) a cova do segredo, onde ha maravilhozas estranhezas, e saõ pouco conhecidas, porque os que della sahem vem tam affeiçoados ao silencio, que nenhum costuma a contar o que passou. Meu companheiro, e eu vinhamos determinados a entrar naquella caza com presupposto, que alcançaria cada hum de nós saber hum segredo que dezejava, pois alli estaõ todos segundo a fama; porém como ouvimos dizer que alli ensinaõ a calar tudo, e naõ descobrem nada, nos tornamos sem fazer tardança, porque nos pareceraõ mui sombrios, e melancolizados aquelles apozentos. Espantado ficou Oriano da

novi-

novidade; e logo lhe cresceu o dezejo de a saber de mais perto: mas como ouvir falar no segredo lhe fazia obrigaçaõ de o guardar, naõ descobrio aos dous esta vontade, antes lhes festejou naõ quererem nada de lugar tam sombrio, porque tinha por trabalhozo cuidado viver com segredo: nesta pratica com outras coizas, que lhe contáraõ, se detiveraõ até lhes parecer tempo de caminharem. Levantáraõ-se com Oriano, que se informou melhor do caminho que havia de tomar: despediraõ-se ao voltar da serra; e como ambos transpuzeraõ huma subida, tornou elle atraz, e pelas pizadas dos mesmos companheiros, porque o caminho era pouco trilhado, foi ter a hum pequeno campo, que no apêrto de dous montes se fazia, em meio do qual havia hum padraõ alto de pedra negra muito luzente, e nelle humas lètras muito cavadas nas entranhas de pedra, forradas de lataõ, que as fazia mais vivas aos olhos; Oriano se chegou de perto, e vio que diziaõ desta maneira.

Naõ faças, caminhante, aqui demora;
Ou torna para traz: foge o castigo
De seres atrevido como agora;
Que nesta entrada tens certo o perigo.
Eu, ainda que de pedra, estou de fóra,
Só porque hei de falar aqui comtigo.
Se calarte naõ sabes, passa a medo;
Que esta he a caza occulta do segredo.

Naõ o deteve muito esta advertencia, que logo foi andando por o caminho estreito, que dalli sahia até ver a porta do edificio, que com os raios do Sol, que nella feriaõ, cegava a vista com estranho resplandor, porque

era

era de aço fino com suas almofadas de relêvo, que pareciaõ diamantes; o vaõ era muito alto, e estreito; e para o rebato desciaõ por dous degraus; na simalha do portal estava hum grande escudo de marmore com muitas insignias: porque no primeiro quarteiraõ da parte direita tinha hum livro fechado com tres brochas, e sobre elle hum sinete, e em roda muitos maços de cartas sem sobrescritos; no outro abaixo deste tinha hum cofre cerrado com muitas cintas de ferro, e cadeados; no quarteiraõ alto da banda esquerda huma cabeça, cuja lingua estava preza com tres cadêas de ferro, que vinhaõ a prender as pontas do ultimo fuzil em humas argolas do canto do escudo. No quarteiraõ de baixo estava huma sepultura coberta com humas letras apartadas, que, por serem cada huma por parte, se naõ entendiaõ. O elmo, que assentava no paquife do escudo era sem plumas, nem folhagens, cerrado, e por simeira tinha a figura do silencio, que era hum velho com azas nos hombros, e o dedo mostrador posto na boca; a orla do escudo, eraõ huns molhos de chaves pendurados, e entre elles humas bolsas de dous cerradouros com muitos nós cegos em os cordoens. Estava Oriano com tam grande dezejo de entrar na cova, que, tendo muito que notar naquella primeira vista do portal, e frontispicio que era muito alto, e com maravilhozos secretos de arquitectura, e prespectiva, e sendo a sua curiozidade mui miuda em coizas menores, naõ o detinha mais que o cuidado de como acharia sem impedimento aquella entrada: e já que a tardança o despedia, e a solidaõ do lugar o desani-

desanimava, vio abrir a porta com tam pouco estrondo, que, a naõ estar attento com os olhos, e ouvidos áquella parte, facilmente perdera a occaziaõ: mas elle, que sabia que em errar a primeira está o desacerto das coizas, sem esperar licença commetteu entrar, e ver o que dentro havia; mas achou-se mui sobresaltado com hum velho, que pondo-lhe a maõ nos peitos o fez tornar atraz, e abater a furia com que entrava. Oriano ficou com os olhos nelle, e vio que tinha o rosto tam veneravel, que de improvizo decepava a qualquer juvenil atrevimento: tinha a barba branca, comprida, e bem povoada, o cabello penteado, e composto sobre as orelhas; vestia humas roupas largas de veludo negro com muitos pospontos, a gorra, e chinelas do mesmo, o bordaõ de hum junco marinho da mesma côr com hum engaste de ouro, e nelle aberto hum finete que cobria com a maõ; e com huma voz muito auctorizada, e branda disse para Oriano: Enganado mancebo, esta morada he alheia; e nas que o saõ, naõ se costuma entrar tam livremente. Dizei o que quereis, que a porta naõ se abrio para entrarem por ella os atrevidos, antes para lhes defender o caminho estava cerrada. Senhor (respondeu elle) perdoai-me o erro que fiz; que o dezejo grande, e a pouca idade tem a culpa. Ouvi dizer que esta era a cova do segredo: e porque pertendo sepultar os que trago no peito em seu proprio centro, vinha a fazer aqui a entrega delles. Naõ me pareceis de tanta confiança (tornou o velho) como quereis mostrar; porque nem a idade, nem o dezejo, a que puzestes a culpa, vos acreditaõ.

En-

Entrai, e dentro achareis quem faça desta verdade experiencia. Oriano sem lhe responder entrou pela porta, e achou-se em hum campo mui largo, e formozo, em meio do qual havia hum lago de estranha grandeza, que se enchia de agua, que cahia de huma alta pyramide de pedra negra; e o lago era cercado de humas cintas de outra pedra jaspeada de verde escuro, e encarnado, mui brunida, e lustroza, que como tal resplandecia. O campo era murado de paredes altas da mesma pedra; e só a huma parte da maõ direita apparecia huma pequena porta sobre alguns degraus de marmore. Rodeou Oriano com os olhos todo aquelle sitio sem ver nenhuma pessoa, porque tambem o velho, que ficára cerrando a porta, em quanto elle voltou os olhos ao lago, desappareceu. Como se vio sem companhia, e sem caminho, confuzo se chegou á pequena porta, que junto delle estava, e achou-a aberta: porém, temendo-se do que na primeira entrada lhe acontecera, se assentou sobre hum degrau, esperando ver alguem que o guiasse: e assim esteve muito grande espaço, até que cansado de esperar, adormeceu: e acordando com hum sobresalto, achou junto a si huma donzélla de rosto honesto, e traje galante; vestia humas roupas de dasmaquilho negro com muitos alamares, e franjas de ouro, hum toucado de bemmequéres de prata com as cabeças de ouro, e no alto huma diadema de prata, os cabellos espalhados sobre os hombros em tranças miudas com alguns fios de aljofares grossos entremettidos, nos pés humas espartenhas tecidas de ouro negro, apertadas com huns botoens coalha-

lhados de aljofar. Esta como o vio acordado lhe disse: Naõ estranheis a minha prezença; que, ainda que pela vista, e traje me desconheçais, sempre de vós fui bem tratada, e vos busco como ao vosso bom termo reconhecida. Bem póde ser, senhora (respondeu elle) que algum dia tivesse a ventura que entam desconheci; mas naõ sou lembrado desse bem: se agora o mereço, o estimarei mais que a vida, e será principio da gloria della saber o vosso nome, e como me haverei no lugar onde estou, em o qual me tive ha pouco por perdido. A mim (disse ella) chamaõ a Cortezia, que sou guarda desta segunda porta do segredo: e posto que ao officio, que tenho nesta caza, pertence calar tudo, eu tenho por tam natural da cortezia dizer o que em urbanidade se naõ póde negar, como calar o que em boa confiança se deve encobrir. Aquelle velho, que na primeira porta encontrastes, chamaõ o Respeito: deixou-vos alli por ver se sem elle accommetterieis estoutra onde estais. Agora vede o em que daqui adiante quereis que vos sirva, porque vos naõ faltarei em tudo o que alcançar a liberdade, que nesta caza tenho. Com esse favor (tornou elle) estarei mais confiado para vos dar conta do que procuro. Quizera primeiro entender os passos que daqui para diante hei de caminhar. Ao que ella disse: Na minha alçada naõ cabe tanto; mas para o que eu naõ posso pedirei licença, e vós ma dareis para que em quanto tórno a' vos buscar, cerre esta porta onde me esperareis. E dizendo isto, com huma mizura mui favoravel o deixou: e elle com os olhos na porta, que lhe cerrára a Cortezia, vio

vio que na taboa estavaõ escritas estas palavras.

O signal do secreto he naõ crer tudo o que ouve: naõ se assegurar do que vê: naõ se descuidar do que fala.

O signal de naõ ter segredo he ser solicito em querer alcançar os alheios.

Esteve Oriano hum pouco considerando no que alli achava escrito: e lembrando-se de seus passados amores se accuzava entre si, movido daquelles avizos, que approvava. E porque como o esperár, quando cança, leva os sentidos de huma parte a outra, e além disso elle estava com sede, se foi direito ao lago; e debruçando-se para bèber, pegáraõ delle pelos braços, e o afastáraõ para fóra; e voltando o rosto vio que eraõ a Cortezia, com quem antes falára, e outra dama muito mais formoza no parecer, e melhor vestida no traje, porque trazia humas roupas á maneira de Cabaia Persiana de setim azul claro, semeado de estrellas de prata; o toucado era estranho, porque trazia o cabello em tranças feito em hum annel, e no remate da tésta hum diamante de muita luz, no alto humas pontas de ouro á maneira de coroa, nos pés espartenhas de seda azul tomadas em laços com bolotas. A Cortezia lhe disse: Certo que naõ sei como vos atrevestes a querer provar esta agua sem primeiro saber os secretos della, pois nesta morada naõ ha coiza, que os naõ tenha; que se a nossa tardança dera lugar á vossa sede, naõ sei como passarieis com a vida. A necessidade (respondeu elle) menos dá lugar ao conselho, que ao remedio. Pareceu-me que a agua, que aqui corria tam livremente, naõ devia de ser para matar,

tar, se naõ fosse a sede. Sabei (replicou ella) que esta agua foi aqui trazida de diversas fontes de remotas regioens; e, a quem naõ sabe uzar della, faz muito damno. Parte della veio do lago Syderis, em o qual nenhuma coiza se ança, ou cahe, que, por leve que seja, se naõ vá ao fundo; outra vejo da fonte Lina, que he nos montes de Arcadia, e do seu rio Gelado, que tem virtudes estranhas; e a mulher prenhe, que a bebe, conserva o parto sem por nenhum cazo, ou successo fazer aborto: outra he trazida do rio Oachas, que corre por Bithinia; que, se nessa bebe algum perjuro, prova chammas de fogo em suas ondas. Assim, que por estes estranhos effeitos se guarda aqui mais para experiencia, que para sede. E porque naõ seja debalde a vossa vinda, e o vosso desattento, tomai della hum trago, e trazei-o na boca sem gostar della, e vinde atraz de nós, perdereis a sede. Com isto o deixáraõ só; e elle fez como lhe ensinou a Cortezia, e foi-se entrar pela porta que ella guardava, e logo a do azul lhe disse que deitasse fóra a agua que tomára; que quem até alli a podera ter na boca, naõ faltaria ás obrigaçoens do segredo para diante. Elle o fez assim, entam entendeu o proverbio, que vulgarmente ouvira dizer dos pouco secretos, que naõ tem agua na boca. Desta porta sahiraõ a hum corredor muito bem assombrado, que parava á vista de outros degraus mais levantados, por onde sobiaõ a huma porta obrada com gentil arquitectura. O corredor tinha tres vidraças, por onde lhe entrava liberalmente a luz com que se viaõ as paredes que estavaõ pintadas com historias diffe-

differentes repartidas em paineis muito bem ordenadas: e porque Oriano com os olhos os hia correndo, se deteve a Cortezia, e lhe foi declarando a pintura delles. O primeiro da parte direita era a Cortezia, que os Arthenienses uzáraõ estando em guerra com Filippe Rei de Macedonia, que, tomando a hum messageiro seu com cartas para Olympias sua mulher, lhas mandáraõ a ella selladas como vinhaõ; tendo por tam grande crime descobrir hum segredo, que até ao de seu maior inimigo guardáraõ cortezia: e ao pé tinha esta letra.

Nem vinganças de inimigo
Tiraõ esta obrigaçaõ;
Que as leis do segredo saõ
Mais estreitas, que o perigo.

No segundo estava pintada a historia de Anaxilo Capitaõ Atheniense, que sendo prezo pelos Lacedemonios, e posto a tormento para que dissesse o que sabia dos sonhos delRei Agezilau, respondeu que, pois estava em seu poder, elles tinhaõ licença, e liberdade para lhe tirar a vida; mas elle naõ para descobrir os segredos de seu senhor: e em baixo escrito esta letra.

Naõ póde o ferro homicida,
Tirarme nunca esta palma,
Que guarda o segredo na alma,
Inda que se perca a vida.

No terceiro painel estava pintada a cortezia de Lucio Crasso Tribuno, que accuzando ao povo Romano Caio Carbonio seu inimigo, se acolheu para sua caza hum escravo do accuzado com hum escritorio dos papeis, que continhaõ as culpas mais importantes de seu senhor,

nhor; de que Lucio Crasso se podía aproveitar naquella occaziaõ : porém elle, sem tratar dellas, mandou o escritorio fechado, e o escravo prezo a C. Carbonio : e ao pé estava escrito.

O que sem fé me offerece
Armas contra seu senhor,
E o meu segredo, e valor,
Cada hum tenha o que merece.

Da outra parte havia em correspondencia outros tres paineis de historias, que os poetas escreveraõ, com maravilhozos exemplos de alguns, que de perderem a cortezia ao segredo se mudáraõ em figuras differentes. No primeiro estava pintada a do pastor Batho, que por discobrir o segredo, que Mercurio delle confiou, foi tornado em pedra de toque, que ainda com tam estranha natureza sustenta a sua; e tinha no remate huns versos, que diziaõ:

De hum segredo, que perdi,
Cobrei tam nova dureza,
Mas naõ perdi natureza,
Se em pedra me converti.

No segundo se via a historia da Ninfa Coronis, que em descobrir o segredo, que Agláuro tam mal guardára, mostrou o pouco que tinha; e foi por Minerva transformado em ave, que té os do tempo publíca com odiozo canto: e ao pé se liaõ estes versos.

Foi minha fé mais ligeira,
Que o véo que me ficou;
E naõ ha de quantos dou
Quem me creia, nem me queira.

Em o terceiro estava pintada a fabula de Cliria, que, por descobrir os amores de Leuco-

thoe,

zhoe, perdeu os do Sol, e foi transformada em flor de girasol, que sempre seguindo a vista de seus raios se sustenta: por baixo dizia o seguinte.

O segredo de meu mal
Tambem na flor se perdeu,
Que ando traz de quem ma deu,
Por destino natural.

No fim deste corredor se sobia por alguns degraus como os primeiros a huma porta mais estreita, que entre quatro colunas Doricas tinha hum nicho de cada parte com duas figuras de vulto; a da parte direita era de Angerona, que os Romanos veneravaõ por deoza do silencio, com hum sello de cera na boca, e o dedo posto nos beiços como que os cerrava. A segunda era a de Harpócrates, que os Egypcios tinhaõ por deos dos mudos, que tambem com o dedo nos beiços os apertava: e no meio da porta estavaõ escritas em huma tarja estas palavras:

A mais difficultoza coiza, que ha no mundo, e a mais facil, he calar o que se naõ ha de dizer.

Chegando aos degraus a Cortezia, que atè li o guiara, lhe disse desta maneira: Porque pela obrigaçaõ desta portaria naõ posso comvosco passar a diante, vos entrego a esta minha companheira, que com mais liberdade vos servirá de guia; e para que, antes de lhe estar em maiores obrigaçoens, saibais o seu nome, ella he a Fidelidade, em a qual estriba a confiança da caza do Segredo. Oriano ouvindo-a nomear se lhe lançou aos pés com muita humildade, dizendo: Certo, senhora, que, pelo

pelo muito que ſempre vos eſtimei, mereça todo favor que agora me fizerdes; e naõ temerei com tam verdadeira companhia nenhum perigo dos com que me ameaçou eſta morada. Eſtai ſeguro (reſpondeu ella) que naõ faltarei a voſſas pertençoens; porque a conta, em que vos tenho, he conforme á que ſempre de mim fizeſtes. Deſde alli voltou a Cortezia para o ſeu lugar: e entrando a porta da Fidelidade era já acabado o dia, ella com boas palavras o fez ficar em hum pequeno apozento, que alli eſtava, onde perdeu a ſede que trazia, e o canſaſſo com que viera: e paſſou a noite em quieto repouzo; que o mais ſeguro he o que ſe alcança na caza, onde a mentira, e engano naõ tem lugar em que vivaõ.

DISCURSO QUINTO.

A Eſcaſſa luz da dezejada Aurora, que já branqueava as vidraças do apozento de Oriano, o deſpertou do ſono: e como elle dezejava naõ parecer deſcuidado onde com tanta vigilancia ſe vivia, ſe compoz do veſtido; e chegando á porta, ella ſe lhe abrio, e achou a Fidelidade, que o ſaudou com alegre roſto, e o deteve praticando até que o Sol deſcobrio a formozura do dia, e o corredor em que eſtavaõ; que poſto que em a traça, e arquitectura ſe parecia com o primeiro, na obra lhe tinha muita vantajem, e a pintura dos paineis com maior fineza, e paciencia eſtava matizada. Poz elle nella os olhos: e a que o guiava, para lhe dar a entender que com a meſma confiança lhe podia perguntar o que naõ

fou-

soubesse, como á primeira guia, que trouxera, lhe foi mostrando as historias da maõ direita; das quaes era a primeira a confiança, que Alexandre mostrou quando Efestiaõ por detraz delle hia juntamente lendo a carta que Olympias sua mãi lhe mandára, em que vinha o segredo das culpas de Antípatro; que voltando o rosto, e vendo que a lera, lhe poz na boca o seu sinete sem lhe dizer nada, mostrando porém que na sua boca sellava o que dizia: e tinha em huma pequena tarja o seguinte.

Do respeito nasce o medo,
Que sem falar se encommenda;
Porque calando se entenda
Quanto he sagrado o segredo.

A segunda historia era a de Anaxágoras, que mettido a tormento pelo tyranno, contra quem se tinha com outros conjurado, por naõ arriscar a fidelidade, que aos companheiros prometrera, com os dentes cortou a propria lingua, e a cospio no rosto do inimigo, porque a dôr dos tratos, e a perda da vida naõ rompesse o segredo, que devia: e tinha huns versos, que diziaõ.

Pois se deu para falar,
Naõ póde servirme agora
A lingua: deite-se fóra,
Só para naõ me arriscar.

A terceira historia era de Pompeio, que tomado por ElRei Gencio, e perguntando pelos segredos do Senado, elle sem lhe responder, poz a arder o dedo em huma vella, mostrando-lhe em aquella paciencia que por nenhum tormento descobria os segredos da República; e dizia huma letra.

Por

Por mais que o tormento duro
Ponha á vida a crueldade,
Na minha fidelidade
Sempre o Senado he seguro.

Na banda esquerda do corredor havia em correspondencia outros tres paineis, que continhaõ historias dos que por falta de segredo arriscáraõ, e perderaõ o credito, e a vida. No primeiro estava pintada a historia de Quinto Fabio, quando do Senado Romano foi asperamente reprehendido por descobrir a Publio Crasso o segredo da guerra Punica; e tinha ao pé huns versos, que diziaõ.

Contra minha auctoridade,
Esforço, braço, e braveza
Bastou só que numa empreza
Naõ guardei fidelidade.

O segundo era a historia de Fulvio, a quem o Imperador Octavio descobrio hum segredo importante, que elle logo foi communicar a sua mulher, que levemente o publicou; pelo que o Imperador o reprehendeu com grande aspereza. Fulvio desesperado tratou de se matar pelo que fizera, queixando-se primeiro á mulher de seu desatino: ao que ella lhe respondeu, que de si só tivesse a queixa, pois em tantos annos de sua companhia lhe naõ soubera a natureza; mas que, ainda que o erro fora seu, ella por elle tomaria o castigo; e assim se matou, e apoz ella fez o mesmo; e ao pé dizia.

A ambos deu tam triste fim
Hum segredo mal guardado,
Que eu fiei de confiado
A quem amei mais que a mim.

No terceiro estava a historia de Cessélio Carthaginez, que sonhando que em huma sua herdade achava hum grande thezouro escondido, e tendo por verdade certa a duvidoza imaginaçaõ, nem o mesmo sonho pôde ter encoberto, antes sem outra experiencia se foi a Roma ao Imperador Nero a lhe dizer, que achára grande quantidade de ouro, que devia ser o thezouro, que Dido em Carthago escondera. O Imperador mandou com elle gente, e embarcaçoens, que lhe levassem a riqueza: e cavando Cessélio as terras, em que sonhara, e achando que era engano, se matou, por naõ padecer a vergonha da sua mentira; e tinha ao pé este mote.

A vãa sombra, que sonhei,
Naõ pude ter escondida;
E veio a custarme a vida
Quando me desenganei.

No fim do corredor havia huma escada estreita de muitas voltas, por onde o levou a donzella até pararem em hum torreão mui forte, e bem lavrado, que tinha tres portas muito grandes á maneira de janellas; porém todas estavaõ fechadas: e a Fidelidade abrio huma dellas, e fez chegar a Oriano; e vio que entrava em huma salla de estranha grandeza, e maravilhoza obra, em cuja entrada estavaõ sentadas em humas cadeiras entalhadas no mesmo portado quatro pessoas de grande auctoridade, que mostravaõ guardar aquelle apozento. Porque Oriano naõ vio maneira de poder passar adiante, perguntou á donzella quem eraõ. Sabei (lhe respondeu a Fidelidade) que esta he a salla dos segredos de Amor; e que aquelle

velho

velho mais auctorizado, que tem a coroa de louro na cabeça, com o veſtido de ſetim negro, ſemeado de aguias de ouro, que eſtá ſentado ſobre hum livro, e que tem nos pés as eſpartenhas cobertas de eſtrellas de prata, he o Entendimento, a quem acompanha a donzella, que eſtá com os cabellos ſoltos ſobre o roſto, e que ainda por entre elles dá ſignaes de ſua formozura, veſtida de riço pardo orlado de eſpinheiros de prata, os pés deſcalços, e ſobre os cabellos huma capella de folhas de palma de ouro, e he a Paciencia, neta ſua, filha da Razaõ, e do Soffrimento. A velha, que vedes da outra parte com o aſpecto colerico, mas veneravel, veſtida de chamalote de ouro, e branco com bordadura de aljofar, e em roda muitos eſcudetes de varias côres, e metaes, que tem a diadema ſobre o toucado, e aos pés hum elmo com ſeu coronel, e nelles humas eſpartenhas de tróços de ouro, he a Honra. O mancebo gentilhomem, que eſtá junto a ella veſtido á moderna de ſetim roxo, e amarello com muitos peſpontos de ouro, e prata em xadrês, he hum ſeu filho, a quem chamaõ o Primor; e em poder, e confiança deſtes quatro eſtaõ depozitados os ſegredos de Amor. E chegando á porta, donde o naõ deixáraõ paſſar, vio que a ſalla ao rodor das paredes eſtava cheia de cofres mui altos fechados, e encintados de ferro dourado; e pelo meio da caza andavaõ paſſeando algumas peſſoas, cujos roſtos, pela grande diſtancia, ſe naõ divizavaõ bem; as paredes eraõ pintadas de longes, e paſſagens de maravilhoza pintura, e o tecto dourado. Voltando Oriano os olhos á Fideli-

dade para lhe perguntar algumas coizas das que via, se lhe esqueceu tudo, e se achou só em hum pequeno campo, murado de todas as partes, ao pé de hum penedo muito alto, em huma face do qual vio que estavaõ escritos estes tercetos.

O que neste lugar tam defendido
Merece por Amor segura entrada,
Quando tantos por ella tem perdido,
Antes de ver a maquina encantada,
E a face veneranda do Segredo,
Com tanta vigilancia respeitada,
Lêa as letras, que estaõ neste penedo,
E, depois de as guardar firme, e constante,
Alcançará seus bens seguro, e ledo.
Nenhum queixozo, ou desprezado amante,
Descubra no maior tormento, e pena
A cauza de seu mal como ignorante.
Padeça, e cale o que Amor lhe ordena;
E, com abrir do peito algum postigo,
Naõ faça a dôr, que sente, mais pequena;
Porque o que dentro em si guarda comsigo
Queixas, tormentos, damnos, e rigores,
Vem a achar o remedio no perigo.
O que teve ventura em seus amores,
E, por successo, ou por merecimento,
Alcança glorias, gostos, e favores,
Tenha em saber calallos soffrimento;
Porque de naõ saber ser mudo huma hora
Se geraõ muitos annos de tormento.
O que nas competencias empeora,
E foi entre escolhidos enjeitado,
Naõ descubra esta dôr do peito a fóra;
Que, quando já do bem desesperado,
Quiçais que a perder venha o venturozo,

E

E elle chegue a gozar por ser calado.
Nenhum desconfiado perigozo
Mostre em occaziaõ leve suspeita
A quem dada lha tem de estar ciozo;
Que declarado o mal nada aproveita,
E mais sabe o calado da verdade;
Que só quem dissimula o tempo espreita.
E os bens, que haõ de ser filhos da vontade,
Se com estreita lei se difficultaõ,
Rompem-se com maior facilidade.
E de todos os damnos, que rezultaõ
Das semrazoens de Amor, se estaõ livrando
Os que seus males, e seus bens sepultaõ.
O que se affeiçoou vendo, e falando,
De hum estranho poder de formozura,
De hum olhar amorozo, hum termo brando,
Naõ chegue a descobrir o que procura
A quem póde ter delle competencia;
Que he dar lugar mil vezes á ventura.
Quem naõ tem destes males experiencia,
De aqui poder entrar perca esperança,
Sem costumar-se á dura paciencia.
Porque a tormenta fera, e a bonança,
A brandura suave, e a aspereza,
Como bem da ventura, foge, e cança.
E naõ confia Amor mui grande empreza
De quem publica o que calado teve;
Pois nos ensina a propria natureza
Que nada está seguro em peito leve.

Lendo Oriano estes versos o deixáraõ elles com muito cuidado pelo que diziaõ: e porque se vio só em lugar tam differente do em que antes estava, e pondo os olhos por todo aquelle campo, divizou sómente hum homem vestido de peregrino, que hia chegando a hu-

ma porta muito grande para sahir por ella: apressou elle o passo, mas naõ pôde andar tam ligeiramente, que o naõ encontrasse já da parte de fóra, onde a seus brados virou o rosto; e de improvizo os dous se conheceraõ, porque aquelle era seu amigo Lereno, de quem no rigorozo naufragio se apartára. Foi o alvoroço, e alegria de ambos tam sobeja, que nenhum delles começava, nem sabia falar; e estiveraõ hum espaço abraçados com os olhos cheios de lagrimas, e rizo, sem nenhuma lembrança do lugar donde sahiraõ, antes como se na praia do seu naufragio se encontráraõ. Vieraõ com este descuido caminhando por hum valle cheio de altos arvoredos, até que descobriraõ de longe humas cazas mui altas, com alguns lanços de varandas, e galarias mui compridas, e bem ordenadas: e com os olhos no que elles pouco, e pouco hiaõ divizando, víaõ que daquella parte hum pastor vinha para elles, vestido de verde escuro, com hum çurraõ negro, e hum cajado torcido de azambujeiro; e ao som, que com elle fazia nos troncos das arvores, por que passava, hia cantando com tam boa voz, e suaves accentos, que os dous amigos paráraõ á sua vista pelo ouvir; e elle, sem fazer com sua prezença alguma mudança, foi continuando com os versos seguintes.

Soltai-me, amor enganado,
Que enganado me prendeis;
Que em meu poder naõ tereis
Seguro o vosso cuidado.
Sou hum pastor desprezado,
Que numa aspereza vivo,
A toda a brandura esquivo,

Sujei-

Sujeito a todo o rigor;
Naõ posso servir a amor,
Que estou da sorte cativo.
Metteis tanto cabedal
Em me vencer, que suspeito
Que tem mais este meu peito,
Do que a minha sorte val.
Naõ he de meu natural
Tam altivo pensamento,
Nem a minha alma apozento
Aonde amor se agazalhasse,
Se naõ se, quando elle nasce,
Naõ respeita o nascimento.
As settas, que esperdiçais
Em mim, que querem dizer,
Pois porfiais de as perder
Aonde tam pouco ganhais?
Baste, amor, naõ tireis mais,
Esperai, detende a maõ;
Que naõ ha no coraçaõ
Lugar para mais feridas:
E tantas settas perdidas
Num pastor para que saõ?
Se, porque a aljava vos péza,
Quereis todas empregar,
Naõ ha de ser em lugar,
Em que mostreis tal fraqueza:
Naõ he de vossa grandeza
Pôr o ponto tam rasteiro;
E se de hum tiro ligeiro
Tam rendido me deixastes,
Para que tantos tirastes
Quando bastava o primeiro?
Fazei contra os fortes guerra,
Pois dizem que sois tam forte,
Buscai aos grande da corte,

Del-

Deixai aos pobres da serra.
Mas se a esta vos desterra
O tempo perseguidor,
E nos trajes de pastor
Quereis viver escondido,
Darvos-hei por perseguido
O que perdeis por amor.
Entre huma montanha dura
Vos offerece apozento,
Aonde amor, e soffrimento
Costumaõ ser de mais dura:
As arvores da espessura,
As cavernas dos rochedos
Guardaraõ vossos segredos;
Tam doces de publicar,
Que se naõ podem guardar,
Se naõ for entre penedos.
Achareis a saudade
Por entre os bosqües sombrios;
E nas correntes dos rios
Pureza clara, e verdade,
Achareis a saudade,
Nos coraçoens dos pastores
O termo dos bons amores,
Com brandura, e com socego;
Que, inda que ouço que sois cego,
Naõ vos haõ de enganar côres.
Respeitai minha humildade,
Alheia do poder vosso,
Pois vos dou tudo o que posso,
Nesta esquiva liberdade:
Mas que monta huma vontade,
Que tudo tem contra si?
Naõ sei que achastes em mim,
E eu que acho neste dezejo,

Que

Que com todo o mal, que vejo,
Naõ me esquece o bem que vi.

Acabando a cantiga chegou a elles, e os ſaudou; e ambos lhe perguntáraõ que cazas eraõ aquellas que appareciaõ; e elle lhes tornou: Amigos, eſte he o hoſpital, onde ſe curaõ os enfermos do ſegredo; e eu venho delle eſpantado aſſim das muitas coizas, que alli ha que ver, como de quanto os males dos enfermos ſaõ para recear. Vinha alli a falar a huma dama, que amei muito, que, ſendo deſigual nos merecimentos da minha pouca ſorte, e conſiſtindo a eſperança, que me deu, no ſeu ſegredo, o naõ pôde ſuſtentar huma hora: fica agora na enfermaria dos incuraveis, donde trataõ de a mandar á natureza, porque foi ſempre a ſua nunca encobrir dezejos ſeus, nem cuidados alheios. Muito folgáraõ os dous amigos de o ouvir; e Oriano lhe diſſe: Parece-me que a deixas ſem razaõ em tal eſtado; que já póde ſer que lhe aches remedio no arrependimento. Nenhum (reſpondeu elle) porque tem por natureza morrer, ſe ſe cala; e matar-ſe pelo que falou; e eu naõ poſſo deixar de lhe querer, nem he poſſivel ſuſtentar no meu eſtado o que lhe quero. Se lá a virdes (que, por ſer mais formoza, que as outras, a conhecereis) dizei-lhe da minha parte, que naõ uze de remedios que lhe gaſtem a compreiçaõ; que virá depois a falar o que naõ he, quando naõ tenha ſegredos que falar. Com iſto foi andando ſem eſperar repoſta; e elles ſeguiraõ ſeu caminho gabando o ſeu termo, em que lhe acháraõ muita graça. Dalli a pouca diſtancia do valle chegáraõ á huma porta grande, que eſta-

estava sempre aberta, sobre a qual em hum nicho estava a figura do Arrependimento, que era hum velho muito feio com os olhos virados sobre os hombros para traz, e as maõs nos cabellos: entráraõ pela porta; e sobindo por huma escada muito espaçoza, que ficava á maõ direita da entrada, paráraõ á vista das enfermarias, que com maravilhoza ordem eraõ repartidas. Hum velho, que era o enfermeiro principal, os recebeu com o rosto alegre, e lhes perguntou que queriaõ: e entendendo da sua reposta que só o dezejo de verem aquelle lugar os trouxera a elle, lhes disse: Filhos, ainda que aqui ha muitas coizas que saber, poucas podeis ouvir; porque a primeira dieta, que daõ aos doentes que aqui entraõ, he naõ falarem nada; e eu, que vos podera dizer alguma coiza, sou tam occupado com a administraçaõ do officio que tenho, que vos naõ hei de servir como quizera: porém vinde comigo, e vereis algumas coizas em quanto o repouzo dos doentes me dá lugar a esta hora. Elles lhes responderaõ agradecidos á sua cortezia; e o seguiraõ, e foraõ até o primeiro leito, em que estava hum mancebo, que padecia mil contrarios accidentes. Este, que aqui vedes (disse o velho) se achou muito mal de descobrir o segredo de huns amores que tinha: porque, vendo sua dama que elle naõ pôde ter dissimulaçaõ no que esperava alcançar, o deixou. O pobre amante queixozo de si mesmo, e determinando emendar-se, como era leve em mudanças, poz sua affeiçaõ em hum sujeito, em que naõ estava mal empregada, e onde podera ser bem recebida: mas tanto encobrio

sem-

ſempre o que queria, que ſua dama o naõ pôde delle conhecer, ſenaõ quando, tomando novo eſtado, elle perdeu o remedio de ſeu dezejo. E aſſim tendo ſecreto o que havia de dizer, e contando o que lhe importava calar, veio ás maõs do Arrependimento, e na primeira cura teve ſua vida bem arriſcada. Oriano, e Lereno ficáraõ compadecidos de ſeu damno; e ao paſſar lhe viraõ ſobre o leito eſcrito eſte mote.

Em ſaber o como, e quando
O bem do ſegredo cabe;
Que pouco faz quem naõ ſabe,
Em viver, e amar calando.

Dalli paſsáraõ ao ſegundo leito, onde eſtava hum velho, que no aſpecto reprezentava grande triſteza; e chegando a elle, diſſe o que os levava: Eſte enfermo amou muitos annos, e naõ lhe faltou eſtrella em a correſpondencia de ſua affeiçaõ: e naõ ſómente calou os favores que recebia, mas ainda os dezenhos do que intentava: porém ao tempo de gozar ſua boa fortuna, fiou o ſegredo della a hum amigo que occultamente era intereſſado no meſmo amor, e de inveja perturbou logo ſua ventura, e o fez perder a gloria que eſperava: chegou aqui ha poucos dias; e por vir tarde, e ter já muito fraca a natureza, lhe faráõ pouco fruto as medicinas, como vereis no eſcrito que tem ſobre o leito. E alçando ambos o roſto viraõ que dizia:

Hum cuidado que calei,
E de alegre deſcobri,
Porque contente o perdi,
Sendo triſte o pagarei.

Sobre

Sobre o terceiro leito estava sentado, e meio vestido hum mancebo como que já convalecia, com o rosto alegre, e bem assombrado. Este (disse o velho) nunca escondeu segredo de coiza que soubesse: mas os seus tinha guardados na alma com muita fidelidade. Em castigo desta culpa succedeu que entre os alheios, que contava, descobrio o successo de hum amante, a quem naõ sabia a dama, que acertou a ser a mesma a quem elle queria: a qual sabendo o conto, e tendo por manifesto o seu primeiro amor, de envergonhada delle proprio o deixou, occupando-se em outros pensamentos. Elle rindo-se do que ella cuidara, e sentindo o que perdera em sua affeiçaõ, veio a este hospital, donde o despedirão muito sedo: e tem como os mais os versos, que lhe vereis sobre a cabeça, que dizem:

Calei sempre o que sentia:
E no mais, que publicava,
Naõ errei, porque falava,
Senaõ porque naõ sabia.

No quarto lugar estava hum enfermo, que tinha sobre o leito muitas cartas abertas, e elle todo empregado em huma que hia lendo. Este (disse o velho) amou com muitos extremos a huma dama, de quem teve favores, e cartas; e mostrando huma dellas, que foi pela letra conhecida, veio a perder logo a pertençaõ. Avizado deste successo tomou novos amores, e quiz ser nelles tam secreto, e acautelado, que se desaveio com elle a dama, a quem servia, dando-se por aggravada de manifestar o que lhe queria. Elle de ambos os termos, que uzára, arrependido veio ter a

esta

esta caza ha poucos dias, e tem por empreza o mote que vedes, e dizia:

Nem na carta, que mostrei,
Nem nas que em segredo tinha,
Errei: foi ventura minha;
E nesta nunca acertei.

Neste lugar, e pratica estava o velho com os dous amigos quando ouvirão tocar hum sino, que o fez deixar a companhia com esta desculpa: Sinto quanto póde ser não vos guiar até o fim desta enfermaria dos namorados; mas sou tam necessario nas outras, que me he forçado. Idevos com boas horas. Os dous amigos que se virão sós, e que nenhum dos enfermos, a que falavão, lhes respondia, sahirão dalli, e tomárão o caminho que ficava á vista das cazas, tam satisfeitos da boa ventura do seu encontro, como era grande o dezejo, que até então trazião, de se verem, e communicarem; e cada hum com alvoroço não podia contar os successos, com que da tormenta do mar salvárão as vidas; que tam natural effeito he na grande alegria faltarem razoens, como em qualquer descontentamento subejarem queixumes.

Discurso Sexto.

As horas de contentamento não se sentem; correm como escondidas, e, quando passadas, se conhecem. Os dous amigos alegres com a boa sorte que alli gozavão, agradecidos á ventura que os ajuntou tam fóra de suas esperanças, descuidados de todo o outro damno, que lhes podia despertar a memoria, e affigurar

rar o receio, nem attentáraõ o caminho, nem sentiraõ o dia: mas como os de pezar saõ mais vagarozos, e em se offerecer á vida mais apressados, ainda entre sua alegria se misturavaõ. Oriano hia contando o seu perigo entre as ondas, retratando a dôr com que a vida entre ellas se lhe acabava. E Lereno infiado, e enternecido acodia com os sentidos ao mal, e perdia o tino como se vira prezente o damno, cuja lembrança reprezentava: e atraz disto contando, elle o estado, em que na praia o lançáraõ as ondas, fazia no amigo effeitos similhantes: a ambos entre o contentamento de seus abraços sahiaõ vivas lagrimas dos olhos. Logo chegando ao bom succésso de seu naufragio amorozamente se alegravaõ, até que nisto os salteou a noite de improvizo, com cujo escuro cahiraõ no descuido suave, em que a conversaçaõ passada os detivera: começáraõ a lançar sentidos sobre o gazalhado que para seu repouzo era necessario; e vendo mui despovoada aquella terra, e que a sombra das nuvens naõ deixava ver o caminho, sobiaõ por hum valle assima, e paravaõ de quando em quando no alto, vigiando com os olhos, e ouvidos se ao longe appareciaõ fogos de pastores, ou sentiaõ brados, ou ladridos dos rafeiros: mas como o silencio nocturno a tudo tinha suspenso, e naõ soava mais que o vagarozo som de hum rio, que mui longe dalli parece que caminhava, determináraõ neste enleio ficar no simo da serra abrigados a algum penedo; quando de subito divizáraõ hum lume, que de espaço a espaço se amortecia, e tornava a crescer com grande labareda: caminháraõ grande parte

parte da noite á vista delle, até que com a distancia se desenganáraõ que naõ era possivel chegarem ao lugar onde apparecia. E posto que a noite era escura, e intratavel, obedecendo á necessidade se conformáraõ com o remedio, que tinhaõ, que era terem o Ceo por cobertura: e tardou pouco que naõ ouvissem huma voz, que perto dalli cantava o seguinte.

Noites liberais
De minha alegria,
Quero mal ao dia
Quando me lembrais.
Horas apressadas,
Por que a vida chora,
Naõ tive mais hora,
Sendo vós passadas.
Estreito apozento
De meus gostos cheio,
E, ainda que alheio,
Meu no pensamento.
Quantas vezes viro
Os olhos a vós,
E em vos ver tam sós
Lamento, e suspiro!
Pede-me a vontade
Ver-vos cada hora,
Como que em vós mora
Minha saudade.
Tive em vós aberto
Meu thezouro avaro,
Que com o dia claro
Ficava encoberto.
Aqui me vio lêdo
Quem triste me tem
A vista de hum bem,
Que perdi bem sedo,

Dizei.

Dizei-me, paredes,
Que agora estais tristes,
Se he por qual me vistes,
Se he por qual me vedes?
Se a minha lembrança
Em vós ainda vive,
Se do que em vós tive,
Tendes esperança.
Porque emmudeceis
Neste meu queixume;
Se já por costume
Meu damno entendeis?
Como naõ abalaõ
Vosso natural
Meus ais, se em meu mal
As paredes falaõ?
Mas, ai desengano,
Cruel, e inimigo,
Que de quanto digo,
Vejo sempre o damno!
Perco a esperança
Nas mostras que vejo;
Mas no meu dezejo
Vive a esperança.
Cresce o meu cuidado,
Vejo-me perdido;
E, inda que offendido,
Mais affeiçoado.

Levantaraõ-se, e foraõ pelo tom da voz para a parte, donde ella nascia: e viraõ que estavaõ junto de hum pequeno lugar, que o escuro da noite com a sombra de huns penedos, que sobre elle ficavaõ, lhes encobria: e, porque era muito tarde, naõ havia levantada outra pessoa mais, que hum pastor, que sentado

á

á vista de humas paredes dezertas cantava o que ouvistes: faláraõ-lhe; e elle sabendo pelas suas perguntas que eraõ estrangeiros, os levou comsigo, e os agazalhou com boa vontade, e com palavras, que com ella se pareciaõ. Depois que comeraõ os deixou a ambos em hum pequeno apozento, onde pelo discurso da noite continuáraõ com a pratica, que do caminho traziaõ; porque mais se acha o descanço na conversaçaõ de hum amigo, que no repouzo do sono mais descançado. Ai caro Lereno (dizia Oriano) quantas vezes dezejei no maior perigo de meus trabalhos a tua companhia? E quanto ella só bastava para me valer no enleio dos males, em que me vi! Sabe que cheguei a salvar a vida em huma nau, que me fogia com ella, levando-a nos olhos de Nizarda; e vim a conhecer este bem quando só para o perder mo offereceu a ventura. Ai de mim, que só para consolaçaõ de meus males te possuo, e naõ para o conselho, que me faltou no cego labyrintho de meus encontrados succéssos. Com estes, e outros suspiros lhe contou o mizeravel estado em que se vira, e os desvariados caminhos, que fizera até parar na cova do Segredo. Lereno, que como bom amigo sentia suas desgraças, posto que com as proprias vivia igualmente queixozo, lhe disse: Amigo Oriano, oxalá que a tormenta, que nos dividio, me sepultára no fundo do Oceâno, por naõ chegar a termo, em que livre do seu perigo vim a cahir em outros muito mais rigorozos, a que tambem acompanha o sentimento, que tenho dos males, que me contaste, com applicar o sentido á variedade dos succéssos, que

tive. Sabe que a ventura, que já mais he satisfeita de suas mudanças, nem farta de queixumes alheios, e que em nenhum estado deixa bens que durem, nem males, que por momentos naõ se variem, ordenou que, assim como tu achaste entre as ondas o porto de que já naõ tinhas esperança, eu sahisse dellas a nado a salvar a vida perto donde o Ceo para tantos males ma concedera: e o primeiro caminho, que em terra tomei quando mais perdido, me levou á porta que me tinha cerrado a esquivança, da que foi cauza principal de meu desterro: e ou que tivesse já fim aquella desgraça, ou fosse conhecida a semrazaõ cóm que padecia, a achei aberta; e vi a poucos passos aquelle bem, de çujo favor desesperado peregrinava: porém no melhor tempo, e maior esperança de minha gloria se desfez como encantamento esta alegria nas maõs da inveja, que foi sempre a mais cruel inimiga da bonança: e posto que o receio, que tinha desta, me faz sempre encobrir naõ sómente os gostos, mas os pensamentos, sendo o meu coraçaõ relicario delles, naõ me bastou vigilancia contra a sorte; descobrio se huma suspeita de meu bem, com que o perdi: e porque no segredo estava meu remedio, e havendo-o sempre em meu amor, já o naõ tinha, vim em habito peregrino áquella cova a buscar em seus arquivos nova ventura, da qual sahi de todo desenganado. E porque em alguma coiza quiz o Ceo satisfazer a minha innocencia, me restituio á tua companhia, que ella só me póde encobrir minhas desgraças. Oriano, que tinha igual brandura á gentileza de suas partes, e á nobreza

de

de ſeu naſcimento, lhe reſpondeu mais com lagrimas compaſſivas, que com palavras diſcretas: e algumas de hum, e outro amigo, eſcutava o paſtor em cuja caza eſtavaõ; porque a eſtreiteza de ſeu apozento, e o eſtar com ſeus cuidados deſvelado deu a iſſo lugar. Cançados emfim da pratica, elles, e o que os eſteve ouvindo adormeceraõ: e naõ bem tinha amanhecido quando ſe veio para elles, e, depois de os ſaudar com boas manhás, lhes diſſe: Pareceu-me eſta noite áſſaz comprida com o dezejo de me entregar em voſſa converſaçaõ do que nas horas paſſadas tenho perdido; porque vos ouvi (poſto que vos naõ eſcutava) tratar de males de amor: e como eſtou delle queixozo, dezejo cobrar companhia, quando naõ ſeja para lhe reziſtir, ao menos para o culpar; que quem padece, em queixumes deſcança, quando ſenaõ vingue com elles. Ainda devemos iſſo á ventura (lhe tornou Lereno) que, pois nos negou qualquer lugar de repouzo entre os contentes, nos lançou agora á conta de hum magoado, que neſſes he mais certo o primor, e a cortezia, que nos venturozos. E te digo que tambem na cantiga, que te ouvimos antes de entrar dentro na aldea, conhecemos que eras vencido de amor, e a obrigaçaõ á ſaudade de bens perdidos. Ella me tem em eſtado (diſſe elle) que me atormenta mais que os disfavores, e ſemrazoens de quem mo cauzou; porque defronte daquelle lugar, onde cantava, tive humas breves horas de contentamento, que com muito maior preſſa, do que paſſaraõ, mas roubou a ventura alheia: perdi a occaziaõ de o poſſuir, e a eſperança de o cobrar; e agora

choro á vista deste lugar o bem que tive; com suspiros magoados comecei por huma suspeita, tornou-se em ciume, e este em desengano: tive só da parte de minha inimiga huma fingida disculpa, com que ainda agora quero enganar o cuidado, mas naõ posso. Naõ me espanto, ainda que me peza, de teu mal (respondeu Oriano) que costume he, e condiçaõ de amor tratar assim a quem se empenha mais com elle: porém ainda te considero hum bem, que he ter comtigo satisfaçoens aquella a quem amas; que a disculpa ou argue grande amor, ou subejo receio; e de crer he que te naõ deixa quem naõ quer que desconfies. Quero-lhe tanto (replicou elle) que, posto que já me naõ serve o teu conselho, pareceu-me bem o que me agora disseste: e pois assim he, vos quero mostrar a ambos hum coraçaõ, que ella me mandou em nome do seu, com huns versos que naõ desmerecem tervos por ouvintes. E tirando do seio hum papel, vinha dentro nelle hum coraçaõ de setim cremezim bordado de lagrimas de aljofar, sobre laços de ouro, prezo por duas cadêas, e o mesmo fio; e pelo meio o passava huma setta: no papel vinhaõ humas decimas, que diziaõ:

Inda que a desconfiança
Vos tem tam desesperado,
Sabei que de meu cuidado
Naõ perdi nunca a lembrança;
Antes me fica esperança
De que noutra occaziaõ
Vejais por demostraçaõ
O que deveis a este amor:
E assim vos mando em penhor
O meu proprio coraçaõ.

Sa-

Sabereis desses signaes
Qual o trago no meu peito,
Prezo, rendido, e sujeito,
Com feridas desiguaes.
Se delle desconfiais,
Tendo-o no vosso poder,
Porque, para merecer
O que comvosco naõ posso,
Seja em vosso poder vosso,
Aonde o podeis conhecer.
E fico bem satisfeita
De mostrar esta vontade,
Quando com mais liberdade
Me offende a vossa suspeita.
O ciume, que me espreita,
Diz o que em vaõ se prezume;
Que he ordinario costume
De hum ingrato pensamento
Negar agradecimento
Para pagar com ciume.

Louváraõ os amigos a tençaõ, e os versos; e muito mais as partes de quem a mandára, que o pastor sabia gabar extremadamente; e porque vio nelles tam boa a tençaõ para seus cuidados (que he o que mais estima quem delles vive) lhes mostrou a reposta, que mandava ao enganozo favor, que recebera.

Este coraçaõ fingido,
Por ser esse, mui bem posso
Julgar, pastora, que he vosso,
Pois o tenho conhecido.
Vello tambem guarnecido
De aljofar, perolas, e ouro,
Me faz ter por certo agouro
Que na affeiçaõ, que escolhestes,
Todo o coraçaõ puzestes, Co-

Como o avaro no thezouro.
A prizaõ, que me mostrais,
Bem a minha alma a receia;
Que he mui custoza a cadêa,
Com que assim vos obrigais;
Naõ vejo nella signais,
Que naõ sejaõ contra mim:
E pois o mandais assim,
Naõ deve de ser acazo;
Vem rico, rendido, e razo,
E brando, que he de setim,
Da setta tenho alcançado
Que mostra a minha affeiçaõ:
Que do vosso coraçaõ
Tenho só o que he passado;
Mas amo tanto o cuidado,
Que inda por vós me namora,
Que oxalá, bella pastora,
Em tam conhecido damno
A certeza, e desengano,
Ciume, e suspeita fora.

Certamente disse Lereno que naõ merecia a aspereza da reposta: e ainda que está bem feita, me pareceu cruel. Enganas-te (tornou elle) com as suas palavras, que saõ boas; e eu respondo ás obras com que me offende, que saõ differentes. Gastáraõ nestas, e outras razoens tanto espaço, que era o dia mui entrado, e o Sol aquecia: pedia-lhe o hospede que ficassem com elle; e, quando o naõ pôde acabar, os foi acompanhando hum pouco de caminho até onde se despediraõ, e lhe deraõ graças devidas á sua cortezia. Os dous amigos, como naõ tinhaõ feita eleiçaõ de para onde haviaõ de caminhar, sentados ao longo de huma

ma ribeira ao pé de hum alamo, perguntou Lereno ao companheiro que determinava? E elle lhe respondeu: O meu dezenho era buscarte; e na vida de pastor (de cujo descanço me tens contado tantos extremos) acabar o que me fica por padecer desta que tenho: cuidei que te achasse morador onde te tórno a encontrar desterrado: nem sei escolher o que dezejo, nem o que queria, pois a ti sómente dezejava. Agora me dize o que te parece, que isso farei: e se te naõ atreves a esta minha pezada, e importuna companhia, eu naõ posso deixar de ta offerecer até que me enjeites. Bem te mereço eu (disse Lereno) outra confiança, que sabes o amor com que te quero, e o dezejo com que procurarei todo o teu descanço: da vida, dos montes, que já te gabei, ainda me naõ mostro arrependido: mas como em todas tem jurisdicçaõ a mudança, e a Fortuna, ha nella perseguidos, e contentes: em tempo estás de ver o como te trata, e em caminho de dar lugar a qualquer boa sorte, que fóra da sua humildade te offereçaõ as estrellas: e já que a minha foi tam cruel, que tornei a deixar a patria, aonde as ondas me lançáraõ, me parece bem que em o habito de pastores vamos a sustentar a vida, guardando alheios rebanhos na mesma Ilha, onde suspeito que ainda está guardada tua ventura: alli te acompanharei em quanto tu quizeres, ou ella dilatar o que te deve. E como a estrangeiros nos fica liberdade para, quando te seja penozo o exercicio de pastor, o deixarnos facilmente. Para naõ seres conhecido ha muitos meios; e o melhor he a mudança para estado mais humilde, que

que esse tem os homens de proposito desconhecer os amigos que já tratáraõ; além de que desses havemos de fogir com toda a cautella. Em verdade (respondeu Oriano) que já me parece que tenho tudo o que me faltava; depois que te ouvi cobrei alento, e cresce-me animo para tudo. Naõ póde ser coiza mais acertada que o que me dizes, se essa te não for muito penoza: perdoa-me os meus receios, que naõ nasceraõ de eu desconfiar de tua amizade, mas de estimar sobre tudo a tua companhia: e pois nessa me asseguras, só nos falta buscar agora alguma parte, onde haja embarcaçaõ para a Ilha: para as despezas da viagem, e caminho ainda naõ vou de todo desbaratado; e para a mudança naõ receio já ser na Ilha conhecido. Considera primeiro se será mais acertado buscar alguma povoaçaõ em que mudemos de vestidos, ou trocar os que trazemos nestas montanhas, e buscar informaçoens pelos caminhos. Naõ te dê isso cuidado (replicou Lereno) que pelas estrellas nos inclinaremos para a parte do mar; nas aldeas mudaremos o traje; e pararemos no primeiro porto da costa, que está daqui muito vizinha pelos signaes que della tive antes de entrar na cova do Segredo: e com isso o Ceo seja em nosso favor, pois o tomamos por guia. Levantáraõ-se ambos; e porque diante havia dous caminhos, deixáraõ o da maõ direita, que hia pelos montes assima; e pela corrente da ribeira desceraõ a huns alegres arvoredos, até huma campina muito espaçoza, em que gastáraõ caminhando até o Sol posto, quando deraõ em huma ponte de pedra mui antiga, obrada com gentil arquitectura, de cujos

arcos

arcos sahiaõ humas piramides altas com letreiros, que naõ se deixavaõ entender por serem as pedras cobertas de empeçada hera, e outras hervas silvestres, que fortaleciaõ as roturas, e faltas da obra, que o tempo, e as invernadas foraõ arruinando. A' vista da ponte se ajuntavaõ tres ribeiras, que faziaõ hum copiozo rio, o qual, antes de cahir em hum baixo onde entre louras arêas se espalhava, tinha huma quéda de huns penedos, onde com muito ruído encrespadas as aguas se desfaziaõ. Logo abaixo em a falda de hum valle, á vista da corrente, appareciaõ os edificios, e cazas de hum pequeno lugar, que naõ dava signaes de pastores, mas habitaçaõ de gente illustre que alli vivia apartada do pejo da cidade. Sentáraõ-se os dous amigos sobre a ponte, vendo curiozamente a estranheza della, e o apressado curso com que as aguas se juntavaõ para formarem com seu cabedal o novo rio; e naõ estiveraõ muito que chegou, para passar, hum mancebo mui aprazivel de rosto, e airozo na postura, vestido de monte, com hum galgo pela trela, e outros caens que o seguiaõ; com a outra maõ vinha sopezando hum dardo: e posto que a côr, e o panno, de que vestia, era humilde, tinha policia da corte, e dava-lhe graça a boa proporçaõ do corpo, e a gentileza do seu parecer. Saudou-os; e sentou-se logo perto delles sobre a ponte, e perguntou-lhes para onde caminhavaõ, e de que terra eraõ; e entre as palavras de quando em quando fitava os olhos em Oriano, que tambem naõ tirava delle os seus, sem nenhum acertar com a razaõ de se conhecerem; até que, vindo de

huma em outra pratica, o mancebo caçador lhe contou que havia poucos mezes que sahira do mar, onde cursara alguns annos; e que vivia naquelle desvio, em que nascera, naõ já porque as occazioens da cidade o obrigassem, mas porque os trabalhos de suas navegaçoens só naquelle apartamento acháraõ repouzo. Entam calou Oriano seu enleio, e conheceu que áquelle mancebo vira já em outro traje, e occaziaõ differente; que era Diamiro companheiro do pirata, que na Ilha de Federico o cativara, em cuja companhia elle sahío em terra a buscar mantimento: alegrou-se de o ver em melhor fortuna; e Diamiro, que tambem tinha cahido em Oriano, os levou a sua caza, e os agazalhou com muita humanidade, sem que nenhum delles ouzasse a dizer como já se encontráraõ; que este he hum dos grandes encargos de quem uzou algum tempo vileza estranha de seu nascimento, que sempre a vergonha o castiga á vista dos que em outro tempo tratava; e dezeja de se desconhecer com todos, depois que está de seu erro, e engano, conhecido.

Discurso Setimo.

FOraõ os dous peregrinos hospedados com muita cortezia, e bom tratamento aquella noite: e como essa até nas coizas manifestas reprezenta hum certo segredo, com que o pejo se diminue, entam apartando Diamiro a Oriano lhe disse quem era, e lhe deu satisfaçoens do engano, que seguira: elle, fingindo que entam o conhecera, o abraçou com muito boas pala-

palavras, facilitando-lhe os erros da mocidade; e reconhecendo agradecido as obrigaçoens em que lhe estava, e ao Cossario que o tratou com tal humanidade, que bem dava a conhecer sua nobreza, e quaõ improprio era nelle tal officio. Depois lhe contou que buscava porto para aquella Ilha, donde o navio o trouxera; e elle se offereceu a lhe dar cartas, e ordem para a viagem, porque naõ muitas leguas dahi estava hum porto, onde por seu respeito lhe dariaõ embarcaçaõ accommodada. Detiveraõ-se alli alguns dias, em que mudáraõ os vestidos; e nestes soube Diamiro mais das coizas de Oriano, como era pessoa illustre, e a cauza de seu desterro, e amores. E como o dono da caza era obrigado a huns em que de novo entrára, lhe deu tambem conta de que huma dama de muito preço, e valor o favorecia, com quem lhe estaria melhor, que tudo, ser cazado; mas que até entam naõ dava credito aos meios, por onde o buscava aquella ventura. Lereno algumas vezes despertava com suas lembranças a Oriano, até que se houveraõ de despedir; e com muitos favores de Diamiro, que a ambos estava affeiçoado, se puzeraõ em caminho. Na primeira jornada, que dalli fizeraõ, foraõ dormir a huma villa assentada perto do mesmo rio, que já com a corrente de outras ribeiras levava maior cabedal; e tomando a pouzada conforme a humildade dos vestidos que traziaõ, se agazalháraõ com hum hortelaõ mancebo, que nas costas de hum antigo muro tinha o rosto da sua caza, e pela parte de dentro se servia para huma horta, e jardim que cultivava, que era de huns apozentos mui nobres, e

alti

altivos, que para elle tinhaõ sahida. E como o seu traje se accommodava bem com as curiozidades daquella vida, o hortelaõ depois da cêa os tirou ao jardim, por a noite ser tam clara e formoza, que até as côres das boninas, que nelle havia, se divizavaõ. No meio havia huma fonte de marmore muito bem lavrada, que sobre hum pedestal da mesma pedra tinha hum Cupido, que, sahindo-lhe a agua pela cabeça, o banhava todo, e vinha a cahir em huma vieira muito grande, donde correndo por tres canos se recolhia em hum graciozo tanque, em que como em espelho se estavaõ revendo as boninas; em roda havia muitos alegretes ordenados com maravilhoza traça, e assentos da mesma pedra, que ficavaõ encobertos com artificiozo toldo de algumas floridas, e copadas murtas. Sentáraõ-se todos tres alli praticando: e o hortelaõ tirando huma frauta começou de tanger, e de os convidar a que cantassem. Elles se escuzavaõ com boas razoens, que seriaõ estranhados no lugar, onde nunca foraõ ouvidos. Emfim elle naõ dezistio de seus rogos; e obrigou-os a lhe obedecerem: e tomando por sujeito o Cupido, que estava sobre a fonte, começou Oriano o seguinte.

Qual artifice leve,
Sobre esta fonte pura,
Foi pôr amor cruel vossa figura?
Que vaõ dezenho teve,
Se por algum respeito
Nesta agua quiz mudar o vosso effeito!
Quem vos vir nesse estado,
Que ficará cuidando,
Se naõ que cançais já de andar tirando?

E

E de vosso cuidado
Dais tudo por seguro,
Pois em tanta agua, Amor, já naõ sois puro;
Na vossa origem logo
Sabistes de huma fragua,
E inda mettido aqui debaixo da agua
Deveis de ser de fogo;
Que he tal o vosso lume,
Que faz arder as águas por costume.
Se os meus olhos fizeraõ
Esta branda corrente,
Vivireis nessas lagrimas contente,
Porque de vós nasceraõ,
E nada vos recrea,
Mais, que andar em agua desta vêa.
Mas se saõ naturais,
E vós ardente chamma,
Como do fogo a agua se derrama?
Se naõ se nos mostrais
Na que de vós procede,
Que he agua de matar, mas naõ já a sede;
Hora nadai, tyranno;
Banhai-vos com defeza;
Que, inda que naõ mudeis a natureza,
Se vos vir nesse damno
Huma alma magoada,
Dirá que amor naõ vêa, mas que nada.

Como o hortelaõ ouvio a voz de Oriano, que lhe pareceu estremada, pezava-lhe que naõ fosse ouvida da senhora, a quem servia naquelle jardim, e fazia muitas diligencias por acodir ás janellas, que sobre elle cahiaõ: porém antes do seu cuidado o deu primeiro a novidade do canto. Lereno, que nem ao hospede, nem

nem ao companheiro queria descontentar, seguindo o mesmo pensamento cantou.

Qual cautelozo imigo,
Neste jardim cheirozo,
Vos poz aspide fero venenozo
Para maior perigo,
Rodeado de flores,
Donde enganeis as Ninfas, e os pastores.

Naõ sois vós atrevido,
Que Amor por nome tinha,
Que eu tambem conheci na sorte minha?
Quem vos deixou mettido
Aqui sem mais brandura?
Quem peçonha lançou nesta agua pura?

Se algum para vingança,
Ou para experiencia,
Vos deu tam nova, e dura penitencia,
Por ver se na mudança,
Desta corrente fria,
Parte do vosso ardor se consomia.

Mas foi trabalho vaõ;
Que, sendo sem medida
O vosso fogo, he agua mal perdida
Para tal pertençaõ;
Que bem claro se entende
Que a pouca muito mais o fogo accende.

Se desta pedra dura
Vos fez, imaginando
Que vos vencesse a agua porfiando?
Porém he tam segura
Em vós essa dureza,
Que inda á porfia muda a natureza.

Ninguem beba sem medo
Desta agua clara, e bella,
Que está mortal veneno dentro nella;
Saiba-se este segredo: Que

Que, de pedra que seja;
Ha de matar amor onde elle esteja.

A senhora dos apozentos, que ouvia tudo, estranhou ser de rusticos o canto; e prezumindo no seu disfarce algum engano, que offendesse á fáma de sua honestidade, chamou ao hortelaõ, e perguntou-lhe quem eraõ aquelles hospedes, que tinha. Saõ, senhora (disse elle) dous pastores estrangeiros, que achei ha pouco ao longo do muro desta horta, perguntando por quem lhes désse gazalhado; e como eu já andei jornaleiro em terras alheias, e sei o mal, que he andar nellas sem abrigo, offetecilhes a pouzada, donde os trouxe ao jardim; e convidando-os com a minha frauta a cantar, como hei em costume, elles sobre essa figura, que viraõ sobre a fonte, disseraõ mui boas cantigas. Se isto vos dá desprazer, tornallos-hei logo ao meu apozento; que a minha tençaõ naõ he desviarme da vossa vontade; que, por eu cuidar que nisso vos servia, e me parecer que os pastores cantavaõ com boa graça, procurei quanto pude que os ouvisseis. A senhora, que vio a innocencia do hortelaõ, e que na fé daquella singeleza se asseguráva do que temia, disse que folgára de os ouvir, e que lhe pezava naõ saber mais sedo que tinha hospedes, para lhe favorecer o gazalhado; porém que ao outro dia os queria ver, e perguntar-lhes de que terra éraõ. Com isto o despedio; e elle se tornou para os hospedes, com quem se recolheu á sua pobre caza com muita alegria. Pela manhã, quando com a muzica das aves despertáraõ, se vestiraõ logo para continuarem seu caminho; mas a este tempo lhes che-

chegou recado de Marisbéa (que este era o nome da senhora) que os queria ver, que estava no jardim: elles lhe obedeceraõ mais encolhidos, e pejados daquelle favor, que cubiçozos. Entraraõ com o hortelaõ; e Marisbéa lhes pareceu de idade maior de vinte e sinco annos; toucava, e vestia com honestidade, e graça; e tinha no rosto huma gravidade digna de todo o respeito: fez que se sentassem em roda da fonte. E em quanto o hortelaõ acodindo a seu exercicio quiz pelo frio da manhã regar as hervas, e boninas, lhes falou desta maneira: Muito folguei de vos ouvir a noite passada, ainda que me cauzou primeiro sobresalto a novidade de tam discretas cantigas, que respondem mal ao traje que vestís; e o mesmo acho agora no vosso parecer. Dizei-me donde sois, e para onde he o vosso caminho. Senhora (respondeu Lereno) o favor, e mercê, que nos fazeis, nasce de vossa grandeza: porém quando em nós houvesse alguma coiza, que louvar, alheia da humildade de pastores, naõ vos espanteis; que as palavras, os cuidados, e pensamentos naõ estaõ obrigados á Fortuna de cada hum: e assim sabemos cantar de amor, porque elle sem respeitar o trabalho, e exercicio da nossa vida, tambem aos rusticos dá quilates de affeiçaõ conformes á medida de seu dezejo. Naõ estranho (disse ella) cuidados de amor entre pastores, porque prezumo que esses guardaõ melhor as suas leis, que sabem fazer verdadeiros extremos de affeiçaõ: mas o termo, a brandura, e policia de vossas palavras, e das cantigas desta noite me fazem prezumir o contrario. Ai de mim (tornou elle) que

que esse mesmo amor, senhora, he grande mestre em qualquer sujeito; tudo ensina, e faz capaz de tudo a quem o serve, mórmente aos rusticos para saberem sentir, e declarar sua pena; e naõ he muito que aos pastores faça discretos, quem aos passaros faz muzicos, ás feras forçozas, ás aves ligeiras, ás plantas galantes, aos valles amenos, aos prados floridos, e até ás penedias graciozas; que enfrea os ventos, suspende os rios, amansa as ondas, muda os montes, e faz arder de amores as estrellas. Pois sabeis tanto dos seus poderes (disse Marisbea) pouco estranhareis desatinos de quem á sua conta os commetter. E já que me satisfaço tanto das mostras de vosso entendimento, antes que fieis de mim alguma coiza, vos quero obrigar, e dar conta de minha vida, debaixo da fé, e segredo, que esta confiança vos merece, e que as vossas palavras, e procedimento me promettem; porque me naõ cabe já no coraçaõ o que sinto: e havendo de communicar minha pena, vos quero escolher para secretarios della. Naõ vos enganeis, senhora (lhe tornou Oriano) com o que vos parecemos; nem vos pareça que naõ he nosso o traje que vestimos: mas estai certa que rusticos, e humildes sabemos guardar decóro a segredos alheios, e estimar a confiança que fazeis de nossa humildade. Chamando-os entaõ mais perto de si, e da fonte, que com hum miudo borrifo os alcançava, lhes começou a dizer desta maneira:

Pastores estrangeiros,
Dignos de traje, e vida differente,
Pelo que a vista, e fala reprezentaõ,

 Pois

Pois a sorte cruel me naõ consente,
Como minha inimiga,
Que aqui entre os meus diga
Males, que de continuo me atormentaõ;
Quero entre vós, pastores,
Pois que falais de amor, tratar de amores.
Aqui nasci contente,
Nobre, rica, e querida,
E cresci com belleza, e com ventura
Até á doce idade florente,
Em que a Parca atrevida
A meu progenitor deu sepultura.
Ah se entaõ a tivera,
E a Amor, Fortuna, e irmaõ naõ conhecera!
Na sujeiçaõ materna
Fiquei os tenros annos,
Com lei estreita de honra recolhida;
Que onde a razaõ governa
Naõ tem lugar os damnos,
De que depois se queixa tanto a vida.
Em minha companhia
Hum irmaõ se criou menor na idade,
Que no rosto, e costumes respondia
A seu tam generozo nascimento,
Até que hum vil cuidado
Lhe tirou a ventura deste estado.
Tomou á sua conta amor tyranno
Dividir a amizade,
Tam justa, e natural, como em vingança
De naõ ser nella nunca conhecido;
E para assegurarse,
Buscou meu tenro irmaõ moço atrevido,
Para ser instrumento
De nosso desigual apartamento:
Era elle exercitado com destreza

Na

Na caça, e montaria,
Occupaçaõ mui propria da nobreza,
E mais de quem se cria
Em lugares pequenos,
Aonde tudo o mais parece menos.
Mas ah! mal haja aquelle, que primeiro
Para os montes tirou a mocidade,
Que sempre fica delles mal criada;
Que ha de pagar o monte,
Os asperos rochedos,
Os troncos, as cavernas, os penedos,
As feras fugitivas,
Brutas, crueis, esquivas,
Os caens por companheiros,
Sanguinolentos, vis, e carniceiros,
Se naõ tudo baixeza,
Que damna o que he melhor da Natureza?
Andava de contino
Na caça o leve irmaõ, em que estribava
Meu dezejado emprêgo;
E vio entre outras feras Leontino
(Que assim se nomeava)
Outra, que lhe mostrou este amor cego,
Huma Serrana esquiva,
Formoza na figura,
E indigna de tam nova formozura:
Fez extremos por ella,
Esqueceu-se de tudo o mais que tinha,
Andava pelos montes sem repouzo,
No traje humilde, e mais no pensamento;
Mas ai ventura minha,
Que os seus erros tambem culpar naõ ouzo,
Como quem delles sabe o fundamento,
Ou que ella lhe mostrasse
Enganoza affeiçaõ,

Ou que já lhe entregasse
Com reciproco amor o coraçaõ:
Esperava cada hora
Deixar por elle o nome de pastora;
Mas póde nella o baixo nascimento
O que nelle o vil trato da montanha:
Cazou-se com hum Serrano
Da sua mesma aldea,
Por naõ buscar ventura, que era alheia:
Elle desesperado
Lhe quiz matar o espozo.
(Que he culpa para algum ser venturozo)
Em fim se desterrou da patria sua,
Perdeu de mãi, e irmã nome, e lembrança,
Deixando muitas para o sentimento:
Dizem que entrou no mar sem confiança,
A ver nas ondas o arrependimento:
A mãi triste, queixoza,
De quem foi mui querido,
Crendo que era perdido,
Acabou descontente;
E nella o meu remedio juntamente.
Fiquei desamparada, porém rica;
E, inda que rica, menos poderoza;
Que quem he só naõ póde ter grandeza;
E com a tenra idade,
Junta ás obrigaçoens da qualidade,
Via de quando em quando,
Em mim imaginando,
O perigo encoberto,
Que em similhantes annos he tam certo;
Defendendo constante
Caza, fazenda, e honra similhante,
Ha poucos mezes, que por horas conto,
Que de novos cuidados perseguida.

Já

Já comigo me afronto,
De hum novo amor vencida,
Inda que com cautella
Desminta a vida, e os intentos della.
Perto deste lugar huma jornada
Ha hum assento altivo, antigo, e nobre,
Solar de huma familia generoza,
Que habitou hum varaõ prudente, e claro,
Que ha poucos annos que partio da vida:
Teve este hum filho só, unico herdeiro
De seu sangue, e morgado,
Moço no termo, e condiçoens honrado;
Nas partes excellente,
Bello como valente,
Affabil, liberal, e generozo;
Que reprehendido hum dia do pai velho,
Sem respeitar conselho,
De voluntario, facil, e mimozo,
Se foi a estranha terra,
Deixando a paz por duvidoza guerra:
Dizem que em companhia
De hum famozo cossario
Dava vélas tambem ao vento vario,
Que de roubos vivia,
Andando ha já dous annos
Naquelles vaõs enganos,
Como pirata injusto,
Podendo a menos risco, e menos custo,
Viver aqui Diamiro,
Que este he o nome do por quem suspiro.
Já cançado dos mares rigorozos,
Dos roubos mal havidos,
E da morte do pai certificado,
Veio outra vez buscar o seu descanço,
E tirou-me o que tinha;

Por

Porque só delle nasce a queixa minha.
Deixando de roubar no mar incerto,
Veio roubarme minha liberdade,
Que era na terra firme o meu thezouro:
Dera-lhe por concerto,
Em lugar da vontade,
As sedas, pedraria, prata, e ouro;
Mas quiz levar a palma
Com ser pirata, e roubador desta alma.
Em quanto amor menino
Hia nelle criando,
A vergonha nos olhos o encobria;
Dezejava, e temia,
E levava o despejo
Os grilhoens tropeçando,
Té que se fez gigante o meu dezejo.
Cresceu o fogo ardente;
E posto que na vista
Eu desmentir quizesse meu cuidado,
O rosto tam mudado
Dava claros signais de minha pena;
O olhar inquieto,
O alento solicito, e penozo
Mostravaõ cada hora
Que naõ era de mim livre senhora.
Emfim, como vencida,
Tomei de meu querer atrevimento,
E busquei novos meios;
Venci impedimentos, e receios,
E escrevi-lhe meu damno;
Espero delle agora o desengano.
Porém o pejo, o proceder honrado
De minha honestidade,
A côr rozada, da vergonha amiga,
Cada hora com afrontas me castiga,

O

O arrependimento
Me culpa; e o dezejo
Está dando mil graças ao despejo:
E em tal termo, pastores,
Estaõ a minha vida, e meus amores.

Em quanto Marisbea hia contando a sua historia, que com discriçaõ, e sentimento reprezentava, Lereno, e Oriano olhavaõ muitas vezes hum para o outro, como enleados ouvindo o nome de Diamiro, de quem o dia antes se apartaraõ, e o de Leontino, que da Ilha de Federico fazia a Oriano tantas invejas. Depois que ella se calou, lhe falou elle entam desta maneira: Nenhuma coiza, senhora, podia estimar tanto neste estado, como ter ouvido o de vossos pensamentos, e esperanças; porque, já que como pastor humilde em mais naõ posso pagar a vossa cortezia, e confiança, nestas novas, que deveis festejar muito, mostrarei meu dezejo, e as obrigaçoens, que tenho a vosso serviço. E agora entendo que, tendo tanta valia o segredo nos cuidados de amor, está ás vezes a ventura em os communicar, posto que tomo a deste successo á minha conta. Primeiramente sabei, que a vossa affeiçaõ he tam estimada de Diamiro, que sómente o pouco credito, que dá a tamanho bem, o faz desconfiado, e lhe impede naõ vos vir offerecer por elle a vida, e liberdade: e porque os meios saõ tanto em seu favor, os tem agora por duvidozos: mas eu sei que, assegurandose de vosso nobre intento, o tereis sempre por escravo. Como? e donde? (tornou ella muito afrontada) sabeis vós tanto de sua vontade, sendo estrangeiro? e até aos pastores dá elle

con-

conta de minha demazia? Naõ recebais disso perturbaçaõ (respondeu Oriano) porque ha alguns dias que eu, e meu companheiro fomos hospedes em sua caza: e antes de eu trazer o traje que agora visto, e começar o officio, que tenho, mereci ser particular amigo seu, cativando-me a mim no mar hum cossario, em cuja companhia elle andava, e onde experimentei mui bons effeitos de sua generoza natureza: e agora na confiança desta amizade antiga, me deu conta da nova ventura do vosso recado; porém vós sois a que me descobristes cujo era. E porque aqui naõ paraõ as boas novas, com que me alegrei para vos offerecer em satisfaçaõ; deixando este particular, em que o vosso merecimento, e o seu interesse vos assegura; vos quero dizer outras, em que me fiqueis devendo mais, conforme a pouca confiança que della vos tenho visto, que he saberdes de vosso irmaõ Leontino, de cuja vida, e successos estais tam alheia, tendo diante a melhor testimunha de todos elles, que póde haver: e certo que parece que de propozito me quiz trazer o Ceo a este lugar tam desviado do que eu procurava, só para que soubesseis delle, e o podesseis avizar de vosso desamparo. Assim que pela parte de vosso espozo, que eu espero que o seja sedo Diamiro, como pela de hum tam generozo irmaõ, vos estou, senhora, obrigado. Marisbea ouvindo novas tam alegres, e della tam pouco esperadas, se levantou desasocegada, e abrazada de huma formoza côr que costuma a dar nos rostos a alegria; e, como que queria levar nos braços a Oriano, se veio para elle, dizendo que lhe

certificasse muitas vezes se era verdade que Leontino vivia. Sim vive (respondeu elle) e em parte, onde outrem dezeja trocar com elle a ventura; porém naõ lhe faltaõ cuidados de amor, que tem mais duvidozas as esperanças que os vossos. E porque naõ pareça que em minhas palavras ha engano, vós darei todos os signaes de sua vista, e contarei muitas coizas que passaraõ antes de sua partida, e os successos até chegar á terra, onde habita com o mar em meio de sua patria. Entam lhe relatou muito de vagar muito do que das coizas de Leontino tinha sabido, dando-lhe miudamente os signaes do seu rosto, e contando-lhe como o seu caminho era para aquella mesma terra, onde o deixára, e nella o havia de ver muito sedo, se primeiro no mar naõ perdesse a vida. Marisbea fez sobir os pastores aos seus apozentos, onde com excessivas mostras de cortezia os agazalhou, fazendo de contente mil desatinos; que huma alegria pouco esperada, quando de sobresalto entra num coraçaõ, faz perder o curso ao entendimento, e descompor nas mostras a modestia mais registrada.

Discurso Oitavo.

NAõ se contentava Marisbea com as particulares novas da vida, e amores de Leontino; mas, como que lhe esqueciaõ a cada passo, pedia a Oriano que de novo lhas repetisse; que os bens, que muito se dezejaõ, nunca fartaõ de todo a vista, e os ouvidos. Alli fez estar os pastores mais dias dos que quizeraõ, porém tam mimozos, e tratados, que só

com

com ingratidaõ podiaõ enjeitar tam boa pouzada. Determináraõ em fim a sua partida; e pedindo muitas vezes licença a Marisbea, escreveu ella ao irmaõ seus queixumes; e ficando com as lagrimas nos olhos, que a partida dos estrangeiros lhe cauzava com a lembrança, e saudades que lhe faziaõ da vista de Leontino, os deixou ir. Continuaraõ elles com a estrada por onde hiaõ encaminhados, encarecendo ambos em o caminho o bom termo que com elles uzára aquella dama, e as obrigaçoens que levavaõ da sua confiança. Andaraõ huma jornada sem lhes acontecer coiza em que se detenha a nossa historia; e no fim da outra chegaraõ ao porto, onde se haviaõ de embarcar. Com as cartas de Diamiro buscaraõ a hum homem principal daquelle lugar, que com boa razaõ, e pouco gazalhado os poz logo em viagem, naõ para hirem direitos á Ilha de Federico, mas a outra que era perto della, donde com facilidade os podiaõ tomar nos barcos dos pescadores; e doutro modo seria difficultoza a sua pertençaõ, pelas poucas embarcaçoens, que havia para aquella parte. Entrados pois em hum navio de mercadores, rico, e bem artilhado, lhes ventou em seu favor toda a viagem; e no discurso della sentiaõ pouco os dous amigos o trabalho do mar com o gosto de communicarem entre si, até as menores coizas de seus estranhos acontecimentos. Alli mostrou Oriano ao amigo o retrato, que trazia da formoza Nizarda, e á sua vista cada hum provava seu saber em dar louvores áquella rara, e nova formozura; e Lereno em rogar ao Ceo que restituisse ao seu primeiro amante o bem de a ter

por

por senhora. Tambem Lereno contava ao amigo suas aventuras, e desenganos: e entre outras praticas lhe veio a dizer: Sabe, amigo, que se esfórça tanto a ventura ainda contra os desenganados, que, estando-o eu de toda a esperança de algum bem, e peregrinando para buscar sepultura a meus segredos, me quiz atalhar o caminho, que com elles fazia, o novo poder de huma gentileza, que, pelo que em meu favor parece que ordenava, cuidei que era sombra: e tomando por occaziaõ perguntarme por huma mudavel pastora, que eu conhecia, me mostrou em sua vista hum thezouro de graças, que amor naõ costuma descobrir, senaõ aos mais venturozos. Eu fiquei taõ obrigado ao que vi, como justamente devia á sua formozura: e para que fosse por diante o meu engano, e o seu fingimento, alcancei falarlhe, e conhecer o preço de seu entendimento, que respondia ao que mostrava sua formozura. Tive cartas suas: e conhecendo-me sempre por indigno do favor dellas, me defendia aos bens com humildade: até que, havendo de seguir a peregrinaçaõ do desterro em que vivia, o derradeiro bem, que tive, foi que huma bella maõ, que com os poderes de seu dono podia resuscitar mil vidas, cortou á vista de meus olhos huma rica madeixa de cabellos, de que por tam amoroza prizaõ mostrava que me queria deter a forçoza partida. Porém, como eu naquelle tempo conhecia muito dos bens, e enganos de amor, e do pouco que duram, naõ dei credito á minha sorte, de que em mais breve tempo soube a mudança. Mas porque naõ percaõ tam bom ouvinte huns ver-

sos,

sos, que fiz aos cabellos dignos de outro louvor mais levantado, e hum soneto á formoza maõ, que delles me foi tam liberal, tos quero mostrar; e servirme-haõ a mim de fazer a bonança desta viagem mais formoza, e a ti de menos trabalho a companhia de hum desenganado: e tirando-os de hum papel, em que no peito os trazia, acreditaraõ a opiniaõ, que delles tinha, com sua formozura; e no mesmo estava escrito de huma parte este soneto.

Maõ poderoza, que, por darme a vida,
Essas madeixas de ouro recolheis,
Detende a maõ formoza: naõ corteis;
Que, inda que liberal, sois atrevida.
Vejo esta ingratidaõ, que he mal nascida;
Pois, por me enriquecer, vos atreveis:
Mas se esse ouro tirais, onde os poreis,
Que mo naõ roube a sorte endurecida?
Com tudo, se amor faz o seu thezouro,
Como avarento em hum lugar estreito,
Eu por secreto a muitos levo a palma.
Fiai de mim riquezas de tal ouro,
E andará sempre occulto no meu peito,
Aonde o naõ vejaõ mais que os olhos da alma.

Gabou Oriano o soneto, e naõ fez pouco em poder falar nelle, pela sede que lhe faziaõ os versos que estavaõ escritos da outra banda; e assim disse ao amigo que para depois de os ler guardava os louvores, que lhe devia: e na volta falando com os cabellos dizia:

Prizaõ suave, e branda,
Na qual com laços de ouro
Prezo o meu coraçaõ aos olhos anda;
Estimado thezouro,

Em

Em cuja formozura
Achei perdido já minha ventura.
Amorozos cabellos,
Em meu favor cortados,
Se como o Sol, e ouro sois tam bellos,
Como achareis cuidados
Iguaes ao vosso preço,
No que eu pastor humilde naõ mereço?
Raios de luz formoza,
Que vindes abrazarme,
Naõ temo a vossa chamma rigoroza;
Que, para assegurarme
De vosso mesmo effeito,
Estais no vosso centro, que he meu peito.
E pois com hum peregrino
Ides a terra estranha,
Que, posto que de vosso preço indigno,
Sabe o muito que ganha
Em vos levar comsigo,
Naõ lhe sejais prizaõ, sendo castigo.
Naõ haja huma mudança,
Que troque essa vontade,
Em que agora me dais tanta esperança,
E tanta liberdade;
E, por naõ merecellos,
Naõ tenha os bens de amor pelos cabellos.
Alegre labyrintho
De amoroza affeiçaõ,
Aonde hei de perderme, e já consinto
Em minha perdiçaõ,
Bem sei que livrar posso
De perigo maior com hum fio vosso.
Mas, faltando alguma hora
Este bem ao dezejo,
Com se della apartar quem me namora,
Que

Que farei, se vos vejo,
Quando a mudança sua
Peça que, a quem vos deu, vos restitua?
Trança, que docemente
Atais em laço firme
Esta riqueza que me faz contente,
De que podeis servirme
Entaõ em pena tanta,
Se naõ de laço estreito na garganta?

Sobre o sentido dos versos, a formozura dos cabellos, e a tençaõ das côres da trança, com que vinhaõ atados, tiveraõ muitas, e discretas duvidas, e repostas; em fim das quaes lhe disse Oriano: Naõ me atrevera a fiar tanto de mim por melhor que conheço a ventura, que, dando-lhe ouvidos, me naõ levassem traz si o dezejo esses favores; que naõ póde haver receio, que á sua vista possa nada com a vontade. Poderoza era a cauza (disse elle) se o fora em mim a confiança: sei o pouco que posso confiar da ventura, e por ahi julgo o que se podem deter comigo suas bonanças; que, por haver de as perder com brevidade, he melhor naõ nas possuir com engano. E porque te naõ pareça que he isto falar já auzente do bem que na vista tem tantos poderes, e que me tomaraõ entaõ os cuidados em maior aperto, neste mesmo papel acharás escrito o que delles sentia. E buscando huns versos riscados, que em elle estavaõ, he o seguinte.

Porfia contra a sorte o meu dezejo;
Quanto elle mais porfia, ella o contrasta:
Se o desengano entre ambos me naõ basta,
Que farei neste amor, em que me vejo?
A sorte deshumana, elle sobejo,

Elle

Elle filho de Amor, ella madrasta,
Cada qual desta vida o melhor gasta;
Ambos fazem as guerras, e eu pelejo.
Tem o dezejo a esperança unida,
A sorte, a semrazaõ, com que me offende;
E eu já, porque o conheço, nada espero.
Se a esperança he falsa, e fementida,
E a semrazaõ cruel no que pertende,
Naõ póde haver mór mal, que o bem q̃ quero.

Muitos poderes, disse Oriano, saõ necessarios para se defender de amor, com razoens a quem elle com penhores tam custozos obriga; e mui facil deve de ser a vontade, que, dando essas mostras, faz logo mudança: dize-me se sabes a certeza da sua? Nenhuma tenho maior (respondeu elle) que conhecer o muito que ella merece, e o pouco que eu alcanço com amor; mas, sem querer perguntar dos seus, nenhuma coiza soube, senaõ que os tinha já bem empregados, e que por gentileza, e huma boa vontade, com que algumas vezes ouvia meu cantó, dava favor aos dezejos com que eu lhe pagava. Assim que naõ eraõ os cuidados para estimar pouco; mas estiveraõ melhor em quem merecesse muito, porque naõ era o meu sujeito para a confiança delles. Naõ sei eu tam pouco de teus pensamentos (replicou Oriano) que á humildade delles attribua qualquer descuido; outra devia de ser a cauza, e eu saberei mais della quando te dér gosto: agora me dize o que te pareceu aquella irmã de Leonino, que com tam boa cortezia nos deteve, e hospedou. Certo (disse o amigo) que tem partes dignas de seu nascimento, e que merece ser servida, e estimada por dama de

muito preço; e, por o ser, terá contra si a Fortuna; pois que, sendo formoza, nobre, e rica, ama, roga, e desconfia. Assim he (respondeu elle) porque, além do que nos contou de sua affeiçaõ, já os seus annos parece que a tomavaõ com queixumes, e desconfiança, que assim davaõ entender muitos motes, e versos, que pelos troncos das arvores daquella horta estavaõ escritos; que, por me parecerem bem alguns delles, os trouxe na memoria. Esses (disse Lereno) naõ devo eu perder a trôco dos que te contei. Em o tronco de huma faia (tornou elle) estava o seguinte.

Se logo em meus verdes annos
Me faz ventura cobarde,
Os bens, que haõ de vir mais tarde,
Melhor he chamar-lhes enganos.

Em hum salgueiro branco, que estava fóra da ordem das outras arvores, ainda que nelle se hiaõ já as letras desconhecendo, estava escrito outro desta maneira.

Desengane-se a mudança,
Que já della nada espero;
Pois renuncio o que quero,
Por naõ viver de esperança.

E num teixo junto á fonte do jardim estava tambem escrito outro que dizia:

Naõ soube de minha estrella,
Nem das mais este segredo;
Que começalla a ver sedo
Eraõ signaes de perdella.

Maravilhozamente me parece a desconfiança dos motes (disse Lereno) e todas as mais coizas de Marisbea: sómente lhe achei que fiára de nós muito em pouco espaço, porque nos

naõ

naõ conhecia mais que por paſtores. Iſſo tem diſculpa (reſpondeu Oriano) porque a inquietaçaõ, em que amor mette a quem de novo ſe entrega a ſeus cuidados, naõ dá lugar ao ſilencio; e por eſtrangeiros, humildes, e deſconhecidos fiou de nós o que a outrem naõ ſe atrevia. Com tudo he diſcreta, e contou muito bem o que queria dizer: eſpero que com a ſua carta (ſe a ventura nos leva á Ilha de Federico) hei de tirar a Leontino donde com razaõ me dá tanto cuidado, e que lhe hei de pagar a ella com meu intereſſe o que ambos ficámos devendo á ſua boa vontade. Naõ vai a tua por ahi mal encaminhada (diſſe o outro) encommendemos ao Ceo os ſucceſſos do mar, que em terra trataremos dos meios, com que o poſſamos ter bom em tuas eſperanças. Neſtas, e outras praticas paſsáraõ os dias da viagem: e muitas vezes alguns paſſageiros, e mareantes lhes eſtorvavaõ os diſcurſos que nelles faziaõ. Como o tempo foi ſempre bonançozo, em poucos dias tiveraõ viſta da Ilha, para onde navegavaõ: porém, antes de entrarem nella, os deitou o meſtre em huma barca de peſcadores, que os levou aquella noite ao meſmo porto, donde Oriano viera cativo em poder do coſſario, e deixára em terra a formoza Nizarda: e porque elle ſabia quaõ vizinho era da Ilha, e que por huma ponta de terra ſe communicavaõ, eſtava tam contente, e devedor á ventura, que lhe naõ faltava mais que eſtar ſeguro da alheia, lembrando-lhe o competidor que alli com ſuas proprias armas deixára favorecido. Sahiraõ em terra; e naõ lhes pareceu bem que em amanhecendo ficaſſem naquelle

porto, para que Oriano dissimulasse melhor o fingimento do traje que vestia. Caminhárão de madrugada ao longo da praia; e tiveraõ a sésta, e a primeira noite em huma malhada com huns pastores, que naquelles lugares maritimos viviaõ, que os hospedáraõ com mais abundancia de mantimentos que de palavras, porque eraõ nellas, e em tudo o mais tam rusticos, e grosseiros, que naõ se podia sentir saudade da sua conversaçaõ, e companhia: mas essa servio muito aos dous amigos para o que pertendiaõ; porque os levaraõ até á passagem da outra Ilha, que era dalli a hum pedaço, caminho fragozo, e enleado: alli se despedíraõ delles; e tomando para a parte dos montes foraõ parar em hum formozo valle cheio de arvoredos alegres, fontes claras, e graciozas ribeiras. Havia em aquelle contôrno poucos cazaes, e muitos gados, e menos occaziaõ de ir á povoaçaõ da Ilha. Alli ordenáraõ fazer assento: e como a gente humilde he facil de accommodar, logo houve pastores, que comsigo os agazalhassem, que depois com o discurso do tempo, e o conhecimento de suas boas partes tiveraõ por bem empregada a cortezia, que com elles uzáraõ; de maneira, que em pouco vieraõ a ser muito conhecidos dos moradores, e compráraõ ovelhas que traziaõ, com outras que dos rebanhos dos maioraes lhes davaõ a guardar por partido: alguns aprendiaõ do seu canto, e dos seus jogos, e eraõ estimados nos dias santos em toda a montanha. As Serranas ainda que menos polidas, e louçás, que as entre quem Lereno se criara, já todas lhe sabiaõ o nome (posto que Oriano mudou o seu,

por

por naõ ser conhecido, e se chamava Marcelio) eraõ gabados dellas, e queridos de todos, agradeciaõ a sua conversaçaõ, festejavaõ o seu bom modo, e tomavaõ de memoria as suas cantigas; que, ainda que elles com muita rudeza desconheciaõ o seu preço, este tem todas as coizas boas, que até o que menos alcança dellas as agradece, posto que as naõ saiba comprar por sua justa valia.

DISCURSO NONO.

ALguns dias passados (posto que o dezejo de Oriano naõ dava lugar a grandes dilaçoens) tratáraõ os amigos de irem á cidade da Ilha para se informarem das coizas de Nizarda, e darem a Leontino a carta, e recado de Marisbea: e porque Oriano temia muito ser conhecido, o amigo se lhe offereceu que iria só, e com a informaçaõ, que trouxesse, determinariaõ a escolha de sua vida: elle estimou a offerta quanto era possivel, e aceitou logo. Lereno, por se accommodar bem ao traje, e pratica dos rusticos da Ilha, pedio hum vestido alheio; e com alguns frutos do seu gado, como que os queria vender, entrou na cidade, e hia direito aos paços de Federico: na rua encontrou a cazo hum mancebo, em quem pondo os olhos se deteve, como se de proposito o conhecera (que ás vezes o coraçaõ por escondidos acerta com o que os sentidos naõ podem alcançar) e naõ fazendo cazo de outros, que passavaõ, se foi direito a este, e lhe perguntou se conhecia naquella terra a Leontino. O mancebo ficou enleado; e quanto mais

via que o pastor se alegrava com a sua prezença, o estava mais: perguntou-lhe quem era, e como, ou donde o conhecia? Logo (disse Lereno) tu es o por que eu pergunto. E dissimulando com fingida innocencia o seu intento, lhe disse: Naõ zombes de mim, por ser dos montes; que farás boa obra ao dono deste nome por quem pergunto, se me encaminhares aonde o veja. Eu (tornou o mancebo) conheço bem a Leontino, e naõ está longe daqui; porém naõ he em parte, onde possa tomar o teu recado: vende o que trazes, e eu te levarei comigo aonde o vejas. A isto fez o pastor grande festa; e logo desbaratou o que vendia, e se foi apoz o mancebo que o esperava, e entrou traz delle no apozento onde vivia; e cerrando as portas, para que outrem o naõ ouvisse, lhe falou desta maneira: Pastor, aqui tens aquelle, por quem me perguntaste, que sou eu proprio. Porque estou confuzo com a tua pergunta, dize-me já quem es, e o que me queres. Naõ importa tam pouco (replicou Lereno) o para que eu te busco, que com isso me assegure de que tu es Leontino. Primeiro me has de dar signaes da tua patria, e dos que nella conhecias. A isto respondeu elle contando-lhe seu nascimento, e criaçaõ, e a de sua irmã Marisbea; e que, depois que deixara a sua patria, naõ tivera della nenhum recado, nem fizera muitas diligencias por o alcançar; porque hum pensamento, que o trazia atormentado, tapava os olhos á razaõ para desconheter tam devidas lembranças. E esse (tornou o pastor) a que termos chegou, que ou deves estar della satisfeito,

ou queixozo, e arrependido. Antes (respondeu elle) desenganado; e tambem nos principios da minha esperança (se eu estivera livre para me conhecer) me dera por esse; porém que te move para que queiras saber tanto de mim, e de meus males? O pastor tirando do seio a carta de Marisbea (que com o retrato de Nizarda traziaõ para conhecer a ambos) lha deu na maõ. Leontino, que conheceu a letra, e que abrindo-a vio o signal de Marisbea, começáraõ-lhe a correr as lagrimas dos olhos com sentimento, e saudade. Lereno fingindo huma simpleza tam natural, que o parecia, começou de o consolar, pedindo-lhe que se despedisse daquella terra, pois naõ podia ter nella melhor lugar, que na que deixara. Elle com o sobresalto do que hia lendo o naõ entendia; mas, detendo-se hum pouco, em que tambem deu aos olhos tempo de despedirem aquelles effeitos amorozos que lhe tiravaõ a vista das letras, lhe disse: Amigo, perdoa-me, se te naõ respondo a propozito, porque a dôr me tira o sentido do que te devo: deixa-me acabar de lêr meus males, e saberei quem es, e o com que te posso pagar tamanho bem; que, pois o que com enganos esperei nesta ilha, está tam alheio de sér meu, nem de favorecer minha ouzadia: tive nelle ao menos quem me despertasse de vás porfias, para tornar a buscar a minha terra: descança, e deixa-me pagar com lagrimas a este papel o muito que lhe devo. O pastor se calou, porém naõ se descuidava de ir notando todos os termos da mudança, que via no seu rosto em cada regra daquella carta: e no maior segredo de cada hum delles os pertubá-

tubáraõ dous amigos, que buſcavaõ a Leontino; que, quanto eſtes ſervem de alivio nos damnos que ſe haõ de communicar, tanto he penoza a ſua companhia nos que ſe dezejaõ encobrir. Lereno, vendo que a occaziaõ o favorecia, e que por entam tinha ſabido o que mais importava a Oriano, dizendo-lhe que tornaria com brevidade ao buſcar, ſe deſpedio. Leontino, por naõ dar a entender aos outros alguma coiza, ou o paſtor por ſimplicidade a deſcobrir, lhe deu licença ſeguindo-o com os olhos, que á força parece que os encaminhava para aquella parte o coraçaõ. Partido Lereno da cidade alvoroçado, e contente com as novas que levava a ſeu amigo, naõ tinha andado muito do caminho, quando encontrou hum homem de pé, mas veſtido conforme ao ſerviço cortezaõ daquellas partes: eſte lhe perguntou ſe era paſſado adiante outro de cavallo, de que lhe deu os ſignaes. Ao que Lereno lhe diſſe que o naõ vira, entendeo elle que lhe ficava atraz, e foraõ ambos caminhando mui de eſpaço; e prendendo de humas palavras em outras, lhe contou que era eſtrangeiro, e guardava gado por ſoldada em hum valle daquella Ilha. E pedindo-lhe o paſtor razaõ de para onde caminhava, lhe diſſe: Eu ſou do ſerviço do ſenhor deſta Ilha; e tambem he da meſma caza mais aventajado no lugar, e foro della o a quem vou eſperando: tem noſſo amo huma ſó filha unica herdeira de ſeu pai, que deſde que entrou neſta terra, para onde ha poucos annos que ſe mudáraõ: lhe vai tam mal, e padece tantos accidentes de melancolia, que, ſendo a mais formoza creatura do mundo, a tem a ſua

do-

doença disfigurada, sem os Medicos poderem dar remedio, nem acertar a cauza á sua tristeza: aconselháraõ-lhe que a cazasse, (cura, em que elles sempre acertaõ o dezejo de todas) porém ella em nenhuma maneira consente tal pertençaõ, dando por descarga que vida de gosto naõ se ha de tomar em estado de descontentamento. Agora, como quem naõ quer deixar nada por acometter, disseraõ a seu pai que a mandasse pelas aldeas da Ilha, que saõ muito frescas, para com a caça, com a muzica, e jógos dos pastores se recrear. E porque aó pé desta serra, que apparece, ha huma ribeira muito gracioza, perto da qual está huma ermida de muita devoçaõ dos guardadores, aonde concorre grande multidaõ delles nos dias de festa, mandou este seu mordomo, que espero, a fazer prestes para a manhã, que he o dia da romagem, se achar alli com algumas criadas suas. Póde ser (disse Lereno com grande alegria) que naõ perca eu tam boas horas: tu pódes ir com ellas, que me parece que divizo já lá por entre as arvores o por quem tu esperas. Nisto voltou o que caminhava os olhos atraz; e vendo o por quem se detinha, se despedio. Ficou o pastor assentado em huma riba do caminho, e os dous passáraõ adiante; porém elle mais contente das novas, que soubera naquelle breve espaço, que de tudo o mais que na jornada se lhe tinha offerecido; naõ porque em os males de Nizarda se alegrasse, mas porque entendeu que a cauza delles podiaõ ser saudades de Oriano, e porque tambem naõ podia alcançar meio mais facil, e seguro para gozar de sua vista, que aquella romaria; com este cuidado

dado, depois que os outros traspuzeraõ, se apressou o mais que podia, e foi achar a Oriano no caminho, que com o dezejo, e pensamento occupado no que ao amigo podia acontecer, naõ aquietou, que a cada momento lho offerecia aos olhos, e aos primeiros passos a esperança: alli se tornáraõ a abraçar com grande alegria, dizendo-lhe o amigo que lhe trazia boas novas de seu cuidado: e logo lhe foi contando tudo o que soubera. A Oriano lhe vieraõ as lagrimas aos olhos misturadas com o contentamento, e naõ acabava de crer o seu bem, nem de sentir os males da doença de Nizarda. Com a noite se recolheraõ á sua cabana, e gastáraõ toda ella em traças, e discursos de como no outro dia a veriaõ, e a manhá em se aparelharem para o caminho, que era dalli a huma legoa: porém em o Sol sahindo, já na aldea havia novas da vinda da senhora da Ilha, e os pastores da terra os vieraõ a convidar a sua companhia, porque nella tinhaõ confiança de haver victoria dos outros que se lá achassem: vestiraõ-se todos louçãos, e com capellas de flores, e ramos differentes, e offertas de paens de leite, bolos, e queijadas, e frutas da montanha, cheias de boninas alegres, e hervas cheirozas, se foraõ em magotes á ermida com folias, e tangeres de contentamento: quando chegáraõ estava já todo o valle ao longo do rio, e em roda da Igreja occupado de pastores, e pastoras com bailes, e cantigas pastorís, que enchiaõ até os ares vizinhos de alegria: e porque ainda o Sol naõ tinha de todo enxuto com seus raios o aljofar que a Aurora derramara sobre a verdura, os passaros

pen-

pendurados dos raminhos ao som dos instrumentos se desfaziaõ em porfiozo canto. Oriano, e os da sua companhia, feita oraçaõ, se tornáraõ atraz para debaixo de hum choupo muito grande, que de huma parte cobria hum pedaço de florida relva: e com os ramos da outra vigiava nas aguas os peixes, que á sua sombra se recolhiaõ: alli descançámõ pouco espaço, e logo tiráraõ dos instrumentos para cantarem: porém ainda os estavaõ temperando quando do monte descia a formoza Nizarda em hum carro, que ao do Sol podera naquelle dia fazer inveja, vestida como pastora com hum brial de Primavéra guarnecida de bandas de montaria de aljofar, e com hum capirote no mesmo, hum arco, e settas douradas, como caçadora, e por baixo do capirote se descobriaõ os seus formozos cabellos crespos, e ennovelados, que representavaõ nuvens em que o Sol escondido resplandece; atràz do seu vinha outro carro com algumas criadas suas, vestidas tam bem ao pastoril, acompanhadas de criados mui bem guarnecidos, que ellas, e elles se mostravaõ cheios de alvoroço, e contentamento por verem a alegria, com que sua senhora punha os olhos naquelle ajuntamento, cuja vista podera convencer os animos mais descontentes: porque a variedade dos rostos alegres, dos vestidos louçáos, dos capirotes galantes, das capellas cheirozas, das flores, e boninas esmaltadas, dos instrumentos sonoros, das vozes naturaes, e suave melodia dos passarinhos representavaõ hum labyrintho de contentamento, que mettia em confuzaõ aos sentidos. Foi ella passando por entre os magotes, e terreiros

treitos dos pastores, que todos com suas alegrias lhe faziaõ salva até chegar á ermida; e ao passar poz nella os olhos Oriano, e ficou tal, que se pegou ao companheiro com muita força, como quem hia a cahir de hum lugar mui alto; e encobrindo-se com elle dissimulou o sobresalto; que em nenhum lugar desfallece mais a vista, e enfraquece o coraçaõ, que naquelle em que apparecem os bens ao dezejo tam longe da esperança. Fez Nizarda oraçaõ; e foi-se a hum assento, que lhe estava ordenado no meio do valle debaixo de huns freixos; e mandou diante si fazer praça para os que naquelle lugar quizessem ter alguma competencia pastoríl: e o primeiro de todos, que se poz no meio do campo, foi hum ovelheiro vestido de verde claro, com muitos vivos roxos, e brancos, çurraõ, cinto, e alparcas de pelle de gineta, e cajado de marmeleiro: e offerecendo a Nizarda hum curiozo pellico, disse que o punha em premio para quem na muzica o vencesse em louvor da sua amada. Porém ainda elle naõ tinha acabado de falar, quando se levantáraõ muitos pastores de todo o valle, e se vinhaõ offerecer á contenda com outros preços de desigual valia: porém sobre qual havia de ser o primeiro se ateou entre todos tam porfioza differença, que se naõ ouviaõ. Os companheiros de Lereno, e Oriano apertavaõ com elles que chegassem, e diziaõ que os preços sem duvida seriaõ seus, e a honra do seu valle: emfim quazi empuxado delles chegou Lereno, e se poz em giolhos diante de Nizarda com estas palavras: Pois, senhora, que com o dezejo de louvor, e a esperança de premio se desavém estes pas-

tores,

tores, e huns a outros naõ daõ lugar para o seu canto, naõ será muito agora me fique a mim, que naõ busco outro preço, mais que da parte desta ribeira, e de seus valles vos dar as graças por os fazerdes com vossa prezença tam formozos: e se no que da sua parte disser de vossos louvores faltar como rustico pegureiro, elles com o movimento de seus arvoredos, e com o murmurío de suas fontes, e ribeiras me ajudaráõ a celebrar vossa formozura. Naõ se descontentáraõ os da sua parte de o ouvir vendo a boa attençaõ, com que Nizarda lhe dera ouvidos: e ella mandando aos mais que se calassem, fez a elle signal que podia começar; e Lereno tocando huma rustica sanfonha de hum vaqueiro, que alli vinha entre os seus, cantou o seguinte.

Pelo fragozo da serra
Vi descer a huma pastora,
Que parece ser senhora
Da espessura.
Porque a sua formozura
Faz abrandar os penedos,
E abaixar os arvoredos
Quando passa.
Naõ ha planta tam escassá,
Que lhe negue seus louvores,
E lhe naõ solte mil flores
Na cabeça.
O ribeiro, que atravessa,
De alegria, e gosto salta;
E a tenra verdura esmalta,
E as boninas
De mil gotas cristalinas:
E alli de contentamento

Vem

Vem ballando o manso vento;
Ante seus olhos.
Vaõ florecendo os abrolhos,
Que com seu descuido piza,
Sobre a folha tenra, e liza
Dos loureiros.
Passarinhos chocalheiros,
Pintados de varias penas,
Com suaves cantilenas
A festejam.
'As nuvens, porque dezejaõ
Competir com o monte, e prado,
De ouro, azul, e de encarnado
Vem vestidas.
E por bocas escondidas
Borrifos de aljofar lançaõ;
E ditozos os que alcançaõ
Seus cabellos.
O Sol, que morre por vêllos,
De entre os ramos os espreita;
E com os raios, que lhe deita,
Resplandecem.
Duas estrellas parecem
Os seus olhos peregrinos,
A boca dous rubins finos
Engastados
Em huns cristaes relevados,
Que com o seu claro effeito
Mostraõ o bem mais perfeito
Da vontade.
O rosto dá claridade,
Formozura, e ser ao dia;
E enche os campos de alegria,
Gosto, e graça.
Os cabellos, com que enlaça

Os

Os coraçoens mais izentos,
Eraõ para os avarentos
Ouro fino.
Mas Amor cego, e menino,
Que delles fez seu thezouro,
Tirou quilates ao ouro
Por lhos dar.
Descendo para o lugar,
Onde os pastòres estavaõ,
Que vêlla tal festejavaõ
Ledamente;
Dentre a mais rustica gente,
De toda aquella montanha,
Hum pastor da terra estranha,
Ventureiro
Se atreveu ser o primeiro
A falar de seus louvores;
E á vista dos mais pastores
Começou:
Quem vio vossa formozura
Naõ tem mais; para que ver
E o que mais por vós perder,
Se perdeu com mais ventura.
Eu sei, senhora, hum perdido,
Por vós, que està de affeiçaõ,
Que naõ teve coraçaõ
Para ajudar ao sentido.
Nem olhar vossa figura
Pôde sem desfalecer;
E em saber-se assim perder
Se perdeu com mais ventura.
Eis que o valle festejou
A cantiga que dizia,
Inda que em sua ouzadia
Era culpado.

Porém, de muito obrigado
A formozura tam rara,
Todo o dia naõ cessara
Deste canto.
Se lhe concedera tanto
A sua ditoza estrella,
Torna a pôr os olhos nella
Com receio.
Levando como em rodeio
A vista àquelle lugar,
Pela naõ poder fitar
Ao direito.
Vendo no seu rosto hum geito,
E huma côr enfraquecida,
Lhe cantou com mui sentida,
E baixa voz:
O mal, que vos muda a côr,
(Se eu posso julgar de côres)
Pois a côr mata de amores,
Deve de ser mal de amor.
Se he mal o que em vós está,
(Que parece coiza injusta)
Naõ se sinta à vossa custa;
Que a minha alma o pagará.
Outrem tenha delle a dôr,
Vós tendes sómente as côres;
Que, se essas mataõ de amores,
Deve o mal de ser amor.
Ella nisto os olhos poz
No chaõ; surrindo, e zombando
Esteve como cuidando
Se era assim.
O pastor para dar fim
A' cantiga promettida,

Aca-

Acabou por despedida
Desta sorte:
Se com arco, e settas
Vindes aos montes,
Mais cativaõ os olhos,
E de mais longe.

Nizarda, que da pratica do pastor naõ ficara descontente, do seu canto se mostrou satisfeita; mas espantada, porque lhe dava cuidado (ainda que o naõ descobria) imaginar que naõ fosse o que reprezentava: assim, posto que lhe deu muitos louvores, calou com esta suspeita outros mais, que a seu parecer lhe ficava devendo. Continuáraõ alli os do valle com muitas, e engraçadas cantigas; e entre ellas se deu melhor lugar á de hum Serrano, que, tomando por occaziaõ a doença de Nizarda, disse estas decimas.

Pastora só no vestido,
E nas armas caçadora
Rica para ser pastora,
Branda para ser Cupido:
Naõ ha mal tam atrevido,
Que offenda essa formozura;
Nem queira vossa brandura
Dar-lhe tamanha licença;
Porque diraõ que a doença
Teve comvosco ventura.

Porque tam suavemente
Nos obriga, e vos maltrata,
Que do vosso rosto mata
A quem seus poderes sente.
Vós, senhora, sois doente,
Mas naõ se entende o porque;
E o perigo maior he

Se

Ser esse mal tam formozo
Em vós, que está poderozo
Para matar quem vos vê.
E se quer nesse sujeito
Mostrar o poder que tem,
Já vos parece tam bem,
Que deve estar satisfeito:
E assim guardando respeito,
A cauzar esses signais,
Naõ deve de querer mais
Offendervos como tal,
Pois que perde o ser de mal
Na graça, que vós lhe dais.
Estas montanhas, que vem
Vossa graça, e gentileza,
Ao mal, de que mais lhe peza,
Devem de chamar seu bem:
E pois a gloria, que tem,
Nasce do que padeceis,
Claro está que converteis
Os males noutra substancia,
Pois qual será de importancia
Contra vós, se vós quereis?
O traje, que se prezume
Que está bem ao parecer,
Todas o querem trazer:
Vem hum traje a ser costume,
Ou seja côr de ciume,
De esperança, ou de dôr seja,
Esta a procura de inveja,
Estoutra por condiçaõ;
Que as cores, e os males saõ
Segundo quem os dezeja.
Vendo a vossa enfermidade,
Toda a saude enfraquece;

Que

Que huma de inveja adoece,
Outra de propria vontade:
Vai sendo de qualidade
Este damno, que já agora
Cuidará que se melhora
A que se mostrar doente.
Porque naõ morra mais gente
Desse mal, sarai, senhora.

Atraz desta, e muitas outras cantigas se ordenáraõ alguns jogos com grande festa; e no meio delles teve Nizarda occaziaõ de perguntar a hum cabreiro da companhia de Lereno, que pastor era. O outro lhe respondeu, que estrangeiro; e que havia pouco tempo que guardava hum rebanho no seu lugar: ella lançou juizos ao que poderia ser, e de todos tornava achar váa a sua suspeita; porque bem mal podia imaginar que Oriano estava tam perto de seus olhos, nem que em sua companhia podia vir áquella Ilha quem á sua conta a louvasse: com tudo por satisfazer ao dezejo, que sempre para aquella parte a inclinava, chamou ao pastor, e lhe disse: Ainda que todos os jogos destes pastores me pareceraõ muito bem, folgaria que fizesses entre elles algum, que confio que será o melhor de todos, assim como já me pareceu a tua cantiga. Elle, que tudo guiava á pertençaõ, e interesse do amigo; e por fazer experiencia das lembranças de Nizarda lhe respondeu: Senhora, eu sou de terra estranha, e naõ sei se se haveraõ bem com os meus jogos estes pastores; porém, se algum delles declarar huma adivinhaçaõ, que eu der escrita, ganhará hum preço de muito valor, que eu depozitarei na vossa maõ, onde eu quero

que fique quando naõ haja outro na terra, que o mereça. A Nizarda pareceu extremado aquelle intento; e logo lhe mandou dar com que escrevesse o seguinte.

Rico, e honrado nasci;
E nos meus primeiros annos
Tive da ventura enganos,
Que nelles mesmo perdi.
Amei com fidelidade;
Respeitei poder alheio,
Pôde em mim mais o receio,
Do que podia a vontade.
Amor era minha gloria,
O mar cauzou minha dôr;
Fez-me peregrino amor,
E desterrado a memoria.
No mar renasci com quem
No porto tive a mór guerra;
E roubaraõ-me da terra
Quem me roubára o meu bem.
Prezo, cativo, e vencido
Achei o premio, que dou,
Thezouro, que me ficou
Pelo que tinha perdido.
O original invejo
Do rosto, que aqui se esconde;
E eu sou conhecido aonde
Me descobre o meu dezejo.

Acabando de escrever, o deu a Nizarda, ẽ juntamente o caixilho do seu retrato, que ainda trazia, dizendo que era o preço da adivinhaçaõ. Leu ella o papel, e começou a mudar as côres, e a lhe virem afrontamentos, e accidentes, que naõ podia dissimular, porque via o discurso dos amores de Oriano, e de sua

ſua fortuna rezumidos, e relatados na adivinhaçaõ. Tornava a olhar a Lereno, e hora cria que era ſombra de ſeu perdido amante, hora lhe vinha ao penſamento ſe ſeria o coſſario que o roubara, ou outro que alcançaria delle os ſegredos de ſua vida, e cuidados; e, por diſſimular a inquietaçaõ dos ſeus olhos, os poz no caixilho que o paſtor lhe dera; e abrindo-o vio ſubitamente o ſeu retrato, de cuja perda ainda eſtava magoada; e lembrando-ſe que no roubo do navio lhe ficava, confirmando com eſte indicio ſua vã ſuſpeita, ſem dar eſcolha á razaõ, nem formar nenhuma contra o ſeu engano, chamando os criados que perto de ſi tinha, lhes mandou que lançaſſem maõ de Lereno, e o levaſſem prezo ao outro dia á Cidade da Ilha. Foi grande o alvoroço de todo aquelle ruſtico ajuntamento, que, ſem prezumirem o que ſeria, dariaõ cauzas differentes a ſeu mau ſucceſſo; havendo-o alguns por mal empregado no innocente paſtor. Oriano de eſmorecido nem atinava a ſe levantar; que duas vezes cahio em terra ſobre o cajado. Os que com elle vieraõ, parecendo-lhes que o ſeu temor era do meſmo perigo, o encobriaõ: e com o reboliço daquelle cazo ſe acabou a feſta, de que todos ſahiraõ deſcontentes. Oriano, depois que tornou em ſeu acordo, lembrou-lhe quando ouvio contar do retrato que elle dera na maõ de Nizarda, que aquelle trouxera de poder do coſſario, que o roubara: e por cuidar que Lereno foſſe de ſua companhia, o mandaria prender: mas como hum queixozo da ventura tudo attribue á ſua deſgraça, aſſentou que por cauza do papel o fizera; onde enten-

deu que o devia de nomear; e ella como enojada, e vingativa contra o nome de Oriano, e como entregue a outros novos pensamentos queria castigar quem lho lembrava. Considerando entam o muito que a Lereno devia, e a prizaõ em que o levavaõ por seu respeito, determinou offerecerse antes ao maior perigo, que consentir que seú amigo padecesse por elle o menor damno. Lereno, prezo em poder dos que naõ sabiaõ a sũa culpa, hia menos perturbado do que Oriano estava; porque, se hum animo honrado sente mais os males que cauzou, que os que padece, o verdadeiro amigo tem em pouco os que soffre por conta de quem ama.

DISCURSO DECIMO.

NIzarda passou na ermida a noite tam penoza, quam alegre recebera a entrada do dia, arrependida mil vezes do que tinha feito: porque determinaçoens apaixonadas, se se executaõ ligeiramente, daõ depois o castigo na penitencia de quem naõ soube consultar a razaõ. Em amanhecendo se veio para a cidade; e Oriano por o mesmo caminho no alcançe sem querer chegar aonde fosse visto, mas com tençaõ de libertar a Lereno a todo o seu risco, já perto da entrada, espreitando o maior descuido, chegou ao carro das criadas, e deu a áquella particular de sua senhora, que já de tanto o conhecia, huma carta que levasse escrita; e, fazendo-lhe signal do segredo com a maõ em os beiços, desappareceu: ella de contentamento ficou tam fóra de si, que com desatino esteve em o chamar por seu proprio

nome,

nome; mas tornando a cahir no que isso podia danar, guardou a carta, porque naõ podia entam chegar a sua senhora; ella no seu enleio, e todos por sua cauza descontentes. Leontino sem saber do succedido andava buscando o pastor, que lhe trouxera a carta de Marisbea; e cançado de correr todas as cazas, e lugares publicos da Cidade, veio ter aonde levavaõ prezo a Lereno, com grande borborinho, e ajuntamento. Depois, que perguntou, e soube o que era, se chegou de perto, e achou ser o delinquente o mesmo que andava buscando; benzendo-se muito maravilhado lhe falou. Lereno ficou muito alegre com o ver; e como se naõ tivera coiza que lhe désse pena, lhe perguntou se estava já rezoluto em sua partida. Por tua cauza (lhe tornou elle) me detenho, e agora estou espantado da fortuna em que me appareces. Pouco sabes della (lhe respondeu Lereno) se estranhas coiza tam ordinaria em suas mudanças. Se tens vontade de saber a cauza deste seu desvario, vai ter comigo aonde a mim me levaõ, e contarte-hei tudo. Leontino o seguio até entrar na prizaõ; e apartando-o de todos, lhe disse o pastor desta maneira: Bem deves de conhecer a Diamiro, com quem na tua patria, e na idade de moço nos montes, e na caça communicavas exercitando as forças daquelles alegres annos; e já na tua partida me parece que devia de andar auzente. Assim he (disse Leontino) antes se dizia que andava embarcado com hum pirata muito ardilozo, e rico das prezas do Oceâno. Pois esse (proseguio o pastor) foi o que roubou a Federico no porto desta Ilha quando veio a ella, e levou

vou entre muitas peças, que estavaõ no navio, hum retrato desta senhora, que me manda prender. Cançado Diamiro daquella vida tam alheia em tudo de seu nascimento, e sabendo como seu pai era falecido, se tornou á sua patria: hum mancebo nobre, que no mesmo roubo cativara, chamado Oriano, de quem tu deves ter naõ pouco conhecimento. Este ouvindo nomear a Marisbea por irmá tua, e que vivia chorando saudades de tam comprida, e desarrazoada auzencia, a vio, e lhe contou que tivera comtigo estreita amizade, e lhe deu a noticia, por onde me mandou que te buscasse, e lhe deu este retrato para com elle, e com alguns signaes (que deviaõ de vir na tua carta) soubesse de ti, e desta senhora, se acazo nem com o teu proprio nome te nomeasses. Fui á festa daquella aldea por ver as desta terra; cantei entre os pastores; fui della bem ouvido; e, por lhe pagar com sua propria vista, lhe puz nas maõs o seu retrato para ser premio de huma adivinhaçaõ, que eu só com outro tinha communicado: isto he o que de mim tenho que te contar: o retrato Oriano o furtou: se por elle me tirarem a vida, ainda a peça val mais, e o amigo naõ merece menos. Porém a ti rogo que com brevidade possivel ordenes tua partida, para que dês vida a huma irmá que tanto te dezeja. Leontino alvoroçado com novidade tam estranha, ouvindo, além do que de suas coizas sabia, novas de dous seus tam verdadeiros amigos, como eraõ Diamiro, e Oriano, tornou a abraçar ao pastor, e jurandolhe que naquelle seu trabalho o naõ desampararia, se foi logo a buscar a Federico com

quem

quem estava muito bem acreditado; fazendo-se morador daquella Ilha, e esquecendo os pensamentos com que nella entrara; que o desengano, que está sempre á vista, mortifica totalmente os dezejos. Contou-lhe toda a historia que o pastor lhe dissera, testimunhando a verdade della com a carta de sua irmã, pedindo-lhe que mandasse soltar aquelle innocente, porque determinava levallo para donde viera em sua companhia. Naõ ficou Federico menos espantado do successo de Oriano, do que em outro tempo lhe estivera odiozo: e fazendo contas com sua boa fortuna, lhe lembrou a terra que no tempo de suas desgraças o recolhera, o que os moradores della lhe queriaõ, a criaçaõ, valor, e sangue de Oriano, os tenros amores que sua filha com elle tivera, e os extremos que em sua auzencia fazia, e o ser elle proprio o que lhe dera a vida no maior perigo, crendo que naõ fora sem ordem Divina. Pareceu-lhe tambem que renovando em Nizarda aquelle primeiro amor da meninice, ella se alegraria, fazendo alguma mudança na vida descontente que passava. Despedio a Leontino promettendo-lhe fazer tudo, e mais do que pedia; e deixando-o com isto satisfeito, foi avizar a Nizarda, que entaõ chegava, e naquelle mesmo ponto recebera da maõ de sua criada a carta de Oriano sem saber o que era. Perguntou-lhe Federico das festas, e alegrias dos pastores, e da prizaõ que mandara fazer naquelle estrangeiro, pedindo-lhe com muita alegria que lhe perdoasse, que estava certificado de sua innocencia, e que a tençaõ de a servir o fizera errar; pelo que mais merecia favor, e premio,

que castigo. Ella, que estava de sua paixaõ arrependida, vendo que lhe pediaõ o que dezejava, lhe perdo-ou levemente; com tal que soubessem delle donde houvera aquelle seu retrato. Entam lhe contou o pai como aquelle, que das ondas sahira quazi sem vida, era Oriano, e o discurso de sua jornada em companhia do cossario. Ella ouvindo-o nomear, perdeu a côr do rosto, e deu hum suspiro, como desacordada; e por encobrir o pejo, que nos olhos tinha, os poz na carta que trazia na maõ sem saber o que fosse; e abrindo a primeira dobra, vio a letra, e o signal do seu querido Oriano, e começou a chorar muitas lagrimas. Nestas a deixou Federico por dar lugar á sua vergonha, como discreto; e mandou que soltassem a Lereno, e lho trouxessem com bom tratamento: e dando-lhe mostras de que o estimava, o recebeu, e consolou da prizaõ injusta que padecera, perguntando-lhe logo por Oriano. O pastor ainda que embaraçado no principio, cahindo logo que Leontino lhe teria contado o que passava, respondeu: senhor eu vos naõ saberei delle dar outras novas neste ponto, senaõ que vive tristemente; e perdidas as esperanças de hum bem, por que sempre suspirava, se determinou morrer feito peregrino em terras alheias: vós sem o conhecer lhe salvastes dentre as ondas a vida, que a fortuna lhe anda agora detendo por lhe dar mais que sentir: espero, que em alcançando de vós liberdade, me torne ajuntar com elle. Federico acautellado lhe mandou que por entam tivesse em segredo o que lhe perguntara, e que se naõ auzentasse muito de sua caza, mandando que

nella

nella o hospedassem com cuidado. Nizarda vendo-se só fechada em o seu retrete, leu a carta de Oriano que dizia:

Deshumàna Nizarda, que alguma hora,
Com animo, e dezejo mais humano
Naõ eras contra mim qual foste agora:
Se inda te lembra o nome de Oriano,
Que esse só para ti naõ tem perdido,
Perdendo tudo o mais num desengano;
Por quem já fui (se fui de ti querido)
Te peço como humilde, e desprezado,
Naõ já (como outras horas) atrevido;
Que deixes esse intento começado
Contra hum pastor leal, puro, innocente,
Que quiz por meu remedio ser culpado.
Sem querer que o seu damno me atormente,
Noutra prizaõ me tens aspera, e dura,
Onde pódes matarme, e ser contente.
Que se elle te offendeu nesta figura,
Melhor te está tomar de mim vingança,
Que me naõ será pena, mas ventura.
Eu pequei com huma justa confiança;
Naõ cuidei que o teu rosto te offendia,
Nem o fazerte alguem de mim lembrança.
Pequei, porque soubesses que vivia
Neste rustico traje, que sustento,
Que já me tirou ser, preço, e valia.
Fundei inda em amor atrevimento,
E foi em vão; que assim a culpa he minha;
Pois sobre coiza vã fiz fundamento.
Vim buscar o lugar, aonde te tinha,
Qual borboleta, que, buscando o lume,
Acha mais doce a morte, e mais azinha.
E se naõ basta a dôr, que me consume
Em tam penoza, e descontente vida,
Tendo o morrer por habito, e costume. Pois

Pois que tu has de ser della homicida,
Ah naõ me dês na pena companheiro,
Que naõ quizera têlla repartida!
Deixa livre o pastor, pobre estrangeiro,
Amorozo, fiel, e compassivo,
E mais, que os teus amores, verdadeiro.
Que se, por darte novas que era vivo,
O prendeste cruel, eu o enganava;
E me enganava o que me tem cativo.
Porque vio que vivia, e conversava,
Naõ me teve por sombra qual eu era,
Que hum vulto do que fui reprezentava.
Solta, senhora, ingrata, injusta, e fera,
A preza humilde, que dos montes trazes;
Vem a vingarte em outra, que te espera.
Ah suspende o rigor, olha o que fazes;
Que quanto mais altiva, e soberana,
Mais com brandura, e graça satisfazes.
O rustico pastor em que te dana?
Quem messageiro foi do meu recado?
Se o mesmo, que te errou, te desengana!
Aqui perto me tens prezo, e culpado,
Sujeito, humilde, pobre, desvalido,
Da patria, e de mim proprio desterrado.
Emprega este rigor endurecido
Neste peito se quer, para que vejas
Quanto corta huma espada em hum rendido:
Traz isto o Ceo te dê quanto dezejas.

Acabou Nizarda de ler a carta com o rosto cheio de lagrimas, e o coraçaõ de alegria, sem poder acabar de dar credito ao que via, nem que o seu amado Oriano estava tam perto della. Chamou a criada; e entre muitos mimos, e afagos lhe perguntou donde tivera aquelle papel: ao que ella respondeu: Senhora, convém dissimu-

dissimulardes esta gloria por naõ espantarmos a ventura, que nos busca. Eu vi com meus olhos a Oriano, e elle me deu da sua maõ esta carta, e me fogio: perto do carro, em que vinheis, o tivestes vestido de pastor, e entre elles me parece que estava na romaria: o que mandastes trazer prezo nos ha de descobrir onde vive escondido. Entam lhe contou Nizarda o que seu pai lhe dissera, pelo que o pastor já tinhà descoberto: com o que a criada ficou muito esmorecida; e receoza lhe disse: Já que assim he, agora vos importa mais que nunca dissimular, naõ mostrar melhoria em vossos males, accrescentallos com algum fingimento mais descontente, por naõ arriscar a vida de Oriano, que sem falta a passa nesta Ilha. Pareceu a Nizarda o conselho acertado: e rogando-lhe que buscasse caminho para avizar ao pastor que de todo naõ descobrisse os segredos do companheiro, a despedio: e fechando-se a toda a communicaçaõ, naõ dava lugar a falarem com ella. Foraõ passando alguns dias, em que o seu mal nas apparencias hia crescendo, e a sua tristeza parecia a todos que se apurava para lhe tirar a vida; até que Federico apartando hum dia em secreto a criada, que sabia que de seus cuidados fora secretaria, lhe disse: Sei mui bem que naõ ha coiza de gosto de minha filha que ella te tenha escondida, e que em tudo lhe guardas o segredo que deves á sua affeiçaõ: porém no que he remedio de seu damno, e de meu desgosto, bem podes responder ao que te perguntar sem a ella fazer alguma offensa. Bem vês que Nizarda se vai consomindo; e a esperança, que só nella tinha de al-

gum

gum contentamento; naõ posso acertar com a cura de seus males; e padeço nisso maior pena do que elles lhe tem dado: por huns signaes, que nella vi ha poucos dias, me pareceu que ainda tinha amor a Oriano, porque as mais das vezes o da criaçaõ lança raizes na alma, como natural. Se ella vivesse com o ter por espozo, eu viria nisso com muita vontade; e procuraria buscallo por todo o mundo, até o trazer a esta Ilha, e o fazer senhor della; porque estimo menos tudo, o que tenho, que a vida de Nizarda. Dize-me o que deste particular sabes della, e o que farei. Senhor (respondeu a criada) eu te devo falar verdade, assim pela obrigaçaõ, amor, e serviço de tantos annos, como pelo remedio proprio de minha senhora, em cuja vida estaõ todas as nossas; mas eu creio que tua filha naõ tem males de outra coiza, mais de que de naõ ver a Oriano: e que já mais lhe perdeu o amor, que lhe tinha nos seus verdes annos: o que deves fazer para quietaçaõ propria, e remedio de seus males, he dar-lhe a elle por marido, que nisso interessarás a sua vida, e o teu gosto. Elle he tam nobre como conheces, bem costumado, gentilhomem, rico, e naõ te offendeu em mais que em obedecer a seus parentes contra o desenho que tinha. Naõ estou (disse Federico) tam contrario a esse parecer, que sejaõ necessarias razoens para me chegar a elle; antes podes assegurar a Nizarda que se alegre, porque mando fazer prestes embarcaçoẽs que me busquem, e tragaõ a esta Ilha Oriano. Para isso (lhe tornou a criada) nem ellas saõ necessarias, nem a tua diligencia; porque nesta Ilha o tens, como

mo deves ter ſabido do paſtor que mandaſte ſoltar, que ſó ſabe a verdade delle. Federico ouvindo iſto ficou doudo de contentamento, e prometteu á criada as alviçaras de tam boa nova: e ella com o meſmo alvoroço foi contar a ſua ſenhora o que paſſava; e todos de alegria andavaõ ſem ſentido; que niſto pára muitas vezes o maior ſentimento. Lereno ainda que vio em tam bom eſtado as coizas do ſeu amigo, naõ ouzava a ſahir donde Federico o mandara que eſtiveſſe; o que foi cauza de que alli o veio buſcar Oriano, a quem nenhuma deſtas coizas tinha chegado; e como ſe confiava do disfarce, e veſtido que trazia, naõ lhe pareceu que attentaſſem nelle: porém naõ faltáraõ eſpias, que avizaſſem ao ſenhor da caza como em companhia de Lereno eſtava outro paſtor, de quem logo pelos ſignaes teve ſuſpeita: e tomando-os de ſubito, conheceu a Oriano, e o levou nos braços honrando-o com o nome de filho; e recolhendo-o no ſeu apozento, onde logo lhe fez mudar os trajes, mandóu que ſe ſoubeſſe que elle era o herdeiro de ſua caza. Encheu-ſe a Ilha de contentamento: todos ſe alegráraõ. De Nizarda, e de Oriano ſe naõ pode eſcrever o que ſentiraõ com tam boas novas; que ſó o duvidar tanto bem os ajudava a poder com elle: porque hum grande goſto, ſe naõ for temperado com receios, he mais poderozo para tirar a vida, que hum grande mal. Leontino, ſabendo o que na Ilha paſſava, perdeu a confiança para poder ver, e buſcar ao amigo, lembrado que com ſuas proprias cartas, penhores, e cantigas tratara de obrigar no navio a que viera a ſer ſua eſpoza;

por-

porque em qualquer estado cauzaõ pejo memorias similhantes : fez prestes a sua viagem ; e sem communicar a ninguem a partida , deu vélas ao vento , e com boa sorte do mar , sahindo daquella Ilha desenganado , chegou á sua patria satisfeito. Lereno , que vio o bom successo de Oriano , a alegria de toda a caza de Federico , o contentamento , e gloria de Nizarda , pareceu-lhe que naõ tinha o seu desenganó bom lugar entre tantas alegrias : e porque entendeu do amigo por sua affeiçaõ , de Federico por sua nobreza , de Nizarda pela obrigaçaõ que lhe tinha , que o naõ deixariaõ auzentar delles , com muita pressa determinou , em quanto o prazer de todos estorvava fazerem delle lembrança , fogir de gostos alheios. Tornou-se para entre os pastores ; e dalli com o mesmo traje , e caminho , que trouxera , se foi á primeira Ilha , donde no tempo conveniente se embarcou para terra firme , por se naõ assegurar em coiza que o naõ fosse : emfim , sahindo ao porto , tornou a buscar os montes solitarios , e dezertos ; fazendo humilde cabana á vista das arvores sylvestres , e penedos duros , em cujos lizos troncos , e pedras levantadas ficaraõ escritas as memorias de seus cuidados , que tem em viva lembrança os guardadores , e cantaõ a seus rusticos instrumentos muitas vezes : alli escolheu para sepultura de passados gostos o esquecimento ; e para defensaõ contra os dezejos a certeza do pouco espaço , que os bens duraõ ; pois quando se empenhaõ mais com a vida , e desvanecem o pensamento , deixaõ a quem os sustentou *desenganado*.

FIM DO QUARTO TOMO.

ECLOGAS.

Discurso sobre a vida, e estilo dos Pastores.

ESCONDEU a natureza no fundo do mar em asperas conchas as perolas finas, a que deu tanto preço a cubiça dos homens; sepultou nas entranhas da terra, entre barbaras naçoens, e remotos climas o ouro, que havia de penhorar tanto a nossa vontade; murou o mar de serras, semeou-o de perigos, que nos pozessem modo ao dezejo, só a fim de dilatar mais tempo a nossa vida: porém a malicia, cujo intento foi tirar-lhe a ella o socego, descobrio para nosso dano estes segredos, e escondeu a verdade de outros em que consistia o descanço de hum animo seguro: cobrio de burel aos Pastores, disfarçou seu contentamento com hum trabalho vil, e desprezado; e desta maneira encantou hum thezouro, que só na terra havia para fazer os animos contentes. Porém se postos em nossa liberdade desviarmos os olhos deste engano, quanto seriaõ para elles mais formozas as côres differentes, de que se vestem os campos, e arvoredos com a vista do Sol, e as que na sua partida mostraõ os horizontes, que as dos enganozos trajes da vaidade? Quanto seria mais suave para os ouvidos a muzica das aves innocentes, que a har-

monia das linguas lizongeiras, que saõ serêas enganozas contra a razaõ! Quanto pareceria melhor, e mais segura a rocha pendurada sobre a corrente, que no alto offerece morada ás aves do Ceo, e pelo rigor do Sol sombra aos peixes do rio, que o suberbo edificio mais sumptuozo, porém menos fundado contra o poder dos ventos, e da antiguidade? Quanto fora a vida mais saboroza, e mais quieta entre as ovelhas? E quanto mais seguro o fruto della, que o das esperanças da Corte, e dos enganozos tratos da Cidade? E se suspiramos ha tanto tempo pela ditoza idade de ouro, he por esta melhoria que teve de todas as outras: viviaõ os homens como pastores, guardavaõ gado, e tratavaõ com a terra. E claramente se prova esta verdade: pois o primeiro, que Deos nella creou, este officio teve; o titulo, que lhe deu, foi senhor dos animaes. Abel o primeiro justo, em que começou a Igreja, e os mais que de Adaõ nasceraõ, guardáraõ gado: Abrahaõ, Izaac, e Jacob, com sua espoza Raquel: Ezau, Jozé, e seus irmaõs foraõ pastores como confessaraõ a Faraó: Moyzés, e Sephora, Saul, e David, Reis de Israel, Mesa Rei de Moab, este officio tiveraõ primeiro, e este tinhaõ os antigos Persas, como teve ElRei Cyro: Romulo, e Remo, fundadores de Roma, com Faustulo, que os creou, guardáraõ gado: Os valorozos Romanos, de que lêmos, dentre os rebanhos sahiraõ a fazer no mundo famozas emprezas, cujos nomes, e appellidos ainda testimunhaõ seu nascimento, como os Vitulos, Vitellios, Porcios, Annios, Capro, Tauros, Bubulcos, e outros infinitos. De pastores subiraõ

birão ás supremas dignidades que tiverão : Giges Rei de Lydia, Sophy Rei dos Turcos, Primislau Rei de Bohemia, Tamerlaõ Imperador dos Scythas, Justino Imperador dos Romanos, Viriato Capitaõ dos Portuguezes, e Xisto primeiro deste nome Summo Pontifice Romano. E na verdade que outra coiza he a vida de hum Pastor, senaõ huma similhança de Imperio, hum ensaio de reinar com moderaçaõ, e brandura? Que coiza mais similhante ao governo de hum Reino, que o vigiar do gado, pelejar por elle, defendello das féras, segurallo dos ladroens, trazello ao pasto fertil, ás sombras frias, ás fontes claras, ameaçar com a voz, castigar com o cajado o que se derrama, deleitallo com a frauta, e com o canto quando se ajunta, curallo com as hervas quando adoece, vestir de sua lã, e viver do seu leite, tosquiando-o a tempo, e naõ mongindo a deshora? Das deidades que os homens enganados endeozaraõ, pastores foraõ Apollo, Mercurio, Daphnes, Pan, Protheu, Paris, e Polyfemo: e o verdadeiro Senhor, a quem servimos, se nomea muitas vezes por Pastor na Escriptura Sagrada. Esta he a antiguidade, e nobreza da arte dos Pastores, a que tirou o preço a cubiça dos homens; a esta como mais douta pertence o conhecimento dos pastos, a natureza das terras, a virtude das hervas, as mudanças do tempo, o movimento dos Ceos, os effeitos do Sol, a qualidade dos animaes. Esta vida como mais quieta tem em seu trabalho todas as coizas, com que póde sustentarse, a lã, o leite, as pelles, a carne dos animaes, as hervas, legumes, o fruto das plantas; tra-

taõ com a terra, e com as ovelhas, que nunca recuzaõ o ſenhorio dos homens, antes com huma humilde ſujeiçaõ entregaõ ſeus frutos agradecidas a todo o trabalho: e qual mais agradecido que o de hum paſtor? E que maïor engano, que o de quem deſconhece eſta verdade? Que eſtilo mais conforme ao uzo da razaõ, e menos inficionado da malicia, que a ſingella pratica dos Paſtores? Deſta razaõ naſceu aos Eſcriptores antigos disfarçarem a doutrina de ſuas obras no modo paſtoril como mais puro eſtilo, e verdadeiro; neſte eſcondeu Salomaõ os myſterios de noſſa Fé, que eſtaõ nos cantares da Eſpoza, eſcolhendo para huma empreza tam alta, e para huma poezia tam divina huma ſimilhança tam humilde, cujo exemplo era aſsás baſtante para acréditar eſtas artes com os homens de noſſa idade. Neſte eſtilo eſcreveraõ os Gregos, Latinos, Italianos, e Heſpanhoes, e os noſſos Portuguezes, raros em numero, e em qualidade, obras maravilhozas, que contallas ſeria outra nova empreza. Aqui, curiozo Leitor, vos offereço pratica, e eſtilo de Paſtores, doutrina verdadeira de avizados: naõ pirulas douradas, viboras entre flores, nem veneno em vazo rico: antes pelo contrario diamantes por lavrar, perolas em a ſua concha, e, em lugar de mentiras enfeitadas, verdades honeſtas. Naõ eſtranheis logo ouvir ruſticos Filozofos, e avizados Aldeãos; que o que reprezenta na comedia a figura do Rei naõ o póde parecer em tudo, nem o Cortezaõ reprezentar em tudo a natureza do Lavrador. E aſſim como na arte do pintar reprezentaõ as côres differentes o natural de huma figura, e a fórma della, a ſubſtan-

tancia, e a tençaõ, para que foi figurada, que he a parte principal da obra; assim o que nesta minha naõ parecer que reprezenta o modo dos Pastores, com a viveza, e termo que convém, attribui ao intento, que he mostrar debaixo de seu burel, e com suas palavras, a condiçaõ dos vicios, e o socego das virtudes. Seja este meu trabalho de vós favorecido, e eu o haverei por bem empregado: vença a humildade dos meus Pastores o costume dos nossos naturaes, e o queixume de todos os Escriptores Portuguezes; que naõ parece razaõ que os famozos ingenhos deste Reino façaõ entre si guerra civil para destruir, em lugar da fama que podiaõ grangear noutras conquistas, e emprezas de maior honra sua. Reprehender obras alheias he coiza facil, pois Zoilo se atreveu a calumniar as de Homero: fazellas sempre custa mais, ainda que ellas em si pareçaõ menos: ensinar, e aconselhar he de sabios; roer he condiçaõ de animos baixos, e officio de invejozos, que sempre espreitaõ defeitos para que possaõ pôr os olhos no seu lugar: como aconteceu a Momo, vendo a famoza Venus, que Praxiteles pintou; o qual esquecido do rosto, e da figura, em que todos se admiravaõ, foi buscar os pés para reprehender as alparcas que tinha nelles, mostrando que só até alli sobia seu pensamento. Perdoar erros, e engrandecer bons intentos he de espiritos generozos. Estimai o fruto dos ingenhos, e daraõ fruto; que o desprezo dos homens acanha até os pensamentos de hum bom sujeito: e pois o tempo nega ás boas artes galardaõ, dai-lhes ao menos o louvor, e ás minhas faltas perdaõ, em quanto dellas naõ ouvirdes a disculpa.

ECLO-

ECLOGA PRIMEIRA.

Contra o desprezo das boas artes.

Bieito. *Aleixo.* *Corino.*

Bieito. HUma novilha dourada,
Que anda naquella floresta
Com huma estrella na testa
Sylva branca, e remendada,
Viste, Aleixo, donde veio,
Que anda alli sem companhia?

Aleixo. Quiçais se derramaria,
Será d'algum gado alheio.
Para nós se vem chegando,
E se eu tenho ainda o meu tino,
A novilha he de Corino,
E o pastor anda-a buscando.
He nestes pastos estranha,
Veio ha pouco a seu curral,
Acha-se no campo mal,
E foge para a montanha.

Bieito. E donde houve aquella rez,
Que elle poucas vacas cria?

Aleixo. Ganhou-a numa porfia
Nas festas, que Ergasto fez.
Houve entam graõ desafio
Em luta, canto, e louvores,
Venceu todos os pastores
Da serra, e dalém do rio.

Bieito. Muito sabe, mui bem canta,
Muito faz quem se lhe atreve:
Como dança! como he leve!
Que voz tem! como a levanta!

Vio,

Vio, correu muitas Aldeas,
Viveu numa, e noutra parte;
E com ſer ſó na noſſa arte,
Sabe o muito das alheas.
E ſegundo tenho ouvido,
Já elle houve outro cuidado
Bem longe de guardar gado
Com o noſſo trajo, e veſtido.
Foi na Villa dos melhores:
Mas huma dôr bem ſentida
Fez que deixaſſe eſſa vida,
E buſcaſſe a dos paſtores.
Mas ainda quando ſe iguala
Com o noſſo modo aldeaõ,
Doutra ſorte dá razaõ,
Doutra ſorte canta, e fala.

Aleixo. Digo-te que aſſim parece;
Que logo na arte, e no geito
Tem huma graça, hum reſpeito,
Que aos Paſtores nos falece.
Vêllo? aſſoma na ladeira;
Anda o bom paſtor ſem tino,
Chamo por elle, ah Corino.

Bieito. Naõ reſponde com canceira.
Cá anda a tua eſtrellada.
Para nós vem, já nos vê:
Façamos que hum pouco eſté
Com noſco neſta abrigada.
Que huma hora do ſeu falar,
E hum lanço do ſeu ſaber,
Nem he para ſe perder,
Nem he para ſe pagar.

Corino. Deos vos ſalve: venho morto.

Aleixo. Senta-te, deſcançarás.

Corino. Corri todo o valle atraz,

E ainda agora tomei porto.
Aleixo. Tens a novilha ſegura;
Deſcanſa, e deſcuida della.
Corino. Folgo de achalla, e perdella
Já naõ tenho em má ventura.
Porque he tam grande intereſſe
O de voſſa companhia,
Que de ganho ficaria
Quando de todo a perdeſſe.
Ha muito que eſtais aqui?
Bieito. Já Sol fóra nos juntámos,
E atégora naõ cantámos:
Foi dita eſperar por ti.
Corino. Eu naõ ſei negarme: agora
Vedes que venho canſado,
Que naõ me quero rogado:
Cantára, ſe iſto naõ fora.
Faz ſeu officio a idade,
Sou já velho, a voz falece:
Mas ſe a vontade merece,
Tendes bem certa a vontade.
Bieito. Toma alento; entam nòs dá
O que ſem te ouvir naõ temos;
Que a vaca nós a traremos,
E ta levaremos lá.
Faze-nos prazer que ouçamos
Aquelle cantar primeiro,
Que te ouvimos no ribeiro
Quando a cazo te topamos;
Que mui gabado, e mui raro
Para a coiza de que trata.
Corino. Canto em fim; que quem dilata
Dizem que quer vender caro.
E pois que em al naõ mereço,
Quero colher diſto o fruito.

Bieito.

Bieito. Tudo o que dizes val muito,
Mas isso só naõ tem preço.
Canta Corino. *Aqui nesta montanha,*
Aonde este trajo humilde, e desprezado
Dos homens naõ se estranha;
Aonde só com hum cajado,
Vence a fortuna hum pobre desarmado;
Aonde naõ tem valia
As mais custozas pedras do Oriente,
E as riquezas que cria
O mar, que ouzadamente
Commetteu cubiçoza, e cega gente;
Aqui nesta rudeza
Só de humildes pastores escolhida,
Aonde a natureza,
Já menos offendida,
Dá doce amparo á dezejada vida;
Aqui meu desengano
Gozo contente, e minha liberdade,
Livre daquelle dano
Da cega vaidade,
Que corrompeu nos homens a vontade;
Aqui de burel grosso
Me vestirei contente, e esquecido
Daquelle traje nosso
Tam vaõ, tam mal trazido,
Dos primeiros principios esquecido.
Qual entre a concha amada
A tartaruga tem quieto abrigo,
Naõ se teme de nada,
E no maior perigo,
Escondida entre si, vive comsigo;
Tal o meu pensamento
Naõ quero que á ventura o lugar deva;
Que naõ ha mór izento,

Nem

Nem que melhor se atreva;
Que o que tudo, que tem, comsigo leva.
Qual cobra na espessura,
Que deixa entre os espinhos esquecida
A velha vestidura,
E della já despida,
Como anguia no mar, renova a vida;
Assim quando me vejo
Que começo a viver nesta mudança,
Contento meu dezejo,
Troco minha esperança,
Naõ quero mais de enganos, que a lembrança.
A cauta cotovia,
Vendo o ligeiro imigo, o voo nega;
Nelle naõ se confia,
Com a terra se apega,
Porque alli com as azas naõ lhe chega.
Desta arte se defende
O Pastor desprezado da ventura,
Que ella sempre pertende
Descer da mór altura
Quem cuda que no alto se assegura.
Da lã deste meu gado
Coberto escaparei, terei socego;
Que nella disfarçado,
Em perigo mais cego,
Escapou do Gigante o cauto Grego.
E o meu dezejo accezo,
Que encontrando a razaõ mal se empregava,
Ponha em mãos do desprezo
Os bens que procurava,
Da liberdade minha, que era escrava.
A Deos doces enganos;
Já parece razaõ que vos despida,
Viveis ha muitos annos,

Dei-

Deixa-me agora a vida,
Que, em quanto a vós tivestes, foi perdida.

Bieito. Ah Corino, quem podera
Dizer agora o que sente,
Se, só com te ver prezente,
A voz naõ lhe emudecera.
Confesso que estou culpado,
Mas naõ só de atrevido:
Mil vezes te tenho ouvido,
E só agora escuitado.
Quem te trouxe entre Pastores,
Aonde esta vida t'estranha?
Que póde darte a montanha,
Se naõ rusticos louvores?
Quem naõ sabe conhecerte,
Como saberá prezarte?
Mas ainda acertaste em parte,
Pois vinhas para esconderte.
Naõ fies da serra tanto;
Que al vai de vêlla a sentilla:
Torna pastor para a Villa,
E serás na Villa espanto.
Naõ apouques ao teu muito,
Naõ vivas nestas Aldeas,
Aonde entre as ramas alheas
Senaõ conhece o seu fruito.

Corino. Louvores mal empregados,
Quando as partes saõ prezentes,
Menos deixaõ de contentes,
Pastor, que de envergonhados.
Porém te affirmo, Bieito,
Que nestas nossas montanhas
A's boas partes, e manhas
Se tem ainda algum respeito.
Que eu já na Villa tratei

Mui-

Muitos mezes, muitos annos,
Trouxe della os desengános,
Com que aos matos me tornei.
  Aprendi muito, e bradavaõ
Os mestres para ensinarme:
Ensinaraõ-me a queixarme,
Porque todos se queixavaõ.
  Depois de ter conhecido
Homens, e o seu proceder,
Aprendi a me esquecer
De quanto tinha aprendido.
  Ouvi gabar esta vida,
Este trajo, este cajado;
Busquei-a agora obrigado
Da que já tinha perdida.
  Que ainda cá por esta serra
Se ama o saber; se dezeja,
Lá naõ lhe deixa a inveja
Lugar, em que esté na terra.
  Naõ se tecem já coroas
Para as partes estimadas;
Entre nós de envergonhadas
Se encolhem as artes boas.
  Saber, e conhecimento
Fazem já desmerecer;
De sorte, que o naõ saber
Serve de merecimento.
  Assim que he melhor partido,
Ao que busca o que convém,
Enterrar partes se as tem,
E andar dos outros vestido.

Bieito. A' fé que naõ dizes mal
Quem mo disse hora? qual dia?
Que o bem que perde a valia,
Porque entre os homens naõ val.

Cresce

Cresce a virtude louvada,
A planta favorecida,
A vontade agradecida,
E a parreira alevantada.
Fui Domingo a ver a luta,
E outros com grande alvoroço;
Vim encantado d'hum moço,
Que alli cantava em disputa.
Dos pastores mais gabados
Tinha á roda mais de mil,
Que ao som do seu rabil
Estavaõ como enlevados.
Perguntei, vendo occaziaõ,
Onde, e que gado guardava,
Entre nós? que eu nisto dava
Primeira fé de affeiçaõ.
Eis quando alli se murmura,
Que se hia destas aldeas
A buscar terras alheas,
Ou buscar nellas ventura.
Enjeitou-lhe a natureza
O bem de seu natural;
Entaõ sustenta-se mal
A arte onde se despreza.

Corino. As hervas que os gados pascem,
E as flores que os olhos vem,
Mais poderes do Sol tem,
Que naõ da terra onde nascem.
O graõ, que na varzia cresce,
Com humidade arrebenta;
O Sol cria, o chaõ sustenta,
Levanta-se, e reverdece.
O enxerto já crecido
Com Sol, e agua accomodada;
Se cahe sobre elle a geada,

Secca

Secca-se murcho, encolhido?
O bom natural he parte,
Que o desprezo desanima:
Como a coiza naõ se estima,
Naõ pódes della prezarte.
Vi eu disto huma pintura
Com arte, e modo estremado;
E se inda estou bem lembrado,
Tinha ella esta figura:
Hum mancebo que encáminha
Voar com dezejo acezo,
D'huma maõ atado hum pezo,
Na outra humas azas tinha;
Huma livre, outra sujeita,
E dizia a letra assim:
Se esta péza contra mim,
Estoutra que me aproveita?
Quanto melhor parecera
Valer menos tudo o mais,
E que ás partes naturaes
A maõ, e o favor se dera!
Em que se haõ de conhecer
Os homens, se nisto naõ?
Que em forças vence o Leáõ,
E outro animal qualquer.
Nas partes, que o mundo préza,
Quantas féras vaõ diante,
No corpo, gesto, e semblante
Nas forças, na ligeireza?
Só no saber as vencemos,
Com elle as senhoreamos;
E quantos nisto encontramos,
Que nos vencem, naõ soffremos?
Disto, em que o mundo se poz,
Nasce já que os animaes

No

No que eraõ tam desiguaes,
Nos podem vencer a nós.
Naõ posso ter soffrimento
Nesta queixa, e naõ me val;
Que acanha hum baixo metal
A hum sobido entendimento.
Os homens como pintura
Falaõ só com o que apparece;
Cada hum monta, e merece
Pelas mostras da figura.
Dizem que já noutra idade
Falaraõ os animaes,
(E eu creio que por signaes
Inda hoje falaõ verdade.)
Ouvi contar como entaõ
Se fez valente, e temido
Hum vil jumento escondido
Nos despojos de hum Leaõ.
Em quanto de longe o viaõ
Os outros, fogiaõ delle;
Eraõ milagres da pelle
Do Rei, a que elles temiaõ.
Quiz falar, buscou seus danos,
Que os outros com raiva crua
Fazem pagar pela sua
Da outra pelle os enganos.
Quantos ha na nossa aldea
Leoens, e lobos fingidos,
Que houveraõ de andar despidos,
Senaõ fora a pelle alheia!
Sem saber, sem consciencia
Andaõ com ella entre nós,
Conhecem-os pela voz,
Honraõ-os pela apparencia.
Bieito. O bom tempo he já perdido;

Neste

Neſte de agora, em que eſtamos;
Taes ſomos, que nos moſtramos
Ou no trato, ou no veſtido.
  Vendem-ſe as moſtras de fóra;
Al era no tempo antigo;
Deos dê repouzo a Rodrigo;
Diſſo tanta, e diſto chora.
  Eraõ tempos deſiguaes,
Tratava a ſorte melhor;
Se ás partes davaõ louvor,
Naõ lhe negavaõ o mais.
  Se Franco cantava bem,
Era por iſſo eſtimado:
E hoje quiçais que he culpado
Por eſſa parte, que tem.
Corino. Muitos annos ha que dura
O queixume em toda a parte,
De ver que naõ pode a arte
Vencer em tudo a ventura.
  Mas ſe houve alguns queixozos
Neſſes bons tempos paſſados,
Quantos houve levantados?
Quantos houve venturozos?
  Com muitos provara o dito;
Mas calo-os, porque em reſpeito
Contar poucos he defeito,
E todos fora infinito.
  Naõ demos culpa á idade
Com tudo que he deſacertos:
Temos a cauza mais perto,
Porque he noſſa enfirmidade.
  Que eſtes deſprezos, que vemos;
Do bom ſaber, da boa arte,
Naõ ſe uza em toda a parte,
Que al na terra onde naſcemos.

Nas

Nas outras ainda se preza;
(E naõ sei se diga mais)
Nós, e os nossos naturaes
Somos de má natureza.

Queremos graõ mal ao bem,
(Se isto se póde dizer)
Sómente pelo querer
A quem o merece, e tem.

Verás hum pastor, dotado
De mil graças excellentes,
Andar entres as nossas gentes
Assim como homiziado.

Descontente, e mal vestido;
De encolhido naõ se atreve;
E assim como o homem, que deve,
Sempre só, sempre escondido.

E a cauza, que lhe subeja,
Porque traz em companhia
Saber, que he mercadoria,
Que deve muito á inveja.

Coitado do passarinho,
Que nasceu no valle escuro,
Aonde nem canta por uzo,
Nem ha quem lhe saiba o ninho.

Coitado do que nasceu
Nesta nossa terra ingrata,
Que tam mal conhece, e trata
Bens da sorte, e doens do Ceo.

Que o mais honrado, e mais dino
Pelas partes naturaes,
Naõ lhe serve de ser mais,
Senaõ de ser mais mofino.

Sempre cahe, sempre periga:
No que ama, no que procura
Faz-lhe acintes a ventura,

Que he declarada inimiga:
De tudo lhe nega o fruito:
Se com pouco se sustenta,
He-lhe do pouco avarenta;
E se de muito, he de muito.
Agua, Fogo, Terra, e Ar,
Sol, Estrellas, Austro, e Norte;
Tudo lhe negára a sorte,
Se lho podera negar.
E os homens por condiçaõ,
Ao que devem mór coroa,
Se lhe vem vir sorte boa,
Vaõ-lhe mil vezes á maõ.
E qualquer que a cauza seja,
He bem baixo o fundamento
Ou de fraco entendimento,
Ou de mui forçoza inveja.
Vaõ mil por este caminho
De erros qu'eu contar naõ posso:
Peza-nos do bem que he nosso,
Quando o vemos num vizinho.
Ouvir qualquer Estrangeiro
Falar de seus naturaes,
Dá delles tam bons signaes,
Que o naõ tem por verdadeiro.
Falem-vos num natural,
Dizeis faltas que naõ tem:
Mente o outro para bem;
Nós mentimos para mal.
Deixemos para outro dia
Os queixumes, que he já hora;
Que a meu pezar deixo agora
A elles, e a companhia.
Aleixo. Da tua he para sentir
A perda: mas bens naõ duraõ,

Por-

Porque os muitos, que os procuraõ,
Os tem affeito a fogir.
Comtigo hiremos andando,
Que isto tambem foi partido:
E pois o valle he comprido,
Bem podemos ir cantando.
Que eu quero da minha parte
Mostrar que na voz me atrevo:
E se naõ pago o que devo,
Mostro que naõ sei págar-te.

Corino. Tu farás como eu prezumo,
Que he como o melhor da aldea;

Aleixo. Ante ti quem naõ receia?
Quanto mais eu, que o costumo.
Vamos, qu'eu quero ir diante:
Por este caminho estreito
Torna a novilha, Bieito.

Corino. Chega manso, naõ se espante.

Ecloga Segunda.

Sobre o odio, e a inveja.

Rizeu, e Franco.

Rizeu. QUem dissera ha poucos dias,
Franco, quando te buscava,
Se na aldea naõ te achava,
Que no dezerto estarias?
Quanto cuidava ao revez
Meu engano, e meu dezejo,
De me ver onde te vejo,
E verme como me vês?
Que fazes cá desterrado

Entre montes, e entre féras;
Tam trocado de quem eras,
Como eu me vejo trocado?

Franco. Naõ sei como te responda,
Que nem eu sei aonde vim:
Ando fogindo de mim,
E naõ acho onde m'esconda.
E sabe Deos, grande amigo,
Se só ando a meu sabor:
Quanto me fora melhor,
Se inda naõ fora comigo!
Porque estou tam differente
Fóra de gente, e seu pejo,
Que, quando aqui só me vejo,
Cuido de mim que sou gente.
E seguindo esta porfia
Cada momento, e cada hora,
Eu me faço mal agora,
Que a gente a mim me fazia.
Mas naõ sei hora o que seja
Ver-te assim por esta terra?

Rizeu. Odio, Franco, me desterra.

Franco. E a mim desterrou-me inveja.

Rizeu. Grande mal, ao meu segundo;
E inda lhe chamara igual,
Se odio naõ fora hum só mal,
O maior mal, que ha no mundo.
Igual he d'ambos a estrella,
Desigual a occaziaõ,
Pois te inveja com razaõ
Quem me tem odio sem ella.
He differente partido
O que a ambos dá cuidado:
Tu foges por invejado,
Mas eu por aborrecido.

Fran-

Franco. Rizeu, a razaõ naõ val,
Já ninguem canta a ſeu ſom,
E baſta que ſejas bom
Para que te queiraõ mal.
E ſe o mundo vai deſt'arte,
E os que traz ſeus erros vaõ
Se do bem fazem razaõ,
Razaõ tem para odiar-te.
Mas praza a Deos que melhor
Te troque, amigo, a ſentença,
Naõ vejas a differença
Deſte mal, que achas menor.
Que he engano mui corrente,
A que todo o mundo vem,
Achar pouco o bem que tem,
E achar grande o mal que ſente.

Rizeu. Póde ſer que deſſe engano
Te naſce eſtranhar agora
Teu mal; o que aſſim naõ fora,
Se conheceras meu dano.
Mas fóra deſtes reſpeitos,
Aonde a razaõ nada val,
Vede hum mal, e d'outro mal,
Os que tem no mundo feitos.
Grandes bens mui dezejados
Fez a inveja mui danozos:
Mas mais morrem de invejozos,
Do que morrem de invejados.
Que eſta peçonha da inveja
Perde da força, e valia,
Quando mata aonde ſe cria
Com o pezar do que dezeja.
Que quiz Deos que começaſſe
A morte pelo homicida,
E que a inveja tire a vida,

Como

Como a vibora onde nasce.
  E acontece a este tal
(Longe vá o nosso agouro)
Como a Perilo com o touro,
Que elle inventou por seu mal.
  Porém o odio, que eu digo,
Franco, que assim me mal trata,
Nunca morre, e sempre mata,
Que he poderozo inimigo.
  Quantos enganos urdio!
Quanto mal fez? quanta guerra!
Quantas forças poz por terra!
Quantos Reinos destruhio!
  Quantas vezes quebrou leis
De Assyrios, Gregos, Romanos?
Quantos Reis fez ser Tyrannos,
E quantos Tyrannos fez Reis?
  Que de Cidades, Povoados,
A ferro, e fogo assolou!
Que de Capitaens matou,
E que matou de soldados!
  Olha por odio o estrago,
Que aquelle Carthaginês
No Romano Imperio fez,
E o mal que fez a Carthago.
  E do que me eu maravilho,
He que, por ficar seguro,
Deixou o odio de juro,
Quando o fez jurar ao filho.
  A Hannibal tambem o toma
Nos tenros annos, que logo
Desfaz os montes com fogo
Só para o pôr nos de Roma.
  Contaõ d'outro que fez guerra
A hum irmaõ que elle offendeu;

E tam grande odio o venceu,
Que poz a patria por terra.
Nem aqui pára a dureza
Desta peste, e deste mal,
Que naõ quiz ser natural,
Por passar a natureza.
Ouvi contar de hum Thebano,
Inimigo de outro irmaõ,
Que alcançára delle em vaõ
Victoria com grande damno.
Porque a este mal nada atalha,
O vencedor, e vencido,
Ambos a braço partido
Morreraõ numa batalha.
Ouve hum novo cazo estranho,
Qual nunca se imaginou;
Que inda a morte naõ bastou
A apagar odio tamanho.
Queimaõ aos corpos na guerra,
Ambos juntos num lugar;
Partem-se as chammas no ar,
Partem-se as cinzas na terra.
Tanta força inda fazia
Este mal suberbo, e forte,
Que, acabando tudo a morte,
Esta paixaõ naõ podia.
Ah odio, infernal ardor,
Ira que nunca se enfreia,
Mal póde ser que te creia
Quem naõ provou teu rigor?
Que traiçaõ teu mal incita,
Que tu só naõ solicites?
Como podes ter limites,
Se a morte te naõ limita?
Pagou-te o mundo tributo;

E tu tanto além passaste,
Que entre as féras habitaste,
Por nos mostrar que eras bruto?
Peixes, aves, animaes
Do mar, do vento, e da terra,
Inda entre elles fazes guerra,
Como iguaes, e desiguaes.
Porém nesses ha maior
Cauza, por que odio os offenda,
Que tem odio por contenda,
Por fraqueza, ou por temor.
E entre nós tanto a maldade
Nos leva ao lago profundo,
Que, além destes, ha no mundo
Odio por falar verdade.
Em fim que nos brutos vemos
Nossa justa perdiçaõ,
Que em semrazoens tem razaõ,
Nós com odio nunca a temos.
Olha de huma, e d'outra parte
Qual póde mais offenderte,
Franco amigo, se invejarte
O mundo, se aborrecerte.
Mas se os Ceos me concederaõ
Que estas sortes se trocaraõ,
Oxalá que me invejaraõ,
E naõ que me aborreceraõ.

Franco. Quaõ bem a dizer ensina
O mal passallo, e soffrello:
E era dita, se o dizello
Servira de medicina.
Porém vê se he perigozo
Este que me dá cuidado,
Que, até de ser invejado,
Em ti acho hum invejozo.

Ah

Ah Rizeu, que tu naõ vês
Mais que hum mal, a que es sujeito;
Sabes delles o que tem feito,
E naõ quantos outro fez.
Todos esses que tu dizes,
E outros que contar naõ val,
Se o odio foi nelles o mal,
Invejas foraõ raizes.
Esses Reinos assolados,
De Persas, Gregos, Romanos,
Foraõ invejas de irmaõs,
Inimigos de invejados.
Olha de Roma a valia,
Que seu imperio, e poder
Já podia mal suster,
Pelo muito que podia.
A que estado, e termo veio
Tam differente, e tam vil
Por huma inveja civil
Entre Cezar, e Pompeio.
Pompeio naõ soffre igual,
Cezar naõ quer ser menor:
Morre o réo, e o vencedor;
E ambos deste mesmo mal.
E á mais perigoza guerra
Esta inveja se atreveu
Quando foi buscar o Ceo,
Porque naõ coube na terra.
Dizia o sengo (porém
Debaixo seu fingimento,
Salvando o conhecimento,
Que os homens já de Deos tem.)
Que era Juppiter deidade,
Que os Ceos mandava, e regia,
E só por senhor se havia

Na-

Naquella primeira idade.
E os temerozos Gigantes,
Que a terra entaõ ſuſtentava,
E a quem ella naõ baſtava
De ſuberbos, e arrogantes,
Invejando aquelle Deos,
Juntaõ montes ſobre montes;
Paſſaõ ſobre os horizontes,
Poem-ſe a combater os Ceos.
E fizeraõ tanto dano
Com ſeu dezejo obſtinado,
Que a Juppiter foi forçado
Valerſe entaõ de Vulcano.
Com raios os derribou,
Forjados no fogo ardente;
E de tam disforme gente
Nenhum com vida ficou.
Mas do ſangue procedeu,
(Diz elle) outra gente tal,
Que inda deſte meſmo mal
Se levanta contra o Ceo.
E deixando hum fingimento
Cheio de tanta razaõ,
Porque em hum ſujeito vaõ
Naõ façamos fundamento:
Olha o Anjo principal,
Tam ſobido, e tam formozo,
De ſuberbo, e invejozo,
Como veio a tanto mal.
Que, fazendo-ſe inimigo
De todo o poder eterno,
Na ſepultura do inferno
Pena agora o ſeu caſtigo.
Que mór mal queres que ſeja,
Ou que chegue a mór extremo?

Que

Que naõ fora o demo demo
Sem ſuberba, e ſem inveja.
  Ah inveja aborrecida,
Mais praguejada que a ſorte,
Mais odiada que a morte,
Mais importuna que a vida.
  Se teus effeitos ſaõ taes,
De que ſerve contender?
Que mais ſe póde dizer,
E a que podes chegar mais?
  Só nos imperios da terra
Teu poder ſenaõ eſtendeu,
Pois ao Imperio do Ceo,
E entre Anjos fizeſte guerra.
  Nelle arvoraſte bandeiras,
Delles teu campo formaſte;
E em huma, que procuraſte,
Perdeſte tantas cadeiras.
  Ah Rizeu que enganado
Com eſte mal te acharias,
Se, como agora dizias,
Por eſſe o viſſes trocado.
  Naõ aſſemelhes, e iguales
Hum dano tam deſigual;
Que o teu mal tem ſó ſer mal,
Inveja tem muitos males.
  Com qualquer outro faz liga,
Por deſviado que eſteja:
Verás odio ſem inveja;
Inveja a todos obriga.
  Mas naõ te culpo, inda mal,
Na eſcolha, e na razaõ;
Que quando os males taes ſaõ,
Hum, e outro he deſigual.
  Ah fortuna ſementida,

Que

Que a tantos poens nesta afronta,
Dando os bens sempre por conta,
E os males tam sem medida.
Igual nos fica o tormento,
Que desigual nos cauzaste,
Pois nelle a todos passaste
As forças ao soffrimento.
Sem fogaça he nossa luta,
Pois para tam curta vida
O bem puzeste em fugida,
Deixando o mal em disputa.
Mas assim ainda te vejas,
Rizeu, nestes perigos,
Livre de falsos amigos,
E de encobertas invejas.
E assim comas descançado
O leite do teu rebanho,
Sem andar por pasto estranho,
Como agora desterrado.
Que me contes o successo;
E a ventura que te traz,
Verei, no que te ati faz,
Que a mim só naõ fez avesso.

Rizeu. Bofé, Franco, tal historia
Melhor fora estar em calma;
Que a pena, que eu trago na alma,
Toma a vida da memoria.
Que do mal, que, naõ passou,
O mór mal he recahida:
E assim renovo a ferida,
Que de todo naõ cerrou.
Mas em forte hora nasceu
Quem ha de empregar estudo
Em contentar ao sizudo,
Sem desprazer ao sandeu.

Que,

Que, por mais que hum se levante
Para ter nome de bom,
Ha de fazer num só som
Com que hum baile, e outro cante.
Acertei passar hum hora
Hum cerrado de senteio,
E vi dentro gado alheio,
Entrei pelo lançar fóra.
Vem o dono do cerrado,
E chega o pastor entaõ:
Hum diz que lhe trilho o paõ,
Outro que lhe espanto o gado.
Dar-lhe razaõ naõ me val;
Fica-me disto porém,
Que a ambos quiz fazer bem,
E ambos me quizeraõ mal.
Outro, que hum dia acertou,
Ou por nescio, ou por mofino,
De fazer hum desatino,
Porque nelle naõ cuidou;
Hum dia, que nos topámos,
Disse-lhe o que he meu dever.
Em tal hora o fui dizer,
Que nunca mais nos falamos.
Offereceu-se outro dia,
Ensinado desta vês,
Em hum erro que outro fez,
Gabarlho como queria.
Depois que entendeu que errava,
Pelo parecer geral,
Ficou-me querendo mal,
Porque o naõ desenganava.
Mal por huma só vontade,
Com que fogi de seu dano;
Mal, se lhe falei de engano;

Mal,

Mal, se lhe falei verdade.
Vestio Gil o seu capote,
Com alhetas pespontado,
Foi de todos mui gabado,
Deu em trazello de cote.
Disse-lhe eu: Gil, naõ faz mingua
Trazer tanta louçainha;
Que ha muita gente daninha,
Que nunca tem maõ na lingua.
E porque eu nisto me vingo
De quem cuida que te engana;
Guarda-o tu pela semana,
Terás que pôr ao Domingo.
Disse-lhe isto sem respeito;
E tam mal lhe pareceu,
Que, desque me aconteceu,
Nunca mais me olhou direito.
E sabes, tu quaõ segura
Fica a vontade danada,
Que para coiza quebrada
Naõ vi quebra de mais dura.
Entre este dano esperei
Da sorte algumas mudanças;
Gastei tantas esperanças,
Té que me desenganei.
Por fugir destes perigos,
Que sempre andava arriscado,
Quiz perder antes meu gado,
Que ir perdendo os mais amigos.
Vi firme este desconcerto,
Deixei quanto de meu tinha,
Soube o que mais me convinha,
Venho viver ao dezerto.

Franco. Sobeja-te hora razaõ
De fugir ás semrazoens.

De

De danados coraçoens ;
Que inda mal eu sei quaes saõ.
 E he melhor sem mais contenda
Viver pobre neste mato,
Que entre os homens com seu trato,
Ter cabras, honra, e fazenda.
 Digo-te isto de hum saõ peito,
Que d'outros tem feito espelho;
E appróvo o mesmo conselho,
De que vês que me aproveito.
 Que ainda com mais suor,
Mais fadiga, e mais trabalhos,
Minha boroa, e meus alhos
Aqui me sabem melhor.
 Tenho por vizinha a fonte,
Colho o paõ que semeei:
Quando outra coiza naõ hei,
Como das hervas do monte.
 Naõ acho cá quem me espreite,
Se soluço, se bocejo,
Se faço nata, se quejo,
Se como, se vendo o leite.
 Naõ me engana a vaidade,
Que tanta cubiça esconde;
E acho que tenho que abonde
Para a vil necessidade.
 E lá nesse povoado,
Aonde tantos mal se avezaõ,
Se es humilde te desprezaõ;
E invejaõ-te, se es honrado.
 Pobre era eu como hora saõ,
Que naõ tinha de meu nada
Mais, que ganhar por soldada
As alparcas, e o gabáõ.
 E naõ tinha esta má gente

Que

Que invejar na vida minha
Mais, que com o pouco, que tinha,
Viver quieto, e contente.
Alimpava o meu vestido
Com sargaços que colhia:
Viaõ-me na freguezia
Mais pobre, mas mais luzido.
Com sua má natureza,
Nada disto respeitavaõ,
E mil vezes blasfemavaõ,
Da minha rica pobreza.
Cantava entre os ovilheiros,
Ou melhor, ou com mais graça,
Hora nas festas da praça,
Hora por esses outeiros.
Os que cantar prezumiaõ,
Com inveja me incontravaõ,
Os outros que naõ cantavaõ,
De má vontade me ouviaõ.
Assim entre os mais pastores,
Muitos destes que eu naõ conto,
Ainda assim sem perder ponto,
Me davaõ surdos louvores.
Porém ao lanço segundo,
Sem lho perguntar ninguem,
Diziaõ que cantar bem,
Era o mór mal que ha no mundo.
E dizia eu neste ensejo,
Rio-me destes assim,
Que por dizer mal de mim,
Dizem mal do seu dezejo.
Hora outros que me atormentaõ
Que falaõ, grosaõ, praguejaõ,
Se por contente me invejaõ,
Porque estes naõ se contentaõ?

Que

Que tem mais gado, e mais grosso;
Tem a cabana mais chea,
Tem mais parentes na aldea,
E podem mais do que eu posso.
Que se vê mui claramente,
Nesta sua teima avara,
Se cada hum se contentára,
Que vivera mais contente.
E se sua natureza
Contra essa razaõ reziste,
E me invejaõ por ser triste,
Quem lhe tira esta tristeza?
Eu devera ter-lhe inveja,
Que he costume dos pequenos,
Que quem vê que goza menos,
Do que mais tem, mais dezeja.
E ai de quem, por se vingar
De inimigos tam mortais,
Naõ lhe sabe invejar mais,
Que naõ ter que lhe invejar.
Por isto acho que he mais saõ
Este conselho que sigo,
Porque he fugir do perigo,
Mais longe da occaziaõ.
Mas he já tarde, e quiçais
Trarás fome da jornada,
Recolhamos a manada,
Que saõ horas, aos currais.

Rizeu. Bofé nada me lembrou,
Franco, em quanto assim te ouvía,
Mais que queixarme do dia,
Que tam sedo se acabou.
Mas vamos, que o Sol tambem
Vai traspondo esses outeiros;

Benza Deos aos teus cordeiros,
Como a poz ti já se vem.

Ecloga Terceira.

Contra os enganos da cubiça.

Bento, Gil, e Gonsalo.

Bento. Como estás, Gil, descançado
A' sombra deste amieiro,
Seguro no teu rafeiro,
Que anda vigiando o gado!
Hora cantando a sabor
Das pastoras deste monte,
Hora rodeando a fonte,
Quando tem sombra melhor.
Eu (mal peccado) em contenda,
Dando-me sempre de rosto,
Inimigos de meu gosto,
De meu socego, e fazenda.
Dá mil graças á ventura,
Que te consente descanço;
Que eu triste, que naõ a alcanço,
Nenhum bem se me afigura.
Pode ser que em Madanella
Estavas cuidando agora.

Gil. Antes estava bem fóra,
Bento, de me lembrar della.
Senta-te junto de mim,
Descançarás neste assento;
E naõ corras tanto, Bento,
Que ninguem corre traz ti.
Que o descanço, que me invejes,
Con-

Consiste em saber gozallo;
Mas queres mais dezejallo,
Que alcançar o que dezejas.
Pois naõ te tolhe a razaõ
Gozar das flores do monte,
E das aguas desta fonte,
Senaõ tua condiçaõ.
Es pastor, e injustamente
Queres mais que o teu cuidado:
Quem naõ vive descansado,
Mal póde viver contente.
Serve, e guarda o teu rebanho,
Veste a lá, e come o leite,
Que eu fico que te aproveite
Mais este, que ess'outro ganho.
Mas querer buscar ventura
Fóra desta que se alcansa,
E viver d'outra esperansa,
He naõ na trazer segura.
Isto só te certifico,
Que naõ ha na rodondeza
Pobre para a natureza,
Nem para a cubiça rico.
Deixa á fortuna os haveres,
Que em fim todos saõ de vento;
Buscas só contentamento?
Podes tello: que mais queres?

Bento. Certo que estás enganado;
Que quanto o ser cubiçozo
Nem me faz viver queixozo,
Nem tira o ser descansado.
Porque eu naõ vivo em contraste
Pelo muito que dezeje;
Que naõ busco o que subeje,
Quero sómente o que baste.

O ſapato, que he folgado,
Ajuda a andar com deſpejo;
Se he largo, logo faz pejo,
E corta, ſe he apertado.
Eu naõ procuro os haveres;
O poder, nem a abaſtança,
Dos que vivem mar bonanſa
Pedindo a boca, que queres.
Dezejo o pouco ſenteio,
Que hora eſte anno Deos me deu;
Tello cadá anno de meu,
E naõ os olhos no alheio.
Dezejo com outro igual,
Que ſanmente communico,
Naõ ver a caza do rico,
Nem do grande, e principal.
Naõ ter contenda, nem trato
Com honra, inveja, privança;
Porque nunca fez mudanſa,
Que naõ déſſe esfolagato.
Mas ſe do pouco, que eſpero,
E do meu pequeno bem
Ha de murmurar alguem,
Digo, paſtor, que o naõ quero.

Gil. Grande coiza he liberdade;
Ter pouco, mas ſem contenda;
Que arrenego da fazenda,
Por quem ſe vende a vontade.
Comer o meu paõ ſuado
Dá goſto, e mais he razaõ;
E aſſim mandou Deos a Adaõ
Que pagaſſe o ſeu peccado.
E, para arredar o viço,
Burel he ſempre o melhor,
Porque he todo de huma côr,

B

E atura mais no serviço.
O mais me dá pouca guerra:
Ande a alma só louçá,
Que os vestidos saõ de lá,
Toda de animaes da terra.
E já quando Adaõ comeu
O bocado da peçonha,
Vestio-se só com vergonha
Das culpas, com que a perdeu:
Nós sem ella, e sem sentido
Tanto honramos esta afronta,
Que já senaõ tem em conta
Homem senaõ bem vestido.
D'huma gente ouvi contar
Rude, agreste, e mal polida,
(Bem para invejar-lhe a vida,
Se na vida ha que invejar)
Que livre destes cuidados,
Sem que alguem do somno a prive,
Sem lei, sem cubiça vive,
Sem cazas, e sem pouzados.
Das pelles dos animaes
Os homens andaõ vestidos,
Naõ tem termos repartidos,
Saõ todos na posse iguaes.
Guardaõ gados na montanha,
As cazas em carros trazem;
Buscaõ pastos, que lhe aprazem;
Ninguem por isso os estranha.
Naõ tem herdade, ou thezouro,
Naõ tem patria, nem desterro,
E tem em mais conta o ferro
Para trabalhar, que o ouro.
Naõ tem engano, e cubiça;
Nenhum mais que outro prezume:

Nenhum rouba; e por costume
Guardaõ sempre huma justiça.
  Mantem-se de mel, e leite,
E dos frutos do arvoredo
Colhem com gosto, e sem medo
D'outro dono, que os espreite.
  Naõ andaõ contino em guerra,
Com a cubiça enganada:
Naõ tendo da terra nada,
Possuem tudo o da terra.
  Ah cubiça mal nascida,
Peste primeira do mundo,
Que nunca tiveste fundo,
Nem largueza, nem medida;
  Porta, que se abrio no centro,
Para perdiçaõ, da terra;
Labyrintho, aonde quem erra
Naõ sabe sahir de dentro.
  Estes, que naõ conheceraõ
Teu vil dezejo, e danado,
Desprezáraõ sorte, e fado;
Tudo tem, tudo venceraõ.
  Tu descobriste os segredos,
Que o Sol escondeu ao mundo
Nas aguas do mar profundo,
Nas entranhas dos penedos.
  E por fazer vaõ thezouro,
Tambem seu fim descobriste,
Que até o inferno abriste
Minas de inferno, e de ouro.
  Rompeste os muros da terra,
Que o mar temerozo enfreaõ;
E tudo, o que os Ceos rodeaõ,
Déste a fogo, a sangue, a guerra.
  Cobriste o mar d'atrevidos,

Quan-

Quantos o mar tem cobertos,
Por caminhos tam incertos,
Tam certos para os perdidos.
Quem te ſegue naõ ſe entende;
Quem te ama ſeu mal procura;
Nenhuma coiza he ſegura
Quando por ti ſe defende.
Ah Bento, que mal tam forte
He eſte? e a quantos dana,
De que inda naõ deſengana
O deſengano da morte.
Deixa-te hora da fazenda,
Traz quem andas, traz quem vas?
Seja embora rico Braz,
Viva, tenha, compre, e venda.
Vive tu contente, e faõ;
Come o que a terra te dér,
Que naõ te ha de falecer
Do leite, da agua, e do paõ.
E ſe naõ tiveres muito,
Terás pouco, e ſem receio;
Pois emfim tudo he alheio,
Naõ comemos mais que o fruto.

Bento. Digo-te que es avizado:
Mas já me naõ era eſcuro
Que o rico he menos ſeguro,
Do que hum pobre he deſprezado.
A pobreza he graõ fadiga,
A riqueza grande enleio;
Bom era eſcolher o meio
Quem tivera a ſorte amiga.
He como valle entr'outeiros,
Que nada do Sol deſcobre,
Entre ſuberbos o pobre,
O rico entre lizongeiros.

Guar-

Guarde-te Deos d'hum engano,
De hum bom rosto contrafeito,
De homens que trazem no peito
Sempre hum cavallo Troyano;
Palavras todas d'amores,
Tençaõ perversa, e danada,
Peçonha dissimulada,
Como vibora entre flores;
Com a fala sempre a sabor
Te daõ pirolas de fel,
Poem-te pelos beiços mel,
Para que engulas melhor.
Se sabem que tens de teu,
Ahi te digo que ella he tal,
Que ás estrellas querem mal,
Se alguma estrella to deu.
Logo te achaõ mil defeitos,
Logo te armaõ mil siladas,
As linguas sempre ensaiadas
Para cobrirem os peitos.
Em que estamos disputando?
Só Deos podéra emmendallo.
Para nós se vem Gonsalo:
Ouçamos; que vem cantando.

Cantiga de Gonsalo.

Deixas-me Ignez por escolher Joanne,
E eu por ti deixo tudo,
Esse teu falso engano, como eu cudo,
Praza a Deos naõ te engane,
Naõ digas alguma hora:
Este bem que escolhi, que nunca o fora.
Elle tem mais novilhos na manada,
Tem relvas, e currais;

E

E eu para te querer naõ tenho mais,
Que viver por soldada,
Se he possivel que vivo,
Sendo elle teu senhor, e eu teu cativo.
Sabe sempre nas festas mais luzido,
Anda gordo o seu gado:
Eu de tosco burel, grosso, e pezado,
Trago sempre o vestido;
Tiro ás vacas o leite,
Para que em outras faltas me aproveite.
Tem muitos conhecidos pela aldea,
Amigos do seu muito:
Ceres com o louro trigo, e lêdo fruito
Lhe deixa a caza cheia,
Eu mui pouco senteio,
Merecido a jornal no campo alheio.
Mas ah Ignez, que amor interessairo
Naõ tem fim venturozo;
Que, se por hum vaqueiro mais ditozo
Deixas o teu vaqueiro,
Olha que essa ventura
Muitas vezes engana, e poucas dura.
Eu mais te quero, e naõ te desmereço,
Por bens da natureza:
Porém se o preço está só na riqueza,
Joanne tem mais preço,
Escolhe a teu sabor,
Que hum te merece mais, outro melhor.
Nem me vence lutando na campina,
Nem lavrando no monte,
Nem tangendo melhor ao pé da fonte
A sua sanfonina,
Nem em saber tocalla,
Nem em ter mais ensino quando fala.
Vence-me na fazenda, e na valia,

Vence-

Vence-me na esperança,
Vence-me em naõ provar tua esquivança;
E tua tyrannia,
Para que em tudo o vença,
Da-me, Ignez, teu querer, da-me licença.
Verás hum pastor pobre ficar rico,
Que em ti tem seu thezouro:
Vira-me, Ignez, os olhos que eu te fico
Que val menos o ouro,
Que o muito que te eu amo,
Mas ah que em vaõ te busco, em vaõ te chamo.
Outrem te tem, outro querer te obriga,
E força o teu cuidado:
Fique Gonsalo triste, e enjeitado,
E por elle se diga
Que quem naõ tem fazenda,
Naõ ame, naõ dezeje, naõ pertenda.

Bento. Ah como Gonsalo aponta
Do nosso cazo a verdade!
No haver está a bondade,
Que o mais naõ se tem em conta.
Vê tu quanto somma agora
Joanne para Gonsalo,
E mais quer Ignez deixallo,
Cuidando que se melhora.
Seja hum sandeu, seja hum tolo,
Tenha, que isto presta, e val:
Como se o mór cabedal
Naõ fora sizo, e miolo.
Parece que vai passando:
Olha tu que nos naõ vê.

Gil. Samica alguma coiza he,
Que atraz elle vem Fernando.
Gonsalo para onde vas?

Gonsal. Deos vos salve; cá sois vós!

Ben-

Bento. Affim paffavas por nós
Sem fois olhar para traz ?
Gonſal. Bofé naõ vos conhecia,
E efta falta vos confeffo,
Que tambem me eu naõ conheço
Com os olhos com que me via.
Bento. Conhecite eu no cantar,
Gonſal. Ainda diffo mais m'efpanto;
Porque ha muito que naõ canto
De muito affeito a chorar.
Gil. Vinha Fernando na eftrada,
Vejo que toma ao travéz.
Gonſal. Trasmontou-fe-lhe huma rez
Do mato efta madrugada.
Gil. E tu aonde te lançavas ?
Gonſal. Chegava a ver o meu trigo.
Gil. Eu o vi hoje, e te digo
Que em tempo, que lhe faltavas,
Deceraõ bois da portella;
Sem guarda, e fem mais refpeito
Hiaõ já comendo hum eito
Por delongo da cancella.
Gonſal. Ah dou-os a má maleita,
Que faõ tam mal coftumados,
Que nem aguilhaõ, nem brados
Contra elles nada aproveita.
Gil. Mas lanceios na má hora.
Gonſal. Quiçais que inda tornaraõ:
Tal he quem tem pouco paõ;
Outrem o come, elle chora.
Fortes démos tençoeiros
Saõ eftes: forte peccado,
Que naõ ha de haver jurado,
Senaõ para os jornaleiros!
Ao rico tudo lhe cabe,

O

O pobre lamenta, e sua,
He só a canceira sua;
E o bem de cujo Deos sabe.
 Males que faz a pobreza,
Perder justiça, e razaõ,
Mudar, vida, e condiçaõ;
E offender a natureza.
 Se es pobre, perdes direito;
E, o que he mais, naõ tens juizo;
Que quando falas de sizo,
Crem que falas contrafeito.
 Cativas o pensamento,
Poens a vontade em receio,
Fazes o teu gosto alheio,
Alheias o entendimento.
 E essas arvores sem fruito,
Os cubiçozos da praça,
Fazem dos nossos bens graça,
E das suas graças muito.
 Tudo obedece a seu mando,
Naõ ha bem que lhes naõ venha,
Ajunta-lhes o vento a lenha,
E a nós andou-a espalhando.
 Tudo lhes venta a sabor;
Estaõ das brazas mais perto;
Se falaõ, falaõ mais certo;
Se cantaõ, cantaõ melhor.
 E por mais que isto convida,
Eu na minha estreita sorte,
Quando me apartar a morte,
Sentirei menos a vida.
 O rico naõ se despede,
Que na cubiça enleado,
Quanto mais desenganado,
Tanto lhe cresce mór sede.

Que

Que este engano de sorte
Para esconder a verdade,
Acompanha a nossa idade,
Té despedirse da morte.

Gil. Contava meu dono hum conto
De hum cubiçozo afamado,
Que já depois de finado
Fez verdadeiro este ponto.

Morreu cativo, e vencido:
E os imigos, que o houveraõ,
Já morto, a beber lhe deraõ
Vazos d'ouro derretido.

Dizendo que se fartasse
Do que tanto cubiçara,
Pois que nunca se fartara,
Por muito que cubiçasse.

Assim que depois de morto,
No vil estado em que o poz
A cubiça, o mesmo algoz
Lhe davaõ para conforto.

E he coiza certa, e sabida,
Pela cauza que o levou,
Que sede d'ouro o matou,
Mas elle naõ lhe deu vida.

Ao Rei Midas, outro tal,
Fez-lhe o ouro tanto dano,
Que o milagre, e desengano
Só lhe fez crer que era mal.

E para a sede, que tinha,
Parecera desvario:
Mandaõ-no lavar no rio,
Que beber naõ lhe convinha.

Que esta viva hydropizia
Naõ ha fartalla, ou vencella;
O remedio he lavar della.

E a talha, aonde se cria.
Mas emfim todos vivemos,
Ainda que mais desprezados:
Esses vivem levantados;
Desceráõ, nós subiremos.

Bento. Para razaõ natural
Conselho dás de prudente.
Porém quanto para a gente
Tem bens, mas que faças mal.
No corpo, trato, e vestido
Se conhece o que he melhor;
Nas almas seja o que for,
Naõ se tem nellas sentido.

Gonsal. Inda mal que o sei tambem,
As boas manhas saõ vento,
Naõ sabem de Braz, nem Bento;
He Bento aquelle que tem.
Faz-m'isto menor a queixa,
Ainda que a magoa naõ,
De saber que tem razaõ
Quem por Joanne me deixa.
Que he melhor para marido,
Posto que melhor naõ seja,
Hum rico que faça inveja,
Que hum pastor pobre abatido.

Gil. Da-me, Gonsalo, licença:
Quanto a mim naõ dizes bem;
Que estas differenças tem
Em si grande differença.
A fazenda pela praça
Faz nos publicos bom rosto;
Porém, quanto para o gôsto,
Está noutro ponto a graça.
Mais fazenda, mais perigos;
Mais enganos emprestados,

Mais rostos dissimulados,
Mais encobertos imigos.
A pobreza he mais singella,
Ninguem se lhe contrafaz,
He mais amiga de paz,
E inimiga de cautella.
Se Ignez por outro te enjeita,
Porque em cabedal mais monta,
Naõ tem acertada a conta,
Ainda que a tenha feita.
Que a cubiça de ter mais,
E o fim deste baixo intento,
Naõ cresce em contentamento,
Cresce em vaccas, e em currais.
Os bens da alma sempre duraõ,
Os da sorte vaõ, e vem;
E os que agora hum goza, e tem,
Ha já muitos que procuraõ.
Mas naõ tomes tanto em grosso
Semrazoens de huma mulher,
Que tem mais leve o querer,
Do que he verdadeiro o nosso.
E eu te prometto que vejas,
Se eu creio as mostras que vi,
Joanne, inda ter de ti
Com mais razaõ mais invejas.
Que se Ignez anda enlevada
Pelo que agora a convida,
A has de ver arrependida,
Antes de desenganada.
Porque eu sei d'outros signaes
Que este amor cego, e rapaz
Torna mil vezes atraz,
Sómente por saltar mais.
Sei que te tinha affeiçaõ,

E

E que ainda a naõ perdeu ;
Se hoje a cubiça a venceu,
A' manhá vence a razaõ.
E em que Joanne se gabe,
Cada hum diz o que dezeja:
Em quanto dura a peleja,
Da victoria naõ se sabe.
Tem animo, e confiança,
Naõ te apartes da prezença,
Que esta he na mór desavença
Triaga contra a mudança.

Gonsal. Deos te dê bens; e o teu gado
Cresça aos olhos da ventura,
Pois que me dás ainda cura,
Depois de desenganado.
Da vontade sou contente.

Gil. Nem eu dou mais que a vontade;
Mas, como esta he de verdade,
Verás se nisto te mente.
Levante-mo-nos, que he hora.

Bento. Vamos, que tardo ao meu gado.

Gonsal. Eu vou-me com meu cuidado;
Ficai, pastores, embora.

ECLOGA QUARTA.

A respeito do contagio.

Montano, Franco, e Gil.

Mont. EM quanto hora este ribeiro
Está da calma abrigado,
Franco, amigo, e companheiro,
Deixemos que pelo outeiro
Paste a seu sabor o gado.
Descancemos praticando,
Sentados á borda d'agua,

E

E se te aprover cantando,
Que o trabalho, a dôr, e a magoa,
De seu só se vem chegando;
Grande remedio do mal
Foi sempre a conversaçaõ:
D'hum amigo, se he leal,
Ninguem sabe quanto val
A amizade, e a razaõ.
O dar razaõ de seu dano
He hum remedio commúm:
Nenhum mal ha tam tyranno,
Que naõ fique mais humano,
Em que o naõ seja nenhum.
O consolar d'hum amigo,
Dar hum desvio hum atalho
Por soccorrer a hum perigo;
He couto para o castigo,
E bordaõ para o trabalho.
O cantar nunca a ninguem
Negou sombra de descanço;
E tanto aos tristes convém,
Que ainda aqui parece bem
O rugir deste remanço.

Franco. Montano, o teu parecer
He bom, e foi sempre assim:
Mas em danos naõ ha prazer,
E ha mui pouco que escolher
Entre gado tam roim.
Boa he a razaõ, porém
Nós a temos feito grossa;
E nos males, que homem tèm,
Dalla donde elles nos vem,
He descobrir culpa nossa.
Em males buscar descuido,
Por cuidar que assim melhoraõ,

He dar ouvidos a hum mudo ;
Nem he ſignal de ſizudo
Cantar quando os outros choraõ.
A amizade he ſanta, e boa,
Todo o bem Deos nella poz,
Para tudo ſe affeiçoa,
Mas ſó o nome, que ſoa,
Temos, Montano, entre nós.
Porém deixo eſta contenda,
Que he tentar hum vau mui fundo :
Cada hum per ſi ſe defenda,
Que emendar agora o mundo
He já velho para emenda.
Sentemo-nos, ſe he teu goſto ;
Falemos no em que o tiveres,
Que a tudo eſtou diſpoſto,
Trago o coraçaõ no roſto,
Mas naõ de eſtorvar prazeres.

Mont. Se homem trouxer ſempre o tino
No mal que ſe lhe offerece,
Será triſte de contino,
Dizia o velho Corino ;
Que a dôr eſtudada creſce.
Quem dante maõ conſidera,
Em dobro os males lhe vem ;
Partido que eu naõ quizera,
Pois os ſente quando eſpera,
E os padece quando vem.
Quem mais ao longe lanſou
Os olhos, tem mór fadario :
Quem ſente o mal, que eſperou,
E inda chora o que paſſou,
Faz veſperas, e outavario.
E mais o que reina agora,
Que he de tam má natureza,

Como

Como dizem lá por fóra,
Que sempre busca a quem chora:
Tanto lhe apraz a tristeza!
Dizem: Do que morto jaz,
Naõ faças mais cabedal;
Vai fogindo, salvar-te-has;
Porque atentar para traz
He ficar monte de sal.
De modo que em tal requesta
He bom descuidar do dano,
Andar entre jogo, e festa:
Mas só Deos sabe o que presta;
Que o demais he tudo engano.
Desapaixona o sentido,
Va-se o demo para o demo:
Anda o teu gado perdido,
Andas passado, e transido.
Bofé, Franco, que te temo.
Franco. Ando com a cabana, e fato;
Eis-me aqui, eis-me alli posto,
Fogindo d'aldea o trato,
Hora entre moutas no mato,
Hora com os ventos no rosto.
Andarei lédo, e contente
Nestes trabalhos assim,
Que minha estrella o consente,
Arredando-me da gente,
E ella fogindo de mim.
Mal se soffre esta mistura,
Mal descansa o que quebranta,
Vencer fado he coiza dura,
E cada qual chora, e canta
Como lhe cabe em ventura.
Eu se me vou pôr no monte,
Naõ ha alli quem mais se ponha,

Nem quem se assome defronte;
Se bebo, seccaõ-me a fonte,
Como se fora peçonha.
Se appórto n'alguns cazais,
Para pedir mantimento,
He trabalho por demais;
Atravessaõ-se entre o vento,
Despedem-me por signaes.
Eis hum me tira ás pedradas,
Outro naõ me quer ouvir,
Foge as orelhas tapadas,
Mandaõ-me que ande a fogir,
Mas naõ já pelas estradas.
Bem se julga o que padece
Quem vive emfim desta sorte,
Pelo mal que lhe acontece,
Porém mais males merece
Quem vai fogindo da morte.

Mont. Nenhum perigo duvída
Quem trabalha por viver:
Qualquer trabalho he guarida,
Se para salvar a vida
Tem valia, e tem poder.
A vida he de si escaça,
Mas seu dono naõ repara
No preço, se se embaraça,
Sempre lhe fica de graça,
Quando lhe custe mais cara.

Franco. Bosé tam pouco val ella,
E os males que dá por fruito,
Porque homem mais se disvella,
Que sómente por perdella
Se pudera perder muito.
Dizia o sengo a verdade;
Se o dizella lhe valera,

Qui

Que ninguem vida quizera,
Se fora dada em idade,
Que cada hum á conhecera.
Mas aos que agora vivemos,
Neſtes trabalhos continos,
Daõno-la quando naſcemos;
Porque naſcemos meninos,
Como neſcios a queremos.

Mont. Cada hum conta o que padece,
Ninguem ſabe o que pragueja,
Coiza he que a olho acontece,
Que o que ſempre ſe dezeja,
Tambem a tempo aborrece.
Mas mudemos hora o poſto:
Naõ te has tanto de aſſombrar,
Canta agora, troca o roſto,
E ſe naõ for por teu goſto,
Seja por me contentar.

Franco. Se o meu dano te contenta,
Quero ſeguir o teu norte:
Contra o mal, que me atormenta,
Serei qual Ciſne na morte,
E Serêa na tormenta.
Tempéra eſſe teu pſalteiro,
Que o meu ſem cordas quebrado
Ficou, paſtor pendurado,
No gancho de hum amieiro
Em fé do tempo paſſado,
Nem eſperes que a cantiga
Trate de coizas d'amor,
Que a ventura minha imiga
Já de amor me deſobriga:
Deos ſabe o que era melhor.

Can-

Cantiga.

Fogiraõ meus olhos
Dos males, que viraõ;
De mim naõ fogiraõ.

Voltas.

Bem mostraõ agora
No seu proceder
Que, por me naõ ver,
Me saltaraõ fóra.
Mas no peito mora
O mal, que elles tem:
No rosto naõ vem
O que na alma viraõ,
Se lha descobriraõ.
Vieraõ-se azinha
Com grandes receios
De males alheios,
Sem ver os que eu tinha.
Mas a sorte minha
Já lhe tem mostrado
Ser mais acertado,
Que de mim fogiraõ,
Se a minha alma viraõ.
Depois de atinar,
Vêllos he mór magoa,
Que se arrazaõ d'agoa,
Só por naõ me olhar,
No mesmo lugar,
Dos males prezentes,
Vem horas contentes,
Que outras horas viraõ,
Mas tambem fogiraõ.

Quan-

Quando o cantar entristece,
Falar, Montano, he melhor:
Mil vezes homem se esquece,
Chora, e conta o que espadece,
Côr negra naõ toma côr.
Deixemos hora a requesta,
Que já naõ póde dar gosto.
Fingir prazeres que presta,
Se no mór gosto, e mór festa,
Nos dá sempre o mal de rosto?
Eis lá vejo vir descendo
Gil por aquella assomada,
Que ao longe está apparecendo,
Brademos-lhe; que, em nos vendo,
Ha de descer pela estrada.

Mont. Mas creio que nos sentio:
Naõ vês que agora apupou?

Franco. He certo que nos ouvio;
Nunca tal pastor se vio
Dos que o Lena sustentou.

Mont. Teve tambem seu destroço:
Inda mal! ninguem escapa,
Todos toma a morte a cosso:
Ditozo o que deixa a capa,
Sem ficar pelo pescoço!
Deu-lhe a morrinha no gado
De sorte, lhe ficou rês,
Elle anda assim trasmontado,
Nem parece em povoado,
Nem sabe aonde póem os pés.

Gil. Deos vos salve: chegar-me-hei?
Ou tendes de mim receio?

Mont. Certo, Gil, eu te direi
Homem por guardar-se veio,
Quanto eu guardar-me naõ sei.

Tu dirás se vens sem mal,
Que naõ es pastor sandeu.
Gil. Sem males naõ venhó eu
Que esses saõ meu cabedal,
E esses só tenho de meu.
Mas quanto ó mal Deos vos guarde,
Que cá nos fez apartar:
Naõ tendes que recear,
Que, inda que lhe fogi tarde,
(Inda mal) pude escapar.
Mont. Fiques tu saõ, que em effeito
O mais tudo tem emenda:
Homem tem-lhe o preço feito,
Tenha a vida o seu direito,
Perca-se embora a fazenda.
Senta-te, se te aprover,
E darás novas da Aldea,
Que bem as deves saber,
Inda que ellas podem ser
Como homem sempre arrecea.
Gil. Certo, amigo, melhor fora
Ter qualquer outro castigo,
Que o de renovar agora
Males, que a alma me chora
Cada momento que os digo.
Que novas se podem dár
Donde tam tristes se daõ,
Senaõ taes que com chorar
Acabe de arrebentar
Do que sente o coraçaõ?
Hontem quando o Sol nasceu
Me puz sobre aquelle outeiro,
Que a vista me faleceu,
Tam triste como o primeiro,
Que a tristeza conheceu.

Puz

Puz estes olhos cansados
No lugar, e na ribeira,
Nas cabanas, e nos gados;
Levantei-os de maneira,
Que estavaõ d'agua alagados.
Vi muito gado perdido,
Sem pastor, sem pegureiro,
Por entre as balsas mettido.
Aqui balava hum cordeiro,
Sem ser da mãi soccorrido;
Acolá dava outro balo
A mimoza ovelha branca;
Outra, jaz morta no valo,
Outra sem poder saltallo,
Vem entrezilhada, e manca.
As cabras vaõ pelo outeiro,
Cada qual toma hum atalho,
Cada qual segue hum carreiro,
Já naõ nas guarda o rafeiro,
Já naõ nas guia o chocalho.
Já no valle naõ parece
Pastora, que o gado leve:
Se algum pastor se offerece,
Ou sente o mal que padece,
Ou teme, e sente os que deve.
A' terra o gado recebe,
Por costume, e sem engano,
Da-lhe ode que come, e bebe,
Naõ ha vallado, nem sebe,
Nem quem o acoime do dano.
Tudo está como dezerto,
O mato só se povôa,
E n'aldea em descoberto,
Assim como por acêrto,
Se diviza huma pessoa.

Estaõ

Estaõ sem gado os curraes,
E os pastores sem abrigo;
Nas brenhas, e pedregais
Moraõ, como em tempo antigo,
Os homens, e os animaes.
He morto o nosso Elyzeu,
(Nunca houvera de morrer)
Quanta perda alli nos veio?
Quanto a morte fez alheio?
E quanto ser fez naõ ser?
Quanta fazenda baldia,
De que outrem já come o fruito!
Pasma toda a freguezia;
Só nelle se perdeu muito,
Porque elle era o que sabia.
Morreu Almeno, e Serrano,
E outros que assaz prezumiraõ
Ser valentes contra o dano.

Franco. Os prognosticos do Gano,
Certo, Gil, bem se cumpriraõ.
Eis agora a novidade,
He, que abonde, a Deos louvores,
Nos annos da esterellidade,
Foi della a necessidade,
Mas agora he dos pastores.
Ainda homem anda nesta fadiga,
Se fogir, escaparei.
Ninguem sabe aonde periga.
A verdade he, nenhum diga:
Desta agua naõ beberei.
Quantos estavaõ bem fóra
Do mal, em que se hora vem,
Que sentem seu dano agora?
Ninguem ria do que chora,
Que póde chorar tambem.

Qual

Qual ha, que nunca cuidou
Verse desacompanhado?
E a tanto extremo chegou,
Que, a preço do que deixou,
O naõ vemos enterrado.
Este gado por seu mal,
Recontado tantas vezes,
Por fazer mais cabedal,
Fez ver seu dono o curral
Vazio de tantas rezes.
Quando este mal começou,
Assim começou tambem
Pelo Rei santo que errou,
Quando as manadas contou,
Que Deos só contado tem.

Mont. Quanto eu tinha os olhos já
Correndo as aguas em fio,
E o coraçaõ tal está,
Esta dôr naõ tem desvio;
Quem a sente o saberá.
Ah mal haja a má cubiça,
Que tanto trabalho ordena!
Este mal vem por justiça,
De faisca tam pequena
Olhai que fogo se atiça.
Lembra-me, segundo creio,
(Ainda eu gradado naõ tinha)
De hum vaqueiro que aqui veio,
No começo da morrinha,
Póde ser que com receio.
Dizia que hum estrangeiro,
Que hora eu naõ sei nomear
Pelo nome verdadeiro,
Por engano, ou por dinheiro
Trouxe a peste d'além mar.

Naõ

Naõ ſouberaõ ter recato
Os ſeus, té que neſte enſejo,
Como o mal era ſubejo,
Ateou-ſe-lhe entre o fato,
Com que vinhaõ para o Tejo.
Eſte intereſſe invejozo,
Que nunca há de ter emenda,
Fez ſecreto o perigozo,
Deu azas ao mal forçozo,
Em ſe eſpalhando a fazenda.
Morre aqui, morre acolá,
Eis que aqui corta, alli corta,
Mas a tempo que o naõ dá
A morte, que andava já
Como d'huma em outra porta.
Acodiraõ toda via
Os abegoens da ribeira,
Cada hum como entendia,
Cortavaõ por onde ardia,
Davaõ mais lenha a fogueira.
Eis o fato, que ficou;
Hum ſe queimava, outro naõ:
Mal pelo que o cubiçou,
Que emfim ficou por tiçaõ
Em lugar do que tirou.
Até que a tudo abrangeu,
E a nós (inda mal) tambem
Que a cubiça ſe eſtendeu,
Ao que tem tudo de ſeu,
E ao que de ſeu nada tem.
Ah! naõ fora mais barato
(Se eu iſto aſſim dizer poſſo)
Sem cubiça, e ſem contrato,
Veſtir-ſe homem deſte fato,
Da lá do gado, que he noſſo?

Naõ

Naõ parecera louçã,
Feita do panno da ſerra,
Huma roupeta aldeã,
Que mal teme a noſſa lá,
Que naõ traz peſte, nem guerra?
He erro deſta montanha,
Cada hora toma huma côr,
Só ſuas coizas acanha,
Venha o mal da terra eſtranha,
Porque eſſe ha de ſer melhor.
Coiza he eſta deſigual;
Té o trajo ſeja eſtrangeiro,
Que naõ preſta o natural,
O, que aprendeu cá naõ val?
O de fóra he mais certeiro?
Mas torno á minha tençaõ.
Tudo iſto a cubiça faz,
Por bens que nem vem, nem vaõ;
Braz morreu pelo gabaõ,
Com elle enterrado jaz.
Ignez colhe o meſmo fruito
Dos gânhos da ſua herança,
Perde quem cuida que alcanſa,
Deixa pelo pouco o muito:
Má eſcolha, e má bonança.

Gil. Forte mal, e forte engano
He das noſſas louçainhas,
Bem ſe eſcuzava eſte dano;
Tambem nós fazemos panno,
Da lá de ovelhas meirinhas.
Tu o diſſeſte inda agora:
Tudo, o que he noſſo, aborrece:
Nenhum natural melhora:
Vieſſe a fome de fóra,
Que á fé que cá ſe vendeſſe.

Por isto qualquer profano
Nos toma para entremez,
Porque fazemos cada anno,
Té no trajo Portuguez,
Mais mudanças que hum Sigano.
Naõ tomamos isto em grosso;
Vestimos por tantos modos
Cada hora, que dizer posso
Que naõ temos traje nosso,
Porque o tomamos de todos.
E em tal estado nos poz
Este mal que a tudo iguala,
E naõ he nos trajes sós,
Mas se algum da valia fala,
Já naõ fala como nós.

Franco. Bofé já me eu contentára
Desse mal, se outro naõ fora;
Se nos costumes d'agora
A alma os trajes naõ tomara,
Cahira o dano a defóra.
Emfim todos somos tais;
Quero calarm'eu tambem:
Enchaõ-se embora os currais;
Que os daquelles, que tem mais,
Menos lhes basta o que tem.

Mont. Atalhemos as razoens,
Que tem Gil longe o caminho;
Haja outro dia as questoens;
Deos nos benza os coraçoens
Para o nosso Saõ Martinho.
Aqui tens boroa, e leite,
Gil, com amor, e amizade:
Naõ he bem que isto se enjeite;
Oxalá que te aproveite
Como he de boa vontade.

De-

Depois te hirás teu vagar
Para onde tens abrigo.

Gil. Certo que hoje he mau de achar;
Mas bem se podem passar
Os males com hum tal amigo.
E já que eu naõ alcancei
As graças de vosso canto,
Al vós naõ acertarei:
E se eu fui o que estorvei,
Ainda o sinto outro tanto.
Peza-me que he tam pequeno
O dia para o pagar,
Que eu vos dissera hum cantar,
Que ouvi ao nosso Lereno,
Tambem no nosso lugar.
Estava eu tam pouco lédo,
Como o pastor triste estava,
E elle chorando cantava
Assentado em hum penedo
Ao som da agua que passava.

Franco. Assim te eu veja prazer,
Canta, pastor, naõ te vás,
Que as horas se haõ de deter,
E inda o Sol tornará atraz,
Por te ouvir, e conhecer.
Agora he mais doce o dia,
He a hora em que consiste,
Triste, e doce melodia;
E para hum canto tam triste
Só esta hora se pedia.
Já agora as aves naõ voaõ,
O gado desce dos montes,
Assombraõ-se os horizontes,
Ao lonje quebrando soaõ
Docemente as claras fontes.

As

As nuvens se vaõ tecendo
Sobre os outeiros vizinhos,
Aonde o Sol esteve ardendo;
E elle por roxos caminhos
Já sobre o mar vai descendo.

Elegia.

Gil. *Aqui nestes outeiros levantados,*
Que descobrem do mar a roxa entrada,
Nesta verde ribeira, e nestes prados:
Aqui nesta floresta celebrada,
Semeada de flores, e boninas,
De cristalinas fontes rodeada:
Aqui nestas moradas peregrinas,
Que depois fortuna nossa imiga,
Daquellas semideozas dellas dinas:
Aqui foi, olhos, vossa Troia antiga,
Aonde vos apparece este dezerto,
Que suspiros, e a lagrimas obriga.
Aqui o fero Aquilles em conserto
Seus ouzados guerreiros ordenava,
Alli andava Ulysses encoberto.
Alli Sinon o astuto fabricava
O suberbo cavallo de madeira,
Que com o nome de Palas enganava.
Acolá foi o incendio, e a fogueira
Da riqueza de Troia em maõs alheias,
Que o fado converteu desta maneira
Por alli foi fogindo o pio Eneas,
Com os deozes, e o pai na companhia,
Que do Tibre depois teve as arêas.
Aqui foi Troia, ou foi minha alegria,
Que, em quanto o consentia amor tyranno,
Nos meus contentes annos florecia.
Naõ foraõ Gregos cauza deste dano,

Mas

Mas se lá foi engano, e foi inveja,
Tambem cá foi inveja, e foi engano.
Durou mais de dez annos a peleja,
Foi hum ardil sómente o fim da guerra,
E o meu naõ quer a sorte que inda seja.
Eis o fogo do Ceo, que abraza a terra,
Naõ ha dos mais ouzados quem o aguarde;
Quem se esconde, quem foge, e se desterra.
O verde como o secco tambem arde;
E tu, patria, dos fados tam mimoza,
Para ser mór teu mal, foi ser mais tarde.
Estava a maõ Divina piedoza
Para te levantar este castigo,
Mas naõ mereces ser tam venturoza.
Se em fogo tam cruel, tam inimigo,
Lagrimas que nasceraõ desta magoa,
Tem força de atalhar algum perigo:
Se pouca agua lançada em huma fragoa
Em fogo mais cruel se naõ rezume,
Tornai-vos olhos meus em fontes d'agua,
Ainda que se escureça o vosso lume;
Tirai dessas entranhas rios della,
E naõ vos vença o aspero costume.
Porque se para ver patria tam bella
Dezejaveis a luz serena, e pura,
Se o mal ha de durar, qual podeis vêlla?
Já naõ vereis colher sobre a verdura
As Driades capellas de mil flores,
Competindo com a côr a formozura.
Vereis cortando o prado os lavradores,
Com seus curvos arados ir ferindo
Os mal cobertos ossos dos pastores.
Já naõ vereis as aguas ir fogindo,
Temerozas da sombra dos salgueiros,
Que a praia contra o Sol estaõ cobrindo.

Mas vereis as pizadas, e os carreiros
De outros Enéas mil que se apartaraõ,
Com Anquizes tambem por companheiros.
Já deste prado as flores se seccaraõ,
Já se seccou a nossa primavéra,
Já nossas alegrias se acabaraõ.
Ah doce patria minha quem podera
Resgatar com a vida o teu socego,
Que, como Curtio fez, tambem fizera.
Tornou-se turvo o Tejo, e o Mondego;
Envolvei vossas aguas, Lis, e Lena,
Assombrai tristemente o fundo pégo.
Cahi suberbos montes, e alta pena,
Baixos valles abri vossas entranhas,
Claras fontes seccai, que Amor o ordena.
Escondei-vos no mar altas montanhas,
Que já vossos pastores conhecidos
Peregrinando vaõ terras estranhas.
Huns da timida morte andaõ fugidos,
Outros della vencidos se esconderaõ
Nas entranhas da mãi dos mais nascidos.
Já vossas alvas Ninfas pereceraõ;
E por estes outeiros cavernozos
Em eccos de temor se converteraõ.
Ah pastores do Lis, mais venturozos,
Que já gozais do Ceo claro, e sereno,
E da vil morte estais pouco medrozos,
Deste desterro, aonde agora peno,
Aceitai por offerta este dezejo,
E estes suspiros tristes de Lereno.
Que em quanto vos naõ sigo, e vos naõ vejo,
Naõ me fica que dar mais, que dar ais,
E lagrimas que cresçaõ mais que o Tejo,
Té chegarem, pastores, aonde estais.

ECLO-

ECLOGA QUINTA.

Effeitos da morte, e perda dos amigos.

Franco. *Clorindo.*

Franco. PEza-me, se te acordei:
Dormindo estavas, Clorindo?
Clorind. Naõ sei se estava dormindo,
Ou se acordado sonhei
Este mal, que estou sentindo.
Franco. Vejo-te o rosto tristonho,
A voz escura, e somida,
Sonhaste. A's sombras o ponho.
Clorind. Sonhei, porque he sombra, e sonho
Tudo o que passa na vida.
Nella estava imaginando,
Quando aqui chegaste agora,
E cuidava em outro quando,
De que fujo, e traz que ando;
E oxalá mais sedo fora.
Franco. Deixa hora esse desconcerto,
Naõ te dês a imaginar
Num fim que temos tam certo.
Quem no mal sonha desperto,
Como póde repouzar!
A ninguem peza da vida,
Por mais que diga mal della:
A morte he já conhecida,
Nenhum hospede a convida,
Que naõ sinta muito vêlla.

Estarás hora assombrado
Do grande destroço, e dano,
Que fez o tempo ao teu gado:
Naõ es tu só o aggravado,
Para todos foi mau anno.
Hora que perdesses mais,
Tendo menos, naõ te espante;
Que isso ás vezes saõ signaes:
Castiga Deos aos curraes,
E os donos vaõ por diante.
Agora hum tempo desfaz,
Outro vem, que nos melhora;
E nenhum nos satisfaz;
Gil he pobre, e rico Braz;
Hum se queixa, o outro chora.
Naõ te assombre o que passou,
Que inda ha muito que esperar;
O mundo naõ se acabou,
Deos to deu, Deos to levou,
E inda tem muito que dar.

Clorind. Naõ era esse o meu cuidado;
E algum cuidado me deu
O destroço do meu gado,
Porque o guardava por meu,
E tinha-o só de emprestado.
Mas depois que comparei
Entre perdas, e castigos,
O que agora exprimentei,
Já, Franco, chorar naõ sei
Mais que o perder mais amigos:
Os bens, que á necessidade
Daõ soccorro, e saõ guarida,
Saõ bens, mas de qualidade,
Que ha sem elles gosto, e vida,
E naõ na ha sem amizade.

Hoje

Hoje além naquella estrada,
Estando eu contente, e lédo,
Hum pastor que por mim brada,
(Era inda de madrugada,
Que os males sempre vem sedo)
Disse-me que se perdera,
Que lhe mostrasse o caminho:
Fui lá, perguntei donde era,
Tornou-me que era do Minho,
E que no Tejo estivera.
E em quanto o fui guiando,
Té aquelle valle dalém,
Fui-lhe novas perguntando
De Pyreu, e de Fernando,
E doutros que o Tejo tem.
Elle, que algum conhecia,
Em Rizeu me falou,
Meu grande amigo em porfia.
Parece que o que eu queria,
No rosto me adivinhou.
Mas deu-me huma nova tal,
Que oxalá nunca falara,
Porém (que digo, ou que val?)
Se me tardara este mal,
Para mór mal me tardara.
Foi esta a ventura minha,
Estes saõ os seus rodeios;
Vio que com os males, que tinha,
Naõ misturava os alheios,
E entendeu que lhe convinha.
Franco. Que nova triste, e desgosto,
Que sentimento, e pezar,
Nisso agora te tem posto?
Ergue os olhos, secca o rosto,
Nem tudo se ha de chorar,

Conta-

Conta-me, se pode ser,
Teu desgosto, e teu queixume,
Será mais leve a soffrer,
Que ás vezes, com se dizer,
Se abranda o mal por costume.
E os amigos he razaõ
Serem para o sentimento
Como para os gostos saõ:
Colhe as vêllas á paixaõ,
Naõ nas dês todas ao vento.

Clorind. Quero logo, Franco amigo,
Dar-te conta deste dano,
Para que o sintas comigo;
Que se a outrem foi castigo,
Para nós he desengano.
Junto ás ribeiras do Tejo,
Onde as aguas apressadas
Com gosto, e prazer sobejo,
Entre doces, e salgadas,
Fazem mais sede ao dezejo:
Entre as cabanas famozas
Daquelles valles, e montes,
Ao pé das serras fragozas,
Donde vem fogindo as fontes
Para o Tejo de invejozas:
Para a parte do montado,
Desvio dos mais pastores,
Em hum lugar celebrado,
De mil graças carregado,
E hoje de tristeza, e dores:
Theonio hum pastor vivia,
Bem conhecido na Aldea,
E bem sello merecia
Em tudo o que o mar rodêa,
E em quanto o Sol allumia.

Cele-

Celebrado dos paſtores,
Eſtimado das paſtoras,
Dezejado dos melhores,
Alvo de quantos louvores
Cantavaõ todas as horas.
No canto Apollo o temia,
Na luta a Marte eſpantava,
No baile os Faunos vencia,
E no gado, que guardava,
Argos, e Phebo excedia.
Contra os lobos da montanha
Era o ſeu cajado eſtranho,
Em tudo tinha arte, e manha:
Olha que coiza tamanha,
Se naõ fora huin mal tamanho.
Tinha em doce companhia
(Que agora he bem que choremos)
Naterzia, Sylvia, e Armia,
Trez irmãs, novos extremos
De belleza, e cortezia.
Por irmaõ tinha a Rizeu,
Que eu no Mondego tratei
Quando alli por ſorte veio,
Da minha alma, e do meu ſeio,
Pela fé que nelle achei.
Foi aſſim pelo meu fado,
Que com elle ao Tejo vim,
Deſemparando o meu gado,
Só por naõ verme apartado
Da melhor parte de mim.
E o bom Theonio, que entaõ
O nome já me ſabia,
Com tanto amor, e affeiçaõ,
Como ſe fora outro irmaõ,
Me tratava, e recebia.

Alguns dias, que inda invejo,
Na ſua cabana eſtive,
Tanto a goſto do dezejo,
Que dizia eu que no Tejo
Só ſe guarda, e ſó ſe vive.
De tal ſorte me obrigou
Neſte amor, neſta amizade,
Que o que a ſorte me negou,
Para o pagar, me ficou
Como eſtampa na vontade.
Tornei-me para o Mondego,
Saudozo, e juſtamente.
Pouco eſtive com ſocego,
Que nem o quiz o amor cego,
Nem minha ſorte o conſente.
Lembra-me que á deſpedida
Vim eu cuidando aſſim ſó
Nas glorias daquella vida
Bem gaſtada, e bem ſervida,
Só da minha havendo dó.
E ao dobrar de huma aſſomada,
De huma grande ſovereira,
Sobre hum valle debruçada,
Huma gralha praguejada
Ouvi triſte menſageira.
Bem como que me falava,
Iſto que ſe ſatisfaz,
Olha o fim que o eſperava,
E eu de ſuſpenſo parava,
Lançando os olhos atraz.
Ouvi caens uivar na Aldea,
Os gados balar ouvi;
Mas como quem naõ recea,
Naõ olhava a má eſtrea,
Com que eu triſte me parti,

E

E inda á sobida da serra
Dei de tope num penedo,
Que estava á caraõ da terra,
Nunca o mau agouro erra;
E os meus que acertaõ mais sedo.
Inda o Sol dado naõ tinha
Sua volta em gyro igual,
E entre os cornos se detinha
Daquelle fero animal,
Quando a triste nova vinha.
Que cortara a parca dura
Theonio meu bom pastor,
Quando o buscava a ventura.
Olha tu, Franco, que flor
Para enramar sepultura.
Tudo se encheu de tristeza,
O campo, a serra, os pastores,
Té a propria natureza
A mostrou, no prado as flores,
E as plantas nesta aspereza.
Enturvou-se o Tejo brando,
Ajudando a nossas magoas;
E quem o esteve attentando,
Vio vir lagrimas nas aguas,
Como que estavaõ chorando.
Hora assim como acontece,
Se a hum ramo de qualquer modo,
Que em teus pomares florece,
Cortas o olho donde cresce,
Vai secando o ramo todo.
Theonio, que pereceu,
Naterzia tambem se aparta
Para o Ceo, donde desceu,
E inda a terra, que a perdeu,
Naõ he de lagrimas farta.

E como a morte o naõ ſeja
De nos tirar todo o bem,
Ou por coſtume, ou d'inveja,
Tirou-nos hum que o Ceo tem,
E a terra tanto dezeja.
Levou-nos agora Armia,
Paſtora mais celebrada,
Que em toda a ribeira havia,
Em avizo, e em valia,
Em graça, em ſer eſtimada.
Deixou fruito venturozo,
Ao ſeu paſtor deſcontente,
Quanto algum tempo ditozo;
Que mal fia em bem prezente,
Quem ſabe que he perigozo.
Rizeu apartado eſtava
No Mondego, onde apaſcenta,
Quando a nova lhe chegava;
O coraçaõ lhe arrebenta,
O ſangue o deſemparava.
Com o primeiro ſentimento
As lagrimas lhe faltáraõ,
Até que de cento em cento
Reprezadas ſe ſoltáraõ,
Dando vau ao ſoffrimento.
Anda o paſtor ſem ſentido,
Sem gado, ſem companhia,
Por entre os matos mettido,
E o ſeu rebanho perdido
Entre os vedados ſem guia.
Diſto tive a triſte nova,
Que eu ſentia aſſim comigo;
E ſe alguem chorar me eſtrova,
Naõ deve ſaber por prova
O quanto cuſta hum amigo.

Fran-

Franco. Mil razoens podera darte,
E alguma he de prezumir
Que bastasse a consolarte:
Mas naõ quero ser mais parte,
Clorindo, que no sentir.
Mui bem conheço a Rizeu,
Tive-lhe affeiçaõ tambem;
Se naõ tanto do seu seio,
Dos danos, que agora tem,
Tenho a parte que me veio.
Sinto comtigo o seu mal,
Como obrigado a chorallo;
Que essa perda foi geral;
E indo hoje para o curral,
Me falou nisso Gonsalo.
Porém naõ te assanhes tanto
Contra hum cazo que acontece,
Cauza he de dôr naõ d'espanto;
Cada hora que me alevanto,
Me alembra a morte, e m'esquece.
Esta, que chamamos vida,
Tam fraca, e de pouca dura,
Tam buscada, e perseguida,
Entre inimigos mettida,
Quem a terá por segura?
Com qualquer frio, ou geada,
Qualquer Sol que nos cometa,
Qualquer Lua desmandada,
Em qualquer hora mingoada,
De qualquer signo, ou planeta.
Perdemos no mesmo instante
Isto, que tanto estimamos.
Como ha inda quem se espante?
Vimos tantos ir diante,
Só do nosso nos queixamos.

Hum

Hum pé, que se desviou,
Hum olho, que se offendeu,
Hum mau ar, que nos chegou,
Hum caminho, que cansou,
E huma dôr, que nos doeu:
Hum desgosto, e hum pezar,
Que fora de fantazia,
Nos acerta a magoar;
E, o que he mais para espantar,
Que ás vezes mata a alegria.
Saõ emfim tantos perigos
Os que a nossa vida tem,
(Naõ falo inda dos castigos)
Que assim o mal, como o bem,
Todos saõ seus inimigos.
Dá credito aos desenganos,
Que nos tem mostrado a sorte:
Imos de hum dano em mais danos;
E, por descuido da morte,
Fica hum pastor cá mais annos.
Passe-te hora essa paixaõ;
Que a coiza, que te desvéla,
Era posta em condiçaõ;
Naõ estava em tua maõ
Nem guardalla, nem perdella.

Clorind. Do que he sujeito a faltar,
Menos se sente o perder:
Mas quem naõ se ha de queixar?
Que perda, tam má de achar,
Naõ he boa d'esquecer.
Hum amigo tam buscado,
Hum pastor tam escolhido,
Inda que era de emprestado,
Quem o naõ chora perdido,
Naõ no tinha bem ganhado.

Quei-

Queixava-se Bento hum'hora
De hum rafeiro que perdera
(E ind'hoje o seu gado o chora)
Porque em seu officio fora
Mais pastor, do que elle era.
Quando se lhe isto estranhava,
Dava o pastor por razaõ
Que sentia, e se queixava,
Porque achar naõ esperava
Outro de tal condiçaõ.
Hora Bento bem sabia
Que era coiza assim sujeita,
(Bem que fosse de valia)
Naõ achar outro respeita,
Quando sente o que perdia.
Isto em qualquer animal,
Que homem uza, e traz comsigo,
Pelo seu bom natural;
Quanto mais hum tal amigo,
Que a duro se acha outro tal!
Parece justo, e devido,
Além disto, que me ouviste,
Que eu naõ perca do sentido
O meu Theonio perdido,
Rizeu perdido, e triste.
Que anda o pastor de tal sorte,
Que, se o vires entre o gado,
Sem haver quem o conforte,
Dirás que he corpo passado,
Que assombra depois da morte.

Franco. Tirar essa condiçaõ
Naõ podemos a tristeza,
As lagrimas cansaráõ;
Que mais cura a natureza
Nestas chagas, que a razaõ.

Em

Em qualquer pezar, e magoa
Os olhos enxugaõ logo;
Que inda que saõ fontes da agua,
He a dôr no peito fragoa,
Donde as aguas tiraõ fogo.
O chorar coiza he sabida,
Que offende, e naõ pode tanto;
De-lhe o nosso canto vida,
E a nossa voz seja ouvida
No choro celeste, e santo.
Que esta vida transitoria,
Quanto nos desapparece,
Cresce a muitos na memoria,
E os mortos vivem por gloria,
Quando a vida merece.

Clorind. Em teu canto, bom pastor,
E em teu favor só me atrevo:
Seja teu todo o louvor;
Que, se eu naõ pago o que devo,
Naõ posso pagar melhor.

Franc. *Já a parca nos roubou,*
Com maõ despiadoza,
Todo o bem que nos dera a natureza.
Já tudo se trocou
Em magoa saudoza,
Em lagrimas, suspiros, e em tristeza,
Já toda a gentileza,
E gloria deste prado,
A graça da verdura, a côr das flores:
E ao tirar do gado
As muzicas, e os jogos dos pastores,
Com Theonio faltaraõ,
Que o Ceo nos deu, e os fados invejaraõ.

Clor. *Theonio, cuja vida*
Era nossa esperança,

Pe-

Pelas grandes promessas da ventura,
Com magoa, e dôr crescida,
Levou numa mudança
Nossa esperança á triste sepultura.
Ficou em noite escura
Aquella luz, que dava
Graça, honra, e louvor ao nosso Tejo;
Partio quando chegava,
Levou traz si os olhos, e o dezejo
De todos estes montes,
E deixou aos meus olhos feitos fontes.

Franc. *Corria o Tejo usano,*
Quando nelle vivia
Theonio com seu gado tam contente;
E pelo certo dano
O vil rebanho havia
Temor já do seu braço no Oriente,
Onde entre a Maura gente
Outro pastor, que come
A terra, que elle fez famoza, e clara
Com o seu proprio nome,
E bom cajado os montes conquistara,
Donde para nós veio,
Co' nome que tomou, e o Reino alheio.

Clor. *Estrellas, que já vistes,*
Quiçais com muita inveja,
Aquella dezejada companhia,
Se vós ficastes tristes,
Bem he qu'eu triste seja,
Que vossa inveja alegremente via,
Trocou esta alegria
Em triste apartamento,
Com subita mudança a dura morte,
E em novo sentimento
Nos fez queixar da vida. Ah triste sorte,

Quaõ

Quaõ pouco espaço dura
Ventura em vida, ou vida com venturas.
Franc. *Valor, esforço, e arte,*
Juizo, e sangue claro,
Anticipada fama á tenra idade,
Partes, que em qualquer parte
Temia o tempo avaro,
E obrigavaõ dos homens a vontade;
Valoroza bondade,
Spritos valorozos,
Nascidos no valente, e nobre peito,
A que os mais invejozos
Tinhaõ inveja igual, e igual respeito,
Pereceraõ numa hora;
Que quanto o Ceo festeja, a terra chora.
Clor. *Murchai famozas flores*
Da ribeira famoza,
Do Tejo cristalino, que honrais tanto;
Tomai palidas côres,
Verdura gracioza,
E tudo cubra o Ceo d'escuro manto:
Naõ se ouça o doce canto,
E as frautas tam contentes
Dos pastores no prado, e na montanha;
Com lagrimas ardentes,
Arvoredos chorai perda tamanha
Daquellas flores bellas,
Que agora estaõ no Ceo entre as estrellas.
Franc. *Chorai Ninfas do Tejo,*
Driades, e Napeas,
Leves Satyros, Faunos, e Sylvanos,
Que com tanto dezejo
Já nas louras areas,
Celebrastes seu nome em tenros annos:
E vos, valles ufanos,

En-

Engraçados outeiros,
Penedias cobertas de verdura,
Sede-me companheiros,
E honrai aquella amada sepultura,
De palma, cedro, e louro,
Aonde escondeo a Parca o meu thesouro.

Clor. *Começai, tristes olhos*
Meus, a dar novamente
Vosso favor ao coração cativo,
Creção de novo abrolhos,
Regados da corrente
Dessas lagrimas vossas, de que vivo:
E se no pranto esquivo
Achar merecimento,
Theonio, que do Ceo ouve estes brados,
Com grande sentimento
Não cesseis de chorar té que cansados
A luz percais, e eu veja
Com nova luz o bem, que esta alma inveja.

Franc. Cesse o nosso canto triste:
Alegra os olhos, Clorindo.
Não sei se o que eu vejo viste?

Clorind. De novo estava sentindo.

Franc. Pois já basta o que sentiste.

Clorind. De que estás alvoroçado?
Que alegria tens no peito?
Já te esquece o meu cuidado?

Franc. Que he o nosso canto aceito,
E Theonio descansado.
Não viste quando acabou
A palavra derradeira
Do teu canto, que voou
Por sima desta oliveira
Huma pomba que parou?

Vêlla no ramo dalém,
Que com o pezo se abalansa,
Esta a nova dar-nos vem,
E pois Theonio descansa,
Descancemos nós tambem.

Clorind. De maneira me alegraste,
Que me esqueci do tormento:
Com o signal, que mostraste,
Cessem já lagrimas, baste
O passado sentimento.

Que inda que nasce d'amor,
He offensa conhecida
Chorar ao nosso pastor,
Dezejando-lhe esta vida,
Quando goza outra melhor.

Franc. O teu gado me esquecia,
Que anda ao pé daquelle outeiro,

Clorind. Nem parte delle sabia.

Franc. Para ti olha o rafeiro,
Parece que to dizia.

Eu por este atalho sigo,
Por chegar aos salgueirais.

Clorind. Espera, que hei de ir comtigo;
Que, por ir com tal amigo,
Pouco fora trocer mais.

Ecloga Sexta.

Contra a murmuração.

Serrano, Bento, e Gonsalo.

Ser. Torna essas vaccas, Bento, que ind'agora
As fui tirar de dentro do serrado,
E naõ nas posso haver do dano fóra.

Herva

Herva ha neste olival, herva ha no prado;
Naõ sei porque he melhor a defendida,
Que assim se inclinaõ mais ao que he vedado.
Ben. Sempre a vontade, amigo, se convida
A'quillo que lhe negaõ, sempre enjeita
O que nem se lhe arreda, nem duvida.
Parece que o dezejo nosso espreita
O que mais impossivel lhe parece:
Entaõ contra o dezejo que aproveita?
Hum cantar ouvi eu que hora me esquece,
Que aqui nos trouxe Amintas o vaqueiro,
E cada hora lembrallo me acontece.
Vês tu pelo través deste salgueiro?
Naquella riba estava, a maõ na face,
E estirado a par delle o seu rafeiro.
Os olhos póstos lá aonde o Sol nasce,
Com a voz té aos passaros detinha;
Tambem detinha o Sol que naõ passasse.
Hia cantando hum pé; e em cabo vinha
A dizer: Vou fogindo da vontade,
Que a tam grandes enganos me encaminha.
Ser. Como o dezejo he cego, persuade
Que aquillo, que nos foge, he o melhor:
Quanto he melhor saber que he falsidade?
Sejaõ bens da fortuna, ou bens de amor,
Que mór bem ha, que mór contentamento,
Que viver sem perigo, e sem temor?
Mas temos como grimpa o pensamento,
Hum engano qualquer nos muda o posto,
Donde a vontade assopra como o vento.
Ben. Calma em Janeiro quer, frio no Agosto,
Flores na serra, e moutas pelo prado,
Quem foge da razaõ para o seu gosto.
Ser. A que razoens nos trouxe o nosso gado?
Deixemos os da villa na contenda,

Que tambem para nós isto he vedado. (da:
Ben. Naõ falta hora nos montes quem se enten-
E mais que o mundo he tal, e he tal a gente,
Que os rusticos lhe podem dar emenda.
Quem quer que fala agora he maldizente;
Que tanta praga he já falar verdade,
Que a falar naõ se atreve o que naõ mente.
Ser. Deixemos isso emfim que he vaidade,
Cá tratemos do gado, e da lavoura,
Nisto dêmos razoens muito á vontade.
Falemos neste Sol, que os montes doura,
Na Lua mais enxuta, ou mais molhada,
Na seara crescida, verde, e loura.
Fala na tua estrella, e na dourada,
Fala hora nos novilhos: Deos tos guarde;
Que esta pratica nossa he bem fundada.
Ser. Bom conselho era o teu, mas vem já tarde;
Que está o mundo tal, que naõ melhora.
Folgo de ver na lingua algum covarde.
Ben. Disso se queixa o sengo, e disso chora
Todos de alheios erros fazem praça,
E os seus calando-os ficaõ-lhe a de fóra.
Cuidaõ que o dizer mal lhes cahe em graça,
Passa a noite, o dia, o mez, e o anno,
Naõ ha quem de falar os satisfaça.
Cortaõ largo vestir de pouco panno,
Nenhuma falta propria os envergonha;
Que a peçonha a si propria naõ faz dano.
Ser. Dizes bem: que mór mal, que mór peçonha,
Que a lingua descomposta, vil, malina,
Que das vidas alheas trata, e sonha,
Todo o mal busca, a nenhum bem se inclina,
Mata ao mais escondido, e mais seguro,
He grossa á vista, mas no corte he fina.
Bem vio a natureza o mal futuro,

Poz-

Poz-lhe os beiços diante, e poz-lhe os dentes,
Duas portas serradas, e o seu muro.
Deu-nos os mais sentidos differentes,
Os braços, maõs, os pés, olhos, e ouvidos,
Para poder obrar mais diligentes.
Mas huma lingua só entre os sentidos,
E esta á medida nossa a mais pequena,
Que deu aos animais cá conhecidos.
Ben. Tudo nos culpa, e tudo nos condena,
O premio he vil, o cargo mui pezado,
E mais certa, que tudo, he delle a pena.
Ouvi ao sengo hum conto mui gabado
De hum antigo pastor, que sempre andava
Na montanha, sem mais que o seu cajado.
Hum dia o encontrou hum que o buscava;
Era-lhe amigo puro, e sem falsia,
D'alma, e quiçais com lagrimas, falava.
Ah deixa, deixa os matos, lhe dizia,
Naõ tragas sempre a vida neste aperto,
Com féras desiguaes em companhia.
Naõ te espantes (responde) amigo certo,
Dé ver que busco os féros animais,
Que parece da vida hum desconcerto.
Tem dentes, e unhas, armas naturais
Para offenderme a vida duvidoza:
E os homens tem a lingua além das mais.
Arma mais, que outras armas, perigoza;
Tem veneno mortal, que ás almas chega,
E esta menos, que as outras, onciosa.
Ah vil murmuraçaõ, cativa, e cega,
Quem te ama, quem te serve, quem te estima,
A que inferno immortal sua alma entrega!
Qual corta o ferro frio a sutil lima,
Qual a agua a pedra dura murmurando,
E qual a traça os trajos mais de estima;

Qual

Qual a vibora a mãi desentranhando;
Assim o proprio peito, aonde te geras,
Quando os alheios cortas, vás cortando.
Quaõ mal, Serrano amigo; tu disseras
Que, para se atalhar algum perigo,
Fogissemos dos homens para as feras!
Ser. A lagarta, a ferrugem come o trigo;
E cada fruito, que produz a terra,
Tambem cria entre si outro inimigo.
A lingua he como a lança, e nenhum erra,
Que nasceu dentre nós; e á similhansa
Se fizeraõ as lansas para a guerra.
Quem lhe póde fugir, se a tudo alcansa!
E mais ao longe fere, e ao direito,
Do que setta, arcabuz, espada, e lansa.
Quanto dano nos faz! quanto tem feito!
Nos montes, nas aldeás, nos lugares,
Sem interesse, gosto, e sem respeito.
Ben. Ouve, Serrano, hum pouco se mandares;
Que assomaõ dous pastores pela enfesta,
Que devem vir já agora dos folgares.
Contar-nos haõ da luta, e mais da festa.
Ser. Parece o de cá Gil, o outro Gonsalo,
Que vem por a outra parte: ambos vem desta.
Ben. Gil canta; aqui podemos escutallo.

Cantiga de Gil.

O bem tarda, e foge,
O mal chega, e dura:
Para que he ventura,
Que naõ passa d'hoje?
A minha alegria,
Vinda por enganos,
Tardou-me mil annos,
Durou-me hum só dia.

Paga bem injusta,
Foi a de meu mal,
Pois que o bem naõ val
O que huma dôr custa.
Lansado em razaõ
Este meu tormento,
O merecimento
Foi o galardaõ.
Que enganos colhi
De quanto esperei,
Se entam me paguei
Quando mereci?
Quem o que hora vejo
Vira no começo?
Quem vira o successo
Antes do dezejo?
Quem crera as suspeitas,
Naõ já as confianças?
Quem vira as mudanças
Pelas naõ ver feitas?
Bem, de males cheio,
Ide a quem vos deu;
Deixai-me ser meu,
Pois vós sois alheio.
Do tempo servido
Só tenho alcansado
Que sois dezejado,
Mas naõ possuido.
Esperança minha,
Que o tempo secou,
Vede em que ficou
Quanto de vós tinha?
Sois arvore verde,
Que promette muito;
Quanto vem ao fruito,
Nas flores se perde.

Pen-

Pensamento leve,
A' vossa ouzadia,
Sempre lhe eu temia
Este fim, que teve.
Quem naõ conhecera
Vosso risco logo,
Se hieis junto ao fogo
Com azas de cera?
Do que está perdido
Naõ me aqueixarei;
Pois disso ganhei
Verme arrependido.

Ser. Bem se parece, Gil, no doce accento,
Na graça, e no saber, com que cantavas,
Que tudo o mais te deve o vencimento.
Gil. Antes naõ atinei que me escutavas;
Que me calára entam d'envergonhado.
Ser. Fora de ver que aos teus envergonhavas.
Louvarte agora aqui será peccado,
Porque he murmuraçaõ, e inveja pura,
Louvar menos a alguem, do que lhe he dado.
Gil. Essa murmuraçaõ ainda era escura:
Mas o que louva aquillo, que naõ deve,
Esse digo eu, Serrano, que murmura.
Gonf. Bofé qualquer das culpas he bem leve;
Deixemos as razoens para outro dia;
Que o da festa, e de gosto sempre he breve.
Ben. Antes me metto agora na porfia,
Que me veio a propozito o meu conto;
Do que Serrano ha pouco me dizia.
E das festas tambem naõ perco o ponto,
Logo perguntarei se houver licença;
Ainda que ante Gonsalo, eu sei que monto.
Porém quando aqui foi da desavença
De Silvio, que partio deste montado,

Por

Por ver da nossa vida a differença,
  Entregava a cabana, e mais o gado
A Elizo, hum pastor pobre conhecido,
  Quiçais da sua Aldea o mais gabado.
  Hum invejozo seu pouco atrevido,
Que queria atalhar-lhe aquelle bem,
Com o veneno mortal n'alma escondido,
  Dizia, e publicava que ninguem
Cantava como Elizo em todo o Tejo,
Nem em quantos lugares rega, e tem.
  E o que a vida, o cuidado, e o dezejo
A força, o gosto, só nisto empregava;
Que nisto tinha as partes de sobejo.
  Porque quanto nas outras lhe faltava
Tanto só para esta arte o Ceo lhe dera,
Na qual nenhum pastor se lhe igualava.
  E o que nunca atéli delle dissera,
Tomou por capa, e véo d'huma vontade
Que inda encoberta assim mostrou qual era.
  Olha a murmuraçaõ, olha a maldade
De quem louvando-o mais do que era seu,
Com este engano os males persuade!
  Porque com o louvor falso, que lhe deu,
Pois para aquelle cargo naõ convinha
Lhe tirava outros muitos que perdeu.
  Outra vez (que a razaõ tudo encaminha)
Hum da villa, a seu canto affeiçoado,
Tratou de dar-lhe os pastos, que naõ tinha.
  Eis o vil invejozo, mal olhado,
Vai gabar-lhe de Elizo o bom rebanho,
Por melhor, mais lustrozo, e bem tratado.
  Que engano tam sutil, que mal tamanho
Murmurar com louvores de hum pastor;
Que naõ louvallo entaõ fora mór ganho.
  Mas os gabos da inveja, e os de amor

Tem

Tem grande a differença! e diz Gonſalo
Que he leve a culpa de qualquer que for.
Nos que naſcem de Amor, como aqui, callo;
Nos mais fora canſar, e gaſtar tempo,
E houvera, para ouvirvos, de poupallo.
Gil. Muito he maior de ouvirte o paſſatempo;
E mais para hum cuidado, que hora ſigo,
Vieraõ as razoens melhor que a tempo.
E digo que he menor dano, e perigo
Ter hum murmurador ao deſcoberto,
Que hum, que offende louvando como amigo.
Porque, do que diz bem, cremos que he *certo*;
O que diz mal ſempre he mais duvidozo,
Porque moſtra a tençaõ muito de perto.
Mas murmura calando hum invejozo,
Aqui contradizendo os bens alheios,
Alli dizendo o mal, e o bem danozo.
A hum louvando-o mais com maus rodeios,
A outro menos; aſſim que para hum mal
Inventou a malicia tantos meios:
E eſtá em noſſo dano o mundo tal,
Que o que já naõ murmura, e naõ pragueja,
Nem tem entendimento, nem tem ſal.
A verdade porém ſó val a Igreja,
Nella eſtá como a luz apparecendo;
Cá naõ ha quem a fale, ou quem a veja.
Mas eu tambem que falo? que reprendo?
Todos dizemos mal, todos falamos;
Naõ me condeno a mim, outros emendo.
Conta, Gonſalo, emfim pois cá ficamos,
Da feſta, já que eu ſou nella ſuſpeito;
E naõ quero que o ſeja o que contamos.
Gonſ. Antes o devo eu ſer por teu reſpeito.
Da luta contarei; tu dize o mais,
Pois te cabe por goſto, e por direito.

Serra-

Serrano, e Bento já viraõ signaes
De teu canto levares hoje o preço,
Já o tens de costume em festas taes.
Emfim, deixando o vodo do começo,
Danças, gritas, folias dos pastores,
Que de varias, e muitas já me esqueço:
Foraõ Dino, e Montano os lutadores,
Cada qual do seu cabo levou trez
Da serra, os mais dispostos, e os melhores.
Tangem-se as gaitas huma, e outra vez,
Poem no terreiro a boa da fogaça,
Que nunca neste vodo tal se fez.
Despem-se os dous, rodeaõ logo a praça,
Eis hum se chega, eis outro se apartava,
Comettendo por geito, e por negaça.
Arcou Dino primeiro, e naõ chegava,
Quando a Montano lhe arma huma travessa,
Que imaginei entam que o derrubava.
Se naõ quando chegando o arremessa
De si com tanta força, e tanta ira,
Que lhe valeu soltarse bem de pressa.
Tornaõ de novo á guerra (quem os vira)
Como os nossos almalhos com ciume
Da juvenca que a vêllos se naõ vira.
Os olhos mostraõ sangue, e ferem lume,
As maõs tremendo, e o rosto traspassado;
Cada qual teme, e cada qual prezume.
Remettem, pegaõ, arcaõ, e abraçado
Ficou Montano, hum pouco mais a geito,
Elle da parte esquerda sujugado.
Metteu-lhe entaõ com força o pé direito,
Cahe Dino, e Montano juntamente
Na terra poz a maõ, como eu suspeito.
Gritaõ de hum bando, e doutro, brada a gente,
Cobrem logo a Montano os do seu bando,

Co-

Cobrem Dino tambem, mas descontente.
Os de huma, e doutra parte estaõ gritando;
Que foi d'ambos a quéda; e sobre o cazo
Armou Vicente brigas com Fernando.
Pedio Corino entam, por naõ dar azo
A móres desavenças, que o julgassem;
E poz da cauza até Domingo o prazo.
Mandou a Gil, e a Delio que cantassem.
Venceu Gil. Fique a coiza para outra hora,
Que estas saõ já dos gados, que naõ pascem.
Ben. Muito me contas: já me peza agora
De naõ me achar prezente na contenda.
Gonf. Se tu cantaras, outra coiza fora;
Mas já naõ póde ter esse erro emenda.
De Ignez me peza, que estará queixoza,
Que Iria hoje enfeitada de encomenda.
Bent. Ella de toda a sorte está formoza.
Vamos, que se faz tarde; e falaremos
Na tua sorte, Gil, que he mais ditoza:
Justo será que aqui della gozemos.
Ser. Tambem da minha parte ajudarei.
Gil. E eu digo pela minha que cantemos,
Mas que perca comvosco o que ganhei.

Cantiga.

Gil. Muda os amores, Serrano,
Pois se mudou Leonora.
Ser. Oxalá mais sedo fora!
Vira sedo hum desengano.

Voltas.

Gil. *Nunca vi desenganado,*
De seu mal tam satisfeito.

Ser.

Ser. *Já salei como sujeito,*
E agora como aggravado.
Gil. *Quem te conhecèra outro anno,*
Como te estranhará agora!
Ser. *Amor trocou-me n'huma hora,*
Noutro a elle o desengano.
Gil. *Pódes tomar em vingança*
A que ella tomou de ti.
Ser. *Fora vingarme de mim,*
Vingarme noutra mudança.
Gil. *Mil vezes ouvi, Serrano,*
Quem se muda se melhora.
Ser. *Pois isso fez Leonora,*
Melhorou-se com meu dano.
Gil. *Pragueja-se pela Aldea*
Que o teu mal foi sua inveja.
Ser. *Gil, de tudo se pragueja,*
Como seja coiza alheia.
Gil. *E ainda encobres, Serrano,*
As culpas de Leonora.
Ser. *Por lhe naõ pagar agora*
Com culpas hum desengano.
Gil. *Entaõ que termo, e cautella*
Has de ter c'os que te vem?
Ser. *Mostrar que lhe quero bem,*
Como quero, sem querella.
Gil. *Bem póde dar volta o anno,*
E huma hora melhor d'outra hora;
Ser. *Naõ creio tempos já agora;*
Que dei fé ao desengano.

ECLO-

Ecloga Setima.

Das mudanças.

Fernando, Gil, e Ignez.

Fernan. ANdo Gil, como enleado:
Naõ estranhes verme assim;
Que, a naõ ser fóra de mim,
Naõ faço o que era obrigado.
Passei por ti, naõ te via:
Olha tu qual eu passava,
Que naõ sabia aonde estava,
Nem cuidava por onde hia?

Gil. Logo eu disse em tu passando.
Olheite assim para o rosto:
He certo que algum desgosto
Aqueceu hoje a Fernando.
Estive em chamar por ti;
Depois sobre mim tornei:
Da volta lhe falarei,
Que ha de passar por aqui.
Conta-me agora que houveste?
Que tens? que te dá fadiga?

Fernan. Bofé naõ sei que te diga,
Ou dizerto o que me preste?
E disto, que eu sinto tanto,
Ainda he muito menor
O sentimento da dôr,
Do que he para mim o espanto.
E te affirmo que, se houvera
Hum remedio, que dezejo,
Para crer contra o que vejo,
Que inda o que vejo naõ crera:

Mas

Mas naõ sei como resista
A engano, que assim se vê,
Que ainda estou cego por fé,
Mas a fé falta na vista.
Bem conheces a Tareja,
Cauza, e fim de meus cuidados,
A dos olhos tam quebrados,
Que naõ ha pastor, que os veja.
Aquella tam desigual
No trato, modo, e cautellas
Das mais pastoras, que entr'ellas
Vencia a lei natural.
Aquella sempre queixoza
Por quem andava entre a gente,
A alegria descontente
De a ver triste tam formoza.
Aquella, que por empreza,
De bem poucas escolhida,
Desprezou glorias da vida
Pelo gosto da tristeza.
Quiz assim minha ventura,
Ou eu quiz a que naõ tinha,
Que veio a ser coiza minha,
Para ser pouco segura.
Mostrava-lhe eu affeiçaõ,
(Vê tu quem lha negaria)
Porém nada pertendia
Com receio, ou com razaõ.
Meteu-se Amor de por meio,
E com o trato costumado
Descobrio-se o meu cuidado,
E acabou-se o meu receio.
Queria-me, ou me enganava;
Falava-me a meu sabor,
E com mil mostras d'Amor

Atre-

Atrevimentos me dava.
Cresceu nisto o meu querer,
E nella com o mesmo effeito
Naõ perdi nunca o respeito,
Nem ella o seu proceder.
E assim no tempo contino,
Que segui tam doce emprego,
Nunca fiz desasocego,
Sendo Amor hum desatino.
Era emfim esta pastora,
Ou prezente, ou apartada,
Como os meus olhos amada,
Temida como senhora.
E o que eu sentia mais era
Ser-lhe a sorte tam avara,
Que em minha fé lhe trocara
A ventura, que perdera.
Hoje soube de certeza
Que já tinha outro cuidado,
Outro pastor, outro gado,
Outro gosto, outra tristeza.
Outro termo differente,
Outra affeiçaõ mais galante,
Outra fé mais inconstante,
Outro amante mais contente.
Hia Braz para a montanha
Entrar na luta louçaõ,
Cajado, frauta, e çurraõ,
Lavrados por arte estranha.
Vi-o, tornou logo atraz
Com termo contente, e brando;
Fogio triste de Fernando,
Foi contente ás maõ de Braz.
Sentillo agora que presta?
Sabello aproveitara,

Ao menos conheço já
Que he mudavel esta festa.
Naõ sinto deixarme a mim,
Que isto a meu pezar consinto,
Gil amigo, como sinto
Agora mudarse assim.

Gil. Mais te podera espantar,
(Haja eu perdaõ, se mal digo)
Poder acabar comsigo
Tardar tanto em se mudar.
Queres tu firme hum querer,
Que tem só por natureza
Naõ ter em nada firmeza?
Queres firme huma mulher?
Se mudanças he seu fruito,
Que achavas agora estranho?
Fia tu do teu rebanho,
Dellas, Fernando, naõ muito.
A que mais de sizo trata,
He logo mais intratavel;
A mais branda he mais mudavel,
A mais dura he mais ingrata.
Na mais triste, e mais sizuda,
Funda menos confiança,
Porque para huma mudança
Logo hum desgosto se muda.
A mudança de Tareja
Naõ he coiza que te espante:
So buscas mulher constante,
Búsca alguma que o naõ seja.

Fernan. Isso he o que te eu dizia,
Quando empreguei meu querer.
Bem via que era mulher,
Porém mo naõ parecia.
Que eu livre tinha o cuidado,

Venceu-me moſtra tam rara,
Se tal paſtora enganara
Paſtor tam deſenganado.
Iſto ſinto: mas emfim,
Perdida a minha cautella,
Tanto me hei de eſpantar della,
Té que me eſpante de mim.

Gil. Cuida em al, e tem ſentido
Só no gado que tiveres,
Deixa-as hora ſer mulheres,
Que he ſeu trajo, e ſeu veſtido.
E ſe alguma vez na Aldea,
Doutro, com fé, com reſpeito,
Tem tudo por contrafeito,
Porque faz figura alhea.
Eſte Domingo paſſado,
Trazendo os bois da ribeira,
Eis a minha chocalheira
Rendeu ſaltando hum vallado.
Vou eu, eſcolho hum almalho,
Que guiaſſe a companhia,
E, em vez de ſervir de guia,
Eſpantou-ſe do chocalho.
Tirei-lho rindo-me: ah quanto
Se engana o que em al prezume!
Tinha a outra por coſtume
O que eſte tem por eſpanto.
Digo por ti iſto, e lança
Fora d'alma tal cuidado;
Eſpantas-te de enleado,
Naõ has em uzo a mudança.
De mim ſabe eſta certeza,
Que em todo o cazo as eſcuzo;
Que, ſe naõ mudaõ por uzo,
Mudaõ-ſe por natureza.

De

De cego perdeste o lume,
Tendo nos olhos o espelho,
Que te estaõ dando conselho
O tempo, as leis, o costume.
No cazar falaõ diante,
Porque até nesta contenda
Receaõ que se arrependa
Como facil, e inconstante.
Nos tratos ella he a primeira,
A que o tormento se deve,
Por ter coraçaõ mais leve,
E vontade mais ligeira.
E outros cazos, que eu naõ conto,
Que aqui podera ir tocando;
Mas nasci dellas, Fernando,
E em verdade que me afronto.

Fernan. Perdoa atalharte, amigo:
Vou tornar de pressa o gado,
Que estava roto hum vallado,
E andaõ-me as vaccas no trigo.
Por cá vem Ignez cantando,
Ao longo deste ribeiro,
E se eu naõ tornar primeiro,
Pódes estalla escuitando.

Gil. Queres que eu vá lá tambem?

Fernan. Naõ, nem farei la demora:
Cuida no cazo de agora,
Muitas coizas, que convém.

Cantiga de Ignez.

Aquelle meu dezejo,
Que em seguir seu cuidado
Era tam arriscado,
Tam porfiozo ás vezes, tam sobejo,

Pois não tem outra cura,
Mude o lugar, e mudará a ventura.
Que se a Amor contino,
A fé tam verdadeira,
Por mais que firme a queira,
Faz acintes amor, porque he menino,
Troque-se em hum momento
Dezejo, amor, cuidado, e pensamento:
Se a agua não se espalha,
He logo corrompida,
A arvore mal nascida,
Que com os ramos na dura pedra encalha,
Porque alli não se move,
O Ceo a gea, neva, abraza, e chove.
Quero mudar o posto,
Que Amor de natureza
Tem fogir á tristeza,
Buscar como menino graça, e gosto:
Que hum peito duro, e quedo,
He agua, preza, he arvore, he penedo.
Sempre a variedade
Aos animos contenta,
Aos olhos apascenta,
Dá a vida, graça, gosto, e liberdade,
E com as varias cores
Contenta o monte, o vale, o campo, as flores.
O Sol tambem varia,
A Lua muda o rosto,
E depois do Sol posto,
O Ceo com varias cores tira o dia,
Tudo muda o estado,
O Sol, a Lua, o Ceo, o Monte, o Prado.
Mude-se o pensamento,
Troque-se a esperança,
E Amor nesta mudança

Não

Naõ acerte a tentarme o soffrimento;
Que se em azas se atreve,
Vontade de mulher ainda he mais leve.

Gil. Bofé, Ignez, que estava agora
Fóra de aver que passasse
Coiza, que me contentasse,
Se esse teu cantar naõ fora.
Mas porém bem se contente,
Que pois com os olhos encantas,
Que contentes quando cantas
A huma alma tam descontente.
Que pois o Ceo tanto poz
No rosto para obrigar,
Foi bem para te igualar,
Que fosses Anjo na voz.

Ignez. Enganos agora a quem
Sabe a verdade de si?
E a quem conhece de ti,
O que te parece bem,
Deixa isso para outro dia.
Que fazes só neste abrigo?

Gil. Praticava aqui comigo,
E naõ sei que me dizia.
Vieste, teve isto fim;
Que inda a que entr'alma falava,
Como em teus olhos estava,
Cheguei a perderme a mim.

Ignez. Tenho isso em mim por estranho,
Gil, que naõ sou Magdalena.

Gil. Oxalá conhecera ella
Quanto eu ficava de ganho.
A affeiçaõ, que eu nella tinha,
Toda este peito te deu,
E naõ me ficou mais seu,
Que o nome, mas naõ de minha.

Sei

Sei que terá menos fruito
Este meu segundo intento,
Que isso só merece Bento,
E eu sei que lhe queres muito.
Mas já que desta affeiçaõ
Males tam certos espero,
Tenho, Ignez, o que te quero,
Por gosto, e por galardaõ.

Ignez. Desses enganos, que uzais,
Já de todos me desfiz:
A Bento tambem lhe quiz,
Agora a mim quero mais.

Gil. Da-me, Ignez, logo esperança
De ter lugar este Amor,
E haja hum dia em meu favor
Huma hora de mudança.

Ignez. Naõ tratemos disso agora,
Que naõ descubro o meu peito.
Fernando vem cá direito.

Gil. Naõ me fujas, venha embora.

Fernan. Eu confesso que tardava,
Sem saber o que perdia.

Gil. Perdeste a nossa porfia,
Que a teus cuidados armava.

Fernan. Póde-se agora dizer?

Gil. Sim, se Ignez me dér licença,
Huma mudança, e sentença:
Contra amor de huma mulher.

Fernan. Naõ póde ser que isso seja,
Nem quero saber de quem;
Naõ se estranhe de ninguem,
Quando se mudou Tareja.

Ignez. Conta-me isso, torna atraz:
He certo que estás zombando.

Fernan. Deixou Tareja a Fernando

Por

Por se pôr nas maõs de Braz.
Ignez. Isso como póde ser?
Quem a mudou tam azinha?
Fernan. Huma só razaõ, que tinha
Por si, que era ser mulher.
Ignez. Esse engano he mui geral:
Nem todas, Fernando, o saõ,
Mas tu tiras a razaõ
De seu erro, e do teu mal.
Dize agora o que quizeres,
Naõ te ha de ser mal contado,
Que falas como aggravado
De mudança, e de mulheres.
Fernan. Nunca este fruto esperei;
E inda, se me fora dado,
Vivera tam enganado,
Como atégora o andei.
Ignez. Agradece logo hum dano,
Que tanto bem te tem feito;
Que ha perdas para proveito,
E enganos por desengano.
Naõ farás mais alicerce
De palavras, que o naõ tem.
Gil. Nem crerás verdade a quem
Escassamente a conhece.
Ignez. Gil tambem ao alvo tira,
Deve isto de ser vingança,
He verdade o da mudança,
Mas da verdade he mentira.
Em vós naõ he novidade
O que em nós achais costume;
Mais mente o vosso queixume
Do que erra a nossa verdade.
Gil. Hum estrangeiro anciaõ,
Que aqui veio em romaria,

Quan-

Quanta da hiſtoria ſabia,
Quantas lhe aprendia entaõ?
A cerca diſto contava,
(Era no enfeixar do trigo,
Bieito, Affonſo, e Rodrigo,
Cada hum paſmado eſcutava)
Que lá numa terra eſtranha,
O nome naõ ſei dizer,
Vinha huma hora huma mulher
Com hum ſeu filho da montanha.
Deſceu ao longo do Nilo;
E o mancebo (olha que magoa)
Porque hia mais perto da agua,
Alcançou-o hum crocodilo.
Chorou ella amargamente,
Diſſe laſtimas ſem fim,
Mal da vida, e mal de fim,
E a féra a tudo prezente.
Falou-lhe neſta agonia,
Diſſe-lhe que naõ choraſſe;
Que, ſe verdade falaſſe,
O filho lhe ſoltaria.
E ella chorando mais triſte
Reſponde: Que hei de fazer,
Que naõ ſe acha na mulher
O reſgate, que pediſte?
A preza te deſaferro,
(Reſponde elle) de vontade,
Pois falaſte huma verdade,
Ainda que foſſe por erro.
Ignez. Naõ quero hoje dar lugar
A que vos vingueis de nós,
Pois, para falar por vós,
Té féras fazeis falar.
Outro dia falaremos,

Que

Que fujo de minha afronta.
Gil. Naõ faças tu disto conta.
Ignez. E tu naõ digas extremos.
Fernan. Torna, espera hum breve espaço,
Como ingrata que te vás,
Voltando os olhos atraz.
Ignez. Por minha vingança o faço.
Fernan. Metteste-a logo a tormento,
Córou de desconfiança:
Porém cuja era a mudança?
Gil. Da mesma Ignez contra Bento.
Fernan. E estranharia a Tareja?
Gil. E isso estranhas tu agora?
Todos vemos os de fóra,
Naõ ha ninguem que se veja.
Falo de mim, que bem sei
Que podem lançarme em rosto
Que sou Protheu em meu gosto,
Pelas fórmas que lhe dei.
Tu, que tanto te desvélas,
Com tuas desconfianças,
Aprende a fazer mudanças,
Poderás viver entre ellas.
Aonde enganos podem tudo,
Ser verdadeiro que val?
De força ha de passar mal
Entre doudos hum sizudo.
Fernan. Vou com tua opiniaõ,
Quero buscar o socego,
Que atégora andava cego,
Pois que naõ via a razaõ.
Amor por semrazoens guia
Os bens de mór esperança,
Naõ ha mulher sem mudança,
Nem triste sem companhia.

Gil. Folgo ouvirte, e jà confio
Que vivas desenganado,
Ergue de sobre o cajado,
Descêremos para o rio,
 Que estaõ lá competidores:
Houve hontem grande disputa,
He possivel que haja luta
Dos da serra, e dos pastores.

Fernan. Vamos para onde quizeres.
Fernan. Cantando ha de ser agora.
Gil. Se assim queres, seja embora,
E em vingança das mulheres.

Cantiga.

Quem de pastoras se fia,
Já se naõ chame enganado,
Que no muito exprimentado
O que se engana aporfia.

Voltas.

He tam conhecido o dano,
Que em seus amores se alcança,
Que nenhuma confiança
Se póde chamar engano:
He vontade, e he porfia
De hum coraçaõ enlevado,
Que de muito affeiçoado,
Como doudo desvaria,
 Ninguem se póde queixar
Do mal, que dellas lhe vem,
Pois naõ enganaõ ninguem,
Se se quer desenganar.

De-

Desenganado estaria
Quem respeitasse o passado,
Mas hum dezejo obrigado
Vive só quando aporfia.
Muitos tempos deixei birme
Traz meus erros; mas já agora
Mulher, de pedra que fora,
A naõ tivera por firme.
Quem dellas ainda confia
Mude de pressa o cuidado,
Que está nellas arriscado
De hum dia para outro dia.

ÉCLOGA OITAVA.

Das mudanças.

Fernando, Gonsalo, e Bieio.

Fernan. GAdo tam mau de reger,
Gonsalo, como este meu,
Quando a ventura mo deu,
Já me ensinava a soffrer
Outro mór encargo seu:
Naõ ha têllo nos curraes,
Nem nos pastos naturaes,
Pedôa a nenhum cerradó,
E entam he mais desmandado,
Quando eu me desvélo mais.
Ando atraz elle de dia;
E se na charneca o lanço,
Pela noite naõ descanço,
Nem socego a fantazia,
Porque até dormindo canso.

E

E diz Gil que o ſeu vallado
Lhe tem roto, e derribado
Eſte meu novilho fuſco;
E eu já de indinado buſco
Hum paſto tam remontado.
Se diſto murmura alguem,
Como eu vejo no teu roſto,
Naõ he por ir traz meu goſto,
Que (inda mal) nem lugar tem,
Nem eu neſte o tenho poſto.
Gonſal. Navegar contra o querer,
Fernando, naõ póde ſer
Sem cuſtar muito da vida,
E trazella repartida
Com tantos he naõ viver.
Dás huma parte á triſteza,
E a cuidar ſempre o pior,
Outra parte dás a Amor,
A menor á natureza,
E a teu gado outra menor:
Trazes cativa a vontade,
E naõ deixas liberdade
A razaõ; e ella perdida,
Vens a te queixar da vida,
Como de huma enfermidade.
Serves a Amor de giolhos:
Eu naõ ſei deſte o reſpeito,
Que te obriga; mas ſuſpeito
Que, ſe tens a alma nos olhos,
Naõ tens coraçaõ no peito.
Eu ſei que amaſte a Tareja,
A quem confeſſava inveja
A melhor de tod'Aldea;
E agora ouvi que Cimea
Tem vencida eſta peleja.

Deſta

Desta mudança, em ti rara,
Queres dar satisfaçaõ,
E encobrir huma affeiçaõ,
Que he nos teus olhos tam clara,
Como incerto o galardaõ:
Servir á Amor juntamente,
As satisfaçoens da gente,
A' firmeza, á cortezia,
He pezada companhia,
E Amor nenhuma consente.
Vive, e ama a teu sabor,
Pasta no valle, e na serra,
Naõ vivas comtigo em guerra,
Em cautellas com amor,
E em culpas com toda a terra;
Sou teu verdadeiro amigo,
He d'alma tudo o que digo,
Sem falsia, e sem engano,
Vejo, e conheço teu dano,
Descubro-te o teu perigo.
Tu fazes a Amor pezado,
Sendo prazenteiro, e leve:
Quem ama paga o que deve,
Em tratar de seu cuidado,
Sem tratar doutro que teve:
Tens a victoria, e receias?
Tu escolhes, e te enleias?
Tu es o que amas! e deixas!
Fernando, de que te queixas?
Tens o caminho, e rodeias?

Fernan. Inda mal que passa assim
No que busco, e no que deixo;
Mas naõ me culpes; que emfim
Muito menos sei de mim,
Dó que sei do que me queixo:

Hei-te

Hei-te de falar verdade,
Porque em Amor, e amizade
Eu conheço o que te devo;
Se nas obras naõ me atrevo,
Atrever-me-hei na vontade.
Verdade he que eu fiz mudança
No cuidado, e no dezejo,
E nenhuma na esperança;
E que em mim vejo a vingança
Das culpas, que em outrem vejo;
Poens-me culpa em me cansar,
E em querer dissimular
Erro tam bem acertado.
Que farei, se em meu cuidado
Naõ mudei mais que o lugar?
Seguia hum contentamento,
Impossivel á razaõ;
Hoje tenho hum pensamento,
Que á esperança he tam vaõ,
Quaõ pezado ao sofrimento;
Vi Cimea, e logo nella
Tantas razoens de querella,
Que, inda em prezença do dano,
Com os pés sobre o desengano,
Dera mil vidas por vella.
Logo a primeira raiz,
Que tanto á vida custou,
De dentro d'alma arrancou
Com os seus olhos, que eu naõ fiz
Mais, que olhar que ma tirou.
Ordenou-o Amor assi,
Gonsalo, que quando a vi,
Tudo o al se me esqueceu:
Tomou ella o que era seu,
Fiquei sem nada de mi.

Con-

Contra a força nada val,
Foi de Amor a que me obriga,
Que he de todas principal
Esse tem culpa em meu mal,
E elle mesmo me castiga.
Ah que termo, e que desculpa
De quem, conhecendo a culpa,
Dezeja livrarse della!
Amor como póde têlla,
Se elle, Fernando, te culpa?
Tudo se sabe na Aldea,
Naõ te cores: que certeza
De quem ama, e quem receia!
Dizes que foi força alhea,
Por naõ dizer foi fraqueza.
Hora pois a cauza he tal,
Naõ se te faça de mal
Dizer que escolheste bem;
Que naõ negará ninguem
Que Cimea he sem igual.
Naõ tem par na formozura,
Nem na graça, e gentileza:
Mas para tam grande empreza,
Te dê, Fernando, a ventura
O que a ella a natureza:
Que os seus olhos, sempre humanos,
Saõ rede feita de enganos,
Em que os sentidos se enlaçaõ;
E depois que as almas caçaõ,
Lembra-lhe mal de seus danos.
Quanto mais sabe obrigar,
Menos se obriga a sentir,
He tyranna no servir,
He bazilisco no olhar,

E aſpide quando ha de ouvir;
Mas já que o teu penſamento
Nos ſeus olhos fez aſſento,
E ella na tua affeiçaõ,
De-lhe a ella Amor razaõ,
E a ti te dê ſoffrimento.

Fernan. Gonſalo, Amor naõ reſpeita;
Como diſſeſte ind'agora,
O que á vida melhor fora;
De meus danos ſe aproveita,
Com meus males ſe melhora:
Ser minha paſtora ingrata,
Viver de quaõ mal me trata;
E eu de ſua ingratidaõ,
He encargo, e condiçaõ,
Que eu hei por leve, e barata.

Ser inconſtante, e ſer crua,
Naõ ſujeitar-ſe a ninguem,
Nada me atalha, ou detem;
Que, pois he condiçaõ ſua,
Ei de amalla, e querer bem;
E póde ſer que algum dia,
Vencida deſta porfia,
E dezejo tam leal,
Venha ainda a querer mal
A's mudanças, que fazia.

O teu novilho formozo,
Tam ariſco, e indomado,
Mau de paſto, e mau de arado;
Entre as vaccas boliçozo,
Entre os homens eſpantado,
Que paſtor lhe naõ parava,
Nem touro, quando paſtava,
Na ribeira do ſabugo,
Naõ veio a tomar o jugo,

E

E a amansar furia tam brava?
O urso, que Alberto cria,
Animal de tal fereza,
Naõ vai perdendo a braveza,
Porque basta a companhia,
A mudar-lhe a natureza?
Huma charneca maninha,
Que só mouta, e cardos tinha,
E infructiferos sylvados,
E esses barrancos quebrados,
Por onde a agua ao valle vinha,
Naõ vês que o trabalho alheio,
E a dura continuaçaõ,
Fez com que agora nos daõ
De trigo, milho, e senteio
Cheia espiga, é louro graõ?
Pois como naõ póde ser,
Gonsalo, que huma mulher,
Que tem razaõ conhecida,
Sabendo que he tam querida,
Que se sujeite a querer?
Pois digo-te que imagino,
Como agora estou constante,
Ser tanto seu ao diante,
Que o que perder por mofino,
Mereça por fino amante:
Quiçais que o meu sofrimento,
Mude inda o seu pensamento,
Ou venha a fazer-lhe inveja.
Gonsal. Queira Deos que melhor seja
A sorte, que o fundamento.
Hum pastor vem cá direito,
E assemelha-se cantando
Com Gil na graça, e no geito,
Fernan. Mas apósto que he Bieito,

Assim como eu ſou Fernando.
Eſcutemos a cantiga,
Que, ou ſeja nova, ou antiga,
Sempre elle ſabe as melhores;
Nem merece os ſeus amores
Elena, por mais que diga.

Canta Bieito.

Naõ quero, Elena, mais em galardaõ
Dos males, que padeço por quererte,
Que, quando te vou ver deixares ver-te,
Para entregar na viſta o coraçaõ.
E ſe he tam dura a tua condiçaõ,
Que por lhe pagar mál has de eſconderte,
Os olhos tirarei por comprazerte;
Que os da alma, inda que auzente, te veraõ.
Foges de mim, e eu ſigo atraz meus danos:
Nem entenderme ſei, nem ſe te entenda,
Quanto por te ſeguir tu por fugirme.
Temo eu perder a vida na contenda,
Se naõ démo ſerá que em tantos annos,
Só para eu ſer moſino, has de ſer firme.
Fernan. Logo ao longe he conhecido,
Bem dizia eu da cantiga.
Gonſal. Cuido que lha tenho ouvido
Já doutra vez: mas duvido
Se he ſua, ſe he mais antiga.
Elle, que chega, o dirá.
Venhas embora, que já
Para te chamar me erguia.
Bieito. Tenhas, Gonſalo, alegria.
Fernando, que fazes cá?
Fernan. Aqui eſtou ha grande eſpaço;
E eſte, que te ouvi cantar,

Só tive por muito escaço,
Naõ te gabo, porque faço
Mór offensa em te gabar;
Que me pareces tambem,
Que naõ entendo o que tem
Esse modo, com que cantas,
Que o esprito me alevantas,
Levantando a voz tam bem.

Bieito. Eu te mereço, se ouviste
Cantár mal, têllo em segredo,
Tudo no gosto consiste:
Emfim canto como triste,
Tu cantarás como lédo.
Tanto o fizeras melhor,
Quanto mais a teu sabor
Tens o favor da ventura,
E o daquella formozura,
Que as séttas roubou a Amor.

Fernan. Zombas, Bieito, e gracejas,
(Que em ti acho coiza alhea)
Ou dizes-me o que dezejas?

Bieito. Eu naõ; dizem as invejas
Dos pastores desta Aldea.
He maneira de encobrir?
Como póde prezumir
Quem te ouve? Ou com esse estrovo
Fazes perguntas de novo,
Pelo gosto de me ouvir?
Cimea te ama, e te adora,
E tens o mundo invejozo
Nesta empreza; julga agora,
Sendo a mais bella pastora,
Se ha pastor mais venturozo?
E eu te confesso que invejo
Essa gloria, que te vejo.

Porém faço-te queixume,
Que he a inveja do costume
Muito mais, que do dezejo.
 Ventura curta acanhada
Traz sombras sempre comsigo;
Que a gloria mais dezejada
Inda he pouco festejada
No mais dezejado amigo.
Tu goza embora o teu gosto;
Mas na palavra, e no rosto
Mostra o teu contentamento;
Que he ingrato hum fingimento
Com tantas coizas de rosto.
 Que, além de alcansar ventura
Tam desigual como aquella,
Que he tudo o que se procura,
Alcançaste de mistura
Muitas mais venturas nella.
Naõ só se inveja teu bem,
Pela razaõ que em si tem,
Que bastava a persuadirme;
Mas fizeste estrella firme
A que o naõ era a ninguem.
 Mil vi com o mesmo desmaio,
Que já a consolarme puz,
Como quem tivera ensaio;
E vejo que em ti foi luz
O que a todos era raio.
Naõ só tudo, o que se alcansa,
Logras em tua esperança,
Entre as invejas da gente,
Mas triunfas juntamente
Da ventura, e da mudança.
Fernan. Bieito, por naõ descer
Da gloria, a que me alevantas,

Te naõ quero responder.
Honras-me com o teu saber
E encantas-me quando cantas:
O que a minh'alma procura
Naõ he coiza tam segura,
Como em tua opiniaõ;
Mas pode em ti a razaõ
Comigo mais, que a ventura.
  Por ditozo me conheço;
Por contente naõ, porque
Vejo o pouco que mereço.

Bieito. Enganas te em pôr em preço
Bens, que s' alcançaõ por fé.
Naõ se iguala o merecer,
Fernando; nem póde ser
Com coiza tam peregrina:
E ainda o que nisso imagina,
O fara pela offender,

Gonsal. Pois te metteste em louvores
De Cimea, eu tambem quero
Dar, Fernando, a teus amores
Os que devo; e mais espero
Que cantando os dê melhores.
Porque agora que já vens
A confessar como tens
Cheio de alegria o peito,
Quero, pois o fez Bieito,
Darte agora os parabens.

Bieito. Pois Gonsalo se offerece,
Faço afronta se me calo.

Gonsal. Por certo que assim parece.

Bieito. Começa logo, Gonsalo.

Gonsal. Antes Fernando comece;
Que, pois a parte maior
Lhe cabe deste louvor,
Ser o primeiro he direito.

Fer-

Fernan. Antes venho a ser suspeito;
Mas he por parte de Amor.

Canta Fernando.

Cimea minha, a quem o Sol, e Estrellas
Invejaõ justamente a formozura,
Como levantarei teu nome entre ellas,
Que naõ levante ao Ceo minha ventura?
Naõ allumia o Sol outras mais bellas,
Que os raios dessa luz serena, e pura,
Que dos teus olhos desce, e mostra quanto
Falta de teu louvor ao nosso canto.
Gon. *Cimea, honra da serra, e da campina;*
Gloria de Amor, exemplo de belleza,
De humana em tratar, quazi divina
No que em ti poz a sorte, e natureza:
Bem sei que erra, que cança, e desatina
Quem, para te louvar, toma esta empreza:
Mas, por rudo que for, quem póde olharte,
Que se izente de Amor, e de louvarte?
Bieit. *Cimea, idolo amado dos pastores,*
Confuzaõ das pastoras da montanha,
Desprezo do valor dos amadores,
Espanto de qualquer ribeira estranha,
Como se ha de atrever a teus louvores
Quem só em commettellos já se acanha?
Nem haverá louvor sem tua offensa,
Se se julgar na vista a differença.
Fer. *Se alguma hora, pastora, me offereço*
Dizer o que olho em ti quando te vejo,
Perco a voz, e a razaõ; logo emudeço
Ou do espanto vencido, ou do dezejo:
N'alma te louvo, e nella te conheço;
Que os sentidos falecem neste ensejo.

Quem

Quem isto me naõ crer veja a Cimea,
Que eu fico que emudeça, e que me crea.

Gon. *Teus olhos com o poder da graça sua*
Fazem florecer toda esta ribeira,
Sahir mais sedo o Sol, mostrar-se a Lua,
Concava agora, agora toda inteira,
O Sol reprende, e ella segue a tua
Mudança em teus cuidados tam ligeira:
Mas, pois de ser mudavel te mudaste,
Naõ percas esta gloria, que alcançaste.

Bieit. *Bem vês no Ceo mais alto, e mais seguro*
Estar fixas as luzes de contino,
O norte firme, o Sol formozo, e puro
No seu formozo assento cristalino:
Se na terra se muda o tempo duro,
E o que he sujeito a cazo, e a destino,
Tu, que es do Ceo, e o Sol nos reprezentas,
Como de naõ ser firme te contentas?

Gonsal. Espera hum pouco, Fernando,
Que na defeza o meu gado
Pouco, e pouco foi entrando,
Em quanto estive cantando,
Delle, e de mim descuidado.

Bieito. Vamos a lançallo fóra:
E quiçais foi isto agora
Acerto; e que manda Amor
Que naõ se acabe o louvor
De tam formoza pastora.

Gonsal. Ficará para outro dia.

Fernan. E eu em todos hei de ser
Vosso com muita alegria.
Ficas? *Bieito.* Vou por naõ perder
Taõ ditoza companhia.

ECLO-

ECLOGA NONA.

Lembranças do Tejo, do Lis, e Lena.

Aulizo, Tirreno, Tirse, Montea.

Aul. COrri o fresco valle, e secco monte,
A dura penedia, o verde prado,
Os cerrados, cabanas, rio, e fonte.
E quando descancei, naõ por cansado,
Mas por naõ ver lugar, que já buscasse,
(Que quantos já te achei tinha buscado)
Entam ordena a sorte te encontrasse
Neste desvio; e logo conheci
Que outro modo buscava, em que te achasse.
Errei em te buscar fóra de mim:
Este engano tambem conheço agora,
Pois nunca d'alma aos olhos te perdi.
Tirs. Aulizo, doce amigo, melhor fora
Que, pois ha tanto aqui te dezejava,
Naõ me acharas buscando-te ind'agora.
Mas fóra deste bem tam triste andava,
Que qualquer facilmente julgaria
Que em outrem tinha o gosto que buscava.
Qual passara eu a noite, e qual o dia,
O tempo, a vida, os males, que padeço,
Fóra de tua vista, e companhia?
Aul. Todos estes enganos te mereço,
Pois, quando ante meus olhos só te vejo,
Deixo meus males, e a viver começo.
Mas tu deixaste o Lis, passaste o Tejo,
Bem izento da lei desta amizade,
Naõ respeitando mais que o teu dezejo;
E de minhas lembranças, e saudade,

Como

Como de coiza alheia, te esqueceste;
Que estas mostras, que dás, falaõ verdade.
 Dos poucos dias ha que aqui vieste,
Como nos saudaste a vez primeira,
Logo por estes matos te escondeste.
 Que mudança foi esta tam ligeira,
Que esqueces deste valle os arvoredos
As pastoras, os pastos, e a ribeira?
 Já te naõ lembra o nome dos penedos,
Aonde tocando a doce frauta, ou lyra,
Publicavas aos ares teus segredos?
 Como deixas ao Lis, que inda suspira
Pelos doces accentos do teu canto,
E como para ouvirte atraz se vira?
 Quem tanto te trocou? quem pode tanto,
Que cauza em mim a tua differença
Naõ sómente estranheza, mas espanto?
 Hei de culparte emfim, dame licença;
Que o verdadeiro amor, que nos devias,
Naõ póde haver amor por que se vença.
Tirs. Passo as noites, Aulizo, e passo os dias
Imaginando este apartamento,
Que eu dezejava, e tu me reprendias.
 E inda que a teu dezejo, e sentimento,
E amor como he razaõ naõ respondesse,
Naõ errou contra ti meu pensamento.
 Porque ordenou ventura que vivesse
Na peregrinaçaõ de minha estrella,
E sómente seguisse as leis que desse:
 Sujeito vivo, e prezo ás forças della,
Sem me poder valer contra o destino,
De força, fingimento, e de cautela.
 Passei o Tejo doce, e cristalino,
Passei o nosso Lis formozo, e claro,
Fiz-me em terras estranhas peregrino,

Dei-

Deixei o meu rebanho em desamparo;
E, o que mais me custou, hum doce amigo,
Cujo dezejo lá custou mais caro.
Achei os bens, achei logo o perigo;
Tornei-me do que fui tam differente,
Que já me naõ pareço a mim comigo.
Sei já que nenhum gosto se consente,
Sem virem logo os males de alcatea,
Tomar posse de huma alma descontente.
De quantas glorias vi naquella Aldea,
Vi quanto custa aquelle escaço bem,
Que hum pastor vai buscar na terra alhea.
Aul. Bem sabes tu, Lereno, que ninguem
Quando merece muito muito alcansa;
Saõ descontos iguaes, que a sorte tem.
Mas se inda dura aquella confiança,
Que me fez secretario de teu peito,
E tens de minha antiga fé lembrança,
Conta-me teus successos; que em respeito
Naõ ha outro pastor, a que me iguales,
Nem que seja com os bens mais satisfeito,
Nem melhor companheiro nos teus males.
Tir. Muda-se, Aulizo, tudo: e quem procura
A vida melhorar, ou a esperança,
A mil mudanças della se aventura,
Por ver se acha a ventura na mudança.
Eu que nunca na minha achei segura
Nem a vida, nem della a confiança,
Procurando da sorte algum socego,
Hora deixava o Lis, hora o Mondego.
Cortei a cristalina, e doce vêa
Do Lis, aonde me tinha este dezejo;
E assentado cantei na loura arêa,
Aonde as ondas descansa o rico Tejo.
No monte apascentei, guardei na Aldea;

Aonde

Aonde tinha os prazeres de ſobejo:
Mas naõ tendo por meus os que alli tinha;
Segui aonde guiava a ſorte minha.
  Paſſei emfim o rio doce, e claro,
Naõ menos claro em aguas que na fama;
Atraveſſei a terra, e monte avaro,
Que com mais força o Sol ſecca, e infláma,
Entrei nos campos fertis, doce amparo,
Das terras aonde o Tejo ſe derrama,
Té ver aquella Aldea mais ditoza,
Por campos, nome, e arvores viçoza.
  Logo alli vi do Ceo novos ſegredos,
E vi veſtirſe o campo dourras côres,
Veſtidos doutra folha os arvoredos,
E o prado marchetado doutras flores.
Outras aguas, outra herva, outros penedos,
Outro Amor, outra vida, outros paſtores,
Outras paſtoras vi, que á viſta dellas
Faltava a confiança nas Eſtrellas.
  Mais formozo era o Sol, mais claro o dia,
Era o ſopro do vento mais graciozo,
Dos paſſaros mais doce a melodia,
Das arvores o fruito mais ſabrozo,
Mais ſaboroza a agua doce, e fria,
O gado mais contente, e mais mimozo:
Eu entre eſtas grandezas, de contente,
Tambem era de mim mui differente.
  Julgava do que alli me pareceu,
Por muitas differenças doutra ſerra,
Que quanto a terra tinha era do Ceo,
E era mais delle o graõ ſenhor da terra,
A quem a natureza enriqueceu
Dos dotes naturaes que o mundo encerra,
E a quem inda a ventura mais dotara,
Se com a natureza ſe igualara.

Do

Do rosto, e da figura assim formado,
Com igual perfeiçaõ de seu sujeito,
Olhos da côr do Ceo, do Sol dourado,
O rosto em que mostrava hum brando aspeito,
O falar certo, o termo compassado,
O rizo moderado, o claro peito,
Generozo, real, claro, e benino,
Que até em ser humano era divino.
Os claros irmaõs vi, que em competencia
Vencendo estaõ a Apollo luminozo,
Hum na graça, nas artes, na sciencia,
Outro em partes, e rosto mais formozo,
Entregando-se entaõ da larga auzencia,
Em que o tempo os puzera de invejozo,
Que, pela divizaõ do claro emprego,
Hum delles possuío sempre o Mondego.
Mas naõ he, Aulizo, agora o meu intento
Descreverte os louvores, e a grandeza
Sua; que este tam grande atrevimento,
Me negaraõ a sorte, a natureza.
Tornou-se a seu lugar hum pensamento,
Que soube contemplar tanta belleza:
Contar-te hei das pastoras que guardavaõ,
E no viçozo valle apascentavaõ.
Nem aonde o caçador bello Narcizo
Foi da formoza Ecco em vaõ chamado,
Nem aonde o bello moço Cyparizo
Foi de Jove em Cypreste transformado,
Nem nos campos, que banha o claro Amphrizo,
Aonde Apollo de Admeto guardou gado;
Nem aonde o moço Paris presidia,
Vira o mundo tam bella companhia.
Feliza vi alli, que a côr da roza
Altéra sobre a neve branca, e pura,
De quem menos era o ser formoza,

Ten-

Tendo todos os bens da formozura,
No passo, no falar, em tudo airoza,
A pezar das invejas da ventura,
Que poucas vezes guarda em hum sujeito
A partes naturaes igual respeito.
Ulisa vi alli discreta, e bella,
Cujos olhos amor tinha em defensa,
Que outros naõ consentio podessem vêlla,
Sem que mostrassem n'alma a differença.
A côr tomava o Ceo na vista della,
E o Amor de seus olhos a licença,
Para ferir com os raios, que lançava,
Se brandamente via, ou se falava.
Vestia entaõ a roupa escura, e triste,
Que serve de mostrar a dôr secreta:
Mas como a negra nuvem naõ reziste
Contra a luz poderoza do Planeta,
E o preço da belléza em si consiste,
Por mais que o trajo vaõ mostre, e prometta,
Triste andava a alegria, e invejoza
De ver nella a tristeza tam formoza.
Vi Aonia na bella companhia,
(Se, quem a vê tam bella, ver prezume)
Sujeitando com os olhos quanto via,
Ou fosse por amor, ou por costume;
A côr de roza, e neve, que encobria,
Dos olhos assombrava o vivo lume,
E a boca de rubins ainda era escaça
Para voz tam suave, e tanta graça.
Vi Trisbea, que os mais remotos peitos
Por amor, e razaõ manda, e domina;
Fazendo nas vontades mil effeitos,
Devidos a virtude tam divina:
Todos a seu querer tem tam sujeitos,
Que nenhum se defende, mas se inclina

Pelo

Pelo gentil eſprito reſpeitada,
Por partes ſoberanas invejada.
Neſte valle Marilia apaſcentava,
Das paſtoras do monte mui querida,
Que em graça a qualquer alma ſujeitava;
Para lhe offerecer de ſizo a vida,
Sempre nos lindos olhos fabricava,
Huma malicia delles entendida;
Mas, ainda deſcoberto o doce engano,
Quem vê a cauza naõ receia o dano,
Alli guardava a linda Leonora
Hum rebanho de ovelhas, manſo gado;
Que de tudo, o que via, era ſenhora,
Se a cazo vio tambem ao meu cuidado:
Nos olhos traz mil vidas cada hora,
Da boca o meſmo Amor traz pendurado;
E aſſim quando falava, ou quando via,
Entre os beiços Amor lhe apparecia.
Fóra eſtas outras muitas, que naõ conto;
Que a tanto naõ alcanſa a rude vêa;
Das quaes tinhaõ tambem graças ſem conto
Angelica, com Tisbe, e com Dionea.
Contarte extremos ſeus ponto por ponto
Fora querer contar a branca arêa;
Que mal dirá de tantas coizas bellas
Quem ſómente de furto alcanſou vêllas.
Aqui entre eſtes bens, que a ſorte avára
Guardava a ſoberanos moradores,
De quem com muitas linguas naõ contára
O ſer o preço, as graças, e os louvores,
Entre eſta companhia bella, e clara,
Dos vaqueiros do valle, e dos paſtores,
Cantava o teu Tirreno, que ſuſpira,
Hora na frauta humilde, hora na lyra.
Alli ouviraõ os valles, e os outeiros

A minha voz entam léda, e contente;
Alli venci cantando os ovelheiros
Pela força maior da sésta ardente;
Alli em nossos versos, e estrangeiros
Celebrei do Lis nosso esta corrente,
Das famozas pastoras escutado,
Que guardavaõ no valle o manso gado.
  Agora, Aulizio amigo, em tal mudansa,
Da qual outra maior proceder vejo,
Deixando o doce Lis com a esperansa
De tornar a passar tam sedo o Tejo,
Chorando no Mondego esta lembransa,
Que fará crescer sempre o meu dezejo,
Julgarás facilmente do que ouviste
A razaõ, que me fica de andar triste.
Auliz. Tanto fiquei de ouvirte satisfeito,
Tirreno amigo, que huma inveja estranha
Concebi n'alma, que me abraza o peito.
  Quem naõ vio mais que o bem desta montanha
Qualquer que vê ao longe lhe parece,
Que será quando muito outra tamanha.
  Quanto nos monta, e quanto nos falece
Ver terras, passar montes, passar valles,
Aonde a ventura ás vezes se offerece!
  Verdade he que aõde ha bens, ha tambẽ males,
Acharás mil razoens de emudecer,
E acharás mil extremos, de que fales.
  Levou Menalca os quejos a vender
A' Villa, o guardador nunca lá fora;
Pasmou de quanto tinha inda por ver.
  Naõ sabia falar, nem fala agora,
Senaõ nas maravilhas, e grandezas,
De que Bento se queixa, e de que chora.
  Quam differentes saõ as naturezas,
Tam varios saõ os gostos, e as vontades,

As

As eleiçoens, as traças, e as emprezas.
Hum busca as Villas cheias, e as Cidades;
Outro os montes remotos, e espessura,
Natural de queixumes, e saudades.
Goza, Tirreno, o bem dessa ventura,
Mas naõ te esqueça a patria celebrada,
Que tanto te ama, e tanto te procura.
Tir. Antes me falte a gloria dezejada,
O meu gado pereça, e na partida
Seja minha esperança em flor cortada.
Que em quanto me durar o ser, e a vida,
O juizo, a vontade, e a memoria,
Minha patria jámais seja esquecida.
Que, posto que de mim tenha a victoria
Quem a soube alcançar tam dignamente,
Eu deixarei seu nome em larga historia.
Aulis. Dessa promessa estou já mais contente,
Com ella nos voltemos para a Aldea.
Tir. Pára; que ouço cantar mui docemente.
Olha, daqui verás Tirse, e Montea,
Que sentadas ao longo deste rio
Cantaõ, e os gados tem na branca arêa:
Ouçamo-las daqui deste desvio.
Tirs. *Corrente vagaroza,*
Que com manso roido
Moveis a saudade hum peito auzente:
Se paixaõ amoroza,
Nas coizas sem sentido,
Amor, que tudo póde, vos consente,
Detende as claras aguas,
E ouvi de Amor cruel saudozas magoas.
Mont. *Quieto, e manso rio,*
Que, em pedras descansando,
Aljofrais de mil gotas a verdura:
Bosque fresco, e sombrio,

Que

Que, os ramos inclinando,
O retrato estais vendo na agua pura,
Se já de Amor sentistes,
Ouvi de Amor auzente as queixas tristes.

Tirs. *Deu-me Amor hum cuidado,*
Por minha liberdade,
Que a vista de mil olhos mais valia:
E Amor como enganado
Com clara falsidade
Logo o bem me tirou, de que vivia,
Deixando-me hum dezejo,
Que em vaõ me reprezenta o que naõ vejo.

Mont. *Nesta importuna auzencia,*
Já tam sem soffrimento,
Em queixumes passando gasto a vida:
Perde já a paciencia
De vista o pensamento,
Que corta ás esperansas a medida
De hum impossivel bem,
Que se merece tarde, e nunca vem.

Tirs. *Entre estes arvoredos,*
Aonde com meus gemidos
Atroa o ecco o fundo destes valles;
E nos duros penedos,
Acho brandos ouvidos,
Que assim se compadecem de meus males,
Abrando a quem naõ sente,
E a quem eu chamo em vão he sempre auzente.

Mont. *Naõ tive mais a gloria,*
Que para na mudança
Conhecer este bem quanto custava,
E agora que á memoria
Me vem huma esperansa,
Que, sendo vã, tambem me sustentava,

Que levar já de novo outra fogaça.
Mas pois darte naõ posso, o que me déste,
Vamo-nos ao redor desta deveza
Té o outeiro á fonte do acypréste.
E alli te mostrarei a tua Andreza,
E quiçais se ajuntasse Magdanela,
Que hia com Violante, e Grimaneza,
Porque ordenaõ grande refestella,
Para hirem dalli em romaria
A Ermida do Santo da Portella.
Haõ de bailar, haõ de fazer folia;
Haõ de jogar o gato repellado,
Panella busca tres. He bello dia.
Gil. Estou do que me dizes enleado.
Podellas-hemos ver sem que nos vejaõ?
Lour. Naõ to digo eu sem têllo já traçado:
Saberemos primeiro aonde estejaõ,
E por entre estas moutas saltaremos
Té vermos o lugar, aonde festejaõ.
Gil. Porque naõ vamos já? que nos detemos?
Pois, para a coiza ser como esperamos,
Hum passo, que percamos, as perdemos.
Lour. Inda agora he bem sedo, naõ tardamos;
Hiremos de vagar, porque naõ diga
Quem nos vir ir correndo o que buscamos?
Gil. Vamos logo cantando huma cantiga:
Começa qual quizeres, que eu direi.
Lour. Vai tu diante, que eu naõ sei qual diga.
Gil. Estou rouco, naõ sei se chegarei.

Cantiga.

Descalça vài para a fonte
Leonor pela verdura,
Vai formoza, e naõ segura.

Ata-

A talha leva pedrada,
Pucarinho de feiçaõ,
Saia de côr de limaõ,
Beatilha soqueixada,
Cantando de madrugada,
Piza as flores na verdura,
Vai formoza, e naõ segura.
Leva na maõ a rodilha,
Feita da sua toalha
Com huma sustenta a talha,
Ergue com outra a fraldilha:
Mostra os pés, por maravilha,
Que a neve deixaõ escura;
Vai formoza, e naõ segura.
As flores, por onde passa,
Se o pé lhe acerta de pôr,
Ficaõ de inveja sem cor,
E de vergonha com graça.
Qualquer pégada, que faça,
Faz florecer a verdura;
Vai formoza, e naõ segura.
Naõ na ver o Sol lhe val,
Por naõ ter novo inimigo;
Mas ella corre perigo,
Se na fonte se vê tal.
Descuidada deste mal,
Se vai ver na fonte pura;
Vai formoza, e naõ segura.

Lour. Tambem nós himos já perto da fonte,
E em quanto no cantar nos entertemos,
Temo que a vinda cá pouco nos monte.
Gil. Dizes bem; melhor he nos desviemos,
Porque nos naõ divizem nem por sonho;
Que huma só, que nos veja, as naõ veremos.
E mais, se eu naõ vou cego, daqui ponho

Que

Que saõ às que lá assomaõ na trespossa?
Lour. De só cuidares isso me envergonho.
Gil. Tu naõ me queres crer? vá sobre aposta.
Lour. Mui bem dizes; aquellas saõ sem falta,
Passas tu como foraõ pela posta?
Magdanela he de todas a mais alta,
Que apparece vestida de pombinho;
Tambem Andreza vai; nada nos falta.
Gil. O adufe ouço, ouço o pandeirinho;
Vamo-nos por detraz deste vallado,
Hiremos encontrallas ao caminho.
Lour. A tasta hora estas sylvas com o cajado.

Cantiga das Serranas.

Donde vem Rodrigo,
Donde vem Gonsalo?
De sachar o milho,
De mondar o prado.

Seja diligente
Quem Amor semea;
Que quem naõ grangea
Naõ colhe a semente.
Sameou Rodrigo,
Sameou Gonsalo,
Haveraõ do milho,
Se mondaõ o prado.
Quem de amor se esquece
No tempo de verde,
Naõ colhe o que perde
Entre herva que cresce:
Por isso Rodrigo,
Por isso Gonsalo

Vaõ

Vaõ sachar o milbo,
Vaõ mondar o prado.
Amor que aproveita,
Se, antes de gradar,
Cresce em seu lugar
Ciume, e suspeita?
Triste de Rodrigo,
Mal por seu cuidado,
Se naõ sacha o milbo,
Se naõ monda o prado!
Amor, que ficou
Em terra dezerta,
Colhe quem acerta,
Naõ quem sameou.
Sameou Rodrigo,
Sameou Gonsalo,
Para baverem milbo,
Cumpre baver cuidado.
Em terra mimoza
Ninguem faça escolba;
Vai-se o graõ na folba
De muito viçoza.
Gonsalo, e Rodrigo,
Cumpre ser lembrado
De sachar o milbo,
De mondar o prado.

Gil. Vinguemo-nos, Lourenço, deste acêrto;
E pois nos escondemos pará as ver,
Cheguemo-nos a vêllas de mais perto.
Lour. Eu estava tambem para o dizer,
Porém naõ tive ouzio na verdade
De lhe estrovar estando o seu prazer.
Deixemo-lás saltar muito á vontade,
Pois nisso tem tanta arte, e tanta graça,
Que mau grado ás folias da Cidade.

Se

Se homem apparecer, espanta a caça,
Que Violante he formoza, e encolhida,
Logo com qualquer coiza se embaraça;
E, se se anoja, a festa está perdida.
Logo toma outra côr, logo se affronta,
Como manteiga ao Sol he derretída.
Gil. Eu só da minha Andreza faço conta
Comigo, e sei tambem de Magdanela,
Lour. E tambem com as mais s'a de ter conta;
Deixa-me hora assomar desta cancélla:
Todas merendaõ juntas de magote.
Gil. Guarte cá naõ te vejaõ, tem cautella.
Embuça-te com a manga do capote,
E ficarás seguro de contenda.
Lour. Haõ-me de conhecer pelo pellote.
Gil. Fala-lhe alguma coiza, que te entenda.
Lour. Bem sei eu, Magdanela, quem tomara
Se quer hum só bocado da merenda.
Quem ao teu som tam lédo bailára,
E cantára quiçais mais confiado,
Que, por ser teu, de si se confiára!
Magd. Ai mâi, quem será agora o embuçado,
Que da cancélla estando nos espreita?
Algum tolo ha de ser mal insinado!
Lour. Tolo he por ti, mas pouco lhe aproveita;
E para te querer tambem convinha,
Pois o sizo, e saber já hoje se enjeita.
Porém naõ fujas tu do porque eu vinha,
Que naõ he hora tanto convidar
A quem te deu de graça quanto tinha.
Magd. Segundo o que tu dizes devo estar
Bem rica: mas de tudo, o que me déste,
Naõ tenho agora nada que te dar.
Lour. Póde ser, Magdanela, que o perdeste,
Por naõ saberes bem quanto valia.

Gil,

Gil. Mal ſabes tu, Lourenço, o que diſſeſte.
Magd. Alguma coiza agora te daria,
Sem ſer do que te devo; mas receio
Que me arrependa diſſo em algum dia.
Lour. Pergunta tu a Andreza, pois ahi veio,
Se ſe póde fiar muito de mim.
Magd. Ainda que ella mo diga, naõ no creio,
Gil. Razaõ ſerá, Andreza, pois cá vim,
Que alcanſe alguma coiza do convite,
Poſto que cheguei já perto do fim.
And. Ambos trazeis a ponto o appetite:
Se quizeres vontade, eſſa te dou;
Que o mais já dante maõ lhe puz limitte.
Gil. Se iſſo ſó da merenda te ficou,
Eu te dou, ſem referta, a alma, e vida,
Com bem raiva do mais que lhe ficou.
And. Que ſei eu ſe es tu hora alma perdida?
Deſcobre-te; e veremos com quem falo.
Gil. Primeiro tu, ſe queres, me convida.
And. Aqui tenho inda hum bolo, e paõ de calo,
Mas naõ dou nada a quem encobre o roſto.
Gil. Bem ſabemos que o trazes para dallo;
Eu me deſcobrirei, ſe eſſe he teu goſto:
Naõ tenhas appetite tam ſubejo;
Que depois nos veremos do Sol poſto.
And. Ai aquelle he Lourenço, bem no vejo.
Gil. E eu vejo nos teus olhos, inimiga,
O bem, o goſto, o fim de meu dezejo.
Magd. Eis vai o bolo, e venha huma cantiga.
Lour. A' tarde cantaremos lá no valle.
And. Aqui ſeja; porém lá naõ ſe diga:
Cada hum ouça, veja, coma, e calle:
De ti bem ſei que naõ ſerás palreiro;
Eſſoutro, quem quer, que he tambem naõ fale.
Lour. Eu naõ poſſo cantar ſem companheiro.

Magd.

Magd. Canta, e seja melhor do que atégora;
Vê se queres para isso o meu pandeiro.
Lour. A esmo cantaremos; vai-te embora.

Cantiga.

Antes que o Sol se levante
Vai Violante a ver o gado:
Mas naõ vê Sol levantado
Quem vê primeiro a Violante.

Voltas.

He tanta a graça, que tem,
Com huma touca mal envolta,
Manga de camiza solta,
Faixa pregada aó desdem,
Que, se o Sol a vir diante,
Quando vai munir o gado,
Ficará como enleado
Ante os olhos de Violante.
Descalça ás vezes se atreve
Ir em mangas de camiza;
Se entre as hervas neve piza,
Naõ se julga qual he neve:
Duvida o que está diante,
Quando a vê munir o gado,
Se he tudo leite amassado,
Se tudo as maõs de Violante.
Se acazo o braço levanta,
Porque a beatilha encolhe,
De qualquer pastor, que a olhe,
Leva a alma na garganta;
E inda que o Sol se alevante
A dar graça, e luz ao prado,

Já

Já Violante lha tem dado,
Que o Sol tomou de Violante.
Lour. Naõ vinha hora, Gil, para este trato.
Gil. E eu tam rouco me achei, que inda suspeito
Que algum lobo me vio jazer no mato.
Mas, seja como quer, isto está feito
Antes que a nos falar outra se afoute,
Fujamos por aqui mais ao direito.
Lour. Vamos, naõ venha alguẽ que aqui nos coute;
E no valle as veremos com segredo;
Que, se haõ de vir cantando já de noute,
Far-lhe-hemos d'entre os matos algum medo.

F I M.